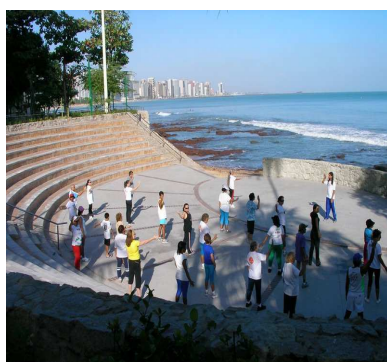


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

**CORPOS EM SUAVE MOVIMENTO: TÉCNICAS CORPORAIS E
APROPRIAÇÕES CULTURAIS ATRAVÉS DA PRÁTICA DO TAI CHI
CHUAN**



Saulo de Azevedo Freire

RECIFE

2012

Saulo de Azevedo Freire

**CORPOS EM SUAVE MOVIMENTO: TÉCNICAS CORPORAIS E
APROPRIAÇÕES CULTURAIS ATRAVÉS DA PRÁTICA DO TAI CHI
CHUAN.**

Dissertação elaborada sob a orientação da Prof. Dr.
Jonatas Ferreira apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Sociologia da Universidade Federal de
Pernambuco para a obtenção do título de Mestre.

Recife

2012

Catálogo na fonte
Bibliotecária, Divonete Tenório Ferraz Gominho. CRB4-985

F866c Freire, Saulo de Azevedo.
Corpos em suave movimento: técnicas corporais e apropriações culturais através da prática do Tai Chi Chuan / Saulo de Azevedo Freire.
– Recife : O autor, 2012.
200 f. ; 30 cm.

.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco,
Orientador: Prof. Dr. Jonas Ferreira.
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2012.
Inclui bibliografia e anexos.

1. Sociologia. – 2. Artes Marciais – Tai Chi Chuan. 3. Kung fu. . Cultura e globalização. I. Ferreira, Jonas. (Orientador). II. Título.

301 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2012-137)

**ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE SAULO DE AZEVEDO FREIRE,
DO CURSO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SOCIOLOGIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO.**

Aos três dias do mês de agosto do ano de dois mil e doze, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para a **Defesa de Dissertação de SAULO DE AZEVEDO FREIRE**, intitulada **CORPOS EM SUAVE MOVIMENTO – Técnicas corporais e apropriações culturais através da prática de Tai Chi Chuan**. A Comissão foi composta pelos Professores: **Prof. Dr. Jonatas Ferreira (Presidente/Orientador)**; **Prof. Dr. Russel Parry Scott - Titular Interno (PPGS/UFPE)**; **Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi – Titular Externo (UFPB)**. Dando início aos trabalhos, o **Prof. Dr. Jonatas Ferreira** explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida, passou a palavra ao autor da Dissertação, para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa do candidato. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornar, o **Prof. Dr. Jonatas Ferreira**, presidente da mesa e orientador do candidato, solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão **aprovando a Dissertação por unanimidade**. E, nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim, secretário do Programa, pelos membros da Comissão Examinadora e pelo candidato. Recife, 3 de agosto de 2012.

Vinícius Douglas da Silva Nascimento - Secretário

Prof. Dr. Jonatas Ferreira

Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi

Prof. Dr. Russel Parry Scott

Saulo de Azevedo Freire

AGRADECIMENTOS

Felizmente esta é uma grande lista. Muitas pessoas atravessaram meu caminho nesse desafiador percurso da Pós-Graduação, e deram contribuições ímpares para que eu chegasse até aqui. Agradeço de coração a todos!

Meus pais Isilda e Vilmar, por sempre terem sido os pais que são. Que souberam me educar e me inspirar muito mais pelo exemplo que por imposições, com uma simplicidade ímpar. Pelo apoio sempre, e com quem sei que posso verdadeiramente contar para os problemas mais difíceis ou para compartilhar os mais simples momentos de alegria.

Minha irmã Lygia, que inclusive compartilhou comigo um pouco das angústias do término de um trabalho acadêmico. Eu na peleja da dissertação, e ela na da monografia. E que além dos perrengues, pôde desfrutar comigo das alegrias de alguns carnavais em Recife.

A Dona Zeza e Seu Geraldo, meus avós que já partiam. Por terem conseguido ser pais mais uma vez para seu neto. Pelo cuidado de todos os momentos, e cuja generosidade sem tamanho inscreveu marcas profundas em minha formação enquanto ser humano. Com eterno carinho e muitas saudades.

Aos grandes mestres que encontrei pelo caminho.

Jonatas Ferreira, que eu sei que é Doutor, mas que durante minha trajetória na Pós-graduação foi um verdadeiro Mestre, que soube conduzir com imensa habilidade os momentos de orientação. Que me guiou durante o processo de transformação das experiências e impressões de um praticante de artes marciais em um trabalho sociológico. Com quem pude compartilhar além das atribuições acadêmicas, alguns aulas de Tai Chi Chuan, alguns cafés, e muita conversa fiada sobre filmes (principalmente de artes marciais), música e muitas presepadas da vida. Obrigado professor!

Aos membros da banca examinadora. À professora Eliane da Fonte, que por motivos de força maior não pôde compor a banca de defesa da dissertação, mas que me acompanhou desde o primeiro semestre do mestrado, na disciplina de *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, depois em *Sociologia da Saúde*, e na defesa do projeto de pesquisa. Ao professor Artur Perrusi, que conheci durante a entrevista para seleção do mestrado no PPGS da UFPB, que tive o prazer de reencontrar na defesa de meu projeto já aqui no PPGS da UFPE. Ao professor Russell Parry Scott, por gentilmente ter aceitado o convite para compor a banca examinadora da dissertação. Aos professores Paulo Marcondes e Roberta Melo por aceitarem a suplência desta banca. Sou imensamente grato a todos pelas contribuições valorosas.

Aos professores Alexandro Silva de Jesus, Mísia Lins Reesink e Roberta Bivar Carneiro Campos, de quem tive o prazer de ser monitor no desenvolvimento das atividades de auxílio docência referentes à bolsa CAPES/REUNI. Grato pela oportunidade de aprender muito sobre o ofício de professor com os exemplos contribuições ímpares que tive em/com vocês.

Ao professor Gerson Augusto de Oliveira Junior, da Universidade Estadual do Ceará. Além de ter sido uma figura fundamental durante minha graduação, foi quem deu os primeiros toques para a transformação dos inúmeros questionamentos do praticante de artes marciais em um projeto de pesquisa. Que em um encontro casual, enquanto eu saía de uma aula de Tai Chi Chuan e ele iniciava uma caminhada na praia, me recomendou que lesse *As técnicas corporais*, de Marcel Mauss. Nesse momento eu comecei a perceber o que realmente queria estudar.

Ao professor José Bizerril, pelas valiosas contribuições a este trabalho durante uma apresentação preliminar no *GT – Corporalidades en movimiento y procesos de subjetivación*, na IX Reunião dos Antropólogos do MERCOSUL realizada em Curitiba, no ano de 2011. E pela gentileza e generosidade de topar bater um papo com um desconhecido, entre as apresentações, sobre artes marciais, corporeidade, e os itinerários de nossas pesquisas.

Ao professor Cícero Gonçalves, que foi com quem tudo isso começou! No dia 15 de fevereiro de 1998 ele recebeu em sua turma um menino de 14 anos interessado aprender *Shaolin do Norte*. Mas o que ele ensinou, e ensina até hoje, é muito mais que artes marciais. É como um dos argumentos que trabalho nesta pesquisa, que diz que a prática de uma técnica corporal pode gerar repercussões para os mais diversos âmbitos da vida do praticante. E assim o foi para mim. Nesse projeto de vida sempre precisamos de um bom mestre, não apenas para ensinar os movimentos e as técnicas, mas para nos auxiliar e guiar por esse caminho. Tive a grande felicidade de encontrá-lo! Aprendi as técnicas com ele, mas continuo até hoje tentando aprender a ser um bom praticante, um bom professor para meus alunos e um ser humano esforçado tal qual seu exemplo me mostra. Mudei de estilo, para o *Tai Chi Chuan*, mas o *Kung Fu* (trabalho árduo) no qual ele nos estimula a perseverar continua o mesmo. Sempre grato professor!

A todos os grandes amigos que fiz aqui em Recife que, felizmente, são muitos, e por isso não tenho como citá-los todos. Eles de fato foram uma grande descoberta e tomaram ótima parte nisso tudo.

Aos amigos que fiz na turma de mestrado (em ordem alfabética para não gerar confusão). Fabiana, Flávio, Hemerson, Izabella, Jaqueline, Laura, Lívia, Mariana, Rafael, Rany Vitor e Wagner. Compartilhamos, além das experiências acadêmicas (suas angústias e alegrias), muitas e felizes conversas fiadas, alguns debates, almoços e jantares, folias, presepadas e muitas outras coisas boas. Cada um a sua maneira me mostrou um misto de generosidade, simplicidade, militância, dedicação, afeto, cuidado, compromisso, enfim, amizade. Sou grato a todos por tornar a experiência de um “outsider” em Pernambuco muito mais agradável!

À Mariana Leal, minha primeira amiga de/em Pernambuco (e que conheci no Ceará). Que me proporcionou a primeira experiência amistosa em terras estranhas. Acabamos nos encontrando mais vezes em Fortaleza do que em Pernambuco. Sou muito grato a você, menina!

À Maria Ester, que um dia no primeiro Seminário de Sociologia do PPGS, quando a gente nem se conhecia, descobriu que eu era professor de Tai Chi Chuan, e virou para mim, dizendo: “Ei, bem que tu podias dar aula pra gente!”. E de fato isso acabou

acontecendo. E não apenas isso, como também a amizade que se firmou com essa menina, muitas conversas, e as aventuras de uma viagem no meio do caminho.

Aos amigos cearenses que compartilharam comigo, além da experiência acadêmica da pós-graduação, a experiência da distância de casa.

A Nathália Forte, que acompanhou bem de perto tudo isso começar (e entes mesmo de começar). E viu e ouviu pacientemente o desenrolar de muitas histórias de Kung Fu, do Espaço Oriental, e dos inúmeros acontecimentos durante esse mestrado. Sempre grato com muito carinho!

Ao Emmanuel, primeiro companheiro nessa jornada fora de casa. Que desembarcou comigo no dia 8 de março de 2010 em terras pernambucanas. Com quem dividi morada, primeiro em um pensionato (ou seria uma prisão?), depois em um apartamento. E mais, muitas conversas, perrengues, filmes, músicas, marmotas, muitas alegrias e alguns sufocos. Tenho certeza que daqui a alguns anos continuaremos a dar boas gargalhadas de todas as aventuras de dois cearenses em Pernambuco.

E muitos outros cearenses em Pernambuco: Bruno Sampaio (*Honores Causa*, pois apesar de fazer o mestrado em Fortaleza e morar lá, passou muitas horas de viagem entre o Ceará, Paraíba e Pernambuco, e por isso conhece muito bem a experiência da distância), Alexandre, Batista, Bruno Ronald, Eduardo, Fernanda, Glaudiane, Gustavo, Lara, Leandro, Márcia, Marina, Paula Vanessa, Pablo, Vanessa, Vinícius e Cléo (que já é quase cearense por morar em meio a tantas)

A todos aqueles com quem tive o prazer de morar em Recife. Que me ajudaram a construir a experiência de um lar longe de casa: Arianna, Bárbara, Carminha, Cléo Emmanuel, Denise, Denner, Felipe Chaulet, Fernanda, Gustavo, Jaqueline, Leandro, Lênio, Laura, Márcia, Maria, Mariana, Nadilza, Pedro Gustavo, Vanessa. Aos vizinhos que me “adotaram” em minha rápida e feliz morada em Olinda: Ismael, João, Jesus, Luciana, Neide e Pollyana.

Ao Clarck, grande amigo que fiz de minha curta estadia em um pensionato (ou seria um orfanato?). Trocamos boas conversas sobre nossas experiências na Pós-graduação, sobre filmes e sobre a vida em Pernambuco.

À Kahori, que em meio a essa experiência da distância compartilhada me permitiu ajudar-lhe a desbravar um pouco do meu país, do que ia descobrindo em Pernambuco, e de minha casa no Ceará. Nossa amizade me permitiu também vivenciar alguns exemplos práticos desse encontro cultural entre o ocidente e o oriente. Tenho agora uma grande amiga diretamente do outro lado do mundo (se bem que, nesse rumo da pesquisa, o meu lado também pode ser “o outro”).

Aos alunos dos cursos de Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia com quem tive o prazer de desenvolver as atividades de auxílio docência entre os anos de 2010 e 2011. Quem acabou aprendendo mais fui eu mesmo com nossas interlocuções entre as Ciências Sociais e as Ciências da Saúde. Grato a todos pela confiança e por compartilharem comigo um pedacinho de suas trajetórias acadêmicas.

Ao secretário do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE Vinícius Douglas, sempre solícito e atencioso na resolução das mais diversas demandas de todos nós.

Aos amigos que toparam praticar Tai Chi Chuan comigo na UFPE, e serenar um pouco em meio à correria e a velocidade das rotinas acadêmicas: Anaíra, André, Cecília, Gabriella, Hemerson, Indira, Jonatas, Madson, Maria Ester, Tereza, Vanessa.

Em memória de:

*Maria Estela Freire Nunes (vó),
Hermano José Borges de Azevedo (primo),
João Lopes Silva (tio),
Geraldo Azevedo (vô),
Joana D'arc Mesquita Borges (tia),
Liliane da Costa (amiga)*

*Cujas partidas atravessaram esse processo.
Com eterno carinho e muitas saudades!*

*O turvo, através da quietude, torna-se gradualmente límpido
O quieto, através do movimento, torna-se gradualmente criativo
Aquele que resguarda este Caminho não tem desejo de se
enaltecer
E justamente por não se enaltecer, mesmo envelhecido pode
voltar a criar.*

Lao Tse
Tao Te Ching

*(...) não importa como você viaje, quão ‘bem-sucedida’ seja sua
jornada, ou abreviada, você sempre aprende alguma coisa e
aprende a mudar seus pensamentos*

Jack Kerouac
Satori em Paris

RESUMO

CORPOS EM SUAVE MOVIMENTO: TÉCNICAS CORPORAIS E APROPRIAÇÕES CULTURAIS ATRAVÉS DA PRÁTICA DO TAI CHI CHUAN.

Saulo de Azevedo Freire

Desde meados do século XX, podemos observar a emergência de um novo movimento de apropriação de diversos elementos, práticas e produtos culturais das sociedades orientais no ocidente, que incide de inúmeras maneiras nos modos de vida das culturas ocidentais. Ao entrar em contato com novos contextos, essas práticas e produtos culturais passam por várias interpretações e adequações de sentido, produções de imaginários e de usos práticos. Podemos observar o surgimento de processos de *hibridização cultural*, que mesclam valores, técnicas, gostos, estilos de vida a partir dessas apropriações. Um movimento impulsionado, sobretudo pelas possibilidades de fluxos dos processos de globalização contemporâneos. Contudo, um risco que se corre é o de que as tradições do oriente sejam solapadas pela lógica capitalista, convertendo-se em simples produtos de consumo. Compreender as perspectivas dessas construções de imaginários e apropriações práticas do oriente pelo ocidente, e os contingentes que incidem para esses movimentos é o empreendimento com o qual nos deparamos neste trabalho. A pesquisa de campo da experiência do *Programa Espaço Oriental*, onde as técnicas corporais do *Tai Chi Chuan* são apropriadas em uma política pública de esporte e lazer na cidade de Fortaleza, apresenta um contexto prático para analisar esses processos de apropriação.

PALAVRAS CHAVE: Sociologia; Artes Marciais; Tai Chi Chuan; Cultura e Globalização

ABSTRACT

BODIES IN SMOOTH MOVEMENTS: BODY TECHNICS AND CULTURAL APPROPRIATIONS THROUGH PRACTICE OF TAI CHI CHUAN.

Saulo de Azevedo Freire

Since the second half 20th century, we observe the emergence of a new movement of appropriation of a variety of elements, practices and cultural products of Eastern societies in the West, that focuses in numerous ways in lifestyles of Western cultures. When interacting with new contexts, those practices and cultural products pass through a roll of reinterpretations, adequacy sense, imaginary productions and practical uses. We can observe the emergence of processes of cultural hybridization, which merge values, techniques, tastes, lifestyles from these appropriations. A movement boosted mainly by the possibilities of flows of contemporary globalization. However, a risk to be considered is that the traditional values of the East practices could be undermined by the capitalist logic, becoming a simple consumer product. Understanding the perspectives of these imaginary constructions and appropriations of practices of the East in the West, and the contingent that relate to these movements is the aim of this work. The field research was the experience of *Programa Espaço Oriental*, where Tai Chi Chuan's body techniques are appropriate as a public policy of sport and leisure in the city of Fortaleza, presents a practical context for analyzing these processes of appropriation.

KEYWORDS: Sociology; Martial Arts; Tai Chi Chuan; Culture and Globalization

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – UM ORIENTE DISTANTE E UM ORIENTE PRÓXIMO: IMAGINÁRIOS E ITINERÁRIOS DE APROPRIAÇÃO NO ocidente.....	25
1.1. Oriente, Ocidente e Orientalismos	26
1.2. O século XX e as mediações contemporâneas de apropriação do oriente....	42
1.2.1. O lugar da experiência contemporânea	42
1.2.2. Filósofos, Escritores, Vagabundos e o Zen	47
CAPÍTULO 2 - PENSAMENTO ORIENTAL, ARTES MARCIAIS E TÉCNICAS CORPORIAS.....	62
2.1. Taoísmo e Conduta para a vida	64
2.2.Artes marciais e técnicas corporais.....	71
2.2.1. O Kung Fu/Wushu e o desenvolvimento de suas técnicas corporais	71
2.2.2. Hollywood e o cinema de Kung Fu estão chegando	88
CAPÍTULO 3 – PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS	96
CAPÍTULO 4 – SABERES HÍBRIDOS OU SABERES SOBREPOSTOS? – ITINERÁRIOS TRANSMISSÃO DO KUNG FU/WUSHU E DO TAI CHI CHUAN NO CONTEXTO BRASILEIRO	109
4.1. Contextos iniciais de difusão.....	110
4.2. Negociações de sentido e novas experiências formativas	116
4.3. Do Tai Chi Chuan à Sociologia em uma trajetória de/em formação.....	142
CAPÍTULO 5 - A PRÁTICA DO TAI CHI CHUAN NO PROGRAMA ESPAÇO ORIENTAL	149
5.1. O Programa Espaço Oriental no âmbito das políticas públicas de esporte e lazer na cidade de Fortaleza	149
5.2. Descrições da localidade onde ocorrem as aulas.....	158
5.3. Estratégias de ensino desenvolvidas pelos professores.....	161
5.4. Experiências práticas dos alunos.....	168
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	194
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	298
ANEXOS	203

INTRODUÇÃO

Desde meados do século XX é possível observar a emergência de um movimento de apropriação de diversos aspectos, práticas e produtos culturais das sociedades orientais no ocidente. Um processo de assimilação cultural e um movimento que alguns autores irão chamar de *orientalização do ocidente*, que incide de inúmeras maneiras nos modos de vida, nas próprias culturas ocidentais (CAMPBELL, 1997). É preciso constatar, todavia, que essas percepções e apropriações da cultura oriental por sociedades do ocidente não remontam apenas ao período recente. Ao longo dos séculos é possível observar que o ocidente apresentou diversas perspectivas de interpretação e apropriação do oriente seja como forma de exercer domínio sobre tais culturas, ou de consumo e absorção de algumas práticas e produtos culturais. (SAID, 2010).

Entretanto, o processo com o qual nos deparamos recentemente não é necessariamente similar àquele desenvolvido inicialmente pelas potências européias a partir do século XVI. Como as grandes navegações e a abertura de rotas comerciais para fluxo de produtos como tecidos, especiarias e inúmeras matérias-primas, tal qual o empreendimento desenvolvido por Portugal no estabelecimento de relações de comércio com a China^{1/2}. Esse processo também não é similar àquele movimento de invasão empreendido pelos Estados Unidos em países como o Japão no período pós II Guerra Mundial. Onde sob o pretexto de financiar a reestruturação deste país após sua derrota e os genocídios ocorridos em Hiroxima e Nagasaki, intervieram não só no âmbito econômico e político, como intensificaram o processo de “ocidentalização” daquela

¹ Os contatos de Portugal com a China remontam ao ano de 1511, quando o navegante Rafael Perestrelo aporta naquelas terras após estabelecer contato com chineses estabelecidos a Malásia. A conquista de Malaca no mesmo ano abriu aos navios europeus a entrada para esse Oceano Pacífico então desconhecido. A ocupação portuguesa na China de maior evidência ocorreu em Macau a partir de 1557, mas, ao contrário do que se pensa, a presença portuguesa na localidade não representava a postura de um colonizador, pois sua ocupação ali estava atrelada ao pagamento de um foro sobre a terra, e os chineses mantiveram tanto o controle das finanças quanto da justiça civil e criminal. Somente na metade do século XIX, quando da dominação da China por Inglaterra e França, Portugal passa a exercer o controle de fato sobre Macau. O controle inicial dos chineses com relação à presença portuguesa em suas terras se devia ao fato de em suas primeiras expedições a postura que adotavam nas terras “descobertas” era a de pilhagens e saques, o que fez com que o império chinês hesitasse estabelecer relações diplomáticas com a coroa portuguesa (PANIKKAR, 1977).

² Vale ressaltar que a literatura quinhentista de autores como Tomé de Souza e Duarte Barbosa, em suas obras *A Sumula Oriental* e *O livro das coisas da Índia* respectivamente, representam dois dos primeiros relatos escritos que o ocidente pós-Idade Média produziu sobre as sociedades do oriente. Além de descrições da geografia, da fauna e da flora locais, os autores tratam as populações e os costumes dessas localidades, sempre apresentando uma perspectiva de exotismo e estranhamento nas narrativas

cultura³. O oriente transforma-se aí em mercado consumidor não apenas de produtos, mas de um modo de vida ocidental, em um projeto de “ocidentalização do oriente”.

O que me proponho a analisar neste trabalho é um empreendimento de incorporação de algumas práticas e produtos do oriente nos mais diversos âmbitos da cultura ocidental contemporânea, contudo sem adotar necessariamente a perspectiva de dominação ou de subordinação cultural similar a dos exemplos citados anteriormente. Muito mais do que simples transposição de alguns elementos, práticas e produtos culturais entre essas sociedades, interesse-me aqui em especial por perceber como alguns desses elementos se fundem ou ganham novas orientações quando em contato com alguns aspectos da cultura e dos modos de vida ocidentais.

Este é um movimento que se intensifica, sobretudo a partir do início do século XX, quando da apropriação no ocidente de diversas tradições do pensamento e cultura do oriente como o *Zen Budismo* e o *Taoísmo*, que se apresentam nesse contexto como via de contraposição aos processos massificação dos modos de vida até então experimentados principalmente no continente europeu e nos Estados Unidos. Um movimento que vai buscar inspiração no pensamento oriental para fomentar um questionamento sobre a lógica do consumismo desenfreado, do enfraquecimento das relações entre as pessoas, do racionalismo exacerbado herança da ciência moderna, e que acabou se disseminado nos mais diversos âmbitos da vida cotidiana. Impulsionados pela “descoberta” dessas tradições do pensamento oriental, uma gama de outras práticas dessas culturas começam a ser acessadas do ocidente contemporâneo. Práticas terapêuticas como a *Acupuntura*, o *Shiatsu*, o *Reiki*, a *Medicina Tradicional Chinesa* e a *Medicina Ayurvédica*, da Índia apresentavam outras lógicas para compreensão e tratamento de inúmeras enfermidades com abordagens distintas da medicina alopática ocidental. Diversas técnicas corporais como a *Yoga*, e as artes marciais chinesas e japonesas apresentam novas perspectivas de exercícios para o corpo diferentes das modalidades esportivas encontradas no ocidente. A culinária de alguns desses países do oriente que passa a compor o cardápio de inúmeros restaurantes nas grandes cidades, só para citar alguns.⁴

Como consequência direta do contato com essas tradições das culturas orientais, outro campo de mediação nas apropriações do oriente que marcou profundamente o

³ Principalmente através da indústria cultural e de consumo, que apresentava ao povo japonês o “american way of life” (caminho ou modo de vida americano)

⁴ Como nos mostram os trabalhos de Carneiro (2011); Camargo JR e Nogueira (2007); Campbell (1997); Apolloni (2004), entre outros com os quais dialogo no decorrer deste trabalho.

século XX ocorreu no âmbito das artes, mais especificamente na literatura produzida a partir da década de 50 nos Estados Unidos. Um grupo de jovens escritores⁵ cansado do excesso de formalismo e da erudição até então produzida pela literatura de seu tempo, lança mão de um tipo de escrita “camarada”, que utiliza uma linguagem coloquial para aproximar o leitor da experiência vivida pelos personagens. Uma literatura fundada mesmo na experiência daquilo que é vivido pelo escritor, que se propõe a retratar isso a partir das narrativas de seus personagens, de suas tentativas de se jogar no mundo, de se integrar nele, convidando o leitor a partilhar dessas experiências. Conta-se uma história como quem transmite essas experiências a um amigo. Para os escritores dessa geração, que ficou conhecida como *beatnik*⁶, o que acontece é que ao se contar uma história, é como se transmitisse uma espécie de ensinamento sobre a vida construído através da experiência vivida. Viagens, andanças, ou até mesmo o “vagabundar” desses escritores e de seus personagens eram encarados como um caminho de vida que seguiam em busca de se conectar com si mesmos, com os outros, e com o mundo de maneira geral. Uma amostra da evidente da recusa à vida “segura” nos escritórios e nos gabinetes, nas casas pré-fabricadas, tão almejadas por alguns como símbolo de realização profissional e estabilidade na vida.

Um aspecto marcante dessa geração de escritores é que alguns deles travaram um diálogo íntimo com algumas tradições do pensamento oriental, tais como o *Zen-Budismo* e o *Taoísmo*, principalmente através do contato com interlocutores como *Alan Watts* e *Gary Snyder*⁷ e *D. T. Suzuki*⁸. Nessas matrizes de pensamento, os jovens escritores encontraram subsídios para uma experiência mundana, que os convidava a um caminho da experimentação prática da vida, com fins de inspiração para suas narrativas e jornadas de autoconhecimento⁹. O *Zen-Budismo* e o *Taoísmo*, especificamente, são matrizes que propõe uma conduta de vida e perspectiva de aquisição de conhecimento e

⁵ Jack Kerouac, Allen Ginsberg, Gary Snyder, entre outros.

⁶ O termo teria uma tradução imprecisa significando “aqueles que estão à margem”; “os que vêm de fora, ou de baixo”. O que se ressalta é que a nomenclatura serve para afirmar sua posição com relação os demais escritores literatura então voga nos Estados Unidos, e a própria posição desses escritores em relação a sociedade da época..

⁷ Escritor da geração beat que chega inclusive a viajar para o Japão para ter acesso a instruções formais no Zen-Budismo,

⁸ Um filósofo japonês que se tornou um dos grandes difusores do Budismo no ocidente (especialmente de sua vertente Zen)

⁹ É comum encontrar nos textos desses escritores inúmeras expressões oriundas destas tradições do pensamento oriental: *satori* (palavra oriunda do zen-budismo para se referir a um momento de iluminação, de um insight sobre a vida); *bodhisattva* (aquele ser elevado dedicado a disseminar o amor para com os outros); *karma* (do sânscrito, ação. Termo erroneamente interpretado no ocidente na esteira do cristianismo com um sentido de penitência, algo que se deve pagar e expurgar); entre inúmeros outros.

construção da experiência através do viés da prática. Muito mais do que o intelectualismo que filtra e racionaliza as experiências do homem no mundo moderno, que instrumentaliza a vida cotidiana e cria inúmeros mediadores da experiência humana, que os afasta do caminho da experimentação direta¹⁰, o que esses escritores extraíram era o conhecimento de um mundo vivenciado. Como nos mostra Capra (1983: 34) sobre as tradições do pensamento oriental, ao afirmar que nelas o fundamento do conhecimento baseia-se solidamente na experiência vivida, o que lhes confere uma característica fortemente empírica. Uma perspectiva que não concebe a separação sujeito-objeto dessa experiência, que é a base mesma da instrumentalização da vida no ocidente que se constitui a partir da modernidade.

A literatura e as tomadas de postura empreendidas pelos *beatniks* foram grandes emblemas dos movimentos que viriam a eclodir em diversos países do ocidente e que ficaram conhecidos como *contracultura*. Nesse contexto, o que podemos observar é que algumas dessas práticas e produtos culturais do oriente (re)emergem como perspectiva de contraposição às insatisfações de parcelas da população com o estilo de vida ocidental na contemporaneidade. Uma das características fundamentais que permeia as tomadas de postura nesse sentido diz respeito à busca por práticas e saberes que se contraponham à lógica da produção capitalista. Um movimento, em oposição, de valorização, dos trabalhos manuais, da natureza, da volta ao campo, da liberdade sexual, e no campo dos cuidados com o corpo, de abordagens terapêuticas que apresentem soluções para as repercussões da experiência da doença que extrapolam o âmbito biológico e que contemplem seus aspectos psicossomáticos e sociais. Uma tentativa de se distanciar ao máximo da experiência cultural massificada no ocidente, e encontrar novas perspectivas de manifestação com ecos nos campos da arte, religiosidade, sexualidade, da terapêutica e da organização social como um todo.

Como exemplo das repercussões desse movimento contracultural, podemos tomar a influência dessas manifestações na produção de diversos artistas da *cultura pop* da segunda metade do século XX. Um dos casos mais emblemáticos é a “descoberta” do oriente através da Índia pelo grupo de rock britânico *Beatles*. Essas influências se deram principalmente através do contato do guitarrista do grupo, George Harrison, com o

¹⁰ Como inúmeros artefatos fruto do desenvolvimento tecnológico da humanidade e suas implicações para os modos de vida da população. A difusão de aparelhos de televisão no ambiente doméstico, que cria rotinas para a vida cotidiana a partir dos horários dos programas transmitidos; os aparelhos telefônicos, que mediam as relações interpessoais sem a necessidade do contato face a face; o medo da violência e a insegurança, adquiridos como herança de duas Grandes Guerras no início do século; etc.

músico hindu Ravi Shankar¹¹. O experimentalismo da fusão do rock com a musicalidade oriental proporcionou inovações significativas em sua estética musical, e já se manifestavam desde o disco *Rubber Soul*, de 1965, onde pela primeira mesclam a sonoridade do rock com o da citara¹². Esse experimentalismo culminaria posteriormente no disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, de 1967, álbum que até hoje é reverenciado não apenas como um clássico do gênero rock, como uma grande obra da música popular mundial.

Além de mudanças na estética musical da banda, os temas abordados em suas letras apresentavam críticas ao estilo de vida ocidental de sua época. Uma amostra disso é que algumas delas retratavam inconformidade com a política belicista de intervenção dos EUA na Guerra do Vietnã, ou com relação às tensões internacionais provocadas pela Guerra Fria falando de inúmeras possibilidades de manifestações do amor no mundo, como na canção *All you need is Love*, presente no disco *White Álbum* de 1968.¹³ Neste ano eles haviam realizado uma viagem à Índia para um retiro espiritual e prática de meditação com um guru chamado *Maharishi Mahesh*. A viagem tinha como intuito, além de iniciar o grupo nos processos de meditação iogue, o de apresentar-se como uma possibilidade de alívio às tensões vivenciadas pelos músicos, àquela época no auge de sua carreira¹⁴. Essas experiências de contato com a cultura hindu tiveram repercussões para a música que produziram a partir dali. Muitas das canções presentes no *White Álbum* foram compostas inclusive durante essa viagem a Índia.

Além de mudanças nos aspectos musicais, é notável a aderência a diversos outros elementos da cultura hindu, como as indumentárias que passam a vestir por um período, os cabelos e barbas grandes, denotando um repúdio às preocupações com os ideais de beleza masculina daquela época, assemelhando-se em aparência aos iogues a quem intentavam seguir, e, por conseguinte re-configurando as referências de beleza masculina de seu tempo. Outro emblema disso é a busca por experiências de transcendência de consciência, que no caso dos iogues eram atingidas por processos de

¹¹ Em 1966 George Harrison inclusive viaja para Índia com sua esposa a fim de ter maior contato com a musicalidade e a cultura daquele país.

¹² Na música *Norwegian Wood* (*This Bird Has Flown*)

¹³ Nada que você possa fazer que não se possa ser feito/Ninguém a quem você possa salvar que não possa ser salvo/Nada que você pode fazer, mas você pode aprender como ser com o tempo/É fácil/ Tudo o que você precisa é de amor (...)/Não há nada que você possa saber que não possa ser conhecido/Nada que você possa ver que não possa ser visto/Nenhum lugar onde você possa estar que não seja onde você quer estar/É fácil/Tudo o que você precisa é de amor (...) (Tradução minha).

¹⁴ Além dos quatro integrantes da banda e suas esposas, participaram dessa viagem mais alguns amigos músicos, como Donovan, e Mike Love, o vocalista dos Beach Boys.

meditação, mas que para muitos artistas nas décadas de 1960 e 1970 se davam através o uso de inúmeras substâncias alucinógenas, como o LSD e a benzina. As drogas apresentavam-se como um caminho mais rápido e fácil para atingir essa consciência “elevada”, do que os árduos processos de meditação.

Além das posturas de crítica e contraposição ao estilo de vida no ocidente moderno, as apropriações culturais das sociedades do oriente fomentaram também o surgimento de inúmeras caricaturas e paródias de práticas e produtos culturais daquelas sociedades. Podemos perceber manifestações disso nas interpretações da indústria do entretenimento, principalmente nas produções destinadas ao cinema e à TV. Como é o caso da série televisiva *Kung Fu* produzida na década de 70, para a qual foi escalado um ator norte-americano¹⁵ para representar o papel de um monge budista. Inicialmente o ator Bruce Lee¹⁶ havia sido cogitado para o papel, mas os produtores alegaram que ele era “oriental” demais para os padrões da televisão na época, descartando-o rapidamente. O que se teve foi um ator caucasiano, que com o auxílio de recursos de maquiagem, passa e emular um mestiço entre homem branco e oriental. A série, exibida em vários países, foi uma das responsáveis pela difusão do imaginário acerca das artes marciais chinesas pelo mundo. Em uma época onde as produções asiáticas encontravam dificuldades em adentrar à Europa e aos Estados Unidos, a indústria hollywoodiana encontrou campo aberto para disseminar suas interpretações sobre as sociedades do oriente, principalmente através dos filmes de artes marciais. O oriente nesse contexto geralmente era referenciado como algo exótico, místico e até mágico, ou em outra perspectiva, de forma caricata, com personagens bobos, ingênuos e atrapalhados¹⁷.

No Brasil esse gênero de filmes se popularizou principalmente em decorrência da série *Kung Fu* e aos filmes de artes marciais protagonizados por Bruce Lee, que na década de 70 começam a ganhar espaço nos EUA e, por conseguinte, no restante das Américas. Tal movimento impulsiona inclusive a produção de filmes de artes marciais por Hollywood, que ajudam a construir um novo imaginário sobre o oriente permeado

¹⁵ O ator David Carradine.

¹⁶ Lee Jun-fan, nascido em São Francisco, nos Estados Unidos, mas que com poucos meses de idade muda para Hong Kong, onde passa toda a infância e grande parte da adolescência.

¹⁷ Como exemplo, podemos citar o filme *Hardly Working*, 1981 (Um trapalhão mandando brasa), com Jerry Lewis. Nesta produção o ator/comediante norte-americano supracitado interpreta de forma caricata em uma das cenas, um cozinheiro chinês estabonado, com dentes tortos e problemas de visão. Outro exemplo é *The Party*, 1968 (Um Convidado bem Trapalhão), onde o ator britânico Peter Sellers representa o papel de um ator indiano que comete inúmeras gafes ao ser convidado para uma festa promovida por um produtor de cinema hollywoodiano. Apresenta a figura do indiano como um bobo, evidenciando sua dificuldade em lidar com o modo de vida norte americano.

principalmente por valores como habilidade marcial, sabedoria, coragem e honra a partir das interpretações cinematográficas norte-americanas (FERREIRA; JUNIOR; NUNES 2010), A difusão desses filmes no país culmina inclusive com o período de estabelecimento e consolidação dos primeiros mestres de arte marcial chinesa (Kung Fu/Wushu) no Brasil. Desde a década anterior (de 1960) alguns mestres haviam migrado para as Américas em decorrência principalmente das transformações político-culturais implementadas na China a partir de 1949¹⁸. No Brasil inicialmente esses mestres ministram aulas apenas para seus compatriotas e descendentes no interior das colônias de imigrantes, mas tendo em vista que o ensino da arte marcial passa a se tornar sua fonte de sua subsistência, percebem a necessidade de abrir espaço para os praticantes brasileiros que, motivados pelo imaginário produzido pela indústria cinematográfica e televisiva, buscam fascinados o aprendizado dessas técnicas do corpo oriundas da China.

O que podemos observar é que no século XX encontrou-se terreno favorável como em nenhum outro período da história para esse trânsito, por assim dizer, entre práticas e produtos de culturas distintas. O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, mediadores que levavam alguns fragmentos dessas culturas até a residência das pessoas, dos transportes que propiciavam o percurso de distâncias, outrora intransponíveis, em questão de horas, e de muitos outros artifícios oriundos do desenvolvimento tecnológico. As perspectivas de intercâmbios advindos dos processos recentes de globalização promovem, não apenas a possibilidade do fluxo de pessoas e negócios em nível planetário, mas aumentam também as possibilidades de contatos culturais entre sociedades distantes não apenas geográfica, mas também temporalmente.

Nessa perspectiva, a questão dos contatos transculturais é tema tratado por Canclini (2008), que observa que na modernidade estruturas e práticas que existem de forma separada se combinam para dar origem a novas estruturas, objetos e práticas, processos esses que ele vai denominar *de hibridações culturais*. É preciso, no entanto, constatar que a fusão cultural corre um sério risco, especialmente na forma imediatamente rápida como ocorre como traço marcante da contemporaneidade, como em alguns dos campos de mediações aqui elencados. A modificação constante nos usos

¹⁸ Esse movimento corresponde à segunda fase da imigração chinesa para o Brasil, durante o século XX, iniciada em 1949, quando o Partido Comunista assume o poder na China. É o movimento que ficou conhecido como “a diáspora chinesa” (sobre esse movimento, nos deteremos com maior afinco nos capítulos subsequentes). A essa etapa antecedeu-se uma primeira fase de imigração, no período entre 1812, quando D. João VI autoriza a entrada de dois mil chineses no Brasil (do qual só desembarcam quatrocentos), até 1900 (APOLLONI, 2004)

dos produtos e das práticas pode implicar na perda das tradições locais e das raízes regionais tanto da perspectiva de onde ocorrem essas apropriações, como na de onde advêm essas práticas e produtos (BURKE, 2006). Outro risco que se corre é o de que essas tradições do oriente sejam solapadas pelo espírito do consumo capitalista e se convertam em simples mercadorias e serviços. Rapidamente essas tradições podem se converter, de alternativas para as angústias da vida moderna, em simples caricaturas e paródias efêmeras dessas práticas, institucionalizadas a serviço do consumo. Podemos ver que algumas práticas dos povos do oriente, chegando ao ocidente, aderem à lógica de produção para o consumo de massas, como uma culinária oriental *fast food*, cursos de formação em terapias tradicionais através de vídeo aulas, só para citar alguns exemplos.

Canclini (2008) nos chama a refletir sobre o processo de hibridização cultural, não como sinônimo de fusões sem contradições, mas, sim, como algo que pode nos ajudar a dar conta de formas particulares de conflito geradas na inter-culturalidade recente, em meio à decadência dos projetos nacionais de modernização. O autor alerta ainda para o fato de que desses processos podem emergir frutos positivos como, por exemplo, no caso da incorporação de diversas perspectivas terapêuticas oriundas do oriente às racionalidades médicas ocidentais e a reorientação no tratamento de uma enorme gama de enfermidades¹⁹, ou como no exemplo da experiência aqui investigada como veremos adiante.

Apresentado esse campo de mediações de apropriações do oriente no ocidente, é que nos deparamos com uma dessas manifestações no presente para estudo. No caso específico deste trabalho proponho a análise dos processos de apropriação da arte marcial chinesa *Tai Chi Chuan* a partir das experiências vivenciadas no *Programa Espaço Oriental*, na cidade de Fortaleza-CE. Este Programa é uma política pública de *esporte e lazer* promovida pela prefeitura do município. Para analisar as manifestações dessas mediações de apropriação do oriente no ocidente, o âmbito específico que proponho lançarmos um olhar é o campo corporeidade e dos processos de sociabilidade daí derivados. Pretendo perceber como a adesão a técnicas corporais oriundas de uma sociedade do oriente incidem sobre a construção/reorientação das experiências

¹⁹ Perspectiva que em alguns casos pode se apresentar de maneira conflitante, como podemos ver em Carneiro (2011) que nos fala da disputa profissional e a *colonização dos saberes* no que diz respeito ao campo da prática da acupuntura no Brasil.

corporais, e, por conseguinte, de vida, das pessoas envolvidas no Programa Espaço Oriental.

Podemos perceber que no campo de estudo das Ciências Sociais, Mauss (1974) foi um dos primeiros a chamar a atenção para a importância da compreensão dos usos sociais do corpo para a análise dos processos de sociabilidade. Eis que ele denomina de *técnicas corporais*, as diversas maneiras de se servir socialmente dos corpos. Nesse sentido, cabe a este trabalho compreender como um conjunto de *técnicas corporais*, ganha novos significados quando sua prática é colocada em um novo nível de ordenamento, diferente dos sentidos que lhes são atribuídos em seu contexto de origem. Tenciono identificar como a partir destes processos os praticantes orientam a construção experiências corporais (e também de sociabilidade) através do desenvolvimento de novas percepções em torno de si e de suas práticas do corpo.

A pesquisa de campo através da *observação participante* surge como via que nos leva a perceber de que maneiras os indivíduos se apropriam dos conjuntos técnicos, práticos e simbólicos inerentes ao *Tai Chi Chuan*, como eles atribuem significado e em que contextos eles realiza essas práticas. Ou seja, nos leva a uma compreensão do sentido em que desenvolvem suas práticas corporais a partir da apropriação de um conjunto de técnicas de uma cultura diferente da sua. Como, a partir de suas demandas particulares vão gerando novos contornos para as técnicas e adequando as mesmas às suas necessidades imediatas.

A questão que se coloca para análise aqui, em linhas gerais, diz respeito à compreensão de como a adesão a prática das técnicas corporais do *Tai Chi Chuan* no contexto do Programa Espaço Oriental, oferece-nos um contexto particular para analisar as perspectivas de apropriações de aspectos da cultura oriental (a Chinesa) na sociedade ocidental contemporânea (neste caso o Brasil). E mais especificamente, em que medida essa perspectiva de apropriação incide para a reorientação, não apenas nessas técnicas, mas também nas experiências corporais dos praticantes, e/ou para a construção de suas experiências de vida a partir delas.

O interesse por este tema, e por esta abordagem da experiência em campo como objeto de pesquisa em particular, surge para mim a partir do contato que tive com o referido Programa a partir do ano de 2007 na qualidade de professor de *Tai Chi Chuan*. Desde 1998 sou praticante de artes marciais chinesas (Kung Fu/Wushu)²⁰, e em 2006

²⁰ Inicialmente praticava um estilo desta arte marcial denominado Shaolin do Norte, e a partir de 2004 me direcionei para a prática do *Tai Chi Chuan*.

passei a ministrar aulas de *Tai Chi Chuan* em uma academia de artes marciais na cidade de Fortaleza – CE. No ano de 2007 recebi o convite da Prefeitura Municipal de Fortaleza para assumir um núcleo do Programa Espaço Oriental inaugurado na Praia do Náutico, no bairro Meireles.²¹

Os três anos o contato com o grupo de praticantes de *Tai Chi Chuan* nessa localidade me proporcionaram uma experiência de ensino dessas técnicas do corpo completamente diferente daquela que tinha vivenciado até então das aulas ministradas em uma academia de artes marciais, das turmas com um número reduzido de pessoas, de uma faixa-etária próxima, com um programa já estruturado de ensino das técnicas no qual havia sido formado. Entre os alunos que buscavam o Programa Espaço Oriental, não havia pessoas interessadas em aprender técnicas de combate, defesa pessoal, ou treinar para competições. O simples fato de a prática desta arte marcial estar inserida dentro de uma política pública já nos apresenta alguns elementos de diferenciação para as abordagens que vão ser construídas na proposição dessas técnicas. As diferentes experimentações vivenciadas pelos alunos e as novas abordagens desenvolvidas para construção desse conhecimento corporal foram dois aspectos fundamentais que me fizeram colocar em cheque, como veremos a partir das análises dos relatos dos entrevistados, a maneira como tinha operacionalizado as artes marciais ao longo de minha vida e até aquele momento. Dos treinos árduos e exaustivos na academia, da preparação para competições, ou mesmo dos imaginários que havia construído em minha infância através dos filmes de artes marciais que assistia.

Considero, portanto, o período no qual passei ministrando aulas de *Tai Chi Chuan* no núcleo do Programa Espaço Oriental situado no Anfiteatro Flávio Ponte²² como etapa fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. Foi durante este período que tive contato em grande intensidade com as dinâmicas apresentadas pelos alunos, com as demandas corporais vivenciadas por eles, e com as perspectivas de reorientação e/ou modificações dessas experiências corporais que se esboçavam a partir da prática do *Tai Chi Chuan*.

Trato, pois de, a partir dessas experiências corporais, algumas compartilhadas, outras observadas no curso das aulas e narradas a mim durante as entrevistas, propor uma reflexão que nos permita compreender essas experiências como via privilegiada para pensar os processos de apropriação de elementos culturais exógenos numa

²¹ É sobre as experiências vivenciadas com o referido núcleo que parto para as análises neste trabalho.

²² Localizado na Avenida Beira-mar, Praia do Náutico, na cidade de Fortaleza.

sociedade de fluxos. Muito mais do que o “oriente” enquanto categoria vulnerável a toda sorte de usos, significações e representações por esses interlocutores, o que me proponho a investigar nesta pesquisa é justamente como essas práticas do oriente são vivenciadas e experimentadas a partir das apropriações do Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental. Assim, um aspecto metodológico importante a ser destacado é que, parte dos dados empíricos desta pesquisa foi coletada não somente através das narrativas dos interlocutores durante as entrevistas, mas também a partir da observação dos movimentos daqueles corpos em campo durante as aulas de Tai Chi Chuan. Da percepção de como a prática do movimento corporal proporcionado pelo Tai Chi Chuan fomenta reorientações não apenas na superfície do corpo, como aumento da flexibilidade, coordenação motora, controle da respiração, mas também instiga uma reorientação das tomadas de postura dessas pessoas com relação à vida, a partir do desenvolvimento de novas maneiras de experienciar a corporeidade.

O Capítulo 1 deste trabalho trata de analisar algumas das principais perspectivas através das quais o oriente foi interpretado e apropriado pelas sociedades ocidentais. Dentro desse projeto entram as disposições produzidas por intelectuais, escritores, exploradores e diversas figuras que foram importantes na construção e na definição do que é esse “oriente” para os ocidentais. Um empreendimento que Said (2010) denominou de *orientalismo*, e através do qual analisaremos algumas dessas articulações de um oriente que se construiu num eterno “em relação à” o ocidente. Entre essas abordagens podemos citar as proposições de Max Weber (1951; 1982) sobre os tipos de religiosidade e modelos de teodicéia no oriente (transcendente) e no ocidente (imaneente). Outra categoria que trago à análise é a noção de *orientalização do ocidente*, desenvolvida por Campbell (1997) para pensar as mudanças no paradigma cultural ocidental a partir da apropriação modelos de espiritualidade como encontrados em sociedades do extremo oriente (a partir da discussão weberiana sobre teodicéia). Esse tema é retomado inclusive por Bizerril (2007) para pensar as influências da cultura oriental no ocidente contemporâneo dentro do contexto da inter-culturalidade e dos recentes fenômenos da globalização, e no caso brasileiro em particular. Compreender este empreendimento de construção de representações e apropriações do oriente no ocidente é aspecto fundamental a ser abordado para as análises aqui propostas.

A problemática em torno da construção e transmissão da experiência na contemporaneidade, como nas análises propostas inicialmente por Benjamin (1986) e retomadas por Agamben (2008) é o debate fundamental que evidencio aqui para

compreender como as próprias condições de vida no ocidente a partir do século XX incidem para os movimentos contemporâneos de apropriação do oriente. A partir da proposição deste debate proponho a análise de algumas das principais perspectivas através das quais o oriente foi interpretado e apropriado pelos ocidentais ao longo do século XX, tais como as mediações citadas anteriormente no texto, e compreender o que caracteriza esses processos recentes. Entender como esses movimentos são operacionalizados em meio a sociedades transnacionais, e práticas mediadas pela multiculturalidade, é um aspecto fundamental a ser contemplado para a caracterização desse empreendimento contemporâneo de apropriação do oriente. Além disso, é fundamental perceber como os processos descritos até aqui incidem para a reorientação dos estilos de vida experienciados no ocidente contemporâneo.

O Capítulo 2 se inicia com uma apresentação das disposições gerais de uma escola do pensamento tradicional oriental (chinês) particularmente relevante para a compreensão dos processos de estruturação das técnicas corporais do Tai Chi Chuan: o Taoísmo. Ressalto aqui, sobretudo suas proposições acerca da relação do indivíduo com o mundo que o cerca e o papel da experiência corporal/de vida na produção, transmissão e legitimação do conhecimento. Cabe compreendermos como esses princípios norteadores do Taoísmo se manifestam através da prática do Tai Chi Chuan. Neste interin, apresento também uma descrição e discussão sobre o campo das artes marciais chinesas, ou Kung Fu/Wushu. Entender os diversos fatores que incidiram para sua estruturação enquanto técnicas corporais e como práticas culturais apresenta-se como etapa fundamental para pensar sua possibilidade de usos em campos de implementação diversos tais quais os desenvolvidos no contexto ocidental.

O Capítulo 3 apresenta as perspectivas metodológicas que orientaram o desenvolvimento da pesquisa. Proponho inicialmente uma discussão sobre algumas abordagens para o estudo da corporeidade e da experiência corporal como objeto das análises tal qual propõem Jackson (2010); Bizerril (2007); e Wacquant (2002). Tal iniciativa se faz necessária, pois a construção da experiência corporal é o foco privilegiado através do qual intento problematizar esse processo de apropriação do *Tai Chi Chuan* pelos participantes do *Programa Espaço Oriental*. Temos em vista que, o objetivo proposto aqui é o de analisar as estratégias de reorientação das experiências, não apenas corporais, mas de vida dos interlocutores com os quais nos deparamos em campo a partir desses processos de apropriação. O processo de pesquisa iniciou-se com consulta a documentos e registros da Secretaria de Esporte e Lazer de Fortaleza, tais

como relatórios de aula, diários de aula, e fichas cadastrais dos alunos. Aliado ao processo de observação participante em campo no núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte, foram realizadas 16 entrevistas com alunos, 3 entrevistas com professores Tai Chi Chuan e 1 entrevista com a coordenadora do Programa Espaço Oriental. Além das informações que me foram relatadas durante as entrevistas, trago à tona para análises as impressões e experiências das quais participei ao longo dos 3 anos em que ministrei aulas de Tai Chi Chuan no Programa.

No Capítulo 4, apresento a descrição e discussão sobre os processos iniciais de transmissão e difusão das técnicas corporais do Kung Fu/Wushu, e particularmente do Tai Chi Chuan no contexto brasileiro. Compreender quais os elementos que incidem sobre esse novo contexto de apropriação apresenta-nos um caso particular para refletir sobre os processos de apropriação de práticas e produtos culturais das sociedades do oriente no ocidente contemporâneo. Apresenta-se também como uma via através da qual poderemos analisar o processo de formação dos professores do Programa Espaço Oriental, e quais os contingentes que vão orientar sua prática e suas posteriores estratégias didáticas na transmissão desse conhecimento. Finalizo esta abordagem trazendo para análise as experiências particulares que alicerçaram minhas construções de sentido e apropriação em torno do Kung Fu/Wushu, o que já nos oferece mais um exemplo para refletir acerca de como esses processos são vivenciados a partir da experiência de um ocidental na contemporaneidade.

No Capítulo 5 nos deparamos com maior afinco nas experiências particulares do Programa Espaço Oriental. Os relatos obtidos durante as entrevistas com alunos, professores e coordenadora do Programa, somam-se, ao processo de observação participante, e consulta de documentos desenvolvidos durante a pesquisa, e às experiências vivenciadas no período em que ministrei aulas de Tai Chi Chuan no núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte. Esses elementos nos ajudam a compreender como se desenvolvem os processos de apropriação cultural das técnicas do Tai Chi Chuan no contexto do Programa Espaço Oriental. E de que maneira essas apropriações incidem para a reorientação/construção de experiências corporais e de vida por parte das pessoas envolvidas nessa prática.

Por fim considero importante destacar que a pesquisa é também para mim um exercício de auto-estranhamento. Primeiramente para pensar como esse conhecimento das técnicas corporais do Tai Chi Chuan, e de maneira mais abrangente, do oriente, chegam até mim e de como foram construídos meus próprios imaginários e experiências

práticas em torno disso. Em segundo lugar, porque as práticas com as quais estou lidando em campo são atravessadas pela minha participação não apenas como pesquisador, mas também na qualidade de professor de Tai Chi Chuan da localidade em estudo durante 3 anos. Por isso, refletir também acerca dos meus pontos de partida para problematizar as questões aqui propostas no decorrer desta pesquisa constituem-se de um aspecto analítico fundamental para este trabalho.

CAPÍTULO 1 – UM ORIENTE DISTANTE E UM ORIENTE PRÓXIMO: IMAGINÁRIOS, E INTINERÁRIOS DE APROPRIAÇÃO NO OCIDENTE

Tentei estudar como nós, os orientais, nos tornamos “orientais”, isto é, imagem e fantasia do Ocidente

Edward Said

A utilização dos termos “oriental distante” e “oriental próximo” aos quais me refiro no título deste capítulo não dizem respeito exclusivamente à localização geográfica dessas culturas e sociedades. Os termos aqui utilizados dizem respeito muito mais às posições que ocupam a partir da empreitada das sociedades ocidentais na construção de imaginários e apropriações em relação a esses povos e suas culturas. A problemática com a qual nos deparamos aqui diz respeito ao modo como os ocidentais desenvolveram vias de interpretação e apropriações das sociedades do oriente, de suas práticas e produtos culturais. Esse é um percurso cujos indícios temos que dar conta para compreender e operacionalizar as análises posteriores acerca das mediações contemporâneas de apropriação de práticas e produtos culturais das sociedades do oriente no ocidente, e posteriormente das experiências de apropriação do Tai Chi Chuan no contexto brasileiro, a partir do Programa Espaço Oriental

No primeiro sub-item deste capítulo, a perspectiva de um oriente distante é trabalhada a partir das experiências que nos levam a compreender as bases que alicerçaram o olhar ocidental sobre o oriente, que o concebem realmente a partir de uma diferença geográfica e cultural. A percepção de tal diferença fundamenta os empreendimentos expansionistas europeus desde as grandes navegações no século XVI, e teve continuidade nos projetos imperialistas que marcaram o século XIX. Sob essa ótica, os orientais são concebidos como estranhos, exóticos, pouco desenvolvidos e, como tal, à mercê dos desígnios de dominação ocidental. Pretendo, pois, apresentar aqui as particularidades que constituem e fundamentam o olhar e as vias de apropriação do ocidente sobre o oriente nesse contexto. No segundo sub-item, a análise que proponho é acerca das condições de vida na sociedade ocidental contemporânea que culminam em um processo de empobrecimento/destruição da experiência tal qual nos alertam Benjamin (1986) e Agamben (2008). Essas perspectivas favorecem o surgimento de novas vias de apropriação e, por conseguinte, de novos imaginários e usos sobre as

práticas e produtos culturais oriundos das sociedades do oriente. A partir do terceiro sub-item passamos a analisar os movimentos recentes, desencadeados sobretudo a partir do início do século XX, através dos quais os ocidentais tentam vivenciar alguns aspectos ou práticas dessas sociedades em meio às suas próprias experiências culturais na contemporaneidade, justificando assim a utilização do termo “ oriente próximo”. Um oriente que emerge em meio à modernidade ocidental e a seu próprio processo de fragmentação, processos de empobrecimento da experiência humana e tensões com relação ao paradigma cultural que alicerçou a cultura ocidental por séculos.

1.1. Oriente, ocidente e orientalismos

Proponho aqui inicialmente, identificar como se estruturaram historicamente alguns tipos de imaginários e de relações das sociedades ocidentais para com as do oriente, o que como apontado anteriormente, constitui-se de um caminho fundamental a se trilhar para entendermos as manifestações e repercussões desses processos de apropriação na contemporaneidade. Neste percurso, serão trazidas à tona algumas perspectivas interpretativas de intelectuais e escritores do ocidente que se propuseram a analisar algum aspecto deste “oriente” como objeto de estudo, e cujas abordagens se configuraram como fontes referenciais de interpretação para essa perspectiva ocidental, entre eles Tomé Pires, Max Weber (1982), Luis Dummont (2000) e Colin Campbell (1997). Uma noção fundamental que surge para o entendimento desse empreendimento é a de *orientalismo*, tal como nos propões Said (2010). Além dessa perspectiva, recorreremos à noção de *orientalização*, desenvolvida por Campbell, para refletirmos sobre importantes transformações no cerne da cultura ocidental impulsionadas pelo contato com tradições do pensamento e da religiosidade orientais. Esta é uma problemática que é retomada e posta em questão também por Bizerril (2007) em meio aos processos de globalização e inter-culturalidade recente, e em particular nas experiências desenvolvidas a partir do contexto brasileiro.

Inicialmente trago à tona as proposições de Edward Said (2010)²³ acerca do fenômeno que ele denomina de *orientalismo*. Embora as análises produzidas por Said tenham como foco principal o que para os ocidentais representa o Oriente Médio e o Próximo, é possível afirmar que a relevância de sua contribuição acerca da influência do

²³ Nesse sentido o próprio contexto de nascença do autor, em Jerusalém, Israel, localizado no que o ocidente chama de Oriente Médio, apresenta-se como ponto de partida para pensar seu lugar dentro dos estudos culturais das relações entre oriente e ocidente.

colonialismo na construção desse olhar do ocidente sobre o oriente é bem mais ampla. As abordagens e os modelos analíticos dos quais ele se vale para refletir sobre as relações de apropriação do oriente pelo ocidente, nos servem no presente trabalho como aporte para compreender algumas vias e modalidades através das quais se estruturam esses processos. Said (2010) destaca, a partir de seu estudo, três modelos básicos de orientalismo com os quais nos deparamos a seguir. A primeira designação, que constitui o modelo mais prontamente aceito de orientalismo, é a da esfera acadêmica. O orientalismo surge como um ramo de estudos, vinculado seja à História, a Antropologia, à Sociologia ou a ciências afins. O orientalista se apresenta na figura do pesquisador que empreende esses estudos, e o fruto do seu trabalho é, por assim dizer, *orientalismo*. Todavia, este é um termo cuja usualidade, mesmo na comunidade acadêmica, vem decrescendo em termos de prestígio, pois tem sido atrelado ao empreendimento do imperialismo europeu do século XIX e início do século XX.

No campo das Ciências Sociais, um dos primeiros autores a realizar um estudo sistemático acerca de aspectos das organizações sociais dos povos do oriente foi Max Weber. Em *A psicologia social das religiões mundiais* (1982), por exemplo, ele se utiliza de modelos ideais típicos para descrever e analisar os tipos básicos de espiritualidade (ou religiosidade) encontrados ao redor do mundo. Neste trabalho ele busca estabelecer inter-relações entre o modelo de ética religiosa e organização social, através de uma ética econômica na sociedade onde essas práticas se desenvolvem. Nesse sentido, Weber afirma que a (...) expressão ‘ética econômica’ refere-se aos impulsos práticos de ação que se encontram nos contextos psicológicos e pragmáticos das religiões (WEBER, 1982: 309). Contudo, levanta a ressalva que nenhuma ética econômica foi, jamais, determinada exclusivamente pela religião, mas que esta se apresenta como um dos fatores que a compõe (juntamente com os históricos, geográficos, entre outros). O esforço empreendido por ele é o de demonstrar como os valores desses modelos religiosos orientam a ética econômica onde eles incidem.

Não é de interesse aqui apresentar, como faz Weber seu texto, uma descrição minuciosa dos tipos psicológicos que caracterizam os modelos de espiritualidade e religiosidade ao redor do mundo. Para este trabalho é relevante destacar que ele constrói três tipos ideais de *teodicéia*²⁴ que predominam nas religiões mundiais: a doutrina indiana do *Carma* (Karma); o *dualismo* zoroastriano; e o decreto de *predestinação* do

²⁴ Para Weber o problema da teodicéia diz respeito aos caminhos que conduzem o homem a Deus, e da solução para o problema da existência do mal no mundo.

deus absconditus. No entanto quanto à perspectiva da relação com divino, do encontro com o ele, e da solução dos problemas da existência do mal, ele erigi dois modelos básicos de *teodicéia*: um modelo predominantemente *transcendente*, e outro *imanente*.

Teríamos então que religiões como o judaísmo e as diversas manifestações do cristianismo (catolicismo ou protestantismo) apresentariam uma estrutura baseada em uma lógica da *teodicéia transcendente*, onde Deus é representado como um ente superior e separado do mundo dos homens. A solução para o problema do mal está no encontro com o divino que se realiza fora deste mundo, tal qual previa o modelo de ascetismo cristão tradicional de matriz católica.

Sobre essa perspectiva da transcendência espiritual, Luis Dumont nos fala também:

Dir-se-ia que o fim último estava numa relação ambivalente com a vida no mundo, pois o mundo que o cristão peregrina nessa vida é, ao mesmo tempo, um obstáculo e a condição para a salvação. (...) a vida no mundo não é recusada ou negada de um modo direto, ela é apenas relativizada em relação à união com Deus e à beatitude no além a que o homem está destinado. A orientação ideal para o fim transcendente, como um imã, produz um campo hierárquico no qual devemos esperar encontrar situada cada coisa mundana. (DUMONT, 2000: 49)

Ao se debruçar com maior afinco no modelo de cristianismo calvinista, Weber identifica a presença nessa perspectiva de um ascetismo *intra-mundano*, onde há uma preocupação dos homens com as coisas do mundo, mas estas, no entanto, se apresentam como um caminho para a elevação a transcendência. Nesse sentido Weber ressalta que esses assuntos mundanos não são importantes em si, e somente com relação ao fim, e aqui o Calvinismo não é exceção: o mundo apresenta-se como um caminho que leva a transcendência, e não um fim em si mesmo. Para esse modelo de ascetismo o mundo não deve ser pura e simplesmente condenado ou negligenciado, tendo em vista que se apresenta como mediador da salvação, mas também não se deve com isso usurpar a dignidade que pertence somente a Deus. As experiências do homem no mundo, seus sofrimentos e infortúnios, nada mais são do que um obstáculo a ser transposto para o encontro da felicidade e da salvação em um mundo transformado em paraíso terreno, mais próximo a Deus.

Outra maneira de vivenciar o caminho do divino e a relação com os problemas do mundo encontra-se no modelo *imanente* de teodicéia, peculiar, como o afirma, aos tipos de espiritualidade dos povos do oriente, e cujo modelo podemos situar nas práticas

do *Budismo* e no *Taoísmo*, lógicas particularmente caras a essa análise (como poderemos perceber no próximo capítulo). Nessas perspectivas a noção de divino está integrada a todas as coisas do mundo, não há a figura de um Deus soberano apartado do mundo. O caminho de elevação está no desenvolvimento de uma percepção de integração, e não de cisão, com as coisas do mundo.

O que se ressalta dessa perspectiva analítica proposta por Weber é que a configuração dos dois modelos de teodicéia remete exatamente a uma distinção entre os tipos de espiritualidade ou religiosidade que se desenvolveram e ganharam projeção no ocidente (*transcendente*) e no oriente (*imanente*). Como desdobramento disso, tivemos o desenvolvimento de processos de racionalização e organização da vida que conduziram a *ethos* sociais distintos no oriente e no ocidente.

Contemporaneamente, Dumont (2000) desenvolve mais um par de dicotomias analíticas para pensar as relações do indivíduo com o mundo no ocidente e no oriente²⁵. Ele propõe um modelo analítico baseado na perspectiva da centralidade do valor que se atribui ao homem enquanto indivíduo. Afirma que o que caracteriza as sociedades ocidentais modernas é um modelo de *individualismo*, no qual a sociedade e até a própria natureza estão subordinadas ao homem, e o indivíduo apresenta-se como unidade última da vida social. Nesse contexto cultural, o indivíduo não se reconhece como elemento integrante do todo e da natureza, e sim como seu senhor. Mais uma vez uma perspectiva de cisão, só que desta vez ela não se apresenta entre o homem e o divino (ou mundo dos homens e mundo de Deus), e sim com relação ao homem e a sociedade, ou entre ele e o restante das coisas do mundo.

Dumont localiza a existência de valores contrastantes a esses presentes nas sociedades *não modernas* ou *tradicionais*, e incluindo aí as sociedades do oriente. Nesse âmbito, afirma ele, as práticas sociais são norteadas por uma perspectiva *holística*, ou seja, de totalidade, na qual é possível perceber uma estreita relação entre o homem e a totalidade da estrutura social da qual faz parte. Contudo, entendo que é importante atentarmos que a noção de *holismo* não pode ser compreendida simplesmente a uma oposição à perspectiva ocidental e individualista. Portanto não devemos simplesmente nortear a análise tentando perceber qual das instâncias tem maior peso sobre a outra. Para compreender a perspectiva na qual se fundam essas cosmovisões, devemos perceber que o que acontece na verdade não é uma idéia de oposição para medirmos

²⁵ Mas com o objetivo principalmente de analisar as perspectivas de emergência do individualismo moderno ocidental.

qual das suas partes tem maior relevância (indivíduo ou sociedade / homem ou natureza). Devemos vislumbrar que ambos exercem funções de complementaridade e continuidade, e não de separação ou cisão, como veremos no capítulo seguinte, ao falarmos sobre as tradições do pensamento oriental.

Ressalto aqui, que perspectivas analíticas como as de Weber e Dummont nos apresentam como casos emblemáticos nos quais é possível perceber como esse “projeto orientalista” impregnou a maneira através da qual o oriente é tratado como objeto analítico por parte dos pesquisadores ocidentais. Revela-nos como, nesse empreendimento, ele é aludido (em oposição) visando à compreensão ou problematização de alguma particularidade da própria sociedade ocidental. Vale ressaltar aqui que os apontamentos de Weber, particularmente, apresentam ainda hoje uma grande influência nos estudos sobre o oriente, principalmente no campo da religião. Os modelos ideais típicos desenvolvidos por ele para o estudo das religiões orientais apresentam-se como recorrentes recursos analíticos para inúmeros pesquisadores contemporâneos (como nos estudos de Colin Campbell com os quais iremos nos deparar ainda neste capítulo).

Relacionado a essa perspectiva acadêmica, surge um segundo modelo de *orientalismo* que, como nos mostra Said (2010), se apresenta através de um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica que é posta entre oriente e ocidente. Segundo essa perspectiva, as sociedades orientais são concebidas sempre em “oposição à” ou a partir de uma “diferença fundamental” com relação às sociedades do ocidente. Esse tem sido o ponto de partida para a elaboração de inúmeros romances, teorias, descrições sociais, relatos políticos, entre outros, acerca do Oriente, de seus povos, costumes, mentalidades, e assim por diante. Através deste modelo, tecem-se imaginários sobre esse “oriente” que o colocam sempre em perspectiva de distinção em relação ao ocidente. É esse imaginário, por exemplo, que norteou a escrita de alguns dos primeiros relatos sobre o oriente produzidos por escritores ocidentais através da chamada *literatura quinhentista*, que se constituiu em meio às narrativas e descrições das expedições marítimas portuguesas no século XVI. Os registros dessa época se estruturam a partir de um extenso conjunto de obras e de modalidades textuais, dentre os quais podemos destacar diários, roteiros, guias náuticos, relatos de experiências de viagens, tratados de geografia, etc. Lourenço (2010) nos fala que, longe de representar um conjunto homogêneo, esses relatos encerram os mais diversos aspectos diretamente relacionados com o período das grandes navegações européias,

bem como a apreensão dos novos espaços, populações e culturas com os quais os europeus tiveram contato nesse contexto. Deste período, destacam-se duas obras: *A Suma (Súmula) Oriental*, de Tomé Pires, e *O Livro das Coisas da Índia*, de Duarte Barbosa. O que se percebe a partir destes dois textos é que a maneira como descrevem o oriente é sempre marcada por categorias e noções de sua própria cultura, e não a partir das categorias nativas, o que faz com que alguns relatos sejam permeados por pré-conceitos, além de certo espanto e estranhamento ao se deparar com alguns hábitos das populações locais, vislumbradas sempre através de uma ótica do exótico. Vejamos a seguir um trecho com a transcrição de *A Suma (Súmula) Oriental* escrita em português do século XVI, e resgatada em trabalho publicado em Portugal por Rui Manuel Loureiro (1996):

Artigo lxxxxbiii, que fala do reino da China.

Segundo [o] que as gemtes de cá desta par[te] do levante contam das cousas da China, Sam asaz grandes asi na terra como em gemtes e rriquezas e estados e cousas outras, que mais se creram com verdade averem se na Europa, que não nesta terra da China. Hela hé terra grande e tem fremosos cavalos e mulas em grande numero. Ho rei da China He gemtio, he senhor de grande terra e gemte, He branca de nosa allvura. Os mais deles vestem panos pretos d'algodão e trazem os saios de cimquo quartos de nezgas, asi como nós, somente Sam muito largos, e trazem no Imverno feltros nas pernas, à manei[ra] de peúgas, e em cima botas bem obradas, que não chegam do giolho para sima, e trazem suas roupas foradas de peles de cordeiros e doutras pelatarias. Allguns trazem pe/liquas e coifas de rede e redomdas, e panos de cores como em Portugall. Tem geito de se prezarem da barba. Callçam callças com sapatos framçeses de pomta muito bem feitos. Há na China muitos porcos, vacas, toda meneira de aves. Bebem gimtillmente de suas beberageens, gabam muito o nosso vinho e bebem grandemente. He gente fraca em sua terra. Estes que vem de Malaca sem de pouca verdade e furtão, estes sam gente da baixa. Comem com dous paos, tomam a porcelana com a mão esquerda, e com a mão direita e com a boca e com os paos se servem. (...) ²⁶

Partindo dessa perspectiva, o terceiro modelo de orientalismo diz respeito justamente à empreitada colonizadora do ocidente com relação a esses povos, um estilo ocidental para dominar através das negociações que são feitas, declarações a seu

²⁶ O referido trecho está presente em *O manuscrito de Lisboa da 'Suma Oriental' de Tomé Pires – contribuição para uma edição crítica* (LOUREIRO, 1996: 145-146). Vale destacar aqui que Tomé Pires foi o primeiro ocidental na época moderna apresentar um tratado com a descrição da geografia, das populações e dos costumes do oriente na época moderna. Seus escritos correspondem a um período entre 1512 e 1515. Contudo, desde meados do século XVI não se conhecia vestígios desse texto. Somente na primeira metade do século XX, o historiador português Armando Cortesão localiza uma cópia perdida da *Suma Oriental* na Biblioteca de Paris e publica uma edição em inglês, em Londres no ano de 1944. Somente três décadas depois é que se publicaria uma versão em português, quando o mesmo historiador, no ano de 1978, consegue editá-la pela Universidade de Coimbra.

respeito, legitimando opiniões sobre ele, descrevendo-o, governado seu curso, enfim, colonizando-o. Empreendimento que teve início nos primórdios da era moderna com as grandes navegações no século XVI, e que encontra ecos recentes com a consolidação do imperialismo britânico e francês em países como a Índia e a Argélia, na passagem do século XIX para o XX, e na atuação norte-americana no período pós-Segunda Guerra Mundial e sua intervenção no Japão.

Apresentando esses três modelos Said nos diz que:

(...) o Orientalismo não é um simples tema ou campo político refletido passivamente pela cultura, pela erudição ou pelas instituições; nem é uma grande e difusa coletânea de textos sobre o Oriente; nem é representativo ou expressivo de alguma execrável trama imperialista “ocidental” para oprimir o mundo “oriental”. É antes a *distribuição* de uma consciência geopolítica em textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filológicos; é uma elaboração não só de distinção geográfica básica (o mundo é feito de duas metades, o Ocidente e o Oriente), mas também de toda uma série de “interesses” que, por meios como a descoberta erudita, a reconstrução filológica, a análise psicológica, a descrição paisagística e sociológica, o Orientalismo não só cria, mas igualmente mantém; é, mais do que expressa, uma certa *vontade* ou *intenção* de compreender, em alguns casos controlar, manipular e até incorporar, o que é um mundo manifestamente diferente (...) (SAID, 2010: 40)

Bhabha (2005) nos mostra que esse tipo de discurso sobre o oriente apresenta-se como mais um artifício do discurso colonial do ocidente no empreendimento de estabelecer seu jugo com relação a outros povos e culturas. Ele ressalta que uma característica fundamental desse tipo de discurso é a *fixidez* no que diz respeito à construção ideológica da alteridade. Essa *fixidez* apresenta-se (...) *como um signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca* (BHABHA, 2005: 105). Como principal estratégia discursiva, apresenta a visão da alteridade a partir de um *estereótipo*, uma forma de conhecimento que vacila entre algo já conhecido, mas que deve ser repetido indefinidamente. Ou seja, o discurso sobre a alteridade, na eminência de representar o estranho, deve ser trazido para o interior de categorias que produzam um “estranhamento próximo”, que possa ser mensurável e articulado dentro de padrões conhecidos e conhecíveis pelo colonizador. Como exemplos dessas manifestações ele cita a visualização de uma duplicidade essencial do asiático, o da bestial liberdade sexual do africano. Tal medida gera uma ambivalência no discurso, que para o autor:

(...) garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes; embasa suas estratégias de individuação e marginalização; produz aquele efeito de verdade probabilística e predictibilidade que, para o estereótipo, deve sempre estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente (BHABHA, 2005: 106)

Deste modo, como ressalta Said (2010), é possível visualizar coisas novas, vistas pela primeira vez, como versões de algo previamente conhecido. E esta se apresenta como uma forma de controlar aquilo que parece representar uma ameaça a visão estabelecida das coisas. Por fim, a ameaça é emudecida, na medida em que sua voz é deslegitimada e os valores de familiaridade se impõem. Daí, podemos perceber que discurso colonial, enquanto aparato de poder, apóia-se no reconhecimento e repúdio de diferenças raciais/culturais/históricas. A legitimação dessas estratégias aparece através da produção dos conhecimentos do colonizador e do colonizado de maneira antitética. Apresenta a alteridade como uma população de tipos degenerados com base na origem racial, intentando assim uma justificativa para a conquista e o estabelecimento de sistemas de administração e instrução das outras culturas aos moldes do colonizador (BHABHA, 2005: 111)

Essas investidas podem ser percebidas contemporaneamente através dos filmes hollywoodianos de artes marciais, tema com o qual nos iremos nos deparar com maior afinco a partir do próximo capítulo. No momento em que a indústria cinematográfica norte-americana começa a realizar suas próprias produções do gênero, observa-se um evidente processo de estereotipia no papel desempenhado pelos orientais nessas películas. Chinesas, japoneses, tailandeses, entre outros, passam a representar os vilões nos filmes, cujos planos maléficos intentam ameaçar toda a sociedade, quando não conquistá-la para estabelecer sobre ela seus jugos – ou através de outra perspectiva, esses tipos são apresentados como ingênuos, atrapalhados ou mesmo portadores de uma sabedoria exótica que os afasta da possibilidade de exercício de uma sociabilidade convencional no contexto ocidental. Esses personagens costumam ser retratados também como ditadores, trapaceiros e degenerados, e cabe ao herói (ocidental/norte-americano) combater suas vilanias. Além da presença marcante nos filmes de artes marciais, essas representações estereotipadas dos personagens orientais já estavam presentes em outros gêneros cinematográficos. Nos filmes do agente secreto *James Bond*, da série *007*, por exemplo, um evidente emblema dessas manifestações é o vilão

Dr. No. O personagem é apresentado como um mestiço filho de um pai alemão e uma mãe chinesa²⁷

José Bizerril (2007)²⁸ retoma o argumento proposto anteriormente por Said com relação ao orientalismo, e complementa falando da existência de uma interdependência fundamental entre os conceitos de oriente e ocidente, e que estes se definem reciprocamente. No curso da história, tal oposição serviu para alimentar uma reflexão das sociedades ocidentais sobre si mesmas e um imaginário de superioridade sobre vasto conjunto de outras sociedades e culturas com quem estabelecem contato. Bizerril chama a atenção para o fato de que em qualquer mapa-múndi ocidental comum, é possível observar que a Europa está cartografada como centro do mundo, com as Américas a oeste, e Ásia a leste. Ele alerta para o fato de que esse modo de se pensar como centro do mundo não é uma investida empreendida somente pela sociedade europeia, mas que é fenômeno comum a todo grande grupo humano como nos mostram os estudos acumulados seja no campo da Antropologia ou da religião comparada. Se pensarmos o caso da China, por exemplo, iremos perceber que os próprios chineses se auto-representavam enquanto “Império do Centro”²⁹. O modelo europeu prevaleceu para nós em decorrência de nossa herança colonial³⁰.

E é justamente esse passado colonial que coloca países como o Brasil, por exemplo, numa zona de conflito no que diz respeito às definições correntes de oriente e ocidente. Vejamos que o Brasil, em sua condição de ex-colônia e de país periférico³¹,

²⁷ Até origem do personagem retrata o exemplo de um projeto de dominação ocidental sobre o oriente, tendo em vista que seu pai era um missionário alemão em atividade na China, e sua mãe uma nativa daquele país. É a figura do homem branco ocidental, cristão, “esclarecido” e desenvolvido, que coloniza também através da dominação sexual a mulher, oriental, não-cristã, habitante de um país subdesenvolvido, a quem se quer “pregar” o modo de vida ocidental. Sua origem mestiça apresenta-se, pois como justificativa de rejeição durante sua infância, e um dos impulsionadores de seu caráter deturpado. Outro fato marcante a respeito deste personagem é que, apesar de os produtores do filme intentarem apresentá-lo predominantemente com traços orientais (para reforçar inclusive suas características de vilania), ele foi representado por um ator canadense (Joseph Wiseman), tendo em vista que a indústria cinematográfica ocidental ainda contava com pouquíssimos atores de ascendência ou origem oriental.

²⁸ Em um estudo etnográfico sobre uma manifestação de apropriações de tradições do oriente no ocidente contemporâneo, a partir da presença de uma linhagem taoísta no Brasil. A linhagem em questão é a do Mestre Liu Pai Lin, que se instalou na cidade de São Paulo, e cujo estudo foi realizado para sua tese de doutorado em Antropologia, na Universidade de Brasília – UNB. Posteriormente este trabalho deu origem ao livro *O retorno a raiz – uma linhagem taoísta no Brasil* (BIZERRIL, 2007)

²⁹ Que seria o significado literal para o ideograma *China*.

³⁰ Vejamos que esses conjuntos de oposições, para além dos modelos supracitados, apresentam-se como uma distinção que representa, por um lado, entre os povos desenvolvidos e civilizados, como no caso dos europeus, e por outro, os selvagens, bárbaros, ou reino de um mundo encantado e místico, onde se incluía de maneira generalizada, o oriente. Ou também entre os povos cristãos e os pagãos.

³¹ Devemos ressaltar que a utilização do termo periferia não se refere simplesmente a fatores econômicos. Apesar de, atualmente ser um país emergente, o Brasil faz parte do conjunto de países de culturas

tem sua posição enquanto ocidental sujeita a questionamentos. Devemos perceber que o Brasil é fruto de um processo de *ocidentalização* enquanto (...) projeto 'civilizatório', de expansão política, econômica, militar técnica e cultural ocidental; visa a uniformização do mundo e se baseia no argumento ideológico da inevitabilidade da conversão à lógica utilitarista, consumista e tecnicista da sociedade ocidental, aos valores do mercado e às explicações da ciência (LATOUCHE apud BIZERRIL, 2007: 33). Por isso, é importante situarmos o lugar do ocidente ocupado por países como o Brasil e outros da América Latina, cujas idéias e a relação que estabelece com o oriente é perpassada pelas disposições supracitadas. É o que podemos perceber, por exemplo, ao nos depararmos com os processos iniciais de difusão das artes marciais no contexto brasileiro como abordado no decorrer deste trabalho. Além das experiências construídas no contado direto com os mestres orientais que aqui se instalaram, os imaginários construídos sobre essas práticas pelos brasileiros eram também atravessado pelas representações do oriente e das artes marciais que acessavam através dos filmes de Hollywood. Essas projeções da visão ocidental sobre o oriente, produzidas principalmente pelo cinema norte-americano, auxiliaram na construção dos imaginários no contexto brasileiro.

Para pensar as relações e influências dos/nos processos de apropriação da cultura oriental no ocidente, surge outra noção cara às análises de Bizerril (2007) e à deste trabalho, que é a de *orientalização*. Contudo, esse é um termo que não pode ser aplicado em igual medida a que empregamos com relação aos processos de ocidentalização supracitados. Antes de nos depararmos com as análises de Bizerril sobre esta problemática, é importante destacarmos que a origem dessa noção de *orientalização*, tal qual a problematizada pelo autor, encontra-se nas discussões propostas por Colin Campbell (1997) em um texto intitulado *A orientalização do ocidente: reflexões sobre uma teodicéia para um novo milênio*. Ele propõe que a utilização do termo não seja apenas para aludir à introdução e a difusão no ocidente de produtos reconhecidamente orientais como temperos, tecidos, práticas como a *yoga* ou a *acupuntura*, ou mesmo o transplante de um sistema religioso completo, como o *Taoísmo* ou o *Budismo*, por exemplo. O fato a ser destacado pelo autor é que:

periféricas, uma vez que em suas relações externas com outras sociedades, não exporta um modelo cultural hegemônico, tal como tiveram êxito em fazer alguns países da Europa e os Estados Unidos, colocando-se ao contrário, como zona de forte influência desses modelos culturais.

(...) tanto artefatos materiais quanto idéias podem simplesmente ser absorvidos ou assimilados sem mudar os valores e atitudes predominantes. De fato o padrão mais comum consiste na transformação dos elementos importados, e não das sociedades que os importam, como consequência de seu transplante para um ambiente distinto daquele onde foram produzidos (CAMPBELL, 1997: 6).

O termo *orientalização* é utilizado por ele para apresentar uma postura mais radical que esta. Serve para aludir a um processo mudança cultural a partir do deslocamento da teodicéia que tem sustentado a prática religiosa e o pensamento no ocidente por cerca de dois mil anos, baseado no cristianismo e concebida eminentemente *transcendente*, para um modelo que tradicionalmente caracterizou, diversas sociedades do extremo oriente, o *imanente*. Ele alude assim, às categorias já utilizadas por Weber para analisar a maneira como essas culturas lidaram com o do problema do mal no mundo e com os caminhos que conduzem ao divino (CAMPBELL, 1997: 6). O que se destaca das proposições de Campbell é que esse processo de mudança na compreensão da teodicéia implica em mudanças no próprio paradigma cultural que alicerça as sociedades do ocidente. Ele destaca porem que, uma série de transformações no interior da própria sociedade ocidental, prepararia o caminho para a adoção de modelos ético-morais mais próximos aos propostos pela lógica *imanente* do oriente tradicional. Como exemplo, podemos citar o *Romantismo*, não apenas como expressão estético-artística, mas como movimento que rejeitou, ao mesmo tempo, as doutrinas, literal e histórica do cristianismo, enquanto reteve uma crença tanto na bondade da humanidade, como na espiritualidade que ligava a natureza do homem ao mundo natural. (CAMPBELL, 1997: 7).

Contudo esses elementos não seriam suficientes para justificar, ou para demonstrar de maneira concreta, como propõe o autor, uma mudança significativa na perspectiva de compreensão da teodicéia ocidental. Ele ressalta que essa evidência pode ser percebida na mudança nas crenças da população como um todo muito mais que na adesão de uma pequena parcela dela às práticas religiosas oriundas do oriente³². São duas as áreas de crenças religiosas, destaca Campbell, onde essa evidência da *orientalização* pode ser encontrada. Uma delas, como nos mostra o autor é (...) *em relação à crença em 'Deus' ou no divino; a outra diz respeito à vida após a morte, ou mais corretamente, à relação desta vida com as outras formas de existência* (CAMPBELL, 1997: 10). Como perspectiva de verificação empírica dessas disposições,

³² Como na adesão ao budismo, por exemplo, difundido no ocidente na primeira metade do século XX, ou na conversão a algum outro tipo de espiritualidade/religiosidade do oriente.

utiliza-se de dados de uma pesquisa realizada na Grã-Bretanha sobre esse assunto, no período pós-Segunda Guerra Mundial. A primeira informação relevante apreendida pela pesquisa relata uma diminuição da parcela da população que diz acreditar em Deus³³. Houve um aumento também na população que diz não acreditar em Deus de nenhum tipo.³⁴ Contudo, como relata o autor, essa evidência de secularização diz respeito somente a um “Deus pessoal” na acepção cristã. Quando o questionamento proposto abre precedente a outros dois subseqüentes, separando a crença em um “Deus pessoal” da crença em “algum tipo de espírito ou força vital”, percebe-se que a queda na crença dizia respeito ao primeiro modelo elencado. Ele constata que a quantidade de pessoas que acreditam em algum espírito ou força vital não decaiu, e, pelo contrário, tem apresentado um aumento significativo³⁵. Com relação à segunda evidência explicitada (que diz respeito à crença na vida após a morte) ele identifica um declínio na parcela da população que afirma acreditar em céu e inferno (um dos principais dispositivos de polarização entre o bem e o mau na matriz cristã), mas por outro lado, constata um aumento na parcela da população que afirma acreditar em reencarnação (que não é considerada por nenhuma igreja cristã histórica)³⁶.

Campbell constata ainda que esses dois elementos por si só não são suficientes para indicar uma mudança drástica na base das crenças da população da Grã-Bretanha (ou de outros países da Europa Ocidental). Entretanto, quando considerados em conjunto, e aliados ao fato de que a crença em todos os itens que compreendem a fé cristã tradicional (crença de Jesus como filho de Deus, de sua concepção por uma virgem, nas noções de céu e inferno, no pecado original etc.) é agora minoritária, sugerem que mudanças significativas estão ocorrendo, e que poderão acarretar na derrotada da teodicéia cristão transcendente. (CAMPBELL, 1997: 10-11).

O que para Campbell parece constituir uma das principais evidências internas da abertura para esse processo de substituição do paradigma que predominou no ocidente por cerca de dois mil anos, e que significaria, portanto, numa abertura para o paradigma que marcou o modelo das sociedades do extremo oriente, é justamente o que torna problemático a utilização da expressão *orientalização* para designar este processo.

³³ De uma marca entre 85 e 90%, para o nível entre 60 e 65% quando da realização da pesquisa na década de 90.

³⁴ De algo em torno de 3 a 4%, para uma marca entre 14 a 20%.

³⁵ Em 1978 apenas um terço da população Britânica afirmava acreditar em um Deus pessoal, enquanto que 40% afirmavam acreditar em algum tipo de espírito ou força vital

³⁶ Mas que está presente em outras expressões da religiosidade cristã como no caso da Doutrina Espírita, surgida na França, no século XIX.

Podemos constatar como o próprio autor considera nos exemplos citados anteriormente, que no ocidente, diversas foram as manifestações que surgiram como rejeição ou contraposição aos ideais consolidados pela matriz cristã, seja ela católica ou protestante. No interior da própria religiosidade cristã, por exemplo, podemos remeter ao surgimento da *Doutrina Espírita*, difundida por Alan Kardec na França do século XIX, e que ganha projeção para outras partes do globo a partir do século XX³⁷. Como religião, ela a apresentava a crença na imortalidade do espírito e na reencarnação como elementos centrais de seu credo. Além desta religião, de origem européia, podemos destacar as manifestações das religiosidades indígenas presentes em vários países das Américas, as religiões de matriz Africana que se instalaram no Brasil quando as populações dessas culturas foram para cá trazidas para realização de trabalho escravo³⁸, além de uma série de outras expressões da religiosidade e espiritualidade que o ocidente solapou em seu empreendimento de homogeneização cultural dos povos com os quais estabelecia relações de dominação. Manifestações religiosas que propunham uma relação de integração e continuidade humano-natureza, tal qual o modelo imanente que, tanto Weber, como Campbell atribuem aos modelos de religiosidade oriental. Como então simplesmente referir-se a este processo como um movimento de *orientalização*?

Nesse sentido, as análises dos processos de *orientalização* devem tomar um rumo distinto como nos apresenta Bizerril (2007). Devemos perceber que ocorre concretamente um fluxo de bens, práticas e produtos culturais, saberes, tradições e de pessoas, mas esse não se constitui de um empreendimento organizado por assim dizer. E o que se absorve, por um lado é algo de substantivo, mas por outro é fruto do imaginário exótico que se construiu ao longo dos séculos sobre essas sociedades aqui no ocidente. O que teríamos seriam modelos homogeneizantes de se vislumbrar e construir vias de apropriação para o oriente, ou seja, o oriente dessa *orientalização* seria mais um fruto das categorias com as quais estamos acostumados a pensá-lo, como vimos com Bhabha (2005) anteriormente. É o que percebemos, por exemplo, ao mediarmos essa análise a partir das categorias de oposição desenvolvidas pela ciência e filosofia ocidentais, como no caso dos autores até aqui apresentados (*imanência* e *transcendência* – Weber e

³⁷ O Brasil atualmente é o país com maior concentração de adeptos dessa religião no mundo, contando com aproximadamente 3,8 milhões de pessoas, segundo dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística realizado em 2010. Dados disponíveis em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1. Consulta realizada em 20 de agosto de 2012.

³⁸ Nestes dois modelos, por exemplo, podemos perceber uma íntima relação do homem com a natureza, apresentando a compreensão dessa relação a partir de uma perspectiva de integração, e não de separação.

Campbell / *holísmo* e *individualismo* – Dummont). E nesse sentido, tal modelo de orientalização estaria muito mais próximo dos tipos de orientalismo propostos anteriormente por Said (2010), e fruto do discurso do hegemônico ocidental como nos mostra Bhabha (2005), que ainda imperam no reconhecimento da alteridade na relação entre “nós” ocidentais e “eles” orientais.

A própria investida de utilizar categorias como “imaneente”, “teodicéia”, como constata Bizerril (2007: 35) e Velho (1997: 26), para se referir aos diversos sistemas culturais do oriente de maneira generalizada, apresenta um indício deste problema. Será que essas categorias seriam suficientes para dar conta da compreensão de manifestações tão complexas e diversas como o *Brahmanismo*, o *Xintoísmo*, o *Budismo* ou o *Taoísmo*? Particularmente sobre o Taoísmo e o Budismo, e sua influência para a estruturação das técnicas corporais das artes marciais chinesas (Kung-Fu/Wushu), trataremos com mais afinco no próximo capítulo.

Uma das considerações de Campbell ressalta que o enfraquecimento da crença no modelo religioso cristão tradicional está atrelado ao avanço e aos ataques promovidos pela ciência como modelo explicativo sobre mundo. Tal processo teria desencadeado, por um lado, um processo de desencantamento do mundo ocidental diante das exigências racionalizantes e universalizantes do conhecimento científico, mas por outro, abriram precedente para a entrada de modelos de espiritualidade como os orientais, que até então estavam fora do foco da intervenção crítica da ciência.

Por outro lado Bizerril (2007: 36) questiona até que ponto essa compreensão do processo de desencantamento ocidental seria aplicável ao caso brasileiro, tendo em vista que nas experiências religiosas locais não observa uma ruptura significativa com o “mundo encantado”, em boa medida, em decorrência das influências das religiosidades de matriz indígena e africana, como mencionado anteriormente. É possível observar que essas manifestações atravessam inclusive os credos e práticas das religiões cristãs nesse contexto³⁹.

Outro aspecto que me proponho a questionar acerca da utilização da expressão *orientalização do ocidente*, é que ela por si só não dá conta de abarcar a complexidade de manifestações dos processos de apropriação de elementos, práticas e produtos

³⁹ Como por exemplo, na *Ubanda*, que mescla elementos da religiosidade de matriz africana, indígena, do catolicismo e da Doutrina Espírita. Esta última, a *Doutrina Espírita* que se pratica no Brasil, constitui-se de outro exemplo de religiosidade que mescla elementos de diversas manifestações, onde podemos observar que, nas sessões mediúnicas, são evocadas entidades espirituais indígenas e peculiares também às religiões de matriz africana.

culturais das sociedades do oriente no ocidente. Para nos atermos, por exemplo, ao âmbito religioso, sobre o qual Campbell parte para suas análises, devemos perceber que as apropriações de elementos das religiosidades do oriente não geram necessariamente um processo de substituição pelo modelo de teodicéia (para me referir à categoria trabalhada por ele) no qual estão estruturadas as religiões do ocidente, como no caso do cristianismo. Podemos tomar como exemplo os novos movimentos religiosos *New age* (Nova Era), que surgem no ocidente a partir meados do século XX, que se apropriam de diversos aspectos das religiosidades orientais, mas sem apresentar uma perspectiva homogênea de incorporação desses elementos. Em muitas dessas manifestações é possível observar uma fusão de princípios que tradicionalmente marcaram as religiões cristãs, e outras tradições religiosas como o Budismo, o Hinduísmo, religiões célticas, elementos da astrologia, ecologia, vegetarianismo, entre inúmeras outras práticas ⁴⁰. O autor Paul Heelas (1996), destaca que a *Nova Era* não se constitui de um movimento organizado, e pode ser percebido muito mais como uma tentativa, em meio a modernidade ocidental, de adequação e apropriação das diversas manifestações no âmbito da religiosidade às quais os ocidentais passam a ter acesso, sobretudo a partir do início do século XX. Apresenta a possibilidade de construção de uma religiosidade do *eu*, em detrimento do modelo cristão hegemônico que havia imperado no ocidente por quase dois mil anos. Ao rejeitar-se a autoridade de um Deus tal qual difundido pelo modelo cristão, onipotente, supra-divino, questiona-se também as bases culturais que alicerçaram essa hegemonia que tem imperado no ocidente por aproximadamente vinte séculos. Apresenta-se como uma reação ou uma resposta às próprias condições de vida oriundas da modernidade ocidental, que surgem, são impulsionadas, e ganham possibilidades de difusão exatamente a partir delas. O que se observa nesse processo de apropriação de elementos dos tipos de espiritualidade do oriente é que eles não se mostram totalmente incompatíveis aos preceitos do credo cristão, fazendo com que em meio às religiosidades Nova Era, surjam também manifestações que englobem ambas as perspectivas, como o “Cristianismo da Nova Era”, entre outros exemplos citados por Heelas (1997).

As discussões apresentadas até o momento revelam uma faceta peculiar do movimento de apropriação do oriente com o qual nos deparamos. Ele não se constitui

⁴⁰ Como exemplo de alguma dessas manifestações onde observamos essa fusão de elementos do cristianismo a novas manifestações religiosas Heelas (1996) cita o “Cristianismo na Nova Era”, o “Retiro de Natal budista”, “Reunião da Ordem dos Druidas”, entre outros.

simplesmente em uma importação de valores, práticas e produtos culturais de uma sociedade distante, nem muito menos apenas o empreendimento do olhar e das significações que são construídas pelo ocidental como fruto de um discurso de dominação. O movimento com o qual nos deparamos para análise constitui-se muito mais a partir de um entendimento que, entre as práticas e produtos culturais, os agentes que operacionalizam as apropriações, e os contextos onde elas ocorrem, existem inúmeras vias de mediação e contingentes que incidem sobre esses processos. Compreender essa diversidade de elementos que fomentam as negociações de sentido, apropriações e usos práticos atribuídos a esses elementos da cultura oriental é um empreendimento fundamental para analisarmos suas manifestações na contemporaneidade.

Ainda iremos nos deparar no decorrer deste capítulo com outras manifestações desses movimentos na contemporaneidade ao nos analisarmos as mediações de apropriação do oriente ocorridas no ocidente a partir do século XX. Essas mediações se apresentam, sobretudo a partir das construções de imaginários empreendidos através de uma tentativa de vivenciar alguns aspectos e práticas das culturas orientais em meio às próprias experiências de vida ocidental. Processos estes facilitados pelas novas possibilidades de fluxos e trânsitos promovidos pela globalização, desenvolvimento dos meios de comunicação em massa, novos movimentos migratórios, entre outros, e cujas repercussões atravessam esses novos campos de mediações elencados. Compreender as condições de vida que favorecem e influenciam esse novo movimento de “redescoberta” e apropriação de práticas e produtos culturais das sociedades do oriente constitui-se de etapa fundamental para o empreendimento analítico aqui proposto com o qual nos deparamos a seguir.

1.2. O século XX e as mediações contemporâneas de apropriação do oriente

1.2. 1. O lugar da experiência contemporânea

Podemos hoje em dia ir a um show ou a um espetáculo qualquer munido de uma máquina fotográfica, e visualizou boa parte do evento através do pequeno visor do aparelho à procura de oportunidades para boas fotos. O argumento que poderíamos apresentar para essa ocorrência é o de que desejamos registrar os bons momentos

daquele evento para posteridade. Com isso acabamos preferindo nos contentar com imagens estáticas na tela do computador (pois atualmente, dificilmente nos damos ao trabalho de revelar as fotos), do que nos envolvermos diretamente na experiência proporcionada pelo show. De ouvir atentamente a música que está sendo executada; de se deixar embalar, mover, dançar ao som que circula entre nós; da interação com outras as pessoas que estão experimentando situações parecidas, ou mesmo diferentes das nossas. E, ao relatar para um amigo os acontecimentos desse show, praticamente a única evidência que teremos a apresentar será o registro fotográfico. Ao tentar narrar como foi essa experiência o que teremos para contar? Certamente poderemos falar sobre a dificuldade que tivemos em alguns momentos para conseguir tirar boas fotos, sobre o show, muito pouco.

Podemos remeter ainda a outro exemplo para pensar essas mediações das experiências contemporâneas, ao assistirmos um programa desses de vendas pela televisão tão comum nos dias de hoje. Volta e meia eles nos apresentam aparelhos milagrosos, que afirmam proporcionar exercícios físicos com o mínimo de esforço, sem que nem precisemos nos mover para isso. Porque além do produto, o que eles nos oferecem é a promessa de um corpo esbelto e delineado, sem esforço e em um curto espaço de tempo. Afinal de contas, esse é o corpo difundido por revistas de moda e por programas de televisão, que se consolida como modelo hegemônico, e é almejado por muitos, mas ninguém tem ou quer dispor de muito tempo para desenvolver uma rotina de exercícios físicos regulares ou para manter uma alimentação saudável para esse intento. E quando dispõe desse tempo, essa prática de exercícios corporais acaba sendo atravessada por inúmeros mediadores, como o consumo de fármacos que ajudam da regulação do apetite; anabolizantes que incidem para o processo de hipertrofia muscular; suplementos alimentares que muitas vezes substituem uma boa alimentação e auxiliam no fornecimento de energia para os exercícios.

Os exemplos citados acima apresentam situações bem distintas entre si, mas que são atravessados por uma mesma particularidade, que é uma das principais características da modernidade ocidental, marcantes, sobretudo a partir do século XX, como já relatava Walter Benjamin (1986) desde 1933: a perda de valor, ou o empobrecimento da experiência humana. É com a análise deste tema que iniciamos este tópico, pois o problema da construção da experiência no ocidente, como veremos, constitui-se de um dos principais impulsionadores para o fenômeno contemporâneo de apropriação de práticas e produtos culturais das sociedades do oriente.

Benjamin (1986), em um ensaio intitulado *Experiência e pobreza*, constata uma perda do ser humano na capacidade de converter aquilo que foi vivido em experiência durável e transmissível.

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: "Ele é muito jovem, em breve poderá compreender". Ou: "Um dia ainda compreenderá". Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1986: 114)

A experiência neste caso, como nos mostra o autor, é a capacidade do ser humano de transmitir ensinamentos sobre a vida. Não se trata, contudo de um conhecimento erudito, escolado ou formalizado, são muito mais experiências práticas que se adquirem com o passar dos anos, que se aprendem através da prática, que se legitimam por representarem o conhecimento acumulado por gerações que nos precederam. E que, como constata Benjamin, parecem estar se perdendo em meio ao projeto de modernidade que se concretiza desde o início do século XX.

Uma das evidências que levam o autor a essa constatação é perceptível a partir das experiências vivenciadas no início do século XX, com o advento da I Guerra Mundial. Ele reconhece que os eventos extremos, como proporcionados pela Guerra, faziam com que os soldados voltassem emudecidos dos campos de batalha, sem conseguir converter em palavras aquilo que haviam vivido. Além da experiência direta da Guerra, suas repercussões para a vida da população em geral, a inflação, a crise econômica, a destruição de cidades, a tensão e o medo que se instalaram nas pessoas, só para citar algumas, proporcionaram, segundo o autor, um estado de barbárie. É o surgimento de uma nova forma de miséria marcada pelo monstruoso desenvolvimento da técnica sobrepujando-se ao homem (BENJAMIN 1986: 115). Uma das características mais marcantes desse período poderia ser percebida a partir de uma desilusão radical com o século, e ao mesmo tempo uma total fidelidade a esse século (BENJAMIN 1986: 116).

Um desencantamento com o presente simultâneo a uma rejeição aos signos do passado, que despoja o homem mesmo do humano, e o coloca a serviço da técnica. É esse tipo de situação que narram os exemplos elencados no início deste tópico. Do humano que cada vez mais se torna dependente de mediadores da experiência, da máquina fotográfica, ao aparelho de ginástica passiva, dos inúmeros apetrechos dos quais se vale para se resguardar, protegê-lo mesmo de sua humanidade. E não é apenas o ser humano que cria novas técnicas, mas essas técnicas também criam um novo homem, que constantemente é modificado, que fala, comunica novas línguas, que se confundem mesmo com a das máquinas. Homens que não se “conectam” com os outros, que andam meio “desligados”, que parecem estar ficando meio sem “energia”, como se estivessem “quebrados”. É que seus corpos agora parecem feitos de vidro, tanto por sua fragilidade, na eminência dos perigos de sua humanidade aos quais estão sujeitos, como por sua transparência, que parece não abrigar mais nada, não ter nada mais de extraordinário a revelar em seu interior.

E os vestígios desse homem vão se apagando, se perdendo, pois não se consegue mais deixar registros concretos dessa existência. O autor constata que o que temos agora são homens cansados, que parecem ter sido saciados de toda a necessidade de experiências. Por isso, nos fala:

(...) não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda a experiência, aspiram a um mundo que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso (BENJAMIN 1986: 118).

Giorgio Agamben (2008), em seu *Ensaio sobre a destruição da experiência*, retoma o tema trabalhado por Benjamin anteriormente, contudo reconhece que para a destruição da experiência humana não se precisa necessariamente de um evento catastrófico, como o da Guerra evocado pelo autor anterior. Ele afirma que mesmo a existência cotidiana em uma grande cidade pode ser suficiente para esse fim.

Pois o dia a dia do homem contemporâneo não contém quase nada que seja ainda traduzível em experiência: não a leitura do jornal, tão rico em notícias do que lhe diz respeito a uma distância insuperável; não os minutos que passa, preso ao volante, em um engarrafamento; não a viagem nas regiões íferas nos vagões do metrô nem a manifestação que de repente bloqueia a rua; não a névoa dos lacrimogêneos que se dissipa lenta entre os edifícios do centro e nem mesmo os súbitos estampidos de pistola detonados não se sabe onde; não a fila dos guichês de uma repartição ou a visita ao país de Cocanha do supermercado nem os momentos de muda promiscuidade com desconhecidos no elevador ou no ônibus. O homem moderno volta para casa

à noitinha extenuado por uma mixórdia de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atrozes-, entretanto nenhum deles se tornou experiência (AGAMBEN, 2008: 21-22)

Estes aspectos fazem com que a vida do indivíduo contemporâneo se converta em uma grande quantidade de eventos, contatos e estímulos sem que deles se consiga extrair experiências de vida duráveis. É justamente essa incapacidade de traduzir essa enorme gama de acontecimentos em experiência que torna hoje, como em nenhum outro momento do passado, insuportável a existência cotidiana. Nesse ponto, ele relata que não o caso de uma insignificância ou má qualidade dos estímulos em relação ao que se tinha no passado, ao contrário, nunca se viveu uma realidade com uma gama tão rica de eventos significativos. O que acontece na verdade, é que em outras épocas eram justamente as experiências simples do cotidiano que se agregavam as experiências de vida, e é justamente esse empreendimento que não conseguimos realizar nos dias de hoje em meio às enormes quantidades de estímulos extraordinários aos quais estamos sujeitos. Não significa que hoje não existam mais experiências – é que hoje elas se efetuam fora do homem, e isso tem se tornado motivo de alívio para a existência. Ninguém precisa correr os riscos de se aventurar em uma floresta para acessar toda sorte de conhecimentos sobre sua fauna ou flora, eles são acessíveis com áudio e vídeo através de documentários, ou mesmo via internet. Não precisamos mais enfrentar filas quilométricas e nos deparar com casas de espetáculo lotadas e desconfortáveis para assistir a um show musical de um artista qualquer, ele encontra-se acessível ao primeiro “click” de uma tecla do controle remoto de um aparelho de DVD ou Blue-Ray, no conforto de uma sala de estar.

O desenvolvimento técnico nos mais diversos setores das sociedades ocidentais, ao mesmo tempo em que converte e cria mediadores para as experiências dos indivíduos, abre também precedentes para que ele acesse uma gama de “experiências possíveis”, outrora desconhecidas ou inacessíveis. Podemos tomar como exemplo o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação que faz com que se acessem práticas e produtos culturais de sociedades distantes geográfica, cultural e temporalmente. Desde a primeira metade do século XX, por exemplo, é possível apertar um botão da TV, visualizar e conhecer inúmeras terras longínquas sem mesmo levantar do sofá. Ao comprar determinados livros podemos ter acesso às histórias de povos dos quais mal se encontram vestígios na atualidade. Ao visitar uma loja de discos é possível adquirir trabalhos de compositores dos mais diversos países do mundo. E não são

apenas as vias através das quais acessamos essas práticas e produtos culturais dos mais diversos lugares do planeta, como também a velocidade com que eles chegam até nós. Sobre esse aspecto, facilitado, sobretudo em decorrência desse desenvolvimento tecnológico, Ribeiro (1997) nos chama à reflexão:

Após a revolução industrial, a velocidade aumentou significativamente e tornou-se tão capilar que se encontra naturalizada no presente. Os aparatos da velocidade fazem parte de uma genealogia que inclui locomotivas, barcos a vapor, carros, motocicletas, aviões. Todos em maior ou menor grau, símbolos da modernidade em si mesmos (Berman 1987, Foot Hardman 1988, veja também Virilio 1986). A naturalização da simultaneidade é igualmente verdadeira. Desde o telégrafo, os aparatos da simultaneidade incluem o telefone, rádio, televisão, fax e redes de computadores. Se a velocidade transforma o espaço em uma entidade obviamente relativa, a simultaneidade virtualmente aniquila o espaço e tempo. Na era dos satélites, comunicar-se de Brasília com Tóquio dissolve vários fusos horários. É o fim do espaço absoluto, o império do espaço relativo na teia global que facilita e energiza a mistura hipercomplexa de pessoas, capital e informações (RIBEIRO, 1997. p 9-10)

Essas possibilidades de acesso a uma infinidade de práticas e produtos das mais diversas partes do globo, e a velocidade com a qual eles chegam, proporcionam uma dificuldade aos indivíduos em se conectarem de maneira concreta e duradoura às experiências de vida, como constatou Agamben, ao mesmo tempo em que lhes proporcionam uma infinidade de novas experiências possíveis. É justamente em meio ao caráter ambíguo dessas condições internas de vida nas sociedades ocidentais, que vão eclodir e ser impulsionados diversas manifestações de contraposição a essas lógicas. Uma iniciativa que surge a partir desse contexto, e que destaco para o presente trabalho, é a da apropriação de práticas e produtos culturais oriundos das sociedades do oriente. No tópico que segue examinaremos algumas dessas manifestações, e particularmente sua fusão aos modos de vida ocidentais para o delineamento dessas novas perspectivas de construção da experiência, sobretudo a partir de meados do século XX. Depararmos com esses movimentos, e analisar os fatores que incidem sobre eles, nos auxiliará a compreender particularmente os contextos recentes de apropriação de práticas e produtos culturais das sociedades do oriente no contexto ocidental. Mas fica aqui um questionamento: seria mesmo possível a construção e/ou reorientação da experiência de vida a partir desses processos de apropriação do oriente? Não correríamos o risco de apenas colocarmos esse tipo de experiência a mercê do consumismo capitalista, e esvaziá-la de qualquer de seus princípios basilares?

1.2.2 Filósofos, Escritores, Vagabundos, e o Zen

Como vimos anteriormente com Benjamin e Agamben, as condições de vida nas sociedades ocidentais, sobretudo a partir do início do século XX, geraram um grande vazio de construção e transmissão de experiências. É interessante percebermos que essas mesmas condições de vida geraram movimentos de contraposição e de insuflação de novas possibilidades de construção de experiências de vida em meio, e a partir das próprias contradições da sociedade ocidentais contemporâneas. Nesse sentido, além de impulsionar esses movimentos de contraposição a essa lógica, o empobrecimento da experiência humana nesse período fez com que essas novas insurgências buscassem influências em tradições e perspectivas de organizações sociais oriundas de sociedades distintas daquela vivenciada até então. Sobretudo por parte de uma geração jovem, que se pretendia desbancar o estado de coisas estabelecido pelas gerações anteriores à sua com críticas às condições de vida predominantes em seu tempo. E que para essa empreitada, tiveram também influências decisivas de tradições do pensamento desenvolvidas em contextos sociais e culturalmente distintos de sua sociedade como é o caso do *Budismo*, *Taoísmo* e da cultura *Hindu*. Podemos ver como nos mostra Campbell (1997), que um dos fatores favoráveis a entrada de valores fundados principalmente nos modelos de espiritualidade e tradições do pensamento oriental, reside no fato de que essas manifestações não haviam se encontrado diretamente, tais quais as religiões e filosofias do ocidente, como foco dos ferrenhos debates e críticas promovidas, sobretudo, pela ciência moderna. São perspectivas que figuraram por muito tempo como “pré-modernas” nos imaginários ocidentais, e que justamente em decorrência disso nunca haviam gozado de prestígio, nem de grandes espaços para sua difusão em tal contexto. As novas possibilidades de fluxos não apenas de pessoas, mas de práticas e produtos culturais entre diversas sociedades fez com que essas manifestações fossem acessadas no ocidente contemporâneo sob diversas perspectivas. Vejamos como alguns desses movimentos se processaram.

Em 1924, um filósofo alemão de orientação neo-kantiana é convidado para lecionar na Universidade Imperial de Tohoku, no Japão, seu nome era Eugen Herrigel. Desde sua juventude já havia despertado interesse pelas tradições do pensamento do extremo oriente, e como ele mesmo se refere, pela *experiência mística* por elas

proposta.⁴¹ Contudo, havia constatado que não poderia apreender essa experiência ou os ensinamentos sobre ela de um ponto de vista externo e distanciado. Essa tentativa já havia sido empreendida por alguns de seus contemporâneos como o já citado Max Weber, que se interessou em analisar alguns aspectos da organização social e das religiosidades do extremo oriente a partir de uma perspectiva de distanciamento, apenas do âmbito acadêmico. Herrigel já havia percorrido a literatura disponível em seu tempo em busca de perspectivas para acessar àquele tipo de experiências. Desiludido com essas investidas ele chega à seguinte conclusão:

(...) só quem verdadeiramente se isola é capaz de aprender o que significa o isolamento, e só quem leva uma vida contemplativa está completamente livre e desprendido de si para a união com o 'Deus supradivino'. Eu compreendia que na havia outro caminho que conduzisse ao misticismo, a não se o da própria vivência e do sofrimento. Se faltam essas premissas, fica apenas o inconseqüente palavreiro (HERRIGEL, 1995: 26).

A partir dessas constatações ele se propõe alguns questionamentos. Como se acessa o caminho místico? Como se alcança o estado do verdadeiro isolamento? E mais, como um ocidental moderno, cujas condições de vida são tão particulares (às quais foram tratadas no tópico anterior), e que está separado dos grandes mestres, temporal, cultural e geograficamente, poderia encontrar um caminho para esse acesso?⁴² A oportunidade de lecionar na cátedra de História da Filosofia na Universidade Imperial de Tohoku serviu como uma oportunidade para, além de conhecer o Japão e os japoneses, de entrar em contato com a prática viva de uma de suas tradições em particular: o Zen-Budismo. Herrigel se propõe a vivenciá-las de através da experiência prática, não-especulativa, tal qual recomendam os mestres Zen. É-lhe recomendado que para esse fim deva praticar alguma arte vinculada ao Zen⁴³. Dentre tantas ele escolhe o tiro com arco, *Kyudô* (o caminho do arco), pois supunha que sua prática anterior de tiro

⁴¹ O emprego da categoria *misticismo* pelo autor consistiria em uma tentativa de utilizar uma noção para se referir, de maneira inteligível ao ocidental, a experiência contemplativa, de integração com si mesmo e com o mundo, sem que aja essa separação entre o *eu interior* e o *mundo exterior*. Vale ressaltar, pois, que “místico” não é uma expressão oriunda dos textos clássicos ou das chamadas escrituras sagradas do Zen-Budismo, tradição qual ele se refere em seus escritos. Refere-se a uma expressão utilizada pelo autor para aludir a experiência por eles proposta, na eminência de buscar palavras para melhor descrever aquilo que nem sempre podem ser traduzido em palavras.

⁴² Herrigel (1995: 26) no que diz respeito à distância dos mestres, fala apenas do aspecto temporal. Resolvi mencionar o aspecto da distância cultural e geográfica para evidenciar o abismo que separa as sociedades, ocidental e do extremo oriental tradicional. E ainda mais, para explicitar o papel relevante do contato com o mestre no caminho da elevação do discípulo como aspecto fundamental da tradição budista Zen, cuja origem encontramos na vertente chinesa *Chan*, como mencionado no capítulo anterior.

⁴³ Dentre as quais podemos citar a pintura, os arranjos florais, as artes marciais japonesas, entre outras

com fuzis e pistolas viria a lhe servir em algo (e que posteriormente iria perceber estar enganado). Um dos primeiros questionamentos que ele lança na sobre a prática do Kyudô diz respeito a como o tiro com arco, que para nós ocidentais seria visto unicamente como uma modalidade esportiva, e que outrora fora utilizado com fins de combate, poderia se constituir como exercício espiritual? (HERRIGEL, 1995: 16).

Esse é um tema problematizado também por Marcel Mauss (2003) em seu artigo *As técnicas do corpo*, de 1934. Ele percebe que uma mesma técnica pode adquirir significados e usos diversos tal qual variam os valores e anseios da sociedade onde é praticada. Como por exemplo, a prática do tiro com arco, que para os ocidentais adquiriu um caráter eminentemente esportivo, chegando a compor inclusive o conjunto de modalidades presentes nos jogos olímpicos, e que para os praticantes do Kyudô consistia em uma via através da qual poderia acessar o estágio de Zen, de propriedade, e de integração com o mundo. Ou mesmo se atentarmos apenas para a experiência ocidental, poderemos perceber que os arqueiros do século XXI não atiram do mesmo modo e nem com as mesmas finalidades dos arqueiros medievais. Ou por exemplo, como na experiência analisada nesta pesquisa, onde o Tai Chi Chuan, que surge inicialmente como técnica do corpo voltada para o combate, é apropriado no ocidente dentro do contexto de uma política pública de esporte e lazer, sendo praticado como modalidade de exercício corporal. O aspecto relevante do trabalho de Mauss para as análises aqui propostas reside justamente da compreensão de que os usos sociais do corpo e as técnicas que dele surgem, são produções culturais diversas cujas variações dependem de inúmeros valores presentes no seio de cada cultura. Uma técnica do corpo específica pode adquirir usos e significados diversos a partir do momento que é praticada em um contexto diverso ao de sua origem.

Para os mestres japoneses no uso do arco (...) *o combate consiste no fato de que o arqueiro se mira e no entanto não se atinge, e que por vezes ele pode se atingir sem ser atingido, de maneira que será simultaneamente o que mira e o que é mirado, o que acerta e o que é acertado.* (...) (HERRIGEL, 1995: 17). E por isso, a natureza misteriosa dessa arte se revela unicamente neste combate do arqueiro contra ele mesmo.

Uma das primeiras constatações de Herrigel é que para os ocidentais, acostumados a conceitos e definições claras, a um pensamento objetivo, tais proposições aparentemente “enigmáticas” podem parecer um tanto quanto difíceis de tornarem-se inteligíveis. Na verdade, muito mais do que a reflexão, o que as palavras dos mestres propõem é que seu significado real seja acessado pelo discípulo através de

experiências práticas. E estas só podem acontecer de fato quando o praticante conseguir silenciar a mente racional, e extinguir a separação entre si, como sujeito, e a experiência a qual se propõe acessar, ou os meios através dos quais acessá-la enquanto objeto de tal realização. Eis, pois uma das principais características da construção da experiência no ocidente moderno: a separação entre sujeito e objeto da experiência, tal qual apresentado no tópico anterior deste capítulo.

Ao relatar sua experiência com a prática do Kyudô no livro *A arte cavalheiresca do arqueiro Zen (Zen in der Kunst des Bogenschiessens)*, publicado originalmente em 1948, Herrigel (1995) não pretende, pois apresentar um roteiro, ou caminho linear para a elevação espiritual. Ele não se propõe também a apresentar um *manual da boa-aventurança*, pois reconhece a impossibilidade de percorrer o caminho do Zen meramente com o estudo de textos, e que para isso é imprescindível a relação com um mestre. Além disso, a experiência do Zen através de uma de suas inúmeras artes só tem um sentido concreto para quem realmente as vivenciou. O que se propõe na verdade, através do relato e da descrição da experiência vivida, é apresentar essa possibilidade do encontro com ela por um sujeito ocidental moderno. Ele assume a árdua e não menos complicada tarefa de tentar transformar em palavras aquilo que somente se experiência corporalmente na prática. Como ele mesmo narra:

(...) seria irresponsável de minha parte oferecer fórmulas complicadas e paradoxais, expostas em palavras de efeito. Meu desejo é, ao contrário, fazer reluzir a essência do Zen através do modo como se manifesta numa das artes por ele eleita. Esse reluzir não é, porém, a **iluminação**, na acepção de um termo tão fundamental para o Zen, mas insinua, pelo menos a presença de algo, como o súbito clarão de um relâmpago longínquo que vemos através da neblina espessa. Aprendida deste modo, a arte do tiro com o arco representa, por assim dizer, um curso preparatório para o Zen, pois graças a ela é possível que um acontecimento à primeira vista incompreensível se torne transparente, o que **por si mesmo** antes era impossível (HERRIGEL, 1995: 24)

As experiências de contato com o oriente as quais teve acesso Eugen Herrigel apresentam-se como uma perspectiva através da qual um ocidental, forjado justamente pela orientação do pensamento científico, que concebe uma separação fundamental entre sujeito e objeto da experiência (ou daquilo que se experiencia), vivência a possibilidade de construção dessa experiência tal qual recomenda uma das tradições mais antagônicas dessa abordagem: o caminho do Zen. Onde não há essa cisão, e indivíduo, objeto e a própria experiência se apresentam como um só, e cuja perspectiva se constrói muito mais por aquilo que consegue ser vivido de maneira prática, do que

por aquilo que se consegue daí refletir ou induzir. Uma possibilidade de construção de experiência que ocorre justamente em um período em que, na sociedade ocidental, como nos mostra Roszak (1972) a modernidade e a racionalidade científica que a acompanha, despojaram o ser humano comum de inúmeras competências, atribuindo assim à solução dos problemas que se apresentam na vida cotidiana a especialistas, detentores de conhecimentos específicos. Homem e natureza foram convertidos em objeto de manipulação da técnica. Nesse sentido o cidadão comum, que não consegue acessar esse saber técnico legítimo, se depara com uma realidade que transcende a sua competência. A especialização seja ela, científica, administrativa, militar, educacional, médica, transforma-se no grande artifício da sociedade tecnocrática.

Eis que a partir de um contexto similar a esse, no início da década de 1950 surge nos Estados Unidos, particularmente na cidade de São Francisco, um grupo de jovens escritores imbuídos justamente de criticar esse modelo de sociedade na qual viviam. Um dos primeiros indícios da crítica que propunham residia na estética literária que apresentavam, completamente avessa aos formalismos e a erudição daquele tempo. Como nos textos de Allen Guinsberg, onde o processo criativo não ocorria com fins de seguir regras normativas na linguagem, e ao invés disso o que se buscava era o fluxo espontâneo e incontido na escrita. Era comum que seus poemas não passassem nem sequer por processos de revisão. A idéia era que eles aparecessem no papel tal qual haviam imediatamente sido concebidos, e essa aparente falta de cuidado revelava um desejo de que os textos parecessem o mais natural, e portanto, honestos o possível. O que temos aí, como mostra Roszak (1972) é a busca por uma forma de expressão artística que não tenha o intelecto como mediador ou filtro da experiência. Para tanto, além de suas incursões no âmbito literário, Guinsberg sentiu necessidade de que essas manifestações de espontaneidade criadora perpassassem todo o seu estilo de vida. Além de poeta, e para além do conteúdo dos poemas ele se torna um ícone desse estilo de vida que emergia entre os jovens de sua geração.

O tipo de experiência que galgavam não apontava nem para um misticismo escapista, que os faz transcender as coisas da matéria e do mundo, nem para um ascetismo exacerbado, distante das corrupções da carne. Ao invés disso, como ressalta Roszak:

(...) o que procuram é um misticismo bastante mundano: um êxtase do corpo e da terra que de algum modo abranja e transforme a mortalidade. Têm como

meta uma alegria que incluía até (ou, talvez, principalmente) as obscenidades corriqueiras da nossa existência (ROSZAK, 1972:136)

Essa geração vai encontrar uma via para manifestação dessas experiências principalmente através da incorporação de princípios da tradição zen-budista oriunda do Japão. O contato desses escritores com o Zen-Budismo ocorreu principalmente através da influência de dois contemporâneos ocidentais: o poeta *Gary Snyder* e o filósofo *Alan Watts*.⁴⁴ Snyder, desde o começo da década de 1950 ao se “converter” ao Budismo, encontrara seu caminho para uma vida Zen dedicada à pobreza, à simplicidade e à meditação. Foi o primeiro da geração beat a viajar ao Japão para receber instruções formais no Zen-Budismo, e trilhar um caminho de desapego aos bens materiais, do vínculo com a natureza, e atentar para a importância do autoconhecimento. Ele buscava, através de seus poemas, aludir a fundamentos da tradição budista. Como nos versos abaixo de seu poema *Canção do Amanhã*, (*Tomorrow's song*, s/d) onde faz referência a esses princípios para criticar o modo de vida consumista ocidental.

Olhamos pro futuro com prazer
 não precisamos de combustível fóssil
 obtemos poder de nosso interior
 crescemos fortes com menos.
 Agarramos as ferramentas
 e nos movemos no ritmo lado a lado
 lampejos de lucidez e de conhecimento
 olho no olho
 sentados quietos como gatos ou pedras
 tão completos e seguros
 como o céu noturno azulado.
 dóceis e inocentes como lobos
 tão enganosos como um príncipe.

Outro escritor importante dessa época foi o filósofo Alan Watts, nascido na Inglaterra, em 1915, e profundo admirador e estudioso das tradições do pensamento oriental, com atenção especial ao Budismo e ao Taoísmo. Em 1938 muda-se para Nova York e inicia seus estudos formais no Zen-Budismo, sem, no entanto concluí-los e se tornar monge. Até pouco antes da I Guerra Mundial, com exceção de alguns trabalhos produzidos por orientistas⁴⁵, o único livro em idioma ocidental a tratar do Zen era *The Religion of the Samurai*, de Kaiten Nukariya. No ano de 1927 é publicado na Europa

⁴⁴ A experiência de contato com o Budismo desses jovens escritores foi diferentemente, por exemplo, da experiência vivenciada por Eugen Herrigel, que viajou ao Japão para acessar o Zen através da prática de uma de suas artes, o Kyudo.

⁴⁵ E com o intuito eminentemente acadêmico de investigar essas tradições, na esteira dos orientismos já abordados no início deste capítulo.

Essays in Zen Buddhism, uma edição em francês dos trabalhos produzidos pelo professor Daisetsu Teitaru Suzuki, uma das maiores autoridades do mundo nos estudos budistas. A publicação da obra abre um precedente para despertar o interesse do europeu pelo tema. D. T. Suzuki se torna um dos principais interlocutores de Alan Watts nos estudos do Budismo, e essa parceria é uma das grandes responsáveis pela difusão dessa tradição no ocidente, no início do século XX. Em 1936, quando tinha apenas 20 anos de idade, Watts publica o livro *O espírito do Zen* (WATTS, 2010)⁴⁶, trabalho produzido em língua inglesa, e um dos primeiros livros escritos por um ocidental a tratar sobre o Zen-Budismo.⁴⁷ Além deste título, Watts produziu vasta bibliografia sobre a filosofia e as religiões do extremo oriente, principalmente sobre o Budismo e o Taoísmo.

Além dos poetas Guinsberg e Snyder citados anteriormente, outro escritor dessa geração dos anos 50, talvez o que alcançou maior projeção, e que é reverenciado como o símbolo da geração beat, foi Jack Kerouac. A característica marcante de sua prosa residia no fato de que ele contava as histórias ao leitor como quem narra um episódio real a um amigo, em torno de uma fogueira, ou mesmo em uma mesa de bar. A experiência de seus personagens é de fato uma experiência vivida (pelo autor, por seus amigos), que convida o leitor a se tornar um cúmplice dos acontecimentos. Sobre essa escrita, o próprio autor fala que:

(...) histórias e romances inventados sobre o que aconteceria SE são para crianças e adultos cretinos que têm medo de ler sobre si mesmos em um livro assim como teriam medo de olhar no espelho quando estivessem doentes ou feridos ou de ressaca ou *insanos*. (KEROUAC, 2010.b: 8)

O Budismo era foco recorrente em suas narrativas, seja pela *estética experiencial* através da qual as histórias eram contadas, ou mesmo pela evocação de termos oriundos dessa tradição para aludir características de seus personagens ou experiências vivenciadas por eles. Como por exemplo, na narrativa de *Satori em Paris*, livro publicado originalmente em 1966, que trata da viagem de Jack Kerouac à França para investigar as raízes genealógicas de sua família⁴⁸. Em meio às diversidades culturais com as quais se depara na Europa, os problemas lingüísticos de entendimento

⁴⁶ *The spirit of Zen*, no original.

⁴⁷ A publicação precede inclusive a edição de *Zen in der Kunst des Bogenschiessens* (A arte cavalheiresca do arqueiro Zen) de Eugen Herrigel, cuja primeira edição só viria a ser publicada em 1948, quase vinte anos depois do retorno de Herrigel do Japão.

⁴⁸ Seu nome de nascença era Jean-Luis Lebris de Kereouac, e ele vinha de uma família franco-canadense.

gerados a partir de seu francês canadense, os encontros e conversas com pessoas de diferentes nacionalidades, ele percebe que o seu *satori*, sua iluminação, não está no fim que pretende atingir, mas justamente no caminho que percorre para chegar até ele.

O contato dos escritores da geração beat com o Budismo e com Gary Snyder e Alan Watts imprimiu em sua escrita um forte apelo a temas como o auto-descobrimiento, aquisição de conhecimento através da experiência mundana, integração homem-mundo. Contudo, a experiência do Zen que eles experimentaram não era a do claustro e do isolamento com fins de uma descoberta de si mesmo e do mundo, de um si-mesmo-no-mundo, ou de um “eu” que também “é” o mundo. O *satori*, como é chamado o memento de iluminação súbita, espontânea, para eles vinha embalado em meio a um solo de Jazz, um gole de uma bebida qualquer, uma “conversa fiada” em uma mesa de bar, uma viagem de trem, um encontro com os amigos, um orgasmo. Este último elemento, o da sexualidade, constituía-se de uma prática que se misturava ao desenvolvimento das experiências do autoconhecimento vivenciadas pelos personagens (e por seus autores) nas narrativas. É o que podemos constatar em um trecho de *Os vagabundos iluminados*, de 1958. Jack Kerouac descreve a cena de uma orgia entre quatro personagens, e o dilema de um deles (Ray Smith) em participar da experiência, pois até então procurara manter abstinência sexual, tal qual as recomendam as tradições do Budismo.

E foi o que eu fiz, deitado no chão todo vestido e beijando a mão dela, depois o pulso, depois subindo, até o corpo, enquanto ela ria e quase chorava de prazer, todo mundo, em todo lugar trabalhando nela. Toda a abstinência tranqüila do meu budismo estava indo pelo cano. “Smith, eu desaprovo qualquer tipo de budismo ou *qualquer* tipo de filosofia ou sistema social que despreze o sexo”, disse Japhy com um tom professoral, depois de terminar o serviço e sentar-se com as pernas cruzadas enrolando um cigarro Bull Durham (uma ação que fazia parte da “simplicidade” de sua vida). Acabou com todo mundo pelado e no final preparando alegres bules de café na cozinha e Princess nua no chão da cozinha abraçando forte os joelhos, deitada de lado, sem motivo, só porque sim, e finalmente ela e eu tomamos um banho quente na banheira escutando Alvah e Japhy discutindo as orgias lunáticas de amor livre zen no outro aposento. (KEROUAC, 2010.a: 34)

Tais medidas entravam inclusive em confronto com algumas das principais restrições do Budismo que dizem respeito além da prática do sexo, ao consumo de bebidas alcoólicas, o que fez com que esse *Zen-beat* ou *beat-budismo* fosse alvo de inúmeras críticas. De um lado os budistas “ortodoxos” ou puristas criticavam as apropriações indevidas dos princípios de sua tradição nas narrativas proclamadas por

esses escritores. Do outro os críticos literários apontavam os desvios de formalidade e o descompromisso estéticos de seus textos. Algumas dessas críticas viriam inclusive de Alan Watts, um de seus principais interlocutores no que diz respeito ao Budismo, que também a questionava algumas apropriações “indevidas” por parte dos beats, ao afirmar que isso acabara se tornando em um simples pretexto para permissividade e licenciosidade. A crítica está presente no artigo *Beat Zen, Square Zen and Zen* escrito em 1958, onde alerta inclusive para o risco de que o Zen se converta em uma bandeira:

(...) do *hipster* frio, pseudo-intelectual que busca excitação, espalhando aqui e ali migalhas de Zen e jargão de *jazz* para justificar uma insatisfação com a sociedade que não passa de exploração comum e grosseira de outras pessoas. ... Contudo, tais tipos são a sombra de uma substância, a caricatura barata que sempre acompanha os movimentos culturais e espirituais, levando-os a extremos que seus autores jamais pretenderam. Ao fazer isso o *Zen beat* está fazendo como confusão ao idealizar como arte e vida aquilo que uma pessoa deve guardar para si própria como terapia (WATTS, 1967 apud ROSZAK, 1972. p 142)

Contudo, devemos observar que o próprio Alan Watts e seus livros também foram alvos de duras críticas por segmentos do budismo tradicional, apontando que seus trabalhos eram demasiadamente discursivos para tratar de experiências que dificilmente encontram porto seguro explicativo através da textualidade, ou mesmo no emprego de palavras. Por outro lado, esses trabalhos também foram retaliados por segmentos de filósofos acadêmicos, que afirmavam que nada tinha de filosófico, ou mesmo de seriedade em seus textos.

O fato a ser destacado é que esses escritores, suas inspirações, interpretações e apropriação dessas tradições do oriente, surtiram influência cabal na juventude de sua época. É justamente nesse contexto que em meados do século XX, sobretudo a partir da década de 1960 que começam e eclodir uma série de movimentos que se propunham a traçar críticas às condições de vida e aos valores promulgados em torno do consumo massificado e desenfreado, do intelectualismo, do tecnológico, da vida na cidade etc. Alguns setores da sociedade, sobretudo os jovens das camadas médias urbanas, insatisfeitos com essas condições de vida e a dificuldade de construção de experiências duráveis proporcionadas por elas, passam a buscar conexões com experiências que se sobreponham a racionalidade, ao “cerebralismo” e ao projeto de progresso e modernidade então anunciado no ocidente. Esse movimento foi o que viria a ser conhecido como *contracultura*.

O que a contracultura nos oferece, portanto, é um extraordinário abandono da arraigada tradição de intelectualidade secular, cética, que constituiu durante trezentos anos o principal instrumento de trabalho científico e técnico no Ocidente. Quase que da noite para o dia (e o que é muito espantoso, sem muita polêmica) uma parcela substancial da geração mais jovem preferiu por de lado essa tradição, como se a fim de prover um equilíbrio de emergência para as gritantes distorções de nossa sociedade tecnológica (...) (ROSZAK, 1972: 147)

Mas em quê de fato tradições do oriente como o Zen-Budismo tornaram-se de tão atrativo para os jovens ocidentais? Roszak (1972) ressalta como alguns desses pontos, sua apreciação de um sábio silêncio, da não-necessidade do uso de palavras, que contrastaria, por exemplo, com a “palavrosa” doutrinação do cristianismo na qual essa juventude havia sido criada. Da mesma forma, ele ressalta que a inclinação do Zen ao que para os ocidentais se aproxima do paradoxo, poderia encontrar conveniente identificação com a confusão intelectual das mentes juvenis ainda aturdidas com os efeitos de duas grandes guerras, e de crises econômicas consecutivas⁴⁹, ainda que se manifestassem inquietas e ansiosas por mudanças. Esta última inclinação fez com que, por exemplo, inúmeros princípios do Budismo se convertessem em toda uma verborragia juvenil, proferida quase que como palavras de ordem, e estimulada com uma ânsia espontânea de se opor à ordem tristonha, voraz e “egomaniaca” da sociedade tecnológica. Ele afirma que é possível que, acima de tudo, o Zen pudesse servir como sanção para as necessidades juvenis de liberdade, principalmente para aqueles que sentiam uma justificada insatisfação com as pressões e submissões da sociedade de sua época.

Nesse sentido, o Zen que emerge no ocidente do século XX não é fruto de uma “transposição essencial” de seus princípios e práticas para um contexto diverso de implementação. Seria errôneo mesmo afirmar que alguma de suas manifestações, seja o *Zen* japonês, ou o *Chan* chinês, carregue consigo ainda hoje algo inerentemente “puro” ou “intocado” com o passar dos anos. Essa é uma perspectiva com a qual iremos nos deparar no capítulo seguinte, ao analisarmos as influências do Taoísmo e do Budismo para a desenvolvimento do Kung Fu/Wushu. Veremos que o próprio Budismo, ao sair da Índia, passa a constituir-se de um produto cultural fruto de inúmeras negociações de sentido e adequações aos seus diversos contextos de disseminação. Se atentarmos, pois, para o fato de que sua fusão na China com elementos das tradições locais como o Taoísmo, e as diferentes perspectivas de interpretação e adequação lingüística e cultural

⁴⁹ Tal qual a que os Estados Unidos passaram em 1929, em decorrência do “crack” na Bolsa de Valores de Nova York.

de seus textos, por exemplo, originaram uma vertente particular de Budismo, o *Ch'an-na* (Chan). E que este, ao chegar ao Japão, e se deparar com novos contextos de apropriação cultural, se transforma em *Zen-na* (ou simplesmente Zen). Não poderíamos pensar, pois, que da confluência de contingentes com os quais se depara ao chegar ao ocidente no século XX não teríamos formas particularmente novas de Budismo como foi o *Zen-beat*?

Não pretendo aqui comparar ou buscar equivalência, por exemplo, entre a experiência de apropriação do Budismo pelos monges chineses do Templo de Shaolin⁵⁰ e a que foi vivenciada pelos escritores de São Francisco. O ponto relevante com o qual nos deparamos para análise neste trabalho reside justamente na compreensão de como os contingentes particulares geram novas perspectivas de interpretações, adequações e usos para práticas e produtos culturais oriundos de sociedades distintas. É o que acontece, por exemplo, com a experiência em foco nesta análise da apropriação do Kung Fu/Wushu, e particularmente do Tai Chi Chuan no contexto brasileiro, como perceberemos a partir do Capítulo 4.

O século XX apresentou como em nenhum outro período da história terreno fértil para a ocorrência desses processos de encontros, de mesclas culturais, que ocasionam da emergência de culturas globais transnacionais. Sobre esse tema, Ribeiro (1997) nos mostra que:

O transnacionalismo tem fronteiras e similaridades com temáticas como globalização, sistema mundial, e divisão internacional do trabalho. Mas sua própria particularidade reside no fato da transnacionalidade apontar para uma questão central: a relação entre territórios e os diferentes arranjos sócio-culturais e políticos que orientam as maneiras como as pessoas representam pertencimento a unidades sócio-culturais, políticas e econômicas. Isto é o que denomino de modos de representar pertencimento a unidades sócio-culturais e político-econômicas. Estes modos são centrais para a definição de alianças em múltiplos contextos de cooperação em conflito. São precisamente as formas através das quais nos integramos nesses guarda-chuvas simbólicos que estão mudando rapidamente com a globalização. (...)vO transnacionalismo coloca em perigo a lógica e eficácia de modos pré-existent de representar pertencimento sócio-cultural e político. (RIBEIRO, 1997: 2-3)

As experiências de Eugen Herriel, Alan Watts e dos escritores da geração beat interessam particularmente a este trabalho, primeiramente porque constituem exemplos de experiências de apropriação de práticas das culturas orientais por ocidentais que marcaram o início do século XX, e criaram algumas bases através das quais esse oriente

⁵⁰ Como veremos no capítulo seguinte

viria a desembocar no ocidente nas décadas seguintes. Mas não apenas por isso. Diferente do empreendimento orientalista abordado em tópico anterior deste trabalho, essas experiências constituem um exemplo ímpar da mudança na perspectiva de onde vão partir tais apropriações. Ao invés de apenas olhar, analisar, categorizar essas práticas e produtos culturais, a partir de uma perspectiva distanciada (e segura, sem os riscos de se “contaminar” por essa alteridade), o que essas pessoas vão propor de fato é uma perspectiva de apropriação através de tentativas de construção de uma experiência vivida por meio delas, em meio à própria sociedade ocidental. E esse ponto de partida é assumido, pois é justamente dele, como crítica, ou em oposição a ele, que surge essa ânsia por experimentar o “diferente”. As próprias condições de vida da sociedade ocidental do início do século XX é que impulsionam essas tomadas de postura. Esses contingentes do modo de vida ocidental constituem-se de fatores que incidem na maneira como essas práticas/produtos culturais passam a ser vivenciados, e como eles redimensionam as experiências locais. Como apontado pelo personagem Japhy Rider do já citado livro de Jack Kerouac, *Os vagabundos iluminados*:

Sabe, quando eu era criança no Oregon, não achava que fosse americano de jeito nenhum, com todo aquele ideal suburbano e a repressão sexual e a censura cinzenta amedrontadora e generalizada dos jornais a respeito de nossos verdadeiros valores humanos, mas quando descobri o budismo e tal, de repente descobri que já tinha vivido em um tempo passado havia muitas eras e agora por causa dos erros e dos pecados naquela vida eu estava sendo degradado a um domínio mais doloroso da existência e meu carma era nascer na América, onde ninguém se divertia nem acreditava em nada, principalmente na liberdade. E também é por isso que sempre me mostrei solidário aos movimentos libertários, como o anarquismo na região Noroeste, os heróis do passado do massacre de Everett e tudo o mais. (KEROUAC, 2010.a: 35)

O contato com o Budismo é um dos elementos que reforça no personagem uma atitude de contrariedade com relação aos modos de vida da sociedade norte-americana de sua época. É, pois, o motor para tomadas de postura que se propõe a, muito mais que esboçar críticas a tal modelo, construir uma nova conduta de vida baseada, sobretudo, nos princípios norteadores dessa tradição. Peter Burke (2003: 91) nos mostra que esse processo de adaptação cultural pode ser analisado como um movimento duplo de descontextualização e re-contextualização, retirando um item de seu local original, e modificando-o de forma que se encaixe em seu novo ambiente. Essa experiência de *hibridização* e de *mesclas* tal como ocorre no ocidente contemporâneo, pode ocasionar em misturas das mais inusitadas. Tais qual a fusão de princípios do Zen-Budismo com o

ímpeto por liberação, e necessidade de contestação do *status quo* vivenciado pela juventude a partir do fim da primeira metade do século XX, como descrito em trechos anteriores. Além desses, podemos perceber o surgimento de inúmeros outros campos de mediação. A utilização de técnicas de preparação física oriundas de países europeus para aprimorar os treinamentos no âmbito das artes marciais orientais (como veremos no capítulo seguinte); a influência do balé russo na dança chinesa contemporânea, solapando algumas manifestações tradicionais daquele país após a ascensão do *Partido Comunista*, e que depois da *Revolução Cultural*, converte a prática dança em mais uma estratégia de propaganda política; as letras das canções do compositor popular norte-americano *John Cage* com forte inspiração no Zen-Budismo, e que com o avanço transnacional da indústria fonográfica, chegam ao Japão, influenciando diversos compositores populares daquele país como *Toru Tokemitsu*; a religião vietnamita *Cao Daí*, fundada em 1926, que mistura uma estrutura hierárquica da Igreja Católica, com papa, cardeais e bispos, e cujas doutrinas são uma fusão de Taoísmo e Budismo, além de contemplar em suas práticas religiosas a comunicação com espíritos desencarnados tal qual na Doutrina Espírita difundida por Allan Kardec a partir do século XIX; e inúmeros novos campos de mediação e fusões culturais que surgem com os movimentos recentes de globalização.

Nestor Garcia Canclini (2008) é outro autor a tratar do tema das *hibridações*, e as compreende como conjuntos de intercâmbios e mesclas de culturas ou formas culturais, através dos quais saberes, costumes e práticas passam a figurar novos níveis de ordenamento quando colocados em contextos diversos aos de sua origem. É o que acontece, por exemplo, com uma diversidade de práticas e produtos culturais tradicionais das sociedades orientais ao serem apropriados nas sociedades ocidentais contemporâneas. De hábitos alimentares, a práticas medicinais, modelos de espiritualidade, modos de vestir-se e a utilização de técnicas corporais, diversas dessas práticas se *hibridizam*, se misturam a práticas e produtos nas sociedades ocidentais, dando novos contornos aos sentidos construídos, como também às novas possibilidades de usos práticos. Nesse intento, como nos mostra Burke (2006), a inovação no uso dessas práticas e produtos culturais consiste em um processo de adaptação entre os mesmos e os contextos onde são utilizados. O prática ou produto cultural híbrido nesse contexto, não se constitui em algo infértil, muito ao contrário, apresenta inúmeras possibilidades de combinações, gerando novas práticas, usos, e também novos conflitos

e contradições provenientes desses processos, como visto nos campos de mediações até aqui elencados, e nos que ainda serão apresentados no decorrer deste trabalho.

Esses são fluxos que irrompem fronteiras geográficas, de Estado, de etnicidade, e pertencimento cultural de maneira geral. Práticas e produtos culturais de sociedades distintas entram em trânsito no que podemos chamar de um processo de *transnacionalização* da cultura. E não são apenas as manifestações culturais de sociedades que se especializaram ao longo dos séculos em exportar e imprimir um caráter de validade homogeneizante em seus valores. Nações outrora periféricas, no que diz respeito à hegemonia cultural, como no caso de inúmeras sociedades orientais, colocam suas manifestações culturais dentro desse novo fluxo, rompendo com a perspectiva de “ocidentalização” que permeou o domínio dessas sociedades e suas manifestações culturais sobre as outras por vários séculos.

Discutir a condição da transnacionalidade é levantar a possibilidade de modificar nossas concepções sobre cidadania para encompassar uma clara sensibilidade e responsabilidade com relação aos efeitos de ações políticas e econômicas em um mundo globalizado. É o reconhecimento de que qualquer novo movimento que se alça sobre o horizonte necessita ser regulado por um contrário. Esta é a única garantia que temos de que uma só tendência não colonizará, de maneira totalizante, todo o espaço que possa encontrar (RIBEIRO, 1997: 2)

Burke (2003) nos convida a perceber as formas híbridas como resultado não apenas de um único encontro, mas de encontros múltiplos e sucessivos, quer eles adicionem novos elementos a mistura, ou reforcem antigos elementos. Os processos de hibridação não são apenas vias de mão única, as negociações de sentido ocorrem tanto a partir de onde (ou de quem) propõe a prática ou produto cultural, como a partir dos contextos onde ela é apropriada. Bizerril (2011) nos chama a uma reflexão sobre esse campo de mediações multiculturais que surge desses processos, principalmente em grandes ambientes urbanos:

Como as grandes cidades das sociedades globalizadas caracterizam-se por diferentes tipos de configurações, multiculturais e estas paisagens são, por definição, plurais e fragmentadas, nelas coexistem diferentes tradições locais e nacionais, inovações culturais, produtos da mídia global e várias formas de hibridismo cultural. A multiplicidade não se situa apenas no plano sociocultural, mas também no nível sob-individual. Isto equivale a dizer que como a paisagem brasileira se caracteriza pela “simultaneidade de presenças” históricas (Carvalho, 1996), diferentes sujeitos são atravessados ao mesmo tempo por diversas “correntes de tradições culturais” (Barth, 2000). (BIZERRIL, 2011: 80)

Podemos tomar como exemplo o contexto cultural brasileiro que é constituído a partir de interligações de elementos da cultura ameríndia, negra africana, européia, e que no período recente se constituiu também de zona de influência econômica e cultural dos Estados Unidos. E é justamente a partir dessas duas últimas perspectivas de influência (européia e norte-americana) que vão se delinear inicialmente as vias de construção de imaginários e apropriações das práticas e produtos culturais do oriente nos contextos locais. Portanto, pensar uma “orientalização” do Brasil, para aludir a categoria proposta por Campbell (1997), é também pensar a europeização e americanização (ocidentalizações) através das quais essas apropriações do oriente aqui se delinearão. Veremos no Capítulo 4 como alguns desses contingentes apresentados até agora são articulados a partir das experiências de construções de imaginários, apropriações e difusão das técnicas corporais do Kung Fu/Wushu, e particularmente do Tai Chi Chuan no contexto Brasileiro. Trago à evidência particularmente as experiências de apropriações e construções de sentido em torno dessas práticas vivenciadas pelos professores do Programa Espaço Oriental. Veremos quais foram, e como os contingentes e demandas com os quais se depararam no decorrer de suas trajetórias enquanto praticantes e difusores dessas técnicas incidem para os modos como passam a operacionalizá-las. E mais especificamente, que repercussões posteriores terão para as estratégias que irão desenvolver para o ensino do Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental, e para as perspectivas de apropriação desenvolvidas pelos alunos nesse contexto, como veremos no Capítulo 5.

CAPÍTULO 2 - PENSAMENTO ORIENTAL, ARTES MARCIAIS E TÉCNICAS CORPORAIS

Parece oportuno iniciar este capítulo lembrando o lugar de onde parto para falar do oriente no presente trabalho. Meu interesse pelo oriente vem, antes do mundo acadêmico, dos filmes de artes marciais, de sua inspiração que me levou a praticar *Shaolin do Norte* e *Tai Chi Chuan*⁵¹, das experiências vivenciadas com meus professores e colegas de treino, e, acima de tudo, do contato com meus alunos e de uma curiosidade despertada por eles, que me fizeram buscar entender um pouco mais esse “modo oriental” de vivenciar o mundo principalmente a partir das práticas em torno da corporeidade. Eis que por isso falo como praticante de artes marciais, que vivencia alguns aspectos e práticas deste oriente,⁵² e como pesquisador que intenta problematizar algumas dessas experiências no curso deste trabalho. Quando me refiro ao oriente, não proponho aqui um projeto audacioso de me debruçar sobre suas organizações sociais, religiões e filosofias (como nos empreendimentos orientalistas acadêmicos, vistos anteriormente). Algumas dessas manifestações irão surgir no curso das análises, mas ressalto que os aspectos do oriente que trago à evidência neste trabalho são aqueles que nos ajudarão a compreender construção da experiência de vida e aquisição de conhecimento, principalmente no que diz respeito às suas manifestações a partir do campo da corporeidade. A voz que fala (e escreve) aqui não é a de um nativo oriental, que nasceu e foi criado em alguma de suas sociedades, mas a do ocidental, que teve contato com algumas práticas de uma dessas culturas, atravessadas por inúmeras mediações tais quais as que me proponho analisar neste trabalho. O projeto acadêmico com o qual estou envolvido é justamente este. Não somente o oriente, nem exclusivamente o ocidente, mas a tensão que ocorre a partir desse “contato” cultural, e particularmente através da experiência de apropriação do Tai Chi Chuan no *Programa Espaço Oriental*. Nesse percurso, como relatado na introdução e como disse há pouco, o lugar de onde olho para (e em relação ao) oriente também é foco de discussão e posto em análise no decorrer deste trabalho, e não posso me esquivar das implicações que este ponto de partida também podem apresentar nesta perspectiva.

É com isso em mente que me proponho a apresentar algumas características de uma tradição do pensamento oriental particularmente cara ao desenvolvimento das

⁵¹ O Shaolin do Norte é um estilo de Kung-Fu/Wushu assim como o Tai Chi Chuan.

⁵² Neste caso, as técnicas corporais referentes às artes marciais chinesas.

técnicas corporais do Tai Chi Chuan: o *Taoísmo*. Cabe aqui estabelecer alguns pontos gerais de estruturação dessa tradição do pensamento, em especial para nos auxiliar na compreensão da utilização de seus princípios no âmbito das técnicas corporais e das artes marciais chinesas, como no caso do Tai Chi Chuan⁵³. Compreender o que o Taoísmo recomenda com respeito à aquisição de conhecimento e à construção da experiência de vida, além de explicitar o que preconiza acerca da relação do indivíduo com/no mundo, é fundamental para perceber como essas noções se articulam com a perspectiva ocidental, e como são vivenciadas no *Programa Espaço Oriental*. Ter em vista esse entendimento constitui etapa fundamental para compreender como alguns traços dessas tradições foram apropriados e incorporados aos estilos de vida contemporâneos no ocidente através de mediações como as elencadas na introdução e no capítulo anterior, e cujo desenvolvimento será problematizado ainda no decorrer deste trabalho.

Na segunda parte deste capítulo apresento um panorama histórico sobre os processos de estruturação das artes marciais chinesas. Além do *Taoísmo*, a apropriação chinesa do *Budismo* indiano constitui-se, como veremos, de outro elemento basilar na constituição do conjunto de técnicas corporais que configuram os diferentes estilos de Kung Fu/Wushu. Esse é justamente um argumento relevante a ser apresentado aqui. Mostra-nos que esse processo de estruturação das artes marciais chinesas é, por ele mesmo, um processo permeado por inúmeros traços de inter-culturalidade, de adequações e adaptações de práticas sociais que se apresentam a partir dos contingentes práticos em seus novos contextos de implementação. Tal iniciativa apresenta-se como elemento fundamental para as análises aqui propostas e as perspectivas de mediação dessas técnicas corporais no ocidente contemporâneo, particularmente na experiência vivenciada no *Programa Espaço Oriental*. Um ponto de partida para essa exposição é, pois, justamente, as mediações através das quais essas práticas culturais chegaram até mim através das artes marciais. Expor o meu próprio processo de apropriação e construções de imaginário sobre as artes marciais nos apresenta um exemplo prático de uma manifestação de como esses produtos culturais do oriente são vivenciadas no ocidente contemporâneo.

⁵³ Para tanto, não pretendo aqui realizar uma exegese das especificidades das inúmeras ramificações das suas diversas escolas, e nem traçar um perfil detalhado de seus processos de criação e difusão. Esta tarefa por si só demandaria de um estudo minucioso voltado apenas para esse fim, o que não cabe a esse contexto de pesquisa.

2.1. Taoísmo e conduta para a vida

O Taoísmo encontra seus fundamentos no *I Ching* / *Yi-King* (Livro das mutações), texto clássico do pensamento filosófico chinês antigo.⁵⁴ Trata-se de um livro de consultas e orientação da conduta da vida, composto por oito símbolos básicos (trigramas compostos a partir de linhas na horizontal) cuja combinação pode originar sessenta e quatro variações (de hexagramas). O que é relevante destacarmos aqui é que o símbolo formado a partir da combinação de dois trigramas conduz a uma “explicação” a partir da representação do hexagrama contida no livro. Ao consultar o livro motivado por uma pergunta ou questionamento sobre a vida, obtêm-se um resultado a partir da combinação dos símbolos, que se apresenta como possível resposta ou direcionamento para a indagação proposta. À pessoa que consulta, cabe a interpretação do símbolo obtido para a pergunta ou questionamento colocado, e uma adequação a sua situação de vida em particular. Um mesmo resultado pode adquirir representações diferentes se tomarmos como pontos de partida questionamentos e experiências de vida diferentes. Um fato a ser ressaltado aqui, e que remete inclusive ao título do livro, *mutações*, é que suas proposições na verdade não se apresentam como padrões de conduta pré-estabelecidos, ou como um caminho fixo que conduz a elevação do indivíduo. Muito pelo contrário, as assertivas que se apresentam como resultado da combinação dos trigramas só ganham sentido quando analisadas a partir do contingente prático vivenciado por quem propõe a pergunta ou questionamento. É justamente através desse contingente prático que se constrói o sentido para o hexagrama obtido. As *mutações*, às quais aludem o título do livro dizem respeito justamente ao potencial de adequações e adaptações de suas proposições aos imponderáveis da vida cotidiana vivenciados por quem o consulta.

Com base nas proposições do *I Ching*, Lao-Tse escreve o *Tao Te King* (Tao Te Ching) a partir do qual é possível falar no surgimento do *Taoísmo* propriamente dito⁵⁵. Seja enquanto prática religiosa, sistema filosófico, ou como orientações de conduta moral, o *Taoísmo* não apresenta uma doutrina estruturada ou um caminho linear para a

⁵⁴ O pensamento filosófico chinês antigo encontra fundamento em seis livros (*King* ou *Ching*) clássicos: *Che-King* (poesia); *Chou-King* (documentos); *Yi-King* ou *I-Ching* (mutações); *Li-King* (administração do governo; ritos) *Tch'uen-ts'ieú* (crítica da moral); e *Yo King* (da música), desaparecido.

⁵⁵ Lao-Tse viveu no período entre 1324 – 1408 a. C. O título do livro é formado por três expressões que significam: Tao – Caminho; Te – Virtude; King (Ching) – Livro. Uma tradução para *O Livro do Caminho da Virtude*. Vale ressaltar que o termo *Taoísmo* só passou a ser utilizado a partir do século I a. C. E que é uma referência direta o título do livro no qual está fundamentado.

elevação moral e espiritual. Pelo contrário, o caminho (*tao*) a ser trilhado apresenta-se muito mais como uma descoberta pessoal, através principalmente de uma percepção de si em relação/integração com os outros e com todas as coisas do mundo⁵⁶. Esta é uma proposição fundamental do Taoísmo, que estimula o desenvolvimento de um potencial de adaptabilidade, ou mutabilidade do adepto às diversas circunstâncias com as quais se depara em sua vida.

O Tao Te King está organizado em oitenta e um capítulos. A primeira parte do livro, se ocupa em tratar sobre o Caminho (auto-descoberta), enquanto que a segunda parte trata sobre a Virtude (dos atos). É perceptível em todo o corpo do texto a presença de um tom metafórico e figurado, com o intuito de provocar o leitor a uma reflexão sobre o teor das proposições. Tentar entender o que dizem as passagens literalmente só conduz ao afastamento da essência de tais proposições. Aquele que somente se ativer ao que dizem as palavras nunca encontrará o seu *Tao*. Como nos mostra uma passagem do livro:

O Tao de que se pode falar nunca será o Tao Eterno
Os nomes que podem ser dados nunca serão verdadeiros nomes.

A linguagem figurada utilizada nos textos torna, muitas vezes, difícil o seu entendimento imediato⁵⁷. Na verdade, muito mais do que um exercício de reflexão sobre o conteúdo das palavras nele dispostas, o que se propõe é uma tentativa de achar sentido para elas através de experiências práticas. O sacerdote *Wu Jyh Cherng*⁵⁸, relata que, em um de seus encontros com seu antigo mestre, *Maa*, solicita deste uma explicação de como deveria ser feita a distribuição da virtude, e o que seria fazer coisas virtuosas. Contudo pede a seu mestre que responda a essa pergunta de uma maneira objetiva e concreta, que não fornecesse uma resposta metafísica e sim uma “receita de bolo”. Não é do costume dos mestres taoístas procederem desta maneira, mas para atender ao pedido de seu pupilo, ele elabora uma assertiva. O sacerdote narra a resposta de seu mestre:

⁵⁶ À Exemplo da própria metodologia de consulta do I-Ching.

⁵⁷ Falo aqui como o ocidental, que foi criado a partir de um tipo de raciocínio lógico, objetivo e dedutivo, tão diferente do que é proposto por essa maneira de vivenciar o mundo.

⁵⁸ Sacerdote Taoísta da Ordem Ortodoxa Unitária, fundador da Sociedade Taoísta do Brasil. Um dos principais difusores do Taoísmo no país, tendo publicado inclusive a primeira edição de Tao Te Ching traduzida diretamente do idioma chinês para o português.

Ele, então respondeu que nós poderíamos começar a distribuir virtudes pelas coisas pequenas, materiais, procurando saber quais as necessidades das outras pessoas, do que elas estão precisando.

Então, você tem que começar pelo lado que as pessoas mais desprezam ideologicamente, mas do qual não conseguem se desapegar, que é o lado material (...) ao invés de ficar discutindo metafísica, “o que eles precisam é de pão na barriga, roupa no corpo e telhado acima da cabeça, o resto é blefe” Você pode até vir a discutir, um dia, metafísica com eles, mas primeiro deixe que eles comam bem, durmam bem e saiam dos sofrimentos mínimos básicos. Mestre Maa diz que isso é distribuição da virtude, isso é ter um gesto virtuoso.

Em seguida o próprio mestre Maa pergunta: e as pessoas que não tem dinheiro para ajudar a construir uma casa que caiu, restaurar uma estrada, ajudar a tratar o filho do outro que está doente, o que podem fazer? Poderiam distribuir ensinamentos, ou seja: poderiam dar assistências, ensinar, passar conhecimentos.

Se você é um estudioso, pode ensinar os outros a trabalharem; se é um estudioso, pode ajudar dando atenção e afeto aos seus vizinhos, conversando com as outras pessoas, até mesmo ajudando a descascar uma batata. Tudo isso são ensinamentos, tudo isso é distribuição de ensinamento. O ensinamento que você pode distribuir não precisa, necessariamente, se constituir de metafísica ou altas filosofias complexas.⁵⁹

A passagem acima nos revela uma característica fundamental do Taoísmo: o caminho para o crescimento, seja ele moral ou espiritual, encontra-se nas atividades práticas. O próprio processo de legitimação do conhecimento e da sabedoria está na capacidade de transformá-los em ações concretas. A figura do mestre ou do sábio assim o é, não por ter devotado anos a fio de estudo aos textos clássicos do taoísmo, mas por trilhar um caminho de exercício desses ensinamentos de maneira prática, de materializar esses ensinamentos em atitudes. Por isso, não é comum ouvir dos mestres pregações ou sermões, pois estes acreditam que as palavras têm pouquíssima força e alcance se comparadas ao que podem mostrar através das ações, portanto eles ensinam muito mais através do exemplo. Como podemos ver na passagem do último capítulo do Tao Te King:

Palavras confiáveis não são belas
Palavras belas não são confiáveis
Quem sabe não é abrangente
Quem é abrangente não sabe
Quem é bom não discute
Quem discute não é bom

⁵⁹ Extraído do Jornal da Sociedade Brasileira de Taoísmo. Disponível no site: <http://www.taoismo.org.br/stb/modules/dokuwiki/doku.php?id=03taoteching>. Consulta realizada em 14 de janeiro de 2012

O homem sagrado não acumula
Quanto mais faz para os homens, mais tem
Quanto mais dá aos homens, mais aumenta

O Caminho do Céu é favorecer e não prejudicar
O Caminho do Homem Sagrado é fazer e não disputar

Vejamos o que nos diz o sacerdote *Wu Jyh Cherng* sobre compreensão dos princípios contidos no *Tao Te King*:

Encontrando o Caminho dentro de nós mesmo, conseqüentemente vamos transformar nossos atos externos, por si mesmos, em Virtudes, em atos virtuosos *O Caminho interno é o Caminho da auto-realização, o caminho da consciência. Nesse caminho procuramos retirar as impurezas da consciência para que ela volte a ser lúdica e transparente. É um processo caracterizado pela busca de lucidez maior a cada instante e que utiliza a pratica da meditação como um momento totalmente dedicado a essa busca de iluminação*⁶⁰.

Sobre essas proposições acerca do Taoísmo, antropólogo José Bizerril (2003, 2005, 2007, 2011), um dos pioneiros no estudo das apropriações dessa tradição no Brasil, fala-nos que um de seus princípios basilares consiste em uma busca por um retorno a um estado de espontaneidade natural, que permitiria ao praticante viver em harmonia consigo mesmo, com os outros e com todas as coisas. Consistiria, pois na potencialidade de adaptar-se às diferentes configurações que o mundo assume (tendo em vista sua mutabilidade) e fluir sincronicamente com movimentos da natureza (e, por conseguinte, da sociedade). Esse ajustamento a diversidade das situações é tão mais eficaz quanto menor for o esforço necessário para sua realização. Pode ser descrito pela expressão *wu-wei*, que pode ser traduzida por *não-ação* ou *não-intenção*. O termo remete a uma condição de espontaneidade nas atitudes no mundo da vida, muito mais do que a racionalização do mesmo. Objetiva a obtenção simultânea uma condição de serenidade e plenitude na vida, que teriam como efeito a longevidade e uma saúde física-emocional-espiritual. Nesse sentido, taoístas valorizam o silêncio, o cultivo de um estado de tranquilidade mental e emocional para lidar com as demandas da vida cotidiana e a habilidade de cultivar e preservar, com isso, a força.⁶¹ Podemos perceber,

⁶⁰ Extraído de artigo publicado no Jornal da Sociedade Brasileira de Taoísmo. Disponível no site: <http://www.taoismo.org.br/stb/modules/dokuwiki/doku.php?id=03taoteching>. Consulta realizada em 14 de janeiro de 2012.

⁶¹ Comentários presentes na entrevista concedida a Patrícia Fachin para a Revista do Instituto Humanas Uninsinos publicada em 28 de setembro de 2009, cujo tema abordado foi: “ Taoísmo –alternância e

pois, que essas técnicas imprimem no sujeito uma perspectiva que se desenvolve de maneira antagônica ao estilo de vida experimentado, por exemplo, em uma grande cidade, pautado pelo ritmo frenético, pela grande quantidade de estímulos, e pela instabilidade da vida.

Essas condições podem ser atingidas através de uma gama de treinamentos que demandam de uma boa dose de prática. Para alcançá-las o taoísta desenvolve uma série de técnicas através, principalmente, do corpo, cujo treinamento repetitivo é um dos caminhos que conduz a experimentação dos estados acima citados. Dentre essas técnicas podemos citar três que possuem inter-relações: a meditação, o *Chi Kung* (Qi Gong)⁶² e o *Tai Chi Chuan* (Tai Ji Quan)⁶³.

O objetivo básico dessas técnicas parece residir no silenciar da mente pensante e na transferência da consciência do modo racional para o intuitivo. Em diversas formas de meditação esse silenciar da mente racional é obtido através da concentração da atenção do indivíduo num único ponto, por exemplo, a respiração, o som de um mantra ou imagem visual de uma mandala. Outras escolas focalizam a atenção em movimentos corporais, que devem ser efetuados espontaneamente sem a interferência de qualquer pensamento. É o que ocorre com a ioga hindu e com o T'ai Chi Ch'uan taoísta. Os movimentos rítmicos dessas escolas podem levar ao mesmo sentimento de paz e de serenidade tão característico das formas mais estáticas de meditação, um sentimento que, incidentalmente pode ser evocado através de alguns esportes. [...]

As formas artísticas orientais são, igualmente, formas de meditação. Mais do que meios de expressão das idéias do artista, essas formas constituem-se em meios de auto realização através do desenvolvimento do modo intuitivo de consciência. A música indiana não é aprendida pela simples leitura de notas, mas através da audição à execução do professor, desenvolvendo em consequência um sentido pela música. De idêntica forma, os movimentos do T'ai Chi Ch'uan não são aprendidos pela intervenção de instruções verbais, mas pela sua prática repetida em uníssono com o professor. As cerimônias japonesas de chá estão repletas de movimentos lentos e rituais. A caligrafia chinesa demanda o movimento espontâneo, desprovido de inibição da mão. Todas essas habilidades são utilizadas no Oriente como vistas ao desenvolvimento do modo meditativo de consciência. (CAPRA, 1983: 37).

combinação de duas polaridades indissociáveis". Disponível no site http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2831&secao=309.

Consulta realizada em 14 de janeiro de 2012.

⁶² Chi – energia; Kung – trabalho. Teríamos então uma tradução para trabalho da energia. Constituem-se de exercícios de respiração aliados a movimentos corporais com o intuito de promover a circulação ou a concentração em determinadas localidades do corpo da energia vital *chi*. Existem exercícios de *Chi Kung* com finalidades terapêuticas, com o intuito de prevenir que doenças se instalem no corpo, e existem exercícios com finalidades marciais, para fortalecer o corpo do praticante dentro do estilo de Wushu/Kung Fu que desenvolve.

⁶³ Punho da Suprema Cumeeira (do ponto mais alto). Sobre essa técnica específica falaremos com maior profundidade no próximo tópico deste capítulo.

O movimento corporal nesse contexto não é desenvolvido com o simples fim de exercitar o corpo, ou de cumprir uma coreografia ou rotina ensaiada repetidas vezes. Não há uma finalidade isolada em seu desenvolvimento. O objetivo fundamental para o praticante é conseguir fazer com que os estágios adquiridos durante os treinamentos perpassem outras esferas de sua atividade diária. Assim teríamos que um calígrafo taoísta, por exemplo, ao manejar o pincel não está simplesmente desenhando um ideograma. O que se movimenta não é apenas a mão, mas o corpo todo para que a forma da letra chegue o mais próximo da perfeição. O músico ao extrair sons de seu instrumento não cria apenas notas e acordes dentro de uma escala musical. Ele precisa ouvir os sons e senti-los através de seu corpo para que haja cadência na música produzida, uma vez que muitos dos instrumentos não possuem escalas marcadas em sua estrutura⁶⁴, e é próprio músico que precisa sentir a intensidade das notas para que estas construam a harmonia, e para que ele, instrumento e a música produzida sejam um só. O que se percebe é que o movimento corporal apresenta-se como via através da qual o indivíduo acessa estágios de conhecimento sobre si que jamais poderia acessar através de um trabalho meramente especulativo ou reflexivo. A partir dele, como nos mostra Bizerril (2011), o praticante desenvolve um modo específico de estar atento “com” o corpo e estar atento “ao” corpo.

As técnicas nesse contexto são a corporificação dos princípios do taoísmo. Vejamos como esses princípios se inscrevem no Tai Chi Chuan enquanto técnica para luta. No combate, os lutadores não podem simplesmente “escolher” ou “prever” que golpes ou técnicas vão ser mais eficientes, pois os movimentos que o adversário utilizará se apresentam como incógnita até serem postos em ação. Durante a luta, os combatentes muitas vezes não têm tempo para refletir sobre o que vão fazer, ou saber qual técnica funcionará melhor dado o desconhecimento da estratégia do oponente. Mais do que um conhecimento sobre o outro, faz-se necessário um conhecimento sobre si, que convida a uma perspectiva de adaptabilidade as diversas situações que podem vir a se apresentar. Nas artes marciais taoístas, como é o caso do Tai Chi Chuan, a aplicação desses princípios reside na capacidade que o praticante desenvolve de se

⁶⁴ Como o instrumento de cordas chinês *guzheng*. Diferente, por exemplo, de um violão ou de um contrabaixo, que possuem a escala das notas marcadas com trastes no braço do instrumento. Além disso, observamos que a música produzida no ocidente é tradicionalmente baseada em escalas criadas a partir de intervalos entre tons e semi-tons, diferente da musicalidade tradicional produzida em diversos países do oriente, como China e Índia, onde o que se observa é que entre tons e semi-tons se extraem inúmeros micro-tons, tornando sua estrutura altamente complexa de ser executada e percebida através dos ouvidos, e porque não dizer corpos sem treinamento de ouvintes e músicos ocidentais.

adequar, e, por conseguinte adequar o fluxo de seus movimentos às situações vivenciadas, por exemplo, em uma situação de combate. Mais uma vez podemos evocar o princípio fundamental presente Livro das Mutações (I Ching) cujo modelo de conduta proposto só ganha sentido quando utilizado ou evocado por uma situação prática. Assim se configuram os movimentos do Tai Chi Chuan. Muito mais do que técnicas fixas para utilização em determinada situação de luta, o que se desenvolve é um potencial de adequação desses movimentos às condições que se estabelecem durante o combate. A maestria de um praticante não reside, portanto na quantidade de movimentos e seqüências para as mais diversas situações que consegue memorizar, mas em sua potencialidade de adequar as técnicas aprendidas, mesmo que sejam poucas, às condições mais diversas. Ao realizar um movimento ataque ou de defesa, o praticante não o faz simplesmente articulando braços e/ou pernas, ele o faz com o corpo todo, pois toda estrutura corporal os tornam assim mais eficientes. E a eficiência nesse contexto não reside em aplicar um golpe com maior intensidade e força, mas sim em fazê-lo efetivo se desprender de grande esforço, ou de esforço algum. A habilidade consiste, pois em não precisar de força/esforço.

A possibilidade do exercício de uma *não-ação* ou de uma ação sem intencionalidade constitui, pois, de um princípio fundamental presente na tradição taoísta. Agir não intencionalmente significa um convite à espontaneidade dos atos, que remete, por exemplo, a uma recusa a perspectiva de intelectualização e reflexividade constante presente nos modos de agir do ocidente moderno. O silenciar da mente racional apresenta-se como caminho que conduz ao despertar para as formas intuitivas de conhecimento.

Na meditação, a mente é esvaziada de todos os pensamentos e conceitos, sendo preparada para funcionar por longos períodos de tempo através desse modo intuitivo. (...) Quando a mente racional é silenciada, o modo intuitivo produz uma percepção extraordinária. O ambiente é vivenciado de forma direta, sem o filtro do pensamento conceitual. Nas palavras de Chuang Tse, 'a mente serena do sábio é o espelho do céu e da terra – o espelho de todas as coisas'. A experiência da unidade do indivíduo com o meio que o cerca constitui a característica principal desse estado de meditação. Trata-se de um estado de consciência onde todas as formas de fragmentação cessaram, desvanecendo-se gradativamente até a unidade indiferenciada. (CAPRA, 1983: 38)

Tal feito só é possível com o trabalho da prática corporal constante. Mais uma vez temos aí o convite à aquisição de conhecimento corporal através da experiência

prática tão peculiar, como já mencionado, ao taoísmo. O silenciar da mente racional, e o convite a uma experiência intuitiva do mundo, como ressalta o autor, proporciona ao indivíduo uma experiência de integração direta com o mundo da vida, sem que para isso sejam necessários mediadores externos. Remete justamente à natureza espontânea nas tomadas de postura no/com o mundo, despidas de intencionalidade, ou como ele nos fala, através de uma *não-ação* que convida o indivíduo a seguir uma vida flexível, fluindo, e não se contrapondo (ou sobrepondo) aos diversos contingentes que se apresentem nesse percurso. Podemos pensar inclusive nos potenciais de adaptação e adequação nos usos das técnicas do Tai Chi Chuan, para além do contexto marcial, às diversas demandas corporais vivenciadas por seus praticantes no contexto do Programa Espaço Oriental. É o que veremos no Capítulo 5 deste trabalho⁶⁵

Antes de nos depararmos com estes processos, cabe um delineamento acerca do desenvolvimento das técnicas do corpo nas artes marciais chinesas (Kung Fu/Wushu), em especial do Tai Chi Chuan. Compreender suas particularidades de estruturação e os contextos sócio-culturais que atravessam esses processos apresenta-se como etapa fundamental para a análise que proponho sobre como essas mediações são delineadas na experiência ocidental contemporânea, e no contexto específico do Programa Espaço Oriental

2.2. Artes marciais chinesas e técnicas corporais

2.2.1. O Kung Fu/Wushu e o desenvolvimento de suas técnicas corporais

Ao remeter ao contexto de surgimento e estruturação das técnicas corporais das artes marciais na China, devemos compreendê-las enquanto conjunto de práticas originadas a partir do contato entre diversos elementos de culturas distintas. E que estão, portanto, sujeitas a inúmeros processos de adaptação e adequações de sentido a partir dos contextos locais onde se desenvolvem. Compreender, pois, como esse é um processo que está presente desde a criação dessas práticas, é fundamental para pensarmos suas perspectivas de adequação e modificações de sentidos a partir do

⁶⁵ Ao nos depararmos com as mediações através das quais esses novos usos se configuram à partir dos contingentes práticos colocados pelas experiências de apropriação dos alunos do Referido Programa. Esta é uma perspectiva que trago para análise, e através da qual intento perceber como a prática das técnicas corporais ganha novos contornos em suas aplicações a partir da diversidade dos contextos e ordenamentos nos quais são inseridas por seus praticantes.

contato com novos contextos de prática, como no caso de sua apropriação no ocidente contemporâneo. E em particular, nos ajuda a compreender como alguns de seus aspectos estruturais vão ser apropriados a partir das experiências de professores e alunos no Programa Espaço Oriental.

O conjunto das artes marciais chinesas é chamado de *Wushu*, que teria uma tradução para *arte ou técnicas de lutar*⁶⁶. Contudo no ocidente sob influência, sobretudo da indústria do entretenimento e das produções cinematográficas, essas técnicas são popularmente conhecidas como *Kung Fu* (trabalho árduo). Ao longo deste trabalho referir-me-ei a essas práticas utilizando sempre a dupla designação Kung Fu/Wushu com o intuito de utilizar tanto a expressão que é mais comum no ocidente, como o de evocar sua designação entre os chineses⁶⁷. Essas técnicas estão agrupadas em duas grandes escolas, *externas* (*waijia*) e *internas* (*neijia*), que se dividem não apenas pelos estilos e tipos de técnicas corporais utilizadas, como também pela influência de duas tradições do pensamento oriental que incidem sobre a estruturação e desenvolvimento dessas técnicas: o *Budismo* e o *Taoísmo* respectivamente.

Há indícios que apontam que o processo de desenvolvimento das *escolas externas* está intimamente relacionado à chegada do budismo da vertente *Dhyana* a China. A versão mais amplamente difundida entre os praticantes e professores dessas escolas, remete a chegada do XXVII patriarca da linhagem de Buda, o *Bodhidharma*, à China⁶⁸. Ele teria partido da Índia e chegado à China por volta do ano de 480 d. C. com o intuito de propagar a doutrina do *Buda Shakyamuni*, o Budismo, por outras regiões da Ásia. Chegando à China ele teria sido direcionado pelo Imperador ao *Templo de Shaolin* (jovem floresta), no condado de Dengfeng, área central de Henan, ao Norte do país. Contam as narrativas de origem do Kung Fu/Wushu que, ao chegar ao templo ele fora impedido de adentrá-lo pelo então dirigente do local. Bodhidharma teria então se dirigido para uma caverna situada nos arredores do Templo e iniciado um estado de meditação profunda com olhar fixo em uma parede de pedra. Conta-se que ele teria

⁶⁶ A designação dessas técnicas enquanto “artes marciais” constitui de um exemplo da ocidentalização na interpretação e apropriação dessas práticas. O termo “marcial” remete a Marte, representação romana do Deus da guerra. Na busca por um termo que atribuísse um sentido familiar, e na eminência de achar um termo equivalente para traduzir a expressão, convencionou-se, no ocidente, por designar assim todo o conjunto de técnicas de combate oriundo de sociedades do oriente como China e Japão.

⁶⁷ Existe atualmente um movimento impulsionado pela *International Wushu Federation – IWF*, com sede na China, pela substituição da utilização do termo Kung-Fu, por Wushu. Essa iniciativa mobiliza confederações e federações desta arte marcial ao redor no mundo com o intuito de resgatar a denominação real desse conjunto de práticas nos países onde ela está disseminada.

⁶⁸ Essa linhagem diz respeito a transmissão direta dos ensinamentos do Budismo na Índia desde o Buda original, Shakyamuni.

passado nove anos neste estado, e que após esse período conseguira abrir um buraco na parede para onde olhava, dando entrada assim aos domínios do Templo de Shaolin. Só então o mestre do local resolve aceitá-lo.

Ao adentrar ao Templo, Bodhidharma identifica que os monges que habitavam aquele local encontravam-se em um considerável estado de debilidade (fraqueza) corporal. A justificativa para isso devia-se ao fato de que o Templo de Shaolin era um dos principais redutos de tradução dos textos budistas do sânscrito (língua original) para o chinês. Como passavam longos períodos debruçados sobre as mesas copiando as escrituras, esses monges acabavam ficando com corpos muito enfraquecidos, e desenvolvendo, sobretudo, problemas posturais e de coluna. Eis que Bodhidharma ensina aos monges várias técnicas de exercícios físicos e de respiração oriundos da *yoga* indiana para o fortalecimento dos corpos, visando assim, além do preparo para suas atividades monásticas, um considerável aumento em sua vitalidade.

A *Dhyana* (meditação profunda), vertente do Budismo que Bodhidharma havia sido incumbido de difundir por países da Ásia, e que ao chegar à China recebe o nome de *Ch'an-na* (ou simplesmente *Chan*)⁶⁹. Uma de suas principais características consistia na substituição dos estudos rigorosos das escrituras sagradas do *Budismo* indiano, pelo estabelecimento do aprendizado a partir da relação mestre/discípulo.

Uma das novas características da escola Chan era a crença de que a verdade transmitida por Buda podia ser diretamente transmitida de mestre a discípulo. Pelo menos em teoria não havia mais a necessidade de se estudar as escrituras. Pelo contrário: o acesso imediato da mente ao dharma (*xinfa*)⁷⁰ poderia ser dado do professor ao aluno (SHAHAR, 2011. p 9)

Um fato a ser destacado também é que, na China, o *Budismo* sobre influência de outras tradições de pensamento oriundas daquele país como é o caso do *Taoísmo*, que já atrelava a aquisição dos conhecimentos, sobretudo a partir de um viés da prática dos ensinamentos transmitidos pelo mestre muito mais do que o estudo das palavras

⁶⁹ Essa vertente do budismo posteriormente migraria da China para o Japão e receberia o nome de *Zen-na* (*Zen*). Essa última expressão do budismo é que é introduzida no ocidente a partir do início do século XX por experiências como as do filósofo alemão Eugene Herigel, e do escritor norte-americano Alan Watts (Estados Unidos), principalmente através de sua interlocução com o filósofo japonês D. T Suzuki, uma das grandes autoridades vivas na época, sobre Budismo. Além dessas perspectivas, temos as apropriações do *Zen* desenvolvidas pelos autores da geração beatnik da literatura norte-americana, como veremos no capítulo seguinte. Vale ressaltar que *Dhyana*, *Ch'an-na* e *Zen-na* possuem o mesmo significado de 'meditação profunda', nos idiomas sânscrito, chinês e japonês respectivamente.

⁷⁰ Doutrina.

sagradas.⁷¹ Podemos perceber que essa perspectiva de aquisição do conhecimento através de via prática, além da evidente influência da tradição taoísta, apresenta-se também como uma estratégia de adequação do Budismo ao contexto chinês, tendo em vista também as dificuldades de acesso e leitura das escrituras no idioma original, o sânscrito. Em decorrência disso, outra manifestação dessas estratégias de apropriação diz respeito ao próprio processo de tradução cultural, não apenas das escrituras clássicas do Budismo, do sânscrito para o chinês, mas nas adequações de sentido entre muitas das expressões e proposições contidas nesses textos, para noções que apresentassem um entendimento aproximado para o novo contexto de disseminação.

Desde a introdução do Budismo na China, por volta do século I d. C. (antes mesmo da chegada de Bodhidharma) uma das principais atividades dos primeiros monges budistas chineses consistia na tradução das escrituras (os *sutras* proferidos por Buda e organizados por seus discípulos) do sânscrito para o idioma local. Goldman e Fairbank (2008) apontam que estes monges enfrentaram grandes problemas lingüísticos tendo em vista que o sânscrito era um idioma polissilábico, cheio de inflexões e alfabético, tal qual o inglês e as demais línguas indo-européias, enquanto que o idioma da China constituía-se por uma escrita monossilábica, sem inflexões e ideográfica (escrita com símbolos). Eles se depararam com a eminência de “traduzir” os ensinamentos do budismo e selecionar determinados termos chineses, caracteres escritos e carregados de sentido pré-estabelecido, e investi-los de novos sentidos, sem deixar que com isso as idéias estrangeiras fossem minimamente alteradas (um “achinesamento”). Podemos perceber isso na própria tradução da escola *Dhyana* para *Ch’na-na*, utilizando-se de uma expressão do idioma local que transmita um significado similar a proposição de *meditação profunda*. Devemos perceber que o Budismo, em sua vertente chinesa, não escapa de ser influenciado por elementos e mediações da cultura local, como sua fusão com aspectos do Taoísmo, as modificações em suas relações de transmissão, a utilização de termos familiares ao idioma local para facilitar o entendimento de suas proposições, entre outros. Eis que se apresenta aí uma problemática tal qual a que estamos lidando como a proposta por este trabalho: a das transposições e apropriações de elementos de uma cultura, por outra distinta, e suas eventuais mudanças no significado e nos usos práticos a partir dos novos contextos de implementação.

⁷¹ Como visto anteriormente inclusive nas proposições do livro fundamental do taoísmo, o Tao Te King.

Sobre este campo de mediação que se configura nos processos de apropriação do Budismo na China, um dos aspectos mais polêmicos até hoje diz respeito à relação entre a presença de Bodhidharma naquele país com a criação da escola *Chan*. O pesquisador Meir Shahar (2011. p 10), em um estudo historiográfico sobre o Templo de Shaolin, nos mostra que inúmeras pesquisas apresentam uma postura cética sobre essa perspectiva, tendo em vista que registros históricos apontam que a escola *Chan* surgiria pelo menos um século após o falecimento de Bodhidharma (520 d. C.). Mesmo que Bodhidharma tenha pregado ensinamentos que influenciaram os pensadores da escola *Chan*, a atribuição de sua criação a ele é considerada uma lenda por muitos historiadores.⁷² Contudo, a presença de Bodhidharma no Templo de Shaolin é atestada por registros canônicos contidos no próprio Templo. *As Estrelas de Shaolin*, registros epigráficos (em pedra) apontam o progresso gradual pelo qual o monge se estabeleceu no Templo, sendo que o mais antigo desses registros remete ao ano de 728 d. C.. Apesar de apresentar evidências historiográficas que até hoje são motivo de ferrenhos debates entre pesquisadores, e entre iniciados do Budismo, a relação de Bodhidharma com o Templo de Shaolin é uma referência utilizada por muitos mestres, professores e praticantes de artes marciais (e por pesquisadores do tema) como uma espécie de mito fundador do que viria a dar origem a inúmeros sistemas do Kung-Fu/Wushu.⁷³

Outro dos grandes debates que persistem até os dias de hoje está atrelado à possível contradição entre as práticas de combate e militares dos monges, e um dos princípios fundamentais do Budismo que é o da *não-violência*. Sobre esse assunto, Shahar (2011) nos fala que:

Nesse sentido, a contradição entre o budismo e a prática marcial é menos interessante que sua conexão. Afinal, as práticas marciais de Shaolin estão intimamente relacionadas ao budismo? Os atuais monges Shaolin afirmam enfaticamente que seu regime marcial é uma forma de prática espiritual. O abade Uongxim se refere a tradição marcial de Shaolin pelo termo 'Chan Marcial' (Wuchan), querendo afirmar que os exercícios físicos são uma ferramenta para o cultivo da consciência religiosa. (SHAHAR, 2011: XX)

⁷² Shahar (2011. p10) cita os trabalhos de J. R. McRae, *Northern School and the Formation of Early Ch'na Buddhism*:15-19; e B. Faure, *Le Treité de Bodhidharma*:13-22.

⁷³ Esta é inclusive uma das histórias a qual um dos professores de Wushu/Kung Fu entrevistados, C. G., se refere quando quer falar sobre a origem de um dos estilos que ensina, o *Shaolin do Norte*. A versão da história da entrada de Bodhidharma no Templo de Shaolin que menciono, foi-me apresentada por ele e acrescida de informações obtidas através de pesquisas em Shahar (2011) e Acevedo; Gutiérrez; Cheung (2011).

Nesse estudo Shahar identifica duas justificativas básicas para essa relação de Shaolin com os treinamentos corporais voltados para o combate. Uma delas diz respeito às necessidades dos monges de proteger o patrimônio do templo que era composto de, além de vários hectares de terras, e por inúmeros presentes que iam sendo doados pelos imperadores de sucessivas dinastias. A outra justificativa diz respeito justamente às práticas religiosas, uma vez que inúmeras divindades do Budismo eram representadas por entidades fortemente armadas com o intuito de repelir os demônios e maus espíritos. Os monges, portanto, tratavam de reproduzir na terra as características das divindades que intentavam em seguir, ou combater. Apesar do depoimento de inúmeras autoridades do Budismo hoje negar sua relação com práticas de combate, no próprio Templo existem várias escrituras que comprovam tal vínculo. Shahar fala que, como se trata de uma contravenção a um dos preceitos fundamentais da religião, ela passa a não ser aceita, reconhecida ou evidenciada por suas autoridades.⁷⁴ O que devemos destacar é que a justificativa religiosa era uma recorrente, como já afirmado, para os treinamentos e eventuais usos das técnicas corporais para fins de combate, e adequações do Budismo a realidade chinesa é amostra de como os novos contextos de utilização de uma prática ou produto cultural incidem para a reorientação de seus usos práticos.

Outro fato importante a ser ressaltado é que é no Templo de Shaolin as técnicas corporais de exercícios físicos e de respiração do budismo (juntamente com técnicas originárias do Taoísmo) se mesclam com os treinamentos de combate corpo-a-corpo e de guerra dos militares chineses que frequentemente eram acolhidos no Templo ao buscarem abrigo entre as batalhas. Por todos esses fatores o Templo de Shaolin é reverenciado até hoje como berço de diversos estilos de técnicas do corpo que viriam a ser conhecidas posteriormente como as *escolas externas* do Kung Fu/ Wushu. Uma característica comum a todos esses estilos é o emprego de movimentos fortes, rápidos, de alto impacto, e técnicas baseadas em movimentos de animais como tigre, garça, serpente, louva-deus, entre outros. A utilização da expressão *escolas externas* (*waijia*)

⁷⁴ Uma delas epigrafada nas Estrelas de Shaolin, aborda a questão referente a prática da luta pelos monges, cujo registro subsidia inclusive o filme *O Templo de Shaolin* (*The Shaolin Temple*, 1982), protagonizado pelo ator Jet Li (Li Lianjie). Nele vemos os monges entrarem em inúmeras situações de combate, que se justificam pelo apelo de socorrer alguém em apuros ou lidar com alguma injustiça. Os monges do filme reconhecem o combate como um desvio de conduta, entretanto, como a causa que os leva a praticá-lo é nobre, acreditam que receberão o perdão de Buda. Em um dos trechos do filme, após invasão do templo por soldados que buscavam um fugitivo, os monges, na eminência do combate afirmam: “Matem os demônios e juntem-se a Buda”. Em complemento a isso outro monge fala: “Vamos libertar suas almas e levá-los a morte”. Referiam-se, pois aos soldados que ameaçavam o templo. O fugitivo a quem prestavam socorro era Li Shi Mín, que em decorrência ao auxílio dos monges viria a se tornar imperador e fundador da Dinastia Tang (618-917).

para designar o conjunto dessas técnicas de combate é uma metáfora que alude à perspectiva de onde deve partir o fortalecimento do praticante, de fora para dentro⁷⁵, através justamente dos exercícios corporais. Surgimento do Kung Fu/Wushu das *escolas externas* no Templo de Shaolin apresenta-se como um exemplo através do qual podemos perceber que o processo de fusão entre práticas culturais com origens e finalidades distintas, influências de interesses locais, e inúmeros campos de mediação onde ocorrem suas novas apropriações, geram não apenas reorientações nos usos, mas também novas práticas culturais a partir dessas fusões.

O estilo *Tai Chi Chuan*, com o qual iremos nos deter com mais afinco, e através do qual iremos analisar as experiências de apropriação contemporânea no contexto do Programa Espaço Oriental, faz parte das *escolas internas (neijia)* do Kung Fu/Wushu. A dinâmica de estruturação dos seus movimentos está atrelada aos princípios do Taoísmo, tal qual apresentado no início deste capítulo. *Tai Chi* significa *suprema cumeeira* (de cume), o ponto mais alto; *Chuan* significa *punho*. Teríamos então uma tradução para *punho da suprema cumeeira*. É possível constatar que o princípio *Tai Chi* (suprema cumeeira) consiste em um fundamento das técnicas corporais taoístas, antes mesmo de suas aplicações no contexto das artes marciais, e sua fusão com a noção *Chuan* (punho). A nomenclatura remete a uma das preocupações basilares do Taoísmo, e neste caso a suprema cumeeira diz respeito a um estado de elevação não apenas espiritual, mas também corporal. Este último apresenta-se através de uma busca pela longevidade, ou como alguns preferem chamar, de imortalidade⁷⁶. Na verdade essa preocupação se reflete nas práticas dos antigos monges taoístas, que além de meditação e da realização de benfeitorias para com o próximo, tinham o exercício corporal (*daoyin*) como parte de sua atividade monástica. Eles eram empreendidos, sobretudo através exercícios que articulam movimentos do corpo a técnicas de respiração. Essa prática freqüente, aliada a uma boa alimentação fazia com que comumente esses monges viessem por muito tempo, ultrapassando a faixa dos cem anos. .

⁷⁵ Outra representação para isso é a que diz que os praticantes desses estilos devem ser fortes por fora e serenos interiormente. A força física nesse sentido não é sinônimo de hipertrofia muscular, pois mesmo com todos os treinamentos, os monges não adquirem corpos de proporções avantajadas. Contudo, são capazes de quebrar pedras com punhos ou pernas, agüentar grandes impactos em seu corpo, erguer objetos de grande carga de peso, realizar saltos e acrobacias que desafiam a gravidade etc.

⁷⁶ Metáfora utilizada para aludir não apenas a uma vida longa, mas a uma vida com qualidade, fundada em ações práticas de integração e auxílio para com o próximo e com o mundo de maneira geral. A imortalidade para os taoístas pode ser compreendida também como uma perspectiva de continuidade através da transmissão do exemplo de vida, que continua repercutido e difundido mesmo após a morte, por exemplo, de um grande mestre ou praticante desses princípios.

O mito fundador que narra a origem do Tai Chi Chuan remete a um monge taoísta chamado *Zhang Sanfeng (Chang San Feng)*⁷⁷. Conta-se que ao realizar um de seus processos de meditação na montanha *Wudang*⁷⁸ contemplou uma disputa entre um *grou*⁷⁹ e uma *serpente*. Ele percebeu que o grou aplicava investidas rápidas e fortes contra a serpente, e que esta ia esgueirando-se e envolvendo seu inimigo lentamente. Ao fim da disputa a serpente vence o grou. Ele compreende a partir daí que a suavidade, quando bem utilizada pode sobrepujar a velocidade e a força. Tal reflexão levou-o a pensar sobre os treinamentos corporais que desenvolvia. A partir de tal reflexão ele cria um sistema de técnicas onde a força física não fosse o principal componente nos movimentos. As aplicações desses princípios às artes marciais originaram um estilo de Kung Fu/ Wushu de inspiração taoísta que levava o nome da montanha onde se originara, *Wudang*. Sua categorização enquanto estilo *interno* (ou escola interna) deve-se ao fato de que o treinamento para o combate se mescla às inúmeras técnicas de exercício corporal taoísta (*daoyin*) e, além das aplicações para a luta, possuía inúmeras propriedades terapêuticas⁸⁰. Esse seria o esboço do que posteriormente viria a ser desenvolvido com o *Tai Chi Chuan*.

As histórias em torno da figura de Zhang Sanfeng até hoje permeiam o imaginário mítico da criação do *Tai Chi Chuan* (tal qual a relação de Bodhidharma para as escolas externas). São passagens até hoje difundidas por professores e alunos que servem para aludir aos princípios básicos desta arte marcial.⁸¹ Vejamos o que nos diz a pesquisadora Catherine Despeux sobre este assunto:

Diversos fatores explicam a escolha de Zhang Sanfeng como criador do Taiji quan. O primeiro, (...) a saber, o costume chinês de atribuir uma invenção a uma personagem eminente, cuja biografia foi escrita sobre o modelo tópico dos sábios taoístas, bem como dos sábios da antiguidade. O segundo fator é o elo íntimo existente entre Zhang Sanfeng e o monte Wudang, sítio de peregrinação consagrado a Zhenwu, o “guerreiro verdadeiro”, e centro de desenvolvimento dos rituais militares. Enfim, é provável que se tenha querido

⁷⁷ Segundo a pesquisadora Catherine Despeux (1987) ele teria vivido entre os anos de 1127-1279, mas até hoje essas datas são motivo de controvérsia entre os pesquisadores do tema.

⁷⁸ Grande reduto de difusão do taoísmo com concentração de inúmeros templos.

⁷⁹ Ave chinesa que se assemelha a uma garça e que é corriqueiramente vista como símbolo de longevidade pelos taoístas.

⁸⁰ Como aumento à imunidade do organismo, fortalecimento da musculatura e dos tendões, estímulo coordenação motora, entre outras. Essas potencialidades das técnicas corporais taoístas resultavam da preocupação taoísta com a longevidade e a manutenção da saúde.

⁸¹ Um fato a ser destacado é que a relação de Bodhidharma e de Chang San Feng com a origem das escolas externas e internas respectivamente de Kung Fu/Wushu figuram como parte do imaginário das artes marciais chinesas. Apesar de evidências históricas divergentes quanto a essa relação ou mesmo com respeito ao período em que viveram, o que se sabe hoje é que são alegorias aceitas e difundidas tanto por praticantes quanto por pesquisadores do tema.

opor o um santo taoísta ao eminente monge budista Bodhidharma, a quem se atribui a criação das técnicas de combate Shaolin. (DESPEUX, 1987. p 16-17)

Contudo, a origem oficialmente aceita para o surgimento do *Tai Chi Chuan* como sistema particular do Kung Fu/Wushu remete a *Chen Wang Ting*, comandante da guarnição militar do distrito de Wenxiang entre 1641/44 (este último, ano da queda da Dinastia Ming que perdurava desde 1368). Após a derrocada da Dinastia Ming e substituição pela Qing (1644-1911), ele se retira do exército e recolhe-se na aldeia de sua família em Chengjiagou, no distrito de Wen, província de Henan. Durante este período ele sintetiza a essências das inúmeras técnicas de combate corpo-a-corpo que havia aprendido⁸² em um sistema onde o emprego da força não fosse o principal componente dos movimentos. As principais características e objetivos desse sistema consistiam basicamente em vencer a força com a suavidade e adaptar-se aos movimentos do adversário. Eis que com isso o Tai Chi Chuan ganha status de um sistema de Kung Fu/ Wushu/, e este estilo particular leva o nome da família de seu criador: *Chen* (WONG, 2006)

O que é importante destacar aqui, é que esse contexto inicial de difusão do Tai Chi Chuan Chen era marcado por uma linhagem de transmissão familiar. Só quem poderia aprender as técnicas seriam os membros da família Chen. Essa iniciativa se apresentava como uma tentativa de resguardar o conhecimento ali produzido, mantendo-o em “segredo” e evitando que os possíveis adversários tivessem acesso a ele. Contudo, durante o século XIX uma pessoa de fora da família viria a prender as técnicas dos Chen: seu nome era *Yang Lu Chan*. Ao adentrar a família Chen como seu criado, ele aprende escondido algumas técnicas, e posteriormente passa a ser aceito pelo então patriarca do estilo *Chen Chang Ching*. Essa perspectiva de aprendizado era considerada pelos mestres uma grave contravenção e uma falta de respeito para com a tradição de transmissão da arte marcial. Contudo, ao derrotar um adversário dos Chen demonstrando os conhecimentos que havia aprendido em segredo, *Yang Lu Chan* é aceito como discípulo formalmente, e a perspectiva da desonra de seu aprendizado deixada de lado pelos membros da família.

⁸² Entre elas as técnicas corporais taoístas para a longevidade, as técnicas de combate militar que havia aprendido na época em que fazia parte do exército da dinastia Ming, e há hipóteses que dizem que ele teria aprendido também as técnicas *externas* de Shaolin, tendo em vista a proximidade do Templo com sua aldeia natal (KIT, 2006. p 39-40)

Um fato importante a ser destacado é que *Yang Lu Chan* (1799-1872) apresenta a primeira iniciativa através da qual os conhecimentos do sistema de Tai Chi Chuan Chen saem de dentro da linhagem familiar. Após ser aceito oficialmente como discípulo dos Chen, e refinado suas técnicas, ele retorna para a aldeia de sua família em Hebei, e passa a ministrar aulas desta arte marcial em sua terra natal. Ele efetuou algumas mudanças nas técnicas que havia aprendido, pois, apesar de se tratar de um estilo das escolas internas de Kung Fu/Wushu, o Tai Chi Chuan dos Chen ainda apresentava alguns movimentos de impacto e explosão muscular. Yang Lu Chan elimina esses movimentos, modifica algumas posturas e desenvolve um sistema caracterizado principalmente pela suavidade e pela fluidez/continuidade entre os movimentos. O sistema por ele desenvolvido fica conhecido posteriormente como Tai Chi Chuan da família Yang. Outra peculiaridade a ser ressaltada é que ele é o mestre responsável pela saída desta arte marcial do meio rural para o ambiente urbano, aumentando consideravelmente a quantidade de praticantes. Sua fama de exímio lutador havia se espalhado por toda a China e por isso ele fora convidado para ministrar aulas em Pequim. Lá ele vira treinador do exército e de diversos membros da corte da Dinastia Qing (1644-1911). Ele chega a ser conhecido na China como “o sem adversário”, devido a sua maestria nas artes marciais, e por não ter encontrado alguém capaz de derrotá-lo em um combate. O neto de *Yang Lu Chan*, *Yang Chengfu*, é o responsável pela propagação da técnica de sua família por toda a China. É ele quem desenvolve um sistema unificado de ensino das técnicas de seus familiares. Além dos aspectos combativos, o Tai Chi Chuan propagado por *Yang Chen Fu* é focado também em inúmeros aspectos terapêuticos, remetendo as antigas técnicas de exercício para a longevidade taoístas. O Tai Chi Chuan sai dos muros das academias e começa a ser praticado por todo país em praças e escolas. Atualmente o estilo da família Yang é o mais difundido ao redor do mundo, e o que apresenta um maior número de praticantes inclusive no Brasil.⁸³

O início do século XX marca a derrocada do Império Chinês e o surgimento da República da China entre 1912-1949⁸⁴. Desde o período final da Dinastia Qing (1644-1911), última representante do Império Chinês, o país já intentava desenvolver uma série de modernizações a partir do contato com sociedades estrangeiras. As pressões

⁸³ Como é possível perceber no Tai Chi Chuan que é ensinado atualmente no Programa Espaço Oriental, que consiste em um misto entre o estilo da família Yang e o sistema moderno de Pequim, sobre o qual falaremos logo adiante.

⁸⁴ Período que também ficou conhecido como China nacionalista (DESPEUX, 1987; KIT, 2006)

estrangeiras e diversos movimentos de insurreição interna contra o Império desembocaram também em uma série de incidentes e conflitos desde o século anterior como a Guerra do Ópio (1839-1842 e 1856-1860) e a primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895). Conscientes da fragilidade política que vivenciavam os Qing lançam-se em um desesperado processo de modernização do país em diversos níveis, inclusive na cultura corporal. Diversas práticas tradicionais como as artes marciais, o teatro e a dança, passam a ser consideradas antiquadas por representar o espírito da China antiga, que entrava em contradição com a ânsia por modernização que intentavam empreender.

Esse movimento de modernização e abandono das práticas tradicionais, contudo, não era aspiração de toda a população chinesa. Com relação às artes marciais, por exemplo, uma importante iniciativa de preservação dessas práticas foi mediada no período republicano. Com o objetivo de instigar o patriotismo, união e orgulho entre seus praticantes, algumas dessas práticas que representavam até então o “espírito tradicional” da China, entre elas as artes marciais, passaram por algumas tentativas de insuflação para que resistissem ao advento de modernização do país. O comandante do exército chinês *Zhang Zhijiang* e influente oficial do governo *Li Lijun* propuseram, entre os anos de 1927 e 1928, uma mudança na designação da nomenclatura das artes marciais, de *Wushu* (arte marcial), para *Guoshu* ou *Kuoshu*, que significa literalmente *Arte Nacional*. Nesse contexto é fundada por Zhang a *Academia Central de Artes Nacionais*, que apresenta, além de uma tentativa de valorizar o conhecimento das artes marciais acumulado há gerações, se apresenta como uma tentativa de criar um sistema de formação e graduação regular para o ensino dessas técnicas do corpo na China, para que assim elas persistissem aos novos tempos⁸⁵ (ACEVEDO; CHEUNG; GUTIÉRREZ, 2011).

Em 1930 uma delegação composta por *Zhang Zhijiang* e outros dirigentes da Academia Central viajam ao Japão com o intuito de conhecer os sistemas de treinamento das artes marciais daquele país, sobretudo do *Judô*⁸⁶. Foram inclusive

⁸⁵ Até então na China cada estilo ou escola dessa arte marcial possuía inúmeros mestres com formações diferentes, que, por conseguinte possuíam metodologias de transmissão desses ensinamentos completamente distintas. Além do ensino de artes marciais eram trabalhadas outras modalidades como tiro com arco (*she jian*), jogo de peteca (*jian zi*), e provas de força

⁸⁶ O Judô despontava então no campo das artes marciais como uma das primeiras tentativas de desenvolvimento de um sistema moderno de ensino das técnicas. Consistia na aplicação de um método padronizado e simplificado de ensino de técnicas peculiares a outras artes marciais japonesas, como o *Jiu-Jitsu*, em um sistema que otimizasse o aprendizado e que pudesse ser aplicado aos mais diversos públicos. Uma das primeiras tentativas de esportivização das artes marciais, que culminaria posteriormente na entrada dessa modalidade nos Jogos Olímpicos a partir da edição de XXXX realizada no XXX.

organizados durante esta visita combates amistosos entre praticantes de *Judô* e *Shuai Jiao*⁸⁷ para testar os pontos fracos e fortes de ambas as modalidades. Além desta modalidade os visitantes chineses puderam observar demonstrações de outras artes marciais japonesas como o *Kendô*⁸⁸ e o *Sumo*. Os membros da Academia Central ficaram impressionados com o avanço que as artes marciais e suas metodologias de ensino haviam atingido no Japão. Ao retornar a China, *Zhang Zhijiang* escreve vários artigos criticando o descuido com relação à preparação do Guoshu (Arte Nacional) em relação ao que havia observado em sua visita ao Japão. Essa iniciativa já nos apresenta um desdobramento do contato que tiveram com práticas e técnicas de treinamentos corporais oriundas de outra cultura. Esse contato fez com que refletissem sobre suas próprias práticas, e mesclassem elementos do que haviam conhecido aos treinamentos que então desenvolviam no campo das artes marciais, revelando-nos um traço de interculturalidade que se constitui como elemento marcante na estruturação do Kung Fu/Wushu (para eles, o Guoshu) durante aquele período.

Em 1935 um grupo de oficiais da Academia Central liderados novamente por Zhang realiza uma viagem de cinco meses pelos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Áustria e Tchecoslováquia, com o intuito de investigar suas metodologias de educação e cultura física. O interesse em aprender os sistemas de treinamento físico dos ocidentais não se limitava apenas ao aprimoramento das artes marciais, mas também ao campo dos esportes em geral. Em 1933 é idealizado um programa esportivo para uma escola adjacente, que foi denominada de *Colégio especializado em esportes da Academia Central de Artes Nacionais de Nanjing*. Nessa escola seriam formados instrutores especializados não apenas em Guoshu, como também conhecedores de esportes como *futebol, badminton, natação, handebol*, etc. A academia abre filiais em várias cidades chinesas como Hong Kong, Xiamen, Nanning, entre outras. Essa ampliação da escola influenciou inclusive a instituição do Guoshu como conteúdo obrigatório dentro do programa de educação física das escolas chinesas⁸⁹.

Em 1936 uma equipe da Academia Central é designada para participar dos Jogos Olímpicos de Berlin. Apesar de não ter obtido bons resultados nas competições oficiais, as apresentações realizadas pela equipe de Guoshu impressionaram e foram bastante

⁸⁷ Estilo de arte marcial chinesa focada em técnicas de projeção (deslocar e derrubar o adversário), assim como no Judô.

⁸⁸ Com técnicas focadas no manejo de espada.

⁸⁹ Com isso as artes marciais passam a compor o currículo formal das escolas.

elogiadas pelos oficiais dos Jogos Olímpicos.⁹⁰ Além de Berlin, suas apresentações percorreram as cidades de Hamburgo, Frankfurt e Munique. Uma apresentação, contudo, teve sucesso excepcional em terras alemãs. A atleta Fu Shu Yun realizou uma demonstração de Tai Chi Chuan que impressionou o próprio Adolf Hitler, a ponto de o ditador convidar a equipe para uma audiência em reservado com ele. De acordo com a própria Fu Shu Yu, Hitler expressou sua admiração pelo Tai Chi Chuan classificando-o como uma “prática ideal” (ACEVEDO; CHEUNG; GUTIÉRREZ, 2011. p 119-122). O que devemos perceber das iniciativas até agora descritas, é que tensões e transformações políticas no ceio da cultura chinesa acabaram incidindo na maneira como, não apenas as artes marciais, mas diversas práticas culturais tradicionais daquele país foram desenvolvidas. Os impulsos modernizadores e reformadores dessas tradições, dos quais já se encontram indícios desde o final do último império chinês (Dinastia Qin 1644-1911) proporcionam a “abertura” para uma fusão entre essas práticas e diversos elementos de culturas estrangeiras, com o intuito de “atualizar” suas perspectivas de desenvolvimento.

Com o estabelecimento da República Popular da China em 1949 e a ascensão do Partido Comunista ao poder, milhares de chineses simpatizantes do Kuomintang⁹¹ migraram para ilha de Taiwan, que não estava sob controle dos comunistas. Junto com essa parcela da população se evadiram também muitos dos praticantes de artes marciais formados na Academia Central simpatizantes do Kuomintang, que viam em Taiwan a possibilidade de continuidade do desenvolvimento de seus treinamentos sem a sujeição aos desígnios do regime comunista.

Em 1917 *Mao Tse-Tung*, futuro líder comunista da China havia escrito um artigo para jornal *Hsin ching nein (Nova Juventude)* exaltando os benefícios da prática da atividade física como um componente fundamental para, além de trazer melhorias para a saúde, fortalecer o espírito da nação. Neste trabalho, além de referir de maneira crítica ao espaço que os exercícios corporais haviam perdido em relação, por exemplo, aos estudos acadêmicos, Mao revela admiração aos modelos recentes de educação física alemã e ao Judô japonês, e como essas práticas contribuíam para o fortalecimento de ambos os países.⁹² Ele considerava que como qualidades humanas como a moralidade, e

⁹⁰ Nesta edição dos Jogos Olímpicos, equipes de alguns países foram convidadas para um evento de demonstração de modalidades nacionais de suas pátrias. A equipe da China, composta por seis homens e três mulheres, preparou uma apresentação de alguns estilos de artes marciais do país.

⁹¹ Bloco nacionalista que até então estava no poder naquele país.

⁹² Tal qual haviam percebido os membros da já citada Academia Central de Artes Nacionais.

o intelecto, estão contidas em um corpo físico, por isso seria preciso fortalecê-lo desde tenra idade para reforçar tais características. O que se percebe a partir dessa iniciativa é que o governo chinês passou a atentar também para os trabalhos de treinamento corporal como perspectiva também de incutir no povo chinês a disciplina e nacionalismo promulgado pelos ideais comunistas. Além das artes marciais, inúmeras outras práticas corporais como a dança, por exemplo, passaram a ser “reformadas” para atender as disposições dos anseios comunistas.⁹³

Neste contexto, o advento da República Popular da China e a intervenção dos comunistas, iriam implicar em um novo delineamento para as artes marciais naquele país. Tais quais as iniciativas do período republicano anterior, o que se objetivava também era agregar novas tendências de preparação física à prática das artes marciais, contudo, os dirigentes comunistas tomaram um rumo diferente do proposto pelos membros da *Academia Central de Artes Nacionais*. As artes marciais chinesas até aquele momento constituíam um conjunto complexo de inúmeros estilos e linhagens, com técnicas e fundamentos bastante diversos. Cada um desses sistemas possuía metodologias de ensino próprias, e havia um eterno clima de disputa entre escolas, mestres e praticantes com o intuito de provar qual deles era o mais eficiente em situações de combate.

Enquanto que para os membros da já citada *Academia Central de Artes Nacionais* o contato com métodos de preparação física estrangeiros possuía o intuito de instigar e desenvolver novas perspectivas de aprimorar o conhecimento das artes marciais chinesas tradicionais, o movimento empreendido pelos dirigentes comunista tomava curso oposto. O que eles promoveram foi um intenso processo de esportivização dessas técnicas, desenvolvendo o que ficou conhecido como *Wushu Moderno*. Paulatinamente os elementos que remetiam às aplicações para o combate em seu sentido original foram sendo retirados, e foram desenvolvidas formas simplificadas que intentavam ao mesmo tempo, facilitar o ensino, e eliminar as referências características dos estilos tradicionais. As modalidades de combates livres foram proibidas, pois

⁹³ No caso da dança, por exemplo, e notável sua utilização como via de propaganda comunista. O modelo de dança tradicional chinesa no contexto do regime comunista, passa a dar espaço também a prática do balé clássico com forte influência do modelo russo. Após o período da Revolução Cultural a partir de 1966, a dança chinesa passa por mais um processo de adaptação, quando os comunistas intentam substituir o então modelo clássico russo difundido nas escolas de dança daquele país, por um modelo de dança que reflita os anseios comunistas. Temos então o surgimento espetáculos cujas técnicas misturam elementos das danças tradicionais chinesas, o balé clássico russo, e os ideais revolucionários comunistas, exaltando temas como a luta armada, a guerra contra o ocidente capitalista, a fraternidade entre o povo chinês, entre outros.

segundo os comunistas “camaradas não deveriam lutar contra camaradas”. Em seu lugar foi criado o *Sanshou/Sanda* (mãos livres/combate livre), modalidade de luta sem vínculo com nenhum estilo tradicional, onde os adversários se enfrentam com o uso de proteções⁹⁴, em competições mediadas por um juiz, que se dividem em rounds⁹⁵, e é permitida a utilização de socos, chutes e técnicas de projeção (onde se derruba o adversário).

Outra modalidade que surge com o Wushu Moderno são os chamados *tolous*, onde o praticante desenvolve os já referidos *Kati*⁹⁶, mas diferente dos estilos tradicionais, essas formas possuem pouquíssimos elementos que remetem a sua aplicação original para o combate. As rotinas são divididas basicamente em três grandes modalidades: punho do sul (*nan chuan*), punho do norte/longo (*chan quan*) e internos (onde entraria o Tai Chi Chuan). São formas com movimentos padronizados onde são observados, não os aspectos marciais, mas quesitos como dificuldade dos movimentos, qualidade na execução, beleza, capacidade do praticante de repetir os padrões pré-estabelecidos etc. Esses traços de esportivização presentes no Wushu Moderno reconfiguram significativamente um dos elementos primordiais das artes marciais que reside na relação entre mestre/professor e discípulo/aluno, tendo em vista que esta relação hierarquizada ia de encontro às disposições do Regime Comunista. Ao invés disso o que se observa é o surgimento de uma relação treinador-atleta, eliminando assim o vínculo tradicional entre os praticantes. Tais iniciativas fazem com que se deixem de lado inúmeros elementos que fizeram parte de todo o processo de estruturação das artes marciais chinesas. Transformam-se um conjunto de técnicas corporais norteado por orientações filosóficas como as do Budismo e Taoísmo, em modalidades esportivas, voltadas para o desenvolvimento através de competições de alto rendimento.

Depois de pelo menos 2000 anos de história, as mais tradicionais disciplinas chinesas parecem estar renascendo para uma nova vida. Mas sua moderna recodificação sob os auspícios da Revolução Cultural transformaram-nas dramaticamente tanto em forma quanto em substância, fazendo-as perder seu conteúdo “marcial” e tradicional. (...) Como documentos Maoístas confirmam, desde o estabelecimento da República Popular da China o Wushu se tornou um componente fundamental da cultura socialista e da educação física e desportiva, tendo se desenvolvido espetacularmente. Wushu oferece

⁹⁴ Nas competições amadoras geralmente são utilizados capacete, luvas, colete para o tórax, protetor bucal e coquilhas (protetor para os testículos, no caso dos homens). Nos eventos profissionais usam-se apenas luvas, protetor bucal e coquilhas.

⁹⁵ Como no boxe ocidental, por exemplo.

⁹⁶ Seqüências de movimentos que representam uma luta simulada.

um extraordinário caso de uso ideológico de disciplinas físicas tradicionais para propaganda. (BALLARDINI apud APOLLONI, 2004: 55)⁹⁷

O que o Partido Comunista Chinês pretendia a partir do empreendimento da Revolução Cultural era fazer com que as mais diversas práticas da cultura tradicional chinesa se transformassem no emblema no novo espírito que queriam incutir junto à população. Assim, além do Wushu, inúmeras modalidades como as danças, a famosa Ópera de Pequim, entre outras, passaram por inúmeras reformulações e transformaram-se em plataforma para propagação das aspirações do Partido para o país. No ano de 1990 foi criado o Intenational Wushu Federation - IWF, órgão responsável por regular a prática dessa modalidade tanto dentro quanto fora da China, e que inclusive é vinculado ao Comitê Olímpico Internacional - COI. O que devemos perceber através dessa iniciativa é que ela se apresenta como uma tentativa do governo chinês, através do processo de esportivização do Wushu, de promover a modalidade com fins de inseri-la nos Jogos Olímpicos, tal qual tiveram êxito em fazer anteriormente o Japão, com o Judô, e a Coréia com o Tae Kwon Dô. Nesse sentido o autor constata que pode parecer até indevido a persistência da nomenclatura Wushu (que literalmente significa arte da guerra/arte marcial) para designar esse conjunto de técnicas. De “marcial” lhes resta muito pouco, apenas leves menções estéticas aos movimentos que caracterizaram tradicionalmente suas técnicas de luta, apresentando muito mais proximidade com modalidades esportivas modernas.

Além de promover consideráveis mudanças na estrutura e organização de inúmeras práticas culturais tradicionais deste país, a proclamação da República Popular da China em 1949 marca também o período de um intenso fluxo migratório de chineses para fora do continente asiático. Esse movimento é o que Yu Shi (2005) e Apolloni (2004) denominam de *diáspora chinesa* (chinese diaspora). Desde a década anterior, observava-se um aumento no fluxo migratório de pessoas que se retiravam daquele país. Alguns por conta de perseguições políticas, e por divergências com o regime comunista que ali se instalara, outros apenas para tentar melhores condições de vida em outros países, com receio de vivenciar períodos de instabilidade econômica e política. Nunca em outro momento da história observou-se uma quantidade tão grande de chineses saindo de seu país natal. Pela primeira vez observa-se um movimento maciço de saída,

⁹⁷ Original em <<http://www.cesh.info/resumenes/BBallardini.html>> (c. 31.08.2003). Trad. livre do inglês feita pelo autor.

não apenas de parcelas da população, mas, sobretudo de inúmeras práticas e produtos culturais que por milhares de anos permaneceram restritos ao território chinês, e que agora ganham o mundo nesse movimento diaspórico.

É justamente nesse contexto que artes marciais chegaram ao Brasil por volta do início da década de 1960, período em os primeiros mestres de Kung Fu/Wushu aqui se instalaram em decorrência das circunstâncias acima descritas. Muitas dessas figuras, por representarem aspectos da cultura tradicional chinesa (neste caso, relacionados às suas práticas corporais) entraram em conflito com as designações do Regime Comunista, que pretendia reformar os elementos que remetessem à China do passado. Na eminência dos conflitos que intentavam em estabelecerem-se, alguns foram exilados e outros saíram por opção de sua terra natal. Em um estudo intitulado *Shaolin a Brasileira*, Apolloni (2004) analisa o período de instalação da linhagem de um dos primeiros mestres de Kung Fu/Wushu a se instalar no Brasil, o *Grão-Mestre Chan Kwok Wai*. Ele relata que o mestre chegou ao país em 1960, e começou ministrando aulas no Centro Social Chinês, na cidade de São Paulo, para a colônia de chineses que se instalara no país, e para seus descendentes.

Somente a partir do início da década de 1970 com a fundação da *Associação Sino-Brasileira de Kung Fu* é que expande a transmissão das técnicas para não descendentes e para o público brasileiro em geral⁹⁸. Um dos principais motivadores da busca deste novo público pelo aprendizado das artes marciais reside na influência dos filmes do gênero, que neste mesmo período transformam-se em febre por todas as Américas e Europa. Nesse sentido, devemos ressaltar que a partir dessa perspectiva, as artes marciais (através dos filmes e séries) constituíram-se, sobretudo a partir da segunda metade do século XX como uma das principais fontes de referência na construção e difusão de imaginários do que é “ser oriental” para os ocidentais. Portanto devemos perceber que em seu contexto inicial de difusão, Kung Fu/Wushu chega ao Brasil não apenas através do contato com os mestres que para cá migraram, mas também via Hollywood, através das produções cinematográficas e televisivas deste gênero, e que auxiliaram na construção dos imaginários nos novos praticantes no contexto brasileiro. Poderemos perceber as manifestações destes novos campos de mediações a partir das narrativas dos professores entrevistados durante a pesquisa, ao discorrerem sobre suas trajetórias de formação no Kung Fu/Wushu, como será elencado

⁹⁸ Além de ensinar inclusive alguns alunos de outros países como Argentina e Estados Unidos.

no Capítulo 4 deste trabalho. Por hora, trago o relato de minha própria experiência de contato com as artes marciais, pois esta nos apresenta um uma via através qual podemos analisar algumas perspectivas de apropriação dessas técnicas corporais no contexto ocidental

2.2.2. *Hollywood e o cinema de artes marciais estão chegando*

Os filmes de artes marciais ganharam fôlego enquanto gênero particular em Hollywood a partir da década de 70. Um dos principais responsáveis pela popularidade do gênero, não só no continente americano, mas no ocidente como um todo é *Lee Jun Fan*, ou como ficou popularmente conhecido, *Bruce Lee*. No final da década de 60, mais precisamente em 1966 estreava na TV norte-americana o seriado *Green Hornet*⁹⁹, com uma trama detetivesca, onde um herói mascarado cujo nome dava título a série, e seu assistente oriental investigavam e combatiam maléficos criminosos e seus planos mirabolantes. O nome do personagem coadjuvante era *Kato*, e ele nem sequer proferia fala alguma durante os episódios. Seu papel na série era de um taciturno mordomo/motorista, que era também um hábil artista marcial, e que dava apoio ao personagem em suas aventuras. Sua participação no programa restringia a desferir socos e chutes nos criminosos, livrando assim o protagonista de uma série de enrascadas. Contudo, para surpresa dos produtores do programa, o personagem coadjuvante acabou fazendo tanto (ou mais) sucesso que o próprio protagonista. Todas as crianças adolescentes da época queriam imitar os golpes fantásticos por ele desferidos como viam nas telas das TVs.

O ator que interpretava o personagem era o já citado *Bruce Lee*. Ele é um caso emblemático de um indivíduo atravessado por inúmeras mediações trans-culturais. Filho de imigrantes chinesas nascido nos Estados Unidos, que com poucos meses de vida vai morar em Hong Kong. Lá inicia o aprendizado no estilo *Wing Chun* de Kung Fu/Wushu, sem, contudo concluir sua formação. Volta para os Estados Unidos pra reivindicar sua dupla cidadania e iniciar seus estudos em nível superior. Nesse período refina também seus estudos sobre a filosofia das artes marciais, principalmente sobre a influência do *Budismo* e do *Taoísmo*. Chega à conclusão que o melhor estilo de luta consiste em um *não-estilo*, ou seja, o praticante de artes marciais para ser eficiente não

⁹⁹ O Besouro Verde, como ficou conhecido no Brasil.

deve se ater exclusivamente a nenhuma técnica de luta, e deve desenvolver uma sensibilidade que o permita adequar-se as diversas situações durante o combate (grande influência do Taoísmo e do princípio wu-wei/não ação). Desenvolve um tipo particular de arte marcial, o *Jet Kune Dô* (caminho do punho interceptador) onde apresenta de maneira prática suas proposições acerca de um estilo do *não-estilo*. Curiosamente, após seu sucesso no papel de Kato, não consegue novos trabalhos expressivos em Hollywood, e recebe convite de produtores do cinema de Hong Kong para estrelar películas por lá. Retorna ao oriente, e percebe o estrondoso sucesso que seu trabalho anterior fizera por lá. Não é à toa que o seriado lá era conhecido simplesmente como *Kato* (e não *Green Hornet*, o título original).

Após enorme sucesso no continente asiático, eis que seus filmes atingem as bilheterias nas Américas. Bruce Lee recebe novamente o convite para estrelar uma produção norte-americada, *Enter the Dragon* (Operação Dragão), de 1973. Retorna aos Estados Unidos com o status de celebridade no cinema, abre uma escola de artes marciais, e começa a ministrar aulas de *Jet Kune Dô* para inúmeros ocidentais, inclusive para algumas personalidades de Hollywood (Como o astro em ascensão na época Steve McQueen). Nesse contexto Bruce Lee se projeta não apenas como astro do cinema, mas alça o gênero dos filmes de artes marciais como uma vertente de filmes extremamente popular e rentável no cinema hollywoodiano.

Além dos filmes de Bruce Lee, outro marco que influenciou o imaginário ocidental sobre as artes marciais chinesas foi a série televisiva *Kung Fu*. Uma curiosidade sobre essa série é que o ator que estaria inicialmente escalado para o papel principal e um monge Shaolin seria o já citado Bruce Lee. Contudo, segundo argumento apresentado pelos produtores, ele seria “oriental demais” para representar um protagonista aos padrões da TV norte-americana da época. Foi escolhido então um ator ocidental (norte-americano), David Carradine para o papel (de um monge chinês). Na tentativa de disfarçar as evidentes diferenças étnicas entre o ator e o personagem para o qual estava escalado, resolveram alterar sua origem, afirmando que o mesmo era mestiço entre chinês e caucasiano. Surgiu então o personagem Kwai Chan Kaine, que junto com Bruce Lee, foi o principal cartaz das artes marciais chinesas no ocidente. Um dos professores de Tai Chi Chuan entrevistados durante esta pesquisa, C. G, 50 anos, fala sobre o início de sua prática de artes marciais no final da década de 70, e da influência deste seriado e dos filmes que assistia para a construção de seu imaginário sobre o Kung Fu/Wushu.

No começo foi aquele deslumbramento, né? Porque a gente só conhecia através de cinema, TV, né? De filmes de cinema também, que sempre ia assistir. E quando a gente teve a oportunidade de entrar em contato real com a coisa, foi um deslumbramento na realidade. Então, a gente ainda no meu caso carregava muito o misticismo, não só eu como meus colegas, a gente via o Kung Fu como uma coisa mística, como uma coisa sobrenatural, aquelas coisas, né? Com o tempo a gente foi treinando e essas barreiras místicas foram se desvencilhando e a gente foi vendo algo mais real, né? Algo mais verdadeiro atrás de tudo aquilo ali.

O imaginário que alicerçou minhas primeiras percepções sobre as artes marciais não foi muito diferente deste. Contudo, a maioria dos filmes aos quais tive acesso em minha infância eram produções feitas nos Estados Unidos, com exceção dos primeiros filmes de *Bruce Lee*, produzidos em Hong Kong, mas já difundidos por todas as Américas¹⁰⁰. Fiz parte de uma geração que não teve a oportunidade de assistir com frequência ao cinema produzido em países como a China e o Japão, pois grande parte dos filmes de artes marciais que chegavam ao Brasil desde meados dos anos 80, e durante a década seguinte, eram produções hollywoodianas sobre o tema. Um grande exemplo disso, e que marcou geração que viveu a infância na transição entre as décadas de 1980 e 1990, foram os filmes da série *Karatê Kid*, na qual um jovem ocidental (norte-americano) aprendia os segredos do Karatê (e do amadurecimento para a vida) com um velho mestre japonês. A série influenciou milhares de crianças a frequentar academias de Karatê, pois queriam ser iguais a um certo Daniel-san (personagem principal dos filmes daquela série). O cinema hollywoodiano pós década de 1970 desenvolveu sua própria “fórmula” para produzir filmes de artes marciais. Os heróis agora não eram os chineses, ou japoneses, mas os próprios norte-americanos. Não é à toa que todas as produções, independente das locações (quer sejam na China ou no Japão) e dos personagens (até mesmo os orientais) eram faladas unicamente no idioma inglês. Esses últimos, os personagens orientais, passam a figurar como antagonistas, os vilões dos filmes, que sempre precisam lutar “sujo” para derrotar o herói ocidental. Vide os filmes protagonizados por *Jean-Claude Van Damme*¹⁰¹, ator belga, que sempre

¹⁰⁰ Seus três primeiros filmes *O Dragão Chinês*, de 1971; *A Fúria do Dragão*, de 1972; *O Vôo do Dragão*, de 1973; são produções de Hong Kong. Seu quarto filme lançado, e maior sucesso de bilheteria, *Operação Dragão* (*Enter the Dragon*), de 1973, foi produzido nos Estados Unidos, e foi a palícua responsável por projetar não apenas o ator, mas os filmes de artes marciais como gênero apreciado no mundo todo. Ainda teria um quinto filme, *Jogo da Morte* (*Game of Death*), que estava em fase de conclusão nas filmagens quando veio a falecer. O diretor e os produtores editaram parte do material já filmado e incluíram algumas cenas adicionais para lançá-lo postumamente no ano de 1974.

¹⁰¹ Como, por exemplo, *Kickboxer – o desafio do dragão* (*Kickboxer*, 1989) e *O grande dragão branco* (*Bloodsport*, 1987). Curiosamente o título em português deste último já indica que o “dragão” agora não é mais do oriente, e sim um homem branco ocidental.

representa o papel de um norte-americano, e que luta contra toda a sorte de vilões chineses, japoneses e tailandeses utilizando-se dos mais diversos estilos de arte marcial, *Muay Thay* (boxe tailandês), *Karatê* e *Kickboxing*¹⁰².

Em minha vontade de conhecer melhor algumas das experiências que somente visualizava através dos filmes é que comecei a praticar artes marciais no ano de 1993. Perto de minha casa na cidade de Fortaleza, não havia muitas opções de academias que oferecessem essas práticas. Encontrei somente uma academia onde era possível realizar aulas de Karatê¹⁰³. Como criança empolgada pelos filmes que tanto assistia meu grande objetivo ao praticar artes marciais era aprender a lutar. Achava que logo de início iria aprender a dar socos e chutes, e que logo seria colocado em situações de combates com os colegas de turma. Grande engano o meu. A rotina da aula era bastante diferente do que eu imaginara. Começávamos com exercícios de alongamento para aquecimento do corpo, depois alguns exercícios, como corrida e poli-chinelos para trabalhar nossa resistência, algumas flexões de braço e exercícios abdominais para o fortalecimento do corpo, e somente em seguida entrávamos no conteúdo marcial propriamente dito. Mas ainda assim não havíamos chegado ao momento da luta que era o que eu tanto esperava.

Descobri que havia um vasto caminho a ser percorrido para se tornar um lutador habilidoso, e que para tanto, vários tipos de movimentos corporais e comportamentos precisavam ser aprendidos antes disso. As aulas não eram constituídas exclusivamente por um “treino para a luta”. Além do conteúdo marcial, que era composto por seqüências de socos e chutes peculiares a cada graduação, e dos *Kata's*¹⁰⁴, o professor nos apresentava uma série de padrões de conduta e comportamento durante as aulas, que trabalhavam aspectos como autocontrole, respeito para com os colegas, disciplina, assiduidade, entre outros. Afirmava sempre que esses eram preceitos que deveriam ser seguidos não apenas durante os treinos na academia, mas em todos os âmbitos de nossa vida. E a luta? Quando finalmente tive a oportunidade de lutar pela primeira vez na

¹⁰² Modalidade de arte marcial ocidental, surgida nos Estados Unidos durante a década de 1970. Inúmeros praticantes de Karatê, insatisfeitos com o estilo de competições dessa modalidade, que não permitia o contato de impacto total entre os adversários durante as lutas, desenvolve um modalidade paralela de lutas que fica conhecido como Full Contact (contato total). O que podemos destacar é que a essa modalidade de Karatê Full Contact são mesclados elementos de outras artes marciais, como o Muay Thay (boxe tailandês), e Taekwondô (arte marcial coreana) transformando o Kickboxing em um evidente exemplo de uma arte marcial híbrida ocidental. O nome da modalidade “Kicboxing” remete ao às técnicas utilizadas nas lutas, de socos e chutes, predominantemente.

¹⁰³ Arte marcial de origem japonesa. A tradução para a palavra Karatê seria mãos vazias, aludindo ao fato de esta ser uma arte marcial que propõe técnicas de luta sem a utilização de armas, apenas se utilizando de golpes de braços e pernas.

¹⁰⁴ Coreografias pré-estabelecidas onde apresentávamos seqüências de movimentos como se estivéssemos realizando uma luta com adversários imaginários.

academia, meu adversário foi o próprio professor. Como era um aluno iniciante, ele colocou-se na posição de adversário, pois assim poderia conduzir melhor o combate sem que eu me machucasse. O imaginário que permeava minha mente ainda era influenciado pelos filmes que assistia, e impressão que tinha era a de que iria conseguir acertar vários golpes nele tal qual via os personagens realizarem. Mais um engano. O professor se esquivava com tamanha velocidade que mal conseguia acertá-lo com meus socos e chutes, e quando conseguia, parecia que estava batendo em uma parede de concreto. Ele por sua vez, me acertou inúmeros golpes de mão aberta, sempre moderando na força para que não me machucasse. Realmente vi que ainda teria um longo caminho pela frente.

Contudo, minha trajetória dentro do Karatê não duraria muito tempo. A academia que freqüentava estava enfrentando uma fase difícil e muitos alunos abandonavam as aulas.¹⁰⁵ Eis que a turma de Karatê é cancelada. Meu contato direto com as artes marciais havia sido interrompido a contragosto. Contudo, ainda continuei a realizar os exercícios e algumas das seqüências de movimentos que havia aprendido durante as aulas, em casa, sozinho.

No ano de 1998, aos 14 anos, descobri que em minha escola havia uma turma com aulas de Kung-Fu. Prontamente tratei de me matricular. Finalmente ira ter contato com a arte marcial que tanto me encantava nos filmes. Apesar do contato prévio com o Karatê, que me ajudou a ter noção de alguns aspectos concretos da prática das artes marciais, ainda trazia comigo alguns imaginários “fantasiosos” relacionados a elas, em especial ao Kung-Fu. Mais uma vez me surpreendi com a simplicidade da rotina das aulas. Novamente os exercícios de alongamento e aquecimento, alguns para o fortalecimento do corpo, e o conteúdo marcial¹⁰⁶. Em minha escola as aulas ocorram apenas duas vezes por semana, o que não era suficiente para saciar minha empolgação com os treinos. Eis que então meu professor¹⁰⁷ convida a mim e aos meus colegas para freqüentar uma academia¹⁰⁸ onde ministrava aulas aos sábados. Nesse dia ele reunia

¹⁰⁵ O período no início dos anos 90, durante o governo de Fernando Collor de Melo, onde a inflação estava fora de controle, e a crise financeira assolava uma enorme parcela da população.

¹⁰⁶ *Kati's*, com mesmo objetivo dos *Kata's* descritos anteriormente no Karatê, seqüências de socos e chutes, técnicas de projeção (para derrubar adversários), torções de articulação, e algo que não havia na arte marcial que praticara anteriormente: o uso de armas.

¹⁰⁷ O professor C. G., um dos entrevistados desta pesquisa.

¹⁰⁸ A antiga *Associação Mei Hua de Artes Marciais Chinesas*, localizada na Rua 24 de maio, no centro de Fortaleza. Após o falecimento do fundador dessa Associação, seu irmão mais novo, G. N. entrevistado durante a pesquisa, se incumbiu de levar o nome da academia à diante, convertendo-a em Moy Fah (que tem o mesmo significado de *Mei Hua*, só que com uma tradução para o cantonês ao invés do mandarim, e

seus alunos de várias instituições em grandes aulas, onde devido à melhor infraestrutura da academia, podíamos praticar técnicas que não eram possíveis de serem realizadas no colégio.¹⁰⁹ Além disso, era uma oportunidade para interagir com outros alunos, alguns inclusive em níveis bem mais avançados do que nós, que praticávamos na escola. Essas novas possibilidades para mim foram tão marcantes que logo comecei a treinar diretamente em sua academia e não mais em meu colégio. Desde o primeiro dia fiquei impressionado com a academia, pois apesar de bem simples, era ornamentada com várias fotos de monges e dos mestres que precederam meu professor, em situações de treino onde, era possível vê-los quebrando pilhas de pedras com os punhos, realizando acrobacias, manejando inúmeras armas peculiares àquele estilo de arte marcial. As armas por sinal eram outro elemento que me chamavam a atenção, pois a única com a qual havia tido contato até então era o *bastão*, e lá havia inúmeras outras como *espadas*, *facões*, *lanças*, *punhais*, *leques* entre outras, organizadas em um enorme mostruário, ou mesmo ornamentando as paredes da academia.

Uma das grandes lembranças que trago da época em que treinava na antiga academia de meu professor é, para além dos exercícios de Kung Fu que praticávamos durante as aulas, de alguns momentos entre elas nos quais sentávamos com ele e o ouvíamos contar histórias de sua época de aluno, do contato com seus professores, das situações pelas quais com eles passou ou que presenciou, e do que eles lhe haviam ensinado. Muitas dessas histórias remetiam à maneira como treinavam em tempos passados, da disciplina durante as aulas, mas principalmente do convívio e das conversas que tinha com seus professores, tais quais as que tínhamos, e como elas eram importantes para sua formação dentro do Kung Fu/Wushu e em sua conduta de vida de maneira geral. Um dos temas principais dessas conversas eram as proezas realizadas por seus antigos professores e mestres. De sua incrível força e habilidade marcial. Histórias que cada vez mais atiçavam nossa vontade de treinar e se equiparar àquelas figuras que pareciam ser invencíveis, de corpos “blindados”, capazes ao mesmo tempo de derrotar qualquer adversário com punhos firmes, ao mesmo tempo em que possuíam imensa generosidade no ato de ensinar e transmitir esses conhecimentos sobre as artes marciais e sobre a vida a seus alunos. As narrativas nesse contexto apresentavam-se como relato

significa Flor de Ameixeira). O professor C. G, um dos sócios da academia, funda posteriormente a *Associação Wudang de Artes marciais Chinesas*.

¹⁰⁹ Na academia havia um amplo tatame, superfície acolchoada no chão, onde era possível que praticássemos exercícios de projeção, técnicas de queda, além de realizar alguns movimentos acrobáticos sem que corrêssemos o risco de nos machucar.

de experiências vividas pelos professores, que se convertem também em ensinamentos, e que se apresentam como um componente importante da formação no King Fu/Wushu tais quais as técnicas corporais por eles ensinadas. É um conhecimento que é legitimado justamente por ser advindo de um conjunto de experiências práticas, que se acumula e se transmite com o passar das gerações.

Até hoje é para mim sempre uma grande satisfação, nos retornos a cidade de Fortaleza encontrar meu professor de Kung Fu, nem que seja só por algumas horas, para conversar, em meio à correria das atividades de pesquisa que intentava em desenvolver. Continuo a me surpreender com sua incrível sabedoria baseada em um senso prático, de quem experimentou muito na vida, e que consegue sempre ter um conselho oportuno a dar a seus alunos ou um “puxão de orelha” quando apresentamos alguma conduta inadequada, seja dentro ou fora da academia. Uma autoridade que se inscreve sobre alunos não apenas por estar hierarquicamente em um patamar acima de nós dentro da arte marcial, mas por sempre ter algo a ensinar e transmitir com relação não apenas ao Kung Fu/Wushu, mas à vida como um todo, mesmo a alunos mais velhos, mais “vividos” que ele.¹¹⁰

Por hora, finalizo este capítulo ressaltando um aspecto importante das discussões até aqui apresentadas e que constitui um ponto de partida fundamental para as análises aqui propostas. Pudemos perceber, ao narrar os processos de estruturação das técnicas corporais do Kung Fu/Wushu, que desde o seu surgimento na China, tem consistido em uma prática oriunda de inúmeros campos de mediações e negociações de sentido. Como na fusão entre as técnicas corporais do Budismo *dhyana* introduzida na China por Bodhidharma, às técnicas corporais locais do Taoísmo e aos treinamentos militares para dar origem a uma infinidade de estilos distintos de Kung Fu/Wushu. As influências dos interesses políticos presentes nos dois períodos republicanos promovem mudanças nos treinamentos e nas concepções que orientam essas práticas. Além disso, a abertura para o contato com práticas corporais de outras culturas é outro fator que incide para esses

¹¹⁰ Lembro bem de uma das últimas conversas que tivemos em uma de minhas viagens a Fortaleza para a realização das pesquisas de campo. Conversávamos sobre o término de um relacionamento afetivo meu, e em meio ao diálogo evoquei uma vontade que surgira em mim já a algum tempo de ser pai. Falei que esse era um plano que tinha para a minha vida, mas que ainda não havia realizado, pois não tinha as condições necessárias para tanto, sejam elas afetivas ou materiais. Ao terminar de me ouvir, ele evocou sua experiência de paternidade como exemplo. Falou que no momento em que teve seus filhos também não contava com as “condições necessárias”, mas que a necessidade fez com que ele as desenvolvesse. Ele concluiu sua fala afirmando que nem sempre podemos contar com as condições ideais para realizarmos o que planejamos na vida, e que essas condições na verdade são fruto do nosso esforço e da vontade de realizá-las.

processos de reorientação do Kung Fu/Wushu durante esse período. Também observamos que seu processo de difusão no contexto ocidental, e particularmente no brasileiro, irá colocar os mestres diante de novos campos de apropriação, e que vão requerer novas estratégias de transmissão (como veremos com mais profundidade no Capítulo 4 deste trabalho). Além disso, nos depararemos no Capítulo 5 com a análise das experiências de apropriação do Tai Chi Chuan vivenciada junto ao Programa Espaço Oriental, e os contingentes práticos que vão incidir sobre ela como identificados na pesquisa de campo. O que observamos é que a *inter-culturalidade*, tem se apresentado como uma característica marcante em todos esses campos de mediações, o que faz com que essas técnicas, ao longo de seus diversos contextos de apropriação, passem por inúmeras adaptações e modificações, tanto em suas propostas (finalidades) como em suas metodologias de transmissão. Chegamos, como visto anteriormente, inclusive a sofrer influência dos modelos de cultura corporal ocidentais. Entender como se configura esse movimento de mesclas culturais nos processos de apropriação do Kung Fu/Wushu, e particularmente do Tai Chi Chuan, é ponto cabal para o tema aqui abordado. No capítulo que segue apresento as perspectivas metodológicas que orientaram o processo de pesquisa.

CAPÍTULO 3 – PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

O processo de coleta de dados para a realização desta pesquisa constituiu-se em três etapas: análise de documentos da Secretaria de Esporte e Lazer de Fortaleza, referentes ao núcleo do Anfiteatro Flávio ponte; observação participante das atividades do referido núcleo; e realização de entrevistas com alunos, professores, e com a coordenadora do Programa Espaço Oriental.

Preliminarmente, realizei a análise de documentos da Secretaria de Esporte e Lazer de Fortaleza – SECEL referentes ao núcleo Anfiteatro Flávio Ponte do Programa Espaço Oriental, no período de março a maio de 2011. Esses documentos consistiam e fichas cadastrais dos alunos e diário de aulas do professor. Essa análise documental, aliado ao processo de observação participante das atividades do núcleo, e às experiências vivenciadas junto a ele na época em que ministrei aulas de Tai Chi Chuan na localidade, fundamentara o desenvolvimento de um roteiro de entrevistas para ser aplicado junto aos alunos, um para os professores, e outro para a coordenadora do Programa Espaço Oriental. As entrevistas foram realizadas entre junho e outubro de 2011. A etapa que se seguiu a esta, foi a de identificar através dos relatos e experiências vivenciados quais os elementos que incidem para o desenvolvimento das vias de apropriação do Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental

Ressalto aqui que como finalidade de, muito mais do que tentar apreender apenas os significados desse “orientes” para essas pessoas, o que busco de fato através deste trabalho é a compreensão de como esse “orientes”, a partir da apropriação das técnicas corporais do Tai Chi Chuan, é experimentado e vivenciado por elas. Muito mais do que simplesmente as representações que são construídas sobre essa categoria “orientes”, o que busco nessa pesquisa é saber que tipo de experiências de vida são construídas e/ou reorientadas a partir desses processos. Não é à toa que no roteiro utilizado para as entrevistas com os alunos, procurei dar vazão ao que eles sentem e experimentam ao praticar o Tai Chi Chuan, que implicações isso gera em suas vidas, como se sentiam antes de começar a prática, como estruturam as relações com as demais pessoas envolvidas, entre colegas, professor, gestão do Programa etc. Muitas dessas sensações e impressões já haviam chegado até mim em outros momentos, antes mesmo de iniciar a pesquisa, na época em que era professor de Tai Chi Chuan no núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte do Espaço Oriental. Nas conversas entre as aulas, nos desabafos dos alunos, na própria observação de sua mudança com relação à execução das técnicas, e

em muitas outras situações que foram se tecendo ao longo dos três anos durante os quais estive em contato cotidiano com aquele núcleo. Contudo, precisava de mais informações sobre aquelas experiências para a pesquisa. O processo de observação participante e a realização das entrevistas me proporcionaram, pois a oportunidade de reconstituir algumas dessas histórias através dos relatos das experiências dos envolvidos.

Para tanto, em meados de julho de 2011 retornei a cidade de Fortaleza para um período prolongado em campo. Nessa investida, pretendia passar aproximadamente um mês e realizando visitas consecutivas ao núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte com fins de intensificar o processo de observação e para a realização de entrevistas junto aos participantes. Mas antes de falar sobre essas atividades em campo vale à pena resgatar um pouco da incursão pregressa ao campo.

No começo do mês anterior (junho) havia estado em Fortaleza, e tive a oportunidade de realizar duas entrevistas pré-teste para verificar a viabilidade do roteiro que construía. Entrevistei duas praticantes, uma que havia iniciado a prática de Tai Chi Chuan comigo, quando era professor do referido núcleo, e o freqüentava desde o início das atividades do Programa Espaço, e outra que iniciara a prática da atividade com o professor que me substituiu, e que não havia tido contato algum comigo até aquele momento. Minha intenção com a seleção destas duas pessoas era ter subsídios iniciais para perceber como o vínculo do pesquisador com os interlocutores incidiria para os elementos fornecidos, e a maneira como se apresentariam nas entrevistas. Sobre essas particularidades, tratarei melhor mais à frente no trabalho.

A partir dessa experiência pude repensar também um aspecto fundamental referente à minha abordagem em campo, e particularmente nas entrevistas. Em minhas incursões iniciais para o pré-teste, havia ficado preocupado por demais com os aspectos da oralidade e das narrativas às quais me remontavam os interlocutores, e deixei um pouco de lado um dos exercícios fundamentais para a pesquisa: o de perceber o que a observação daqueles corpos no campo poderia me revelar. Tendo em vista que uma das perspectivas fundamentais desta pesquisa nos leva a depararmo-nos também os movimentos e inúmeros aspectos da corporeidade dos indivíduos neste campo ¹¹¹, ao

¹¹¹ Quando falo em “movimentos”, não me refiro apenas à forma como estes agem socialmente em campo, mas também perceber como estes corpos em ação me fornecem elementos para análise. Tenciono para isso estabelecer relações entre as falas construídas nas narrativas e o que me dizem (porque não) os corpos durante as aulas, na execução dos movimentos, na forma como se apropriam deles, nas

ater-me apenas aos aspectos da oralidade, estava encontrando dificuldades em conseguir elementos suficientes pra problematização neste teste inicial. Ao menos essa foi minha suposição inicial. As falas estavam truncadas e as entrevistas duravam no máximo vinte minutos. Só tive noção real deste fato ao me deparar com o áudio para a transcrição. Necessitava, pois, de uma reorientação no roteiro utilizado para as entrevistas. É preciso ressaltar que essas dificuldades iniciais deviam-se também a uma estrutura de entrevista demasiadamente fechada. Uma mudança na estratégia adotada deveria permitir que os praticantes trouxessem à tona as experiências vivenciadas a partir da prática do Tai Chi Chuan de maneira mais livre. No primeiro instrumental proposto, os temas haviam sido elencados baseados, sobretudo, nas impressões que tinha sobre a experiência do Programa a partir de meu convívio anterior. Esses temas nem sempre condiziam com o que era relevante a ser evocado pelos alunos. Teria que calar um pouco mais a minha voz no que diz respeito à proposição dos temas relevantes e deixar que a voz deles emergisse na tessitura dessas narrativas, elencando aquilo que lhes parecesse caro. E a voz deles, neste caso, seria um canal para evidenciar àquilo que experimenta o corpo. O que sentem esses corpos na superfície da pele e por dentro dela, no âmbito biológico mesmo, e o que eles constroem como desdobramento dessa experiência para seus processos de sociabilidade.

Esse é o percurso sobre o qual intentava me deparar nesta segunda incursão de pesquisa ao campo. E a palavra chave para me atentar a isso seria *experiência corporal*. Para tanto, nessa investigação faz-se necessário identificar qual é a experiência corporal vivenciada por estas pessoas, perceber como suas demandas corporais incidem para a maneira como orientam suas experiências de vida e, por conseguinte, a maneira como vão se apropriar da prática do Tai Chi Chuan. Essa é inclusive uma recomendação da tradição taoísta, que orienta essas práticas, e que propõe que o conhecimento produzido/adquirido sobre si mesmo e sobre o mundo, é fundamentalmente um conhecimento que se manifesta através da corporeidade. Pensar o corpo apenas no âmbito das representações e discursos que se produzem sobre ele, como nos mostra Jackson (2010), deixa de lado um aspecto analítico fundamental que é o da experiência vivida a partir do mesmo. Tal medida faz com que acabemos por rumar para uma percepção do corpo e de seus movimentos simplesmente a partir do que eles representam, simbolizam, e não como dado e fonte de informações imediata, de

experiência. Em um relato de sua pesquisa etnográfica com os *Kuranko*, em Serra Leoa¹¹², ele nos mostra alguns problemas que se sucedem nas tentativas de compreender as dinâmicas corporais de um determinado grupo, a partir apenas de um enquadramento das mesmas em séries de categorias, significados e representações pré-estabelecidos pelo pesquisador.

(...) considerava os elementos lúdicos nas interpretações rituais como exatamente comparáveis as interpretações teatrais postas em cena em minha própria sociedade, onde as ações estão no script, dirigidas deliberadamente e interpretadas de maneira diversa. Minha concepção burguesa de cultura como algo “superorgânico”, algo separável do mundo cotidiano dos movimentos corporais e das tarefas práticas, havia me levado a buscar o script, o diretor e a interpretação de um rito que não tinha nada disto (JACKSON, 2010: 69)

Um de seus principais equívocos, como relata o autor, foi o de tentar enquadrar as categorias interpretativas à luz do que seria comum e interpretável em sua própria cultura, simplesmente como uma mera teatralidade performática dos movimentos corporais desenvolvidos. Jackson relata ainda sua inabilidade em participar do espírito das interpretações que ali se processava entre seus interlocutores, fazia com que constantemente estivesse perguntando as pessoas o que estava se sucedendo ali. Na busca por esses significados ocultos dos movimentos corporais que se manifestavam, ele acaba se munindo de uma série de interrogações e questões para tentar extrair dos interlocutores aquilo que não se consegue expressar simplesmente via oralidade, em palavras. Ele partia de uma separação fundamental entre o que se processava no âmbito corporal, e o cultural, tentando construir uma relação entre ambos a partir da oralidade, sem perceber que as manifestações da corporeidade ali expressas, eram imediata e privilegiadamente, um dado cultural.

No caso desta pesquisa, esta relação pesquisador/pesquisados se manifesta de outra perspectiva, tendo em vista que eu e os interlocutores partilhamos de um mesmo universo cultural, por assim dizer, uma vez que todos somos praticantes de Tai Chi Chuan. Além disso, a perspectiva de atentar para a forma como se constroem as experiências corporais por parte das pessoas envolvidas, entra inclusive em consonância com as disposições que orientam as técnicas corporais que estão praticando. Como vimos anteriormente, é impossível dissociar o conhecimento produzido através da

¹¹² Onde atenta para os rituais de passagem das jovens mulheres da infância para a idade adulta. Nesses ritos de passagem, uma das atitudes corporais recorrentes observadas pelo autor diz respeito a processos imitativos de atitudes peculiares aos homens da comunidade. (JACKSON, 2010)

prática do Kung Fu/Wushu, neste caso do Tai Chi Chuan, de seu acesso através da experiência corporificada. Devemos perceber aqui que o canal através da qual ocorrem os processos de apropriação cultural do Tai Chi Chuan é o da experiência corporal. Essa é uma via corriqueiramente negligenciada nas pesquisas sociais, onde se atenta privilegiadamente para o que é produzido através do discurso.

O corpo neste caso é a superfície primária de inscrição dos movimentos, das sensações por eles provocadas, e das tomadas de postura que vão ser orientadas a partir daí na vida cotidiana. Para esse empreendimento devemos propor uma Sociologia que esteja aberta a reconhecer

(...) o fato de que o agente social é, antes de mais nada, um ser de carne, de nervos e de sentidos (no duplo sentido de sensual e significante), um “ser que sofre” (*leidenschaftlich Wesen*, dizia o jovem Marx em seus manuscritos de 1844) e que participa do universo que o faz e que, em contrapartida, ele contribui para fazer, com todas as fibras de seu corpo e de seu coração. A sociologia deve se esforçar para capturar e restituir essa dimensão carnal da existência, particularmente espantosa no caso do pugilismo, mas na verdade partilhada, em graus diversos de visibilidade, por todos e por todas, através de um trabalho metódico e minucioso de detecção de detecção e de registro, de decodificação e de escritura capaz de capturar e transmitir o sabor e a dor da ação, o som e a fúria do mundo social que as abordagens estabelecidas das ciências do homem colocam tipicamente em surdina, quando não suprimem completamente (WACQUANT, 2002: 11)

Ao contrário da pesquisa de Wacquant (2002), que trata da prática do pugilismo, e se propõe a transmitir como ele mesmo afirma “o sabor e a dor da ação, o som e a fúria”, minha pesquisa intenta apreender os sentidos da serenidade, da quietude e da concentração desenvolvidos, da experiência corporal reorientada a partir da respiração lenta, ao ritmo suave dos movimentos do Tai Chi Chuan. Mas assim como no empreendimento sociológico proposto por ele, para refletir sobre o processo de pesquisa aqui proposto, além do que fosse produzido pelas narrativas durante as entrevistas, precisaria também deixar que viessem à tona as lembranças de minha própria experiência na qualidade professor de Tai Chi Chuan daquele grupo, ou seja, minhas próprias experiências corporais relacionadas à proposição dessas técnicas. As particularidades vivenciadas junto àquelas pessoas durante as aulas, as formas como aqueles corpos desenvolviam os movimentos do Tai Chi Chuan, as mudanças (ou até as permanências de postura), e as implicações para a vida daquelas pessoas da apropriação daquelas técnicas corporais nesse contexto. Lembranças que, na época, chegavam a mim em através de uma conversa ou de um desabafo dos alunos entre uma aula e outra,

através da dificuldade ou facilidade que apresentavam no processo de aprendizado dos movimentos, ao me falarem sobre os corpos, ou quando os corpos me falavam sobre eles. E, além disso, precisaria deixar que outro tipo de conhecimento fundamental para esta pesquisa entrasse em cena: o do praticante de Tai Chi Chuan.

Nessa circunstância, ele não deveria opor-se, ou atuar em instâncias apartadas do conhecimento sociológico com o qual intentava refletir sobre essas práticas, mas misturar-se a ele para a compreensão das tramas que se construíam no decorrer da pesquisa de campo. Nesse sentido, a minha posição em campo não era simplesmente o do observador que apenas visualiza aquelas práticas e tenta desvendá-las e descrevê-las, do “outsider” que tenta acessar os significados e representações que são produzidos a partir delas. O pesquisador que conhece sua estrutura interna de funcionamento, que experimenta e vivência corporalmente essas práticas, encontra lugar para a produção do conhecimento nas análises aqui empreendidas. Esta é uma investida sociológica também *a partir do corpo* do pesquisador, e que, como diz Wacquant, configura-se uma perspectiva que permite ao sociólogo acessar o universo investigado, e “(...) apropriar-se na e pela prática dos esquemas cognitivos, éticos, estéticos e conotativos que põem em operação cotidiana aqueles que o habitam” (WACQUANT, 2002:12). É a partir dessa condição, que para mim não é dupla (pesquisador x praticante), mas complementar (praticante-pesquisador), que trago à evidência as experiências de pesquisa vivenciadas especificamente entre junho e outubro de 2011, e porque não mencionar, as que se construíram também a partir dos seis anos de contatos com a experiência do Programa Espaço Oriental¹¹³.

O reconhecimento desta condição é uma assertiva fundamental para o empreendimento metodológico proposto nesta pesquisa. Nesse sentido, o estudo de realidades sociais próximas ao universo do pesquisador apresenta desafios distintos, por exemplo, aos que se colocavam nas primeiras iniciativas de pesquisa de campo nas Ciências Sociais, onde as realidades investigadas eram distantes não apenas geográfica, mas culturalmente do universo do pesquisador. É como nos coloca Bizerril (2004) ao relatar, por exemplo, o caso de um pesquisador brasileiro que se propõe a investigar manifestações das religiosidades populares de seu país. Existe forte possibilidade de que o pesquisador compartilhe em maior ou menor grau de algumas experiências

¹¹³ Considero, pois, além dos três anos durante os quais ministrei aulas no Anfiteatro Flávio Ponte, o período que remonta ao ano de 2006, quando tive a oportunidade de substituir em algumas aulas o professor do primeiro núcleo do Programa, no Parque Rio Branco.

vivenciadas por seus interlocutores em campo, sejam elas de forma permanente ou transitória.

No caso desta pesquisa, grupo com o qual tive contato não se apresenta necessariamente na posição de “os outros”, dos “estranhos” no sentido estrito do termo. E é preciso ressaltar que essa relação não é mediada apenas pelo fato de termos em comum a prática do Tai Chi Chuan. Além da relação entre “pesquisador” e “pesquisados”, compartilhamos inúmeras outras que se teceram antes mesmo do início do empreendimento da pesquisa. Com alguns deles desempenhei a função de professor, de aluno, de colega de trabalho, de amigo, entre outras. E ainda mais, se atentarmos para o nível macro, digo ainda que como indivíduo oriundo de um país emergente da América Latina, e dentro de forte zona de influência cultural européia e norte-americana, compartilho inclusive inúmeras das fontes que alicerçaram as percepções e construções de imaginários sobre essas práticas e produtos culturais do oriente (neste caso, especialmente sobre as artes marciais e suas técnicas corporais) com alguns de meus interlocutores, tais quais as elencadas durante este trabalho. Neste caso, é preciso ressaltar que não represento aqui a figura do pesquisador que se “iniciou” ou “converteu” ao universo de seus interlocutores, mas de alguém que partilha de alguns aspectos desse universo para além da experiência da pesquisa. Sou um sociólogo formado há cinco anos (terminei minha graduação em 2007), mas sou um praticante de artes marciais há quatorze anos (comecei a praticar Kung Fu/Wushu em 1998). Devemos perceber, contudo, que tal posicionamento não inviabiliza o empreendimento da pesquisa. Essa perspectiva de pesquisa tem ganhado espaço dentro do âmbito das Ciências Sociais, onde é possível percebermos a emergência de diversos pesquisadores que se propõe a estudar seus próprios grupos de origem, sejam eles étnicos, políticos, de gênero, entre outros. Como no caso, por exemplo, de pesquisadores oriundos das religiões afro-brasileiras que problematizam seus grupos religiosos, homossexuais que estudam relações gênero na perspectiva da homoafetividade, só para citar alguns como nos mostra Silva (et AL) (1994). Sobre esse aspecto, Bizerril (2004) resalta que, para além das diversas relações e vínculos que se estabelecem em campo entre o pesquisador¹¹⁴ e seus interlocutores, o que é relevante na verdade, é como se estabelecem essas relações, como elas são operacionalizadas no decorrer da pesquisa, e

¹¹⁴ Em seu artigo ele alude especificamente a posição do etnógrafo na pesquisa antropológica. Apesar de me encontrar academicamente em um *ethos* distinto, pois estou inserido dentro de um Programa de Pós-Graduação em Sociologia, esta é uma posição com a qual me identifico no âmbito da pesquisa aqui proposta.

quais as conseqüências delas para o resultado final do trabalho, seja em seus valores teóricos e etnográficos, como também nas implicações delas para a vida do pesquisador e dos interlocutores. Apesar de partilharmos inúmeras posições de afinidade neste campo, não pretendo a partir delas “ocupar” o lugar de meus interlocutores na tessitura das experiências elencadas, salva guarda quando foram as minhas experiências particulares enquanto praticante e professor que estiverem postas a análise¹¹⁵. Portanto, o lugar ocupado por mim no campo, e meus pontos de partida analíticos são também fruto das análises neste trabalho. É justamente com esta perspectiva posta, que me deparo com um retorno ao contato com o grupo de praticantes de Tai Chi Chuan no núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte, do Programa Espaço Oriental.

Além minhas percepções anteriores desenvolvidas a partir da experiência de contato enquanto professor de Tai Chi Chuan do referido núcleo, e do processo de observação participante durante a pesquisa, implementei outras estratégias que me permitiram acessar informações sobre o campo e aquelas pessoas com maior profundidade. No início do processo de pesquisa realizei uma análise de documentos da Secretaria de Esporte e Lazer de Fortaleza, referentes ao núcleo a ser investigado. O material era composto por diário de aulas do professor, fichas cadastrais dos alunos e relatórios de atividades. Sua análise, além de fornecer alguns dados preliminares sobre as pessoas que ali realizam a prática do Tai Chi Chuan, suas motivações, demandas corporais e outros itens que incidem sobre as apropriações que ali se processam das referidas técnicas corporais, forneceram elementos que auxiliaram na elaboração dos roteiros de entrevistas.

Quando iniciei o processo de pesquisa, meu primeiro passo, antes mesmo de retornar ao núcleo para as observações e entrevistas, foi analisar esses documentos da Secretaria de Esporte e Lazer de Fortaleza relacionados ao núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte. O material sobre o qual me detive inicialmente travava-se das fichas cadastrais dos alunos¹¹⁶ e do diário de aulas produzido pelo professor. A consulta a esses materiais ajudou inicialmente a reconstituir um pouco da atividade que havia se desenvolvido naquele núcleo ao longo de seus quatro anos de existência, e das pessoas que por ali

¹¹⁵ Como por exemplo, no que foi descrito no Capítulo 2 sobre minha experiência de iniciação nas artes marciais, e os imaginários previamente construídos por mim a partir da influência do cinema sobre este gênero. Ou mesmo, como veremos adiante no Capítulo 4, na descrição de minhas impressões iniciais enquanto professor de Tai Chi Chuan no contato com a experiência do Programa Espaço Oriental

¹¹⁶ Através das quais a Secretaria, além de ter um registro sobre os praticantes do núcleo, podia também ter um perfil dos mesmos no que diz respeito a sexo, idade, profissão, endereço, questões relacionadas à saúde, motivações na prática da atividade, entre outros pontos. Essas fichas eram entregues ao professor para que coletasse as informações junto aos alunos.

havia passado. Além disso, me forneceu elementos para a elaboração do roteiro de entrevistas¹¹⁷ que viria a ser utilizado posteriormente, e me permitiu obter algumas informações preliminares sobre uma parcela significativa dos participantes do núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte. Informações estas que trago a seguir com finalidade de traçar um panorama geral de algumas demandas acerca das pessoas que praticam Tai Chi Chuan na referida localidade.

Os primeiros dados que trago a evidência foram coletados através de consulta ao diário de aulas utilizado pelo professor. Nele é registrada a quantidade diária de alunos por aula, atividades realizadas durante o dia, atividades extras desenvolvidas pelo grupo, tais como visitas a equipamentos públicos e entidades do bairro, além eventuais dificuldades vivenciadas pelo professor e por alunos durante as aulas etc. A partir da análise do diário de aulas utilizado pelo professor foi possível identificar registrados entre os anos de 2008 e 2010 um número de 100 praticantes de Tai Chi Chuan¹¹⁸ no núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte. Desse total, um número 74 apresenta idade igual ou superior a 50 anos. Foi possível identificar que 91 são do sexo feminino e apenas 9 são do sexo masculino. O que nos leva a constatar que o perfil do público é eminentemente composto por adultos, predominantemente idosos, em sua maioria do sexo feminino. Deste número total, 55 pessoas relatam ser portadoras de alguma enfermidade, seja de cunho biológico ou de cunho psico-social, sendo que as mais recorrentes são doenças como artroses, artrites e doenças na coluna como lombalgias e hérnias discais.¹¹⁹

O segundo conjunto de documentos analisados foram as fichas cadastrais dos alunos. Elas foram propostas pela coordenação do Programa com o intuito, além de registrar os alunos participantes da atividade, de realizar um levantamento com maior profundidade sobre essas pessoas, medida que o registro no diário de aulas não contemplava¹²⁰. Essas informações seriam utilizadas pela gestão para avaliar com maior precisão os impactos do Programa nas comunidades, e para mim serviram como levantamento preliminar de informações sobre os alunos no período anterior à realização das entrevistas. Essas fichas eram entregues aos alunos para que fossem

¹¹⁷ Ver no anexo I

¹¹⁸ O que não representa o número total de pessoas que passaram pelo núcleo neste período, apenas aqueles que puderam ser registrados no diário de aulas.

¹¹⁹ Sobre esta particularidade a análise das fichas cadastrais e das entrevistas nos dará maiores informações.

¹²⁰ No cadastro inicial feito através do diário, registravam-se apenas os seguintes dados: nome, idade, patologia (se tiver), bairro e telefone.

preenchidas e posteriormente devolvidas ao professor¹²¹. A Secretaria de Esportes consultou um total de 45 pessoas através de fichas cadastrais preenchidas entre os anos de 2008 e 2009. A análise desse material me permitiu identificar alguns fatores que incidem sobre a prática do Tai Chi Chuan por parte dos participantes do Programa Espaço Oriental. Dentre esses fatores podemos perceber novamente, como identificado no diário de aulas, o relato recorrente de problemas de saúde por parte dos praticantes. Das 45 pessoas registradas nas fichas, um total de 32 relatou ser possuidor de um ou mais problemas de saúde. Ainda sobre aspectos relacionados à saúde, 21 pessoas indicaram estar fazendo algum tratamento de saúde, e 31 pessoas relataram estar fazendo uso de algum tipo de medicamento¹²².

Além da análise documental, foram realizadas mais 14 entrevistas em profundidade com praticantes de Tai Chi Chuan no Anfiteatro Flávio Ponte¹²³. Como critério para a seleção das pessoas entrevistadas durante a pesquisa, procurei balancear sua realização entre praticantes que haviam sido meus alunos de Tai Chi Chuan, e entre aqueles que iniciaram sua prática com o professor A. W. (atual professor do núcleo). Com essa iniciativa pretendi trazer à tona também as implicações de meu papel em campo junto essas pessoas no relato de como se apropriaram da prática do Tai Chi Chuan, e refletir em que medida isso iria incidir para coleta de dados, e para os encaminhamentos da pesquisa de maneira geral. Do total de 16 pessoas entrevistadas (incluindo os pré-testes), 9 haviam sido meus alunos, e sua seleção para as entrevistas se deu justamente em decorrência de meu contato anterior com suas experiências de apropriação do Tai Chi Chuan. Seja a partir das particularidades que havia observado durante as aulas, através de suas narrativas anteriores, ou do que percebi de maneira prática durante os processos de sua aprendizagem das técnicas, essas pessoas apresentavam elementos que eu gostaria de trazer à tona para análise durante a pesquisa. Dos outros 7 entrevistados, 6 foram selecionados aleatoriamente durante as visitas que realizava ao núcleo para o processo de observação participante no decorrer da pesquisa, e 1 praticante me foi indicado para entrevista pelo professor A. W em decorrência de sua história peculiar de apropriação do Tai Chi Chuan.

Inicialmente no que diz respeito aos dados obtidos com as entrevistas, destaco que do total de 16 alunos entrevistados, um número de 9 pessoas relataram não

¹²¹ Em alguns casos, no entanto, os alunos preferiam que o professor às preenchesse enquanto ditavam as respostas.

¹²² Das 45 pessoas registradas nas fichas, 2 (duas) não responderam a esse item.

¹²³ Além de duas entrevistas preliminares que serviram como pré-teste para o roteiro utilizado.

conhecer o Tai Chi Chuan antes de iniciar sua prática no Programa Espaço Oriental. Foi possível identificar que desse total, 12 praticantes relataram que tomaram conhecimento desta prática ali mesmo no local, quando passavam nas proximidades do Anfiteatro, e receberam um convite do professor para a realização de uma aula. Outras 4 pessoas contam que fiaram sabendo da realização da atividade através de amigos ou parentes que já praticavam Tai Chi Chuan no Anfiteatro Flávio Ponte. Um dos tópicos abordados durante a entrevista remetia a busca por informações sobre Tai Chi Chuan por parte desses alunos, e foi possível perceber que de 10 pessoas relataram acessar informações sobre Tai Chi Chuan apenas no durante as aulas, e 6 pessoas relataram buscar informações complementares em fontes alternativas de como livros, jornais e internet.

No que diz respeito aos alunos, entrevistas nos permitem identificar os motivadores de sua prática e os fatores que irão incidir sobre as formas como irão se apropriar das técnicas corporais, bem como suas repercussões para suas experiências corporais e em outros âmbitos de suas vidas. O argumento que proponho a análise aqui é o que nos leva a compreender como a prática regular de uma técnica corporal do oriente estruturada a partir de princípios como os do Taoísmo, como apresentado no Capítulo 2, geram repercussões para as mais diversas instâncias das experiências de vida dos praticantes¹²⁴. A partir da análise do conteúdo das entrevistas, do processo de observações em campo, e das informações e impressões por mim coletadas na época em que fui professor do referido núcleo do Espaço Oriental, elenquei os principais elementos evocados pelos alunos que incidem para a construção suas experiências de apropriação a do Tai Chi Chuan no Programa. Os pontos a partir do qual proponho as análises, e cujo desenvolvimento se encontra no Capítulo 5, são os seguintes:

- *A experiência corporal (ou de saúde) pregressa vivenciada pelos alunos;*
- *A repercussão da prática das técnicas corporais para a reorientação das experiências corporais e de outros âmbitos de suas experiências de vida;*
- *A comparação do Tai Chi Chuan com modalidades de atividades físicas já desenvolvidas;*

¹²⁴ Movimentos corporais baseados na espontaneidade, no relaxamento muscular e das articulações, que primam por uma educação da respiração, através do qual o praticante pode experimentar inúmeros aspectos da sua corporeidade que acabam camuflados em meio ao stress, as tensões e ao ritmo de vida contemporâneo, que imprimem um estado de serenidade que se instala não apenas corporalmente, mas nas experiências de vida do praticante.

- *Vínculos desenvolvidos com o professor, e a potencialidade deste em adequar a proposição do Tai Chi Chuan às diversas demandas apresentadas pelos alunos no Programa Espaço Oriental;*
- *Os laços de sociabilidade e afetividade que se estabelecem entre alunos.*

Foram realizadas também entrevistas com 3 professores do Programa Espaço Oriental, um deles o professor do referido núcleo, e outros dois professores que representam gerações de formação diferentes dentro do Kung Fu/Wushu na cidade de Fortaleza, e apresentam perspectivas distintas de aprendizado e de operacionalização de suas técnicas corporais. No caso dos professores, ao apresentar suas experiências, pretendo compreender inicialmente os processos formativos através dos quais tiveram acesso às técnicas corporais do Tai Chi Chuan, e como essa formação é re-significada em sua prática pedagógica cotidiana. Além disso, as informações obtidas contemplam suas compressões com relação ao público com o qual estão lidando, as estratégias didáticas por eles desenvolvidas para a proposição do Tai Chi Chuan no contexto do Programa Espaço Oriental, e como eles pensam os potenciais de operacionalização dessas técnicas corporais a partir de suas trajetórias pessoais e, em relação aos usos das mesmas.

Foi realizada também 1 entrevista com a atual coordenadora do Programa Espaço Oriental, que nos ajuda a perceber como a prática do Tai Chi Chuan se inscreve dentro de modelo de política pública de esporte e lazer proposto pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. A partir de sua proposição, foi possível contemplar aspectos como as concepções e estrutura de funcionamento do Programa, demandas gerais apresentadas por alunos, professores e comunidades, e estratégias para lidar com as mesmas, além de entender um pouco da trajetória do Programa Espaço Oriental.

Nesse sentido, a análise aqui proposta a partir das informações obtidas em campo, diz respeito a identificar os elementos que incidem sobre as experiências de apropriação do Tai Chi Chuan desenvolvidas no contexto do Programa Espaço Oriental. Os aspectos de apropriação cultural do oriente no ocidente com os quais me deparo nessas análises se constroem justamente a partir dessas experiências praticas vivenciadas por alunos e professores. Para essa compreensão podemos remeter inclusive o tema abordado no Capítulo 2 no que diz respeito ao próprio princípio de adequação das proposições do Taoísmo, e que, por conseguinte estão presentes na estruturação das técnicas corporais do Tai Chi Chuan, às demandas do mundo da vida. Tanto suas proposições e

orientações, quanto as técnicas do Tai Chi Chuan, só adquirem sentido real quando postos “movimento” a partir de um ordenamento prático. O contingente vivenciado nesse movimento é o que de fato incide para a construção do sentido da apropriação, seja de uma assertiva para um questionamento obtida através de um lançar de dados do I Ching, seja na utilização de um movimento de Tai Chi Chuan em uma situação real de combate, ou mesmo de seu emprego diverso no Programa Espaço Oriental. Pretendo, pois identificar quais são os elementos que compõe a essa experiência de apropriação cultural. Inicio esse empreendimento apresentando os contingentes que permearam a transmissão do Kung Fu/Wushu, particularmente o Tai Chi Chuan, no contexto brasileiro, e como eles incidem sobre as experiências formativas dos três professores entrevistados.

CAPÍTULO 4 - SABERES HÍBRIDOS OU SABERES SOBREPOSTOS? – INTINERÁRIOS DE TRANSMISSÃO DO KUNG FU/WUSHU E DO TAI CHI CHUAN NO CONTEXTO BRASILEIRO

Neste capítulo pretendo apresentar inicialmente os contextos de difusão através dos quais se disseminaram as técnicas corporais do Kung Fu/Wushu, e mais especificamente do Tai Chi Chuan no Brasil. Proponho aqui uma análise que nos leve a compreender como essas técnicas são articuladas e quais os fatores que incidem para suas apropriações no contexto brasileiro de difusão. Apresentado esse panorama inicial, baseado na experiência de transmissão dos primeiros mestres, trago à evidência como essas perspectivas de apropriação ganham novos contornos a partir da trajetória de aprendizado e ensino vivenciada pelos professores do Programa Espaço Oriental. Lançar um olhar sobre suas experiências particulares de formação e difusão dessas técnicas nos fornece uma perspectiva para análise dos processos de operacionalização recente dessas técnicas corporais, e das estratégias desenvolvidas por ocidentais/brasileiros para esse empreendimento. Essa iniciativa também nos auxilia a compreender os imaginários que esses professores construíram sobre o Kung Fu/Wushu, e como essas perspectivas foram se re-configurando a partir dos contingentes práticos que vivenciaram ao longo de suas experiências de apropriação. Para auxiliar esse processo de reflexão trago a evidência também os percalços com os quais me deparei em minha trajetória enquanto praticante e professor de Tai Chi Chuan, e especificamente na experiência que vivenciei junto ao Programa Espaço Oriental.

Os novos contextos de ensino vivenciados colocam os professores na iminência de articular complementações em sua formação dentro do âmbito das artes marciais, e inclusive buscar conhecimentos em outras áreas para dar conta das demandas identificadas no exercício de sua docência, particularmente a partir da experiência de ensino no Programa Espaço Oriental. O que proponho aqui é que compreendamos como essa gama de saberes é articulada na experiência atualmente vivenciada pelos professores entrevistados. As reflexões aqui propostas nos auxiliam na análise de uma particularidade dos processos de apropriações culturais com os quais temos nos deparado até o momento, onde as práticas e produtos culturais passam por processos de modificação de sentido e de usos práticos a partir dos novos contextos onde são desenvolvidos. Daí a necessidade de evocar o termo *híbrido* no título deste capítulo tal qual discutido em tópicos anteriores deste trabalho. Resta sabermos aqui em que medida

os conhecimentos articulados geram perspectivas de complementaridade e/ou se sobrepõe na experiência vivenciada pelos professores do Programa Espaço Oriental.

4. 1 Contextos iniciais de difusão

Para o empreendimento dessas reflexões acerca da formação e das apropriações desenvolvidas pelos dos professores do Programa Espaço Oriental, é preciso remeter inicialmente o contexto de chegada do Kung Fu/Wushu no Brasil, e as perspectivas iniciais de transmissão desse conhecimento. Vale ressaltar que não pretendo aqui traçar uma genealogia total da difusão dessas técnicas corporais no país, tendo em vista que ao Brasil chegaram mestres de várias escolas/estilos, cada um apresentando sua própria linhagem de transmissão, com características particulares, o que torna essa uma iniciativa que este trabalho não comportaria.¹²⁵ Vou me referir aqui principalmente à linhagem de transmissão na qual estão inseridos os professores do Programa Espaço Oriental, com o intuito de perceber como as perspectivas de operacionalização do conhecimento do Kung Fu/Wushu (particularmente do Tai Chi Chuan) ganham novos contornos com o passar das gerações de sua difusão, e a partir das experiências de prática e ensino desenvolvidas nas trajetórias dos entrevistados.

Vale destacar aqui também que o conhecimento em torno do Kung Fu/Wushu que tradicionalmente compõe a formação dos mestres, contempla não apenas as técnicas corporais com finalidades de uso combate (as técnicas da arte marcial). Além desses conteúdos, compõe também a perspectiva formativa dentro deste campo, conhecimentos terapêuticos com finalidades diversas que vão desde a promoção da saúde geral do praticante, ao fortalecimento de seu corpo para situações de combate, e o auxílio em sua recuperação após os treinos desgastantes e eventuais lesões posteriores às lutas realizadas¹²⁶. Esses saberes também incluem conteúdos filosóficos e/ou religiosos que

¹²⁵ Segundo dados obtidos junto ao site da Confederação Brasileira de Kung FU/Wushu, os primeiros mestres a chegar ao Brasil no início da década de 1960 foram Chan Kowk Wai, Chiu Ping Lok e Wong Shing Keng. Disponível no site: <http://www.cbkw.org.br/historia/wushu-no-brasil/>. Consulta realizada em 23/04/2012

¹²⁶ Principalmente através dos exercícios de *chi kung* (trabalho da energia), que consistem em técnicas que aliam movimentos corporais a um trabalho de controle da respiração para promover o fluxo da energia vital (*chi*) pelo corpo do praticante.

contemplam a formação do praticante de Kung Fu Wushu no que diz respeito a padrões de conduta ética e moral.¹²⁷

No caso particular do Tai Chi Chuan, além de um conjunto de técnicas corporais¹²⁸ o que se observa é a existência também de uma lógica particular de compreender e articular a corporeidade e as experiências daí derivadas. Um dos elementos que incidem sobre esses processos de articulação remete às tradições do pensamento taoístas, como já abordado, que concebe o corpo humano como um órgão total inter-relacionado não apenas internamente, mas com o mundo do qual faz parte e com os contingentes nele existentes. Nessa abordagem, que estrutura também a Medicina Tradicional Chinesa¹²⁹, o corpo humano não tem sua forma descrita através de uma *anatomia*, ou seus processos de funcionamento através de uma *fisiologia*, como na Medicina Alopática ou Biomedicina ocidental, mas se apresenta como uma estrutura complexa de inter-relações entre: o *chi* (energia vital); o *sangue*; os *fluidos corporais*¹³⁰; *zang-fu* (órgãos internos)¹³¹; *jing-luo* (meridianos e colaterais)¹³² (LIXING, 2001). As técnicas corporais do Tai Chi Chuan, neste caso atuam como prática reguladora dos

¹²⁷ Baseados principalmente nas matrizes do Taoísmo (escolas internas como o Tai Chi Chuan) e Budismo (escolas externas como o Shaolin do norte). Sobre esses aspectos particularmente, tratamos no Capítulo 2 deste trabalho.

¹²⁸ Dentre esse conjunto de técnicas podemos destacar três tipos principais de treinamentos. Os *katis* (sem uma tradução equivalente para o português, mas que alguns professores chamam de “formas”) constituem-se de técnicas onde são desenvolvidos os movimentos marciais em rotinas que representam uma luta com adversários imaginários. Os exercícios de *chi kung* (trabalho da energia) são técnicas que promovem a circulação da energia vital *chi* do corpo humano a partir de exercícios de respiração. Existem tipos específicos de *chi kung* para o fortalecimento do corpo do praticante para situações de luta e combate, com o intuito de aumentar sua força e resistência corporal, e outros com finalidade terapêutica, para prevenir doenças e para manutenção da saúde em geral. O terceiro tipo de técnicas é o *tui shou* (empurrar com as mãos) que consiste em um treinamento a dois, onde os praticantes intentam a aplicação de movimentos de empurrar e puxar com as mãos coladas nas mãos do outro, com fins de estimular a percepção corporal de si mesmo e do outro, potencializando não apenas sua sensibilidade para a aplicação de ataques e defesas, como também para um trabalho de auto-conhecimento corporal a partir da sensibilidade desenvolvida. É uma técnica que deve ser realizada sem o uso de força ou tensão nos movimentos, intentando, sobretudo estimular sua adaptabilidade as diversas configurações de movimentos que o contato com o outro pode proporcionar-lhe.

¹²⁹ Cujas orientações são baseadas no princípio do *yin/yang*, que compreende que o universo é um todo formado pela união de dois componentes opostos e complementares. O *yin* representa as coisas inertes, descendentes, internas, frias e escuras. O *yang* por sua vez representa as coisas ativas, ascendentes, externas, quentes e luminosas. Todas as funções do corpo humano e também os sinais e sintomas de suas alterações podem ser identificados e diferenciados com base em suas características do *yin* e do *yang*. O equilíbrio entre os dois é o que garante a harmonia e a manutenção da saúde do corpo humano. (LIXING, 2001:222)

¹³⁰ Saliva, lágrimas, líquidos nasais, suor, sêmen e urina.

¹³¹ É o *zang-fu* que explica a função dos órgãos do corpo e suas implicações para as doenças desenvolvidas a partir do seu desequilíbrio, ao invés da fisiologia utilizada pela Medicina Alopática ocidental. Os cinco órgãos *zang/yin* são coração, fígado, pulmão, baço e rins. Os seis órgãos *fu/yang* são vesícula, estômago, intestino delgado, intestino grosso, bexiga e sanjiao ou triplo aquecedor (que é formado por três “compartimentos”, o diafragma, o abdômen e o baixo ventre)

¹³² Que compreendem os caminhos de circulação de energia. (LIXING, 2001:224-225)

processos acima descritos, potencializando a saúde do praticante e prevenindo seu adoecimento.

O fato a ser destacado é que tanto as perspectivas de compreensão da corporeidade, quanto os aspectos filosóficos pautados no Taoísmo, são transmitidos do mestre ao discípulo através dos treinamentos práticos. Ou seja, não há um momento específico no processo de aprendizagem em que os mestres abram espaço ministrar aulas teóricas sobre as filosofias e teorias que fundamentam as técnicas. O papel do mestre nesse caso é conduzir seu discípulo a esse aprendizado através das experiências práticas durante seu treinamento. Estimular o seu aprendiz para que experimente, sobretudo corporalmente, os ensinamentos filosóficos, os princípios terapêuticos, os valores éticos e morais, e inúmeros outros princípios peculiares ao estilo de Kung Fu/Wushu que estiver praticando. Essa é uma perspectiva de transmissão em longo prazo, e os processos de aprendizagem geralmente levam grande parte da vida do praticante. Portanto, devemos perceber que um praticante de Kung Fu/Wushu recebe a alcunha de mestre, não pela graduação que atingiu, ou pela quantidade de técnicas que aprendeu, mas por ser um emblema vivo desse conhecimento construído e adquirido após longos e árduos anos de treinamentos.

No que diz respeito ao conhecimento pertinente ao Tai Chi Chuan transmitido por alguns dos primeiros mestres de Kung Fu/Wushu que se instalaram no Brasil no início da década de 1960, devemos perceber que ele foi marcado predominantemente pela difusão dos elementos marciais em detrimentos de outros, como os terapêuticos, religiosos, filosóficos. Tal medida não significa que esses elementos estejam ausentes nessa transmissão, mas encontram menor espaço em relação aos já citados elementos marciais. Como é o caso da linhagem de transmissão do Grão-Mestre *Chan Kwok Wai*¹³³, dentro da qual estão inseridos os professores do Programa Espaço Oriental. Ao difundir o conhecimento do Kung Fu/Wushu no Brasil ele privilegiou os aspectos da

¹³³ O título de Grão-Mestre é conferido a um indivíduo que representa uma autoridade máxima em determinado estilo. São pessoas que, além de serem exímios praticantes e conhecedores de um ou mais estilos de Kung Fu/Wushu, desenvolveram ao longo de suas trajetórias de vida, amplo trabalho de divulgação e difusão (transmissão) dessas técnicas. Em decorrência de divergências políticas com o então Regime comunista que se instalara na China após a proclamação da República Popular em 1949, o Grão-Mestre Chan Kowk Wai muda-se para Hong Kong (ex-colônia britânica), e posteriormente migra para o Brasil no ano de 1960. Ele se instalou na cidade de São Paulo e começou a ministrar aulas no Centro Social Chinês somente para os imigrantes e seus descendentes da colônia chinesa. Em 1972 funda a Academia Sino-Brasileira de Kung Fu, e passa a ministrar aulas também para alunos brasileiros. O Grão-Mestre Chan Kowk Wai é considerado atualmente uma das maiores autoridades no mundo no estilo Shaolin do Norte, e um dos mais respeitados mestres de Kung Fu/Wushu vivos. Possui alunos espalhados por todo o Brasil, e em países como Estados Unidos e Argentina. A data de sua chegada ao Brasil, 11 de abril de 1960, foi instituída nacionalmente como o “Dia do Kung Fu”.

arte marcial e dos treinamentos que compõe seu conjunto de técnicas corporais, basilando os outros a partir deste.¹³⁴ Em sua pesquisa sobre essa linhagem de transmissão, Rodrigo Apolloni (2004) nos fala que em entrevista realizada com o Grão Mestre Chan Kowk Wai ele relata que um dos elementos que incidiram para a procura do público Brasileiro pela prática do Kung Fu/Wushu remete a influência das séries televisivas e dos filmes sobre o gênero que começavam a eclodir no ocidente no final da década de 1960.

Em sua entrevista para esta pesquisa, Chan Kowk Wai informou que, em um determinado período dos anos 60, deu aulas apenas para chineses no Centro Social Chinês de São Paulo. Ainda nos anos 60 e também na década seguinte, graças, entre outros motivos, ao sucesso dos filmes de Bruce Lee e da série de TV "*Kung Fu*" no Brasil, ele fundou uma academia freqüentada por descendentes e não-descendentes de chineses. Essa passagem parece ter implicado em um "distanciamento do fator étnico" provocado, sem dúvida, pela visibilidade adquirida pela arte marcial chinesa e, certamente, pelas perspectivas econômicas relacionadas ao ensino do Kung-Fu. (APOLLONI, 2004: 74)

Podemos perceber a partir da pesquisa de Apolloni, algumas implicações apresentadas a partir do contexto brasileiro, e das demandas do novo público de praticantes não-chineses. São perspectivas mediadas, sobretudo pelas produções televisivas e cinematográficas sobre essas práticas, que se constituem de um elemento fundamental que incide para a configuração desse novo contexto de transmissão. O público brasileiro que chegava a academia para aprender Kung Fu estava predominantemente interessado em aprender suas técnicas de luta, tal qual visualizavam nos filmes e séries. O Grão-Mestre, na eminência de sua nova posição enquanto professor de artes marciais profissional, passa a ter que negociar também com as demandas apresentadas por seu novo público, pois essa condição consiste agora na sua fonte de subsistência no país onde se instalara.

Outra implicação dessa inserção de um público brasileiro não-chinês no aprendizado das práticas revela também que a difusão de elementos permeados por um caráter étnico como o religioso (foco da pesquisa de Apolloni), ou o filosófico

¹³⁴ Podemos perceber isso inclusive na aplicação prática de algumas das técnicas por ele difundidas. No caso dos exercícios de *chi kung* (trabalho da energia), por exemplo, a principal técnica transmitida pelo Grão-Mestre Chan Kowk Wai foi o *Siu Kant Son* (Pequeno Sino do Norte), voltada predominantemente para o fortalecimento do corpo do praticante para situações de combate, para agüentar grandes impactos e pancadas. É um exercício preparatório também para outra técnica difundida pelo Grão-Mestre conhecida como *Palma de Ferro*, que potencializa o fortalecimento das mãos do praticante para desferir golpes de alto impacto sem a necessidade do desprendimento de grande esforço físico.

encontrariam dificuldades de disseminação em meio aos novos praticantes que não compartilham traços dessa identidade étnica.

A segunda implicação, decorrente da primeira, se refere a mudanças mais rápidas no universo semântico do Kung-Fu, com efeitos, por exemplo, sobre os elementos religiosos nele presentes. Ainda que os mestres originários ensinem conteúdos tradicionais e deixem subentendida a determinação de que seus alunos brasileiros aceitem e respeitem os elementos semânticos replicados, há que se considerar que essa cobrança se dá num nível diferente da que existiria se a arte marcial fosse ensinada, por exemplo, em um meio étnico, onde a presença de "muitos olhos chineses" poderia implicar em uma necessidade de mergulho na ortodoxia. Há que se considerar ainda que, em um meio étnico, o acesso a informações "de raiz" é maior: ao ter dúvidas sobre um termo ou conceito transmitido pelo mestre, o aluno poderia tentar esclarecê-las junto a sino-brasileiros que estivessem em uma situação de maior proximidade (APOLLONI, 2004: 76)

Podemos perceber que alguns mestres que se instalaram no Brasil em momentos posteriores adotaram sistemas de transmissão e perspectivas de formação diferenciados. Como é o caso do Mestre Liu Pai Lin¹³⁵, que chegou ao Brasil em 1975, e cuja linhagem é foco dos estudos desenvolvidos por Bizerril (2003; 2005; 2007; 2011). A linhagem deste mestre apresenta um sistema de transmissão/formação que contempla os ensinamentos da filosofia taoísta, as técnicas corporais do Tai Chi Chuan e da meditação taoísta, e as práticas terapêuticas da medicina tradicional chinesa, através principalmente do *tui na*¹³⁶. Sua perspectiva de operacionalização desse conjunto de técnicas desenvolve-se eminentemente com finalidades terapêuticas, com o intuito de estimular a saúde e a longevidade dos praticantes. Não é a toa que o nome do estilo/escola de Tai Chi Chuan difundido nessa linhagem leva o nome do mestre que a criou, e é designado *Tai Chi Pai Lin*. A expressão *Pai Lin*, significa *cem anos*, e substitui a expressão *chuan* (punho) que é comumente utilizada em outros estilos de Tai Chi, evocando nesse sentido a preocupação com a utilização dessas técnicas como recurso para promoção da saúde em detrimento de sua utilização com finalidades marciais¹³⁷. Podemos perceber, como nos mostra Bizerril (2005) em pesquisa

¹³⁵ Ele instalou-se na cidade de São Paulo, cidade de onde parte o centro de sua transmissão. Realizou também cursos de formação de professores nas cidades de Salvador e Rio de Janeiro

¹³⁶ *Tui na* significa pressionar com os dedos, e é uma técnica que se utiliza desse recurso para estimular os pontos e canais de circulação de energia vital (chi) pelo corpo humano. No ocidente é comumente designada como uma "massagem terapêutica", mas que é desenvolvida em um sistema complexo que compreende e articula os princípios da Medicina Tradicional Chinesa como descrito anteriormente.

¹³⁷ Durante o período em que residi em Recife, especificamente no ano de 2012, tive a oportunidade de participar de um seminário ministrado pela Mestra Jerusha Chang, uma das primeiras discípulas do Mestre Liu Pai Lin, e a encarregada direta da transmissão de sua linhagem. O seminário era intitulado "O Tao da saúde e longevidade – harmonia, equilíbrio e paz", promovido pelo Libertas Comunidade. No

etnográfica sobre a linhagem de transmissão do *Mestre Liu Pai Lin*, que o público que busca essas práticas apresenta um perfil diferente do que era apresentado pelos primeiros praticantes brasileiros a treinar com o *Grão-Mestre Chan Kwok Wai*. Esse perfil diferenciado dos praticantes iria incidir para as perspectivas de apropriação do Tai Chi Chuan por eles desenvolvidas. Ele ressalta seis motivações principais que impulsionam essas pessoas a buscar não apenas a prática do Tai Chi Chuan, mas a acesso a alguma das particularidades de sua linhagem de transmissão taoísta.

1) um caso de doença crônica grave ou crise de vida; 2) profissionais da área de psicologia e de ciências da saúde, interessados em terapia corporal e no aspecto filosófico da prática; 3) artistas: principalmente dançarinos, músicos e atores, isto é, envolvidos com as questões de ritmo, presença e movimento; 4) praticantes de outros estilos de *Taiji*, outras artes marciais ou outras técnicas de movimento, interessados nos aspectos estéticos e filosóficos do *Taiji*; 5) descendentes de imigrantes em busca de suas raízes culturais; 6) encontrei também dois casos em que o primeiro contato com a prática foi a obtenção de um emprego na secretaria de um espaço institucional da escola. (BIZERRIL, 2005)¹³⁸

O perfil do público de interessados constitui-se, pois, de um elemento importante a ser considerado no desenvolvimento das novas estratégias de transmissão desenvolvidas por esses mestres. Para pensarmos ainda o caso da linhagem do *Grão-Mestre Chan Kwok Wai*, podemos perceber também que, apesar de ser mestre em diversos estilos de Kung Fu/Wushu como *Choy Lei Fat* (um estilo do sul da China), *Tan Tui* (pernas que saltam), *Bagua Zhang* (palma dos oito trigramas), *Tai Chi Chuan Yang*, e muitos outros, privilegiou no Brasil a transmissão do estilo Shaolin do Norte¹³⁹. Dentro da transmissão no Shaolin do Norte, ele incluía alguns treinamentos e katis desses outros estilos como componente na formação, e foi o que ocorreu com as técnicas de Tai Chi Chuan¹⁴⁰. Como por muitos anos o sistema de formação do *Grão-*

seminário, foram articulados a prática de técnicas do Tai Chi Pai Lin, exposições sobre a filosofia taoísta e sobre as compreensões em saúde da Medicina Tradicional Chinesa. Um dos pontos sempre evocados pela mestra dizia respeito justamente a indissociável relação entre essas instâncias do conhecimento, e que não poderiam ser compreendidos/praticados de maneira isolada.

¹³⁸ Entre os alunos que buscam a prática do Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental iremos perceber uma identificação, sobretudo, com a motivação de número 1.

¹³⁹ Estilo de Kung Fu/Wushu das escolas externas, cuja predominância das técnicas consiste em movimentos de força, velocidade e tração muscular, como apresentado no Capítulo 2 deste trabalho.

¹⁴⁰ O *Grão Mestre Chan Kwok Wai* aprendeu o Tai Chi Chuan da família Yang como herança da linhagem do mestre *Ku Yu Cheung*. Apesar de não ser o estilo principal de sua linhagem de transmissão no Brasil, ele foi um dos primeiros e principais difusores dessas técnicas no país, tendo começado essa transmissão ainda na década de 1960, e contando com alunos espalhados por praticamente todos os estados da Federação, como aconteceu no Ceará e em Pernambuco, por exemplo.

Mestre não contava com um método de graduações padronizado¹⁴¹, ele ensinava as técnicas do Tai Chi Chuan para seus alunos mais avançados como parte de sua formação dentro do estilo Shaolin do Norte.

Apresentado esse campo inicial de difusão do conhecimento e das técnicas do Tai Chi Chuan no contexto brasileiro, nos tópicos que se seguem veremos as implicações dessas perspectivas formativas a partir da trajetória dos três professores entrevistados, bem como as estratégias desenvolvidas para articular continuidades ou a complementação dessa formação. Por fim, apresento também como essas abordagens e aspectos incidiram em minha própria trajetória formativa nessas técnicas corporais.

4.2 Negociações de sentido e novos contextos de formação

O tema abordado neste tópico diz respeito às trajetórias de formação dos professores de Tai Chi Chuan envolvidos no Programa Espaço Oriental. Suas narrativas nos levam a compreender não apenas os contingentes práticos que incidiram sobre esses processos, mas também nos apresentam um panorama de difusão do Kung Fu/Wushu, e particularmente do Tai Chi Chuan no estado do Ceará. No caso destes professores, o contato com a linhagem de Kung Fu/Wushu, e, por conseguinte, do Tai Chi Chuan do se deu através da segunda e da terceira geração de transmissão do Grão-Mestre Chan Kwok Wai (linhagem na qual também estou incluído, e por isso também partilho de alguns aspectos desse campo de problemáticas)¹⁴². Eles aprenderam essas técnicas principalmente com alunos formados pelo Grão Mestre, que transmitiram as técnicas do

¹⁴¹ Os métodos ou sistemas de graduação dentro das artes marciais constituem as etapas/níveis de aprendizado do praticante. São compostos por um conjunto de técnicas a ser aprendido em cada nível de graduação, quanto mais elevado o nível maior é a complexidade e a quantidade de técnicas que precisam ser articuladas pelo praticante.

¹⁴² Para fins de estabelecimento de uma genealogia dessa transmissão, é considerada a primeira geração aquela formada pelo Grão-Mestre, ou pela pessoa que introduz um estilo em determinada localidade, como aconteceu com Chan Kwok Wai. A segunda geração é composta pelo primeiro grupo de alunos formado pelo Grão-Mestre. Essa segunda geração do Kung Fu/Wushu no Brasil foi composta alguns imigrantes chineses e descendentes para quem o mestre iniciou a transmissão no país, e por seus primeiros alunos brasileiros. Alguns alunos dessa geração, em decorrência do trabalho desenvolvido para a propagação da linhagem do Grão-Mestre, receberam a titulação de Mestre no estilo Shaolin do Norte. É o caso do Mestre Pong Chu Wen, que atualmente reside em Fortaleza, no Ceará, do Mestre Julio Kushida, que reside em Recife, Pernambuco, e do Mestre Nereu Grabalos, que reside em Campinas, São Paulo, e a quem o professor C. G está vinculado atualmente. O professor A. W e eu estamos inseridos nessa linhagem através da vinculação no aprendizado com o professor C. G, portanto pertencemos a quarta geração de praticantes no Brasil. O professor G. N também pertence a quarta geração, pois seu primeiro professor (seu irmão), assim como C.G, é membro da terceira geração de praticantes de Kung Fu/Wushu no Brasil.

Tai Chi Chuan aliadas a sua formação no estilo Shaolin do Norte¹⁴³ O pouco ou nenhum contato desses professores com outros elementos em torno do Tai Chi Chuan para além dos aspectos marciais, fez com que desenvolvessem estratégias particulares para complementar suas formações principalmente no que diz respeito à compreensão dos processos em torno da corporeidade. Essa foi uma demanda para a qual começaram a atentar ainda mais após começarem a ministrar aulas no Programa Espaço Oriental, ao se depararem com as perspectivas de adequações necessárias para o ensino, e dos usos desenvolvidos por seus alunos como relado nos tópicos seguintes.

Como explanado anteriormente, foram feitas entrevistas com três professores que vivenciaram sua formação em Tai Chi Chuan em épocas e gerações distintas. O recorte geracional é um elemento que vai incidir de maneira relevante na forma como se deu seu aprendizado dessas técnicas, em suas trajetórias enquanto praticantes e professores, nos recursos mobilizados para sua utilização no contexto do Programa Espaço Oriental, e na maneira como compreendem esses processos. O professor C. G. 48 anos, foi o primeiro professor contratado para ministrar aulas de Tai Chi Chuan no Programa, no ano de 2006.¹⁴⁴ Ele é o mais velho dos três entrevistados e começou a praticar Kung Fu/Wushu estilo Shaolin do Norte no ano de 1979, um ano após essa modalidade ter chegado à cidade de Fortaleza. Falar de sua trajetória de aprendizado dessa arte marcial nos auxilia também a reconstituir um panorama dos processos de difusão do Kung Fu/Wushu e, por conseguinte, do Tai Chi Chuan em Fortaleza. O aprendizado de C. G. se deu principalmente a partir do contato com quatro professores distintos como veremos a seguir¹⁴⁵.

Em 1978 chega à cidade um professor de Kung Fu/Wushu estilo Shaolin do Norte. Um baiano chamado Fernando Marques, e que havia aprendido Shaolin do Norte

¹⁴³ Vale ressaltar que os primeiros anos de presença do Kung Fu/Wushu na cidade de Fortaleza foram marcados por instabilidade no que diz respeito a presença dos professores. O primeiro professor a chegar a Fortaleza no ano de 1978, Fernando Marques, assim como o professor que o substituiu após sua saída da cidade, Jorge Jung, faziam parte da terceira geração de praticantes no Brasil, ou seja, aprenderam as técnicas com um dos primeiros alunos do Grão-Mestre, o Mestre *Lee Chung Deh*, do Rio Grande do Sul. Logo em seguida o Mestre Júlio Kushida, da segunda geração, passa um curto período em Fortaleza, se dirigindo em seguida para Recife, para dar continuidade a sua transmissão. No início dos anos 90 chega à Fortaleza o Mestre Pong Chu Yen, a quem a primeira turma de alunos formada na cidade se vincula. Após um rompimento com esse mestre, alguns de seus alunos mais antigos, dentre os quais estava C. G., se vinculam ao Mestre Nereu Grabalos, de Campinas, a quem continuam filiados até hoje.

¹⁴⁴ Para realizar aulas no núcleo do Parque Rio Branco.

¹⁴⁵ Além dos quatro professores elencados nos trechos de sua entrevista, o professor C. G. teve contato ainda com Julio Kushida, que passou um curto período em Fortaleza, tendo se mudado para a cidade de Recife.

com o mestre *Lee Chung Deh* ¹⁴⁶ do Rio Grande do Sul. Como ainda não havia professores dessa arte marcial em Fortaleza, rapidamente ele consegue formar uma turma de jovens alunos motivados em realizar essa prática, sobretudo por influência das produções audiovisuais sobre artes marciais que então eclodiam na época. O Professor C. G. foi particularmente motivado a praticar essa modalidade por influência do seriado televisivo *Kung Fu*.

Comecei por volta dos 18 anos [...] A única experiência esportiva era da educação física, escolar mesmo, né? E o velho racha de futebol. Mas eu tinha vontade de praticar alguma coisa, mas alguma coisa que tivesse um fundo filosófico também. Baseado na série que passou na década de 70, que era “Kung Fu”, que eu vi que tinha muita filosofia, [...] que a prática corporal era agregada a uma filosofia de vida. Aquilo me interessou, então eu não queria praticar algo que não tivesse isso. Então quando surgiram em Fortaleza, em 77 pra 78, que eu fiquei conhecendo aí é que eu comecei a praticar, no ano de 79, Kung Fu estilo Shaolin do Norte.

O imaginário que acessava sobre a prática das artes marciais, como em sua fala relatada no Capítulo 1 (pág. 42) era permeado por fantasia e misticismo, como se ao praticar Kung Fu/Wushu fosse adquirir capacidades sobre-humanas. Ele relata que esse imaginário era alimentado inclusive pela abordagem de seu primeiro professor. Sobre essa relação C. G nos fala:

A relação com ele era aquela relação muito... Como é que eu posso explicar essa relação? Polida. Porque, como ele era místico, então ele mantinha uma distância dos alunos. O professor é intocável, é aquela coisa toda. Então essa era a forma dele ensinar, né? Então a gente não tinha muito acesso a informações, porque tudo era místico, tudo: ‘vá treinar!’ Você tinha que aprender pela própria experiência, não tinha muito como conversar e como discutir. Talvez até pela falta de conhecimento mesmo que ele tinha do assunto. [...] Era sem muita explicação, imita o movimento e vai treinando que um dia você vai ser “o cara”

Ele fala que seu professor tentava reproduzir um estilo de treinamento muito parecido com aqueles que os alunos viam através dos filmes de artes marciais. C. G conta que seu professor, de origem baiana, até tentava imitar o jeito de falar de um chinês. Os alunos aceitavam aquilo tudo porque até então o imaginário que haviam construído sobre as artes marciais era pautado por aquilo que assistiam nos filmes e séries, então na época era aceitável que seu professor, que representava o primeiro contato real que tiveram com aquelas técnicas, agisse daquele jeito. O professor, narra

¹⁴⁶ Que foi aluno das primeiras turmas formadas no Brasil pelo já mencionado Grão-Mestre Chan Kwok Wai.

C. G. colocava-se em um patamar de superioridade em relação aos alunos, em sua maioria adolescentes, que mal podiam dirigir-se a ele, e sequer questioná-lo com relação a algum movimento ou aspecto da aula. C. G. relata também percebeu posteriormente que o “vá treinar!” com o qual o professor respondia suas perguntas e questionamentos, ao invés de apresentar-se como um convite a aquisição desse conhecimento por uma via prática, tal qual recomendava a tradição Budista na qual é inspirado o estilo Shaolin do Norte, apresentava-se naquele contexto como uma demonstração da própria falta de conhecimento de seu professor sobre o assunto, já evidenciando um processo deficitário na formação dele, que repercutiu em sua própria formação.

Após a saída deste professor da cidade de Fortaleza, chega à cidade por recomendação do mestre *Lee Chung Deh*, o professor Jorge Jung, também oriundo do Rio Grande do Sul. C. G. conta que a relação que se estabeleceu com ele era completamente diferente da que existia com seu professor anterior.

Jorge Jung, que era um gaúcho que treinou na mesma escola do professor Fernando lá em Porto Alegre. Embora o Jorge já fosse mais avançado tecnicamente, era uma pessoa muito mais aberta ao diálogo, e não via mais o Kung Fu como um misticismo, via como resultado de um treinamento. E o Jorge era uma pessoa que se aproximava dos alunos. Então ele conversava com os alunos, brincava com os alunos, saía junto... Então essa fase foi uma fase muito importante pra gente aprender que o Kung Fu não era místico, era algo verdadeiro, e algo que poderia ser alcançado com um treinamento sério. E a partir desse momento a gente começou a ter também uma idéia de Kung Fu como uma família também. Alguma coisa prazerosa.

Em decorrência de problemas pessoais esse professor é forçado a voltar para sua terra natal no Rio Grande do Sul, e mais uma vez o professor C. G. e seus companheiros de treino ficam sem um professor fixo em sua cidade. No ano de 1985 chega à Fortaleza um professor de origem chinesa, que fez parte das primeiras turmas de alunos do já citado Grão Mestre Chan Kwok Wai, o Mestre Pong Chu Yen, a quem C. G. e seus colegas se filiam.

A relação com o professor Pong já foi uma relação de trabalho, no meu caso, trabalhei com ele. Fui o primeiro aluno a trabalhar com ele, dando apoio na academia tanto na parte de secretaria da academia, como dando aula também. Mas não foi uma relação tão amistosa como a gente teve com o professor Jorge. Por que... Talvez pelo fato do professor Pong ser chinês, ele também tinha uma certa distância dos alunos, ele não era aquela pessoa que chegava junto mesmo e agregava, não. Ele mantinha a imagem do professor num patamar acima dos alunos. Então a gente não tinha tanto acesso pra chegar, e nem pra ter informação também. A gente não tinha muita informação. E não tinha também muita liberdade pra chegar e perguntar qualquer coisa e receber a resposta que a gente queria ouvir.

Após desentendimentos entre o mestre e sua turma de alunos mais antiga, nos quais se encontrava C. G, há uma ruptura nesta relação. Esse grupo de alunos vincula-se ao Mestre Nereu Grabalos, um professor brasileiro, também aluno da primeira geração formada no país pelo Grão Mestre Chan Kwok Wai¹⁴⁷.

Aí depois a gente teve a oportunidade de passar a treinar com o mestre Nereu Grabalos, no qual a gente treina até hoje, que já é uma pessoa muito prática. A visão dele de vida é bem ocidental, entendeu? Então ele é muito prático, tudo pra ele é matemática, dois mais dois é igual a quatro, então não tem nada daqueles resquícios da visão chinesa, daquela coisa mais sonhadora, mais abstrata, então ele é muito concreto.

É justamente o mestre Nereu Grabalos que incentiva o professor C. G a iniciar trabalhos voltados especificamente para o desenvolvimento do Tai Chi Chuan em Fortaleza. É com esse mestre que ele acessa as técnicas modernas do Tai Chi Chuan de Pequim¹⁴⁸, que segundo sua visão, poderia se apresentar como a possibilidade de contemplar outros públicos para além dos interessados em praticar o estilo Shaolin do Norte (em sua maioria composto por jovens), e como uma fonte de renda complementar para o professor.

O incentivo de seu mestre impulsionou C. G a abrir turmas de Tai Chi Chuan tanto em sua academia (onde predominava o ensino do Shaolin do Norte), quanto o permitiu acessar outros espaços, como por exemplo, na oportunidade que teve de ministrar aulas em uma clínica de Medicina Tradicional Chinesa, em Fortaleza. É nesse contexto que C. G percebe o potencial de inserção do Tai Chi Chuan em outros espaços para além das academias de artes marciais e inicia um trabalho de difusão estabelecendo parcerias com órgãos públicos como a Companhia de Água e Esgoto do Ceará –

¹⁴⁷ O Mestre Nereu foi o segundo presidente a assumir a Confederação Brasileira de Kung Fu/Wushu. Através da organização e consolidação deste órgão, ele é um dos responsáveis por estabelecer diálogo com professores e mestres de vários estilos e escolas espalhados por diversos estados do país, filiando-os a partir do estabelecimento de Federações estaduais. É em sua gestão que esta arte marcial no Brasil passa a firmar contatos e parcerias com inúmeras outras entidades como, por exemplo, o Ministério do Esporte e com o Comitê Olímpico Brasileiro - COI, no apoio a realização de competições e no reconhecimento do Kung Fu/Wushu como modalidade esportiva emergente no país. Esse aspecto da esportivização é, sobretudo, uma das estratégias adotadas pela gestão iniciada pelo Mestre Nereu Grabalos para divulgação e difusão do ensino do Kung Fu/Wushu no Brasil. Além das escolas tradicionais como o *Shaolin do Norte*, o *Tai Chi Chuan Yang*, o *Hung Gar* e inúmeras outras, começam a ser difundidas no país as modalidades de *Wushu Moderno*, com rotinas criadas eminentemente para a utilização em competições (tal como descrito no Capítulo 1 deste trabalho).

¹⁴⁸ Como já explicitado no Capítulo 1 deste trabalho, um conjunto de técnicas desenvolvidas a partir do século XX, no período posterior a proclamação da República Popular da China. São técnicas simplificadas que mesclam elementos de diversos estilos tradicionais, desenvolvidas para facilitar o ensino e a difusão do Tai Chi Chuan dentro e fora da China.

CAGECE, o plano de saúde UNIMED, entre outros. É a partir desse contexto inclusive que surgem os primeiros contatos com a Prefeitura Municipal de Fortaleza no intuito de desenvolver uma proposta de inserção do Tai Chi Chuan em alguns equipamentos públicos do município através da proposição de uma política pública.

A partir desses itinerários formativos ao longo de sua trajetória junto ao Kung Fu/Wushu, peço para C. G refletir sobre sua própria experiência enquanto professor a partir das diferentes perspectivas de formação com as quais teve contato através de seus professores.

Bom, como eu tive vários professores, então cada professor tem o seu método, né? Embora esteja ensinando a mesma coisa, tem essa maneira diferente de compartilhar esse ensinamento. Como eu disse, o primeiro professor era muito místico, então a forma de ensinar seguia esse mesmo curso. Era sem muita explicação, imita o movimento e vai treinando que um dia você vai ser “o cara”. O segundo professor já prático, bastante prático e objetivo naquilo que ensinava. Diversificava bastante. O terceiro professor, oriental, então o oriental, chinês legítimo, tem uma visão diferente, e valoriza muito mais forma do que aplicação. E o último que é o mestre Nereu que a gente teve aquela visão mais prática possível, então é tudo voltado pra aplicação. Mesmo as formas têm que ter um objetivo... E juntando todas essas experiências com a minha própria experiência, porque quando eu comecei a ensinar, eu ensinava de um jeito... Eu ensinava muito parecido com o que eu aprendi no começo. A gente vai aprendendo, a cada ano que passa, com a quantidade de alunos que a gente vai tendo, mentes deferentes aprendendo com a gente... A gente vai aprendendo com eles também. Então, na realidade, a minha forma de ensinar hoje é uma junção de todas as experiências que eu tive com os professores antigos, e com a minha própria ação de ensinar a cada vez. Então eu não posso dizer que eu hoje ensino igual eu ensinava ontem. Eu ensino diferente, e com certeza amanhã vou ensinar diferente do que eu ensino hoje. Porque isso é tudo uma construção, e a gente vai se adaptando aos novos tempos, vai se adaptando a diversidade que a gente tem com relação aos alunos, que são muito diferentes. Ninguém aprende igual, então a gente também, por isso, não pode ensinar igual. Tem que ir aprendendo a ensinar todo dia. Todo dia é uma descoberta.

O reconhecimento da possibilidade de um aprendizado a partir da articulação das demandas apresentadas pelos alunos durante as aulas, como relata C. G., já apresenta uma mudança de perspectiva e de postura na relação entre eles e o professor. Nas metodologias de ensino que tradicionalmente caracterizam a transmissão das técnicas do Kung Fu/Wushu, podemos perceber que é o professor quem predominantemente ordena a dinâmica das aulas, aos alunos cabendo apenas seguir a estrutura dos treinos pré-concebida. Contudo, o contato com novos públicos e dinâmicas de ensino, faz com que os professores reconheçam também a necessidade de adequar àquilo que estão ensinando a esses novos contextos. Esse processo representa, pois, como identificado por C. G. a possibilidade de um aprendizado também para o professor, modificando

assim a forma como se constroem as relações de sua autoridade para com os alunos, que passam também a influenciar na dinâmica das aulas. Os diferentes públicos com os quais teve contato em sua trajetória enquanto professor fizeram com que C. G. tivesse que desenvolver metodologias e estratégias diferentes para a difusão do Kung Fu/Wushu. É, pois, um elemento que se insere nesses novos contextos de apropriação das técnicas corporais. Esse aspecto poderá ser percebido melhor ao tratarmos sobre as estratégias para o ensino do Tai Chi Chuan desenvolvidas no âmbito das aulas do Programa Espaço Oriental.

O professor C. G. aprendeu Tai Chi Chuan como componente de sua formação dentro do estilo Shaolin do Norte, principalmente com seus dois últimos professores. Como descrito anteriormente, nessa perspectiva de formação o Tai Chi Chuan foi transmitido privilegiando, sobretudo seus aspectos marciais. As principais técnicas praticadas e difundidas através dessa linhagem foram os *katis*. Sobre essa formação o professor C. G. fala:

O Tai Chi é um ramo interno do Kung Fu. Então o nosso sistema de Kung Fu, que é o Shaolin do Norte, que é uma herança do Grão-Mestre Chan Kowk Wai, que conhece outros estilos de Kung Fu, tanto externos quanto externos. Então, como ele também conhece internos, esse conhecimento vem a agregar com o que a gente aprende no Shaolin do Norte. Então depois disso, depois de um certo tempo já de prática de Shaolin do Norte mesmo, aí a gente foi começando a ter acesso a outros estilos do Kung Fu, inclusive do ramo interno como o Tai Chi. Por isso que eu tive esse contato, porque faz parte do meu sistema de Kung Fu que é o Shaolin do Norte.

Essa abordagem na formação fez com que outros elementos que permeiam a prática do Tai Chi Chuan não fossem contemplados. Um destes aspectos diz respeito à mobilização de suas técnicas como recurso terapêutico para além das finalidades marciais, promovendo (ou recuperando) através de sua prática, a saúde de quem as realiza. A predominância dos aspectos marciais em sua formação não contemplava com suficiência esses elementos em torno das utilizações e aplicações terapêuticas do Tai Chi Chuan, e nem o prepararam em princípio para articular a imensidade de demandas apresentadas pelos alunos do Programa Espaço Oriental. Nesse sentido pergunto a ele se/como ele mobilizou outros recursos, técnicas ou estratégias para complementar sua formação e articular as novas demandas com as quais se deparou.

No meu caso eu tenho formação de segundo nível no Reiki, que é uma técnica japonesa de transmissão de energia. E tenho também formação em curso de Shiatsu e aurículo terapia. [...] No Reiki eu cheguei através de um

aluno meu do Kung Fu e do Tai Chi que se tornou mestre em Reiki. Então eu fiz a iniciação com ele tanto no primeiro, quanto no segundo nível. E na parte de massoterapia, que é a arte do Shiatsu, e auriculoterapia, foi através também de aluno, de uma aluna minha que tem uma escola de formação de acupuntura e shiatsu. Através dela eu fui fazer o curso e adquirir a formação. Embora essas duas práticas estejam ainda... Apesar da formação, eu não pratico intensamente, é esporadicamente.

Além das técnicas supracitadas, o professor fez também um curso de formação em *tui-ná*, uma técnica chinesa que se utiliza da pressão dos dedos para estimular os pontos de energia do corpo humano, comumente confundida com uma simples técnica de massagem¹⁴⁹. Um aspecto relevante que podemos perceber a partir do trecho acima se refere à maneira como o professor acessou essas técnicas, através de cursos ministrados por seus próprios alunos. Essa é uma perspectiva que redimensiona também sua relação e autoridade para com os mesmos, a partir do momento que ele reconhece e aceita a possibilidade de aquisição de um conhecimento do qual seus alunos são portadores, e que interessa à sua formação. Temos aí que o professor passa a ser também aluno/aprendiz de seus alunos. A utilização desse conjunto de técnicas vem complementar a formação e a articulação do professor no que diz respeito aos aspectos terapêuticos, e na compreensão de muitos dos processos de saúde-doença com os quais se depara nas demandas de seus alunos. Vale ressaltar que essas técnicas são norteadas por compreensões distintas das convencionalmente utilizadas pela medicina alopática ocidental no que diz respeito à organização e funcionamento do corpo humano, abordagens terapêuticas, entre outras. O *tui na*, por exemplo, é uma técnica desenvolvida a partir dos princípios da Medicina Tradicional Chinesa, como já descrito anteriormente (nas notas 129 e 136). O *Reiki*, por sua vez concebe que o corpo humano está dividido em sete *chakras*¹⁵⁰, cada um responsável por regular não apenas funções de sua estrutura orgânica, mas outros aspectos como os psicossomáticos. É interessante perceber no que diz respeito à complementação de sua formação que C. G vai buscar subsídios em técnicas de outra tradição cultural, o *Reiki* e o *Shiatsu* de origem japonesa, com percepções de articulação da corporeidade e princípios norteadores diferentes do que fundamenta do Tai Chi Chuan (que nesse sentido é compatível com a Medicina Tradicional Chinesa). Essa iniciativa nos mostra mais uma tensão presente nesse contexto de apropriação cultural. Na eminência de não ter um “acesso total” a prática

¹⁴⁹ Esse curso foi feito com Suely Hinomori, uma discípula do já citado Mestre Liu Pai Lin.

¹⁵⁰ Vórtices em espiral de energia espalhados pelo corpo. O chakra básico ou raiz, localizado a altura do sacro; chakra do umbigo, chakra do plexo solar; chakra do coração; chakra da garganta; chakra frontal, na altura da testa; e chakra coronário, localizado no topo da cabeça.

com a qual está lidando, ocorre processo mescla, ou de *hibridação cultural*, onde são fundidas técnicas cujos princípios aparentemente se aproximam.

Podemos perceber outras manifestações dessa perspectiva também através de um trecho de sua entrevista, em um ponto onde pedia para que ele e os outros professores refletissem sobre seus processos de formação atualmente, e como os recursos mobilizados neles se articulam.

Bom, eu acredito que a gente não deve se arrepender de nada do que fez ou que deixou de fazer. Mas eu penso que eu poderia ter conseguido mais coisa na vida, tanto físicas quanto psicológicas, poderia ter melhorado. Mas como eu te disse, é assim, deve deixar as coisas acontecerem naturalmente. E pra mim, a minha formação ainda tá longe de tá completa. Então tudo que a gente pode aprender que é positivo pra vida da gente, a gente tem que encarar, tem que aprender. Então esse curso de Shiatsu eu fiz no ano passado. Só que ainda falta o quê? Ainda falta eu investir nessa área, porque também é uma área linda, maravilhosa, que você vai tá diretamente trabalhando com a saúde das pessoas, com a melhoria na qualidade de vida. Então tenho que investir nisso. Tô nesses planos. Todo dia eu tô pensando em como que eu vou melhorar a minha vida, mas pra mim tem que eu tenho que melhorar a minha vida melhorando a vida dos outros, das outras pessoas. As pessoas que tão a minha volta, as pessoas que eu não conheço que precisam de alguma coisa. Então é isso que eu penso, tanto na prática do Kung Fu, como na prática do Tai Chi, como na prática de outras atividades que eu já tô envolvido, como na própria relação das pessoas de modo geral. Essa formação ela é constante e inacabada. Não vai parar nunca, entendeu? No dia de morrer tem que levar uma grande missão também naquela hora. Aí vai depender muito na questão de espiritualidade de cada um. Como eu acredito que a gente não morre, que a gente continua, então eu acredito que no dia de morrer vai tá aprendendo alguma coisa e levando algo pra sua formação. Então tem que ser todo dia, dia a dia aprendendo e se puder ensinar, ensina, se não puder, deixa as pessoas descobrirem. Acho que a filosofia que é introduzida através das artes marciais chinesas são essas, que a luta, a nossa luta principal é contra o nosso próprio ego, então a gente nunca tá plenamente intocável, a gente todo dia tá correndo riscos contra nós mesmos. Nós somos nosso perigo, principal e pior inimigo. Nosso ego ele é muito falho, então a gente tem que tá trabalhando pra se proteger disso. Então tudo que puder agregar de positivo deve ser bem vindo.

Nessa narrativa ele evoca um princípio fundamental que norteia a aquisição de conhecimento na perspectiva taoísta: de que este é sempre um processo inacabado e em constante transformação. Ele remete ao trabalho de anulação do ego como um componente fundamental desse processo de aprendizado na vida, e em como essa empreitada consiste não apenas em uma elevação individual, mas também de uma melhoria na vida das pessoas que o cercam. Contudo, ao transformar este em um pensamento e preocupação de sua vida, vai de encontro a uma das premissas fundamentais do Taoísmo, que remete a espontaneidade e não-reflexibilidade nesse

processo de aprendizado contínuo e constante. Aproxima-se aí de um tipo de pensamento reflexivo comum a lógica ocidental, e evidencia mais uma tensão existente nesse processo de apropriação cultural ao mesclar duas perspectivas com orientações distintas para nortear esse processo de aprendizado. Outro ponto que merece destaque nessa narrativa diz respeito à relação que ele estabelece entre a compreensão desse processo de aprendizado e o tipo de espiritualidade que orienta o indivíduo. Ao falar em uma possibilidade de desenvolvimento desse processo mesmo após a morte, ele alude a uma crença particular na continuidade da vida após a morte, que remete também ao seu engajamento com uma religião em particular, o *Vale do Amanhecer*, que mescla elementos das religiosidades indígenas, afro-brasileiras e da Doutrina Espírita Kardecquiana, na qual um dos princípios norteadores reside na crença da reencarnação e na imortalidade do espírito. Podemos remeter aqui as discussões de Campbell (1997) sobre o que ele chama de orientalização e sua influência para mudanças paradigma religioso/cultural, como abordado no Capítulo 1. Podemos observar, como apresentado na narrativa de C. G. que o que ocorre na verdade não é necessariamente uma substituição de um paradigma religioso/cultural por outro, ou seja, do cristão/ocidental pelo taoísta/oriental, mas a fusão destas orientações no delineamento de um novo tipo de orientação da espiritualidade.

Ainda a partir da entrevista, o professor C. G. relata que no início da década de 2000 desenvolve um curso de formação de instrutores de Tai Chi Chuan com o intuito de difundir essas técnicas entre seus alunos mais antigos, para que eles também comessem a ministrar aulas e difundissem essa modalidade na cidade de Fortaleza. Ele reuniu o conteúdo de Tai Chi Chuan que havia aprendido em meio a sua trajetória de formação com seus dois últimos professores e montou um curso intensivo baseado em quatro módulos. É a partir desse contexto que os professores G. N. e A. W. entram em contato com o Tai Chi Chuan. Ambos já eram praticantes do estilo Shaolin do Norte, e acessaram prática a partir de perspectivas e motivações distintas, como veremos a partir do relato de suas entrevistas.¹⁵¹

O professor G. N., 38 anos, começou a praticar Kung Fu/Wushu estilo Shaolin do Norte ainda criança por influência de seu irmão mais velho, que era um colega de turma da mesma geração do professor C. G. Seu irmão foi um dos professores de destaque dessa geração tendo contribuído para a organização da Federação Cearense de Kung

¹⁵¹ Apesar de G. N. e A. W. possuírem idades próximas, iniciaram a prática de Kung Fu/Wushu com uma diferença de tempo de aproximadamente 10 anos.

Fu/Wushu¹⁵², para a difusão desta modalidade na cidade de Fortaleza, e para a projeção do estado do Ceará no âmbito das competições em nível nacional. O professor G. N. cresceu acompanhando os treinos de seu irmão e dos colegas, e começou a ver ainda criança o processo de consolidação dessa arte marcial em Fortaleza. Ele teve na figura do irmão seu primeiro professor, e aquele que mais lhe marcou. Sobre essa relação e sobre o início de sua prática ele fala:

Rapaz... É uma tradição familiar, eu posso assim dizer, porque eu comecei com meu irmão, que era o meu professor. E eu, desde que eu me entendo por gente, eu treino essa arte marcial, eu pratico essa arte marcial. Não especificamente o Tai Chi, mas artes marciais chinesas, o Kung Fu. [...] Então eu acho que a primeira vez que eu treinei foi aos cinco anos de idade, no primeiro ano que chegou o Kung Fu aqui no Ceará mesmo, que foi em 78. E até, de lá pra cá, eu fiquei vinte e poucos anos da minha vida treinando com meu irmão essa arte marcial, né? Acho que uns 23 anos. Aí ele veio a falecer. Depois que ele faleceu, nós tínhamos uma grande dificuldade de se formar no tempo adequado da, escola da arte marcial que nós treinamos, porque os mestres estavam tudo no Sudeste. Então ele tinha que, ele fez esse papel muito importante aqui no nosso Estado que era de viajar bastante, né? Em vários, em busca de conhecimento, e trazia pra cá. Ele era meio que considerado, na minha visão, na minha visão, ele era considerado uma espécie de líder do grupo que treinava. Ele fez esse papel. E quando ele veio a falecer, eu já tinha um determinado conteúdo de, como é que eu posso dizer assim¹⁵³, de conhecimentos dentro da nossa escola de arte marcial. Sendo que ainda não tinha uma formação formal, porque há pouco tempo tinha sido lançado, a, o sistema de graduação, que foi endossado pelo Mestre Chan [...] alguns professores e mestres se reuniram, criaram o sistema de graduação, apresentaram ao Mestre Chan, aí ele endossou isso, mas não usa na academia dele, não usa na escola dele. [...] Aí nesse meio tempo meu irmão adoece e falece, eu fico sozinho com alguns alunos da escola que aceitaram continuar treinando comigo. [...] Aí ele falece e continuei a frente da academia por consequência, já estava lá ajudando ele, quando ele falece fico a frente da academia. [...] o último mestre do meu irmão, o Professor Nereu Grabalos, ele era muito voltado pra área de competição, totalmente voltado pra área de competição, né? [...] E eu totalmente voltado pra questão tradicional da coisa, o Kung Fu tradicional, que não competitivo, a questão filosófica, a questão moral, tudo, que bate de encontro com tudo que eu tinha aprendido essa questão de competição, né? Até hoje eu sou meio assim. E o professor Luís Sales ficou também nessa mesma, mesma história, e logicamente com os por quês dele de não ficar ligado ao Mestre Nereu. Foi quando o Professor Luís Sales deu a entender que ira buscar a escola tradicional do Mestre Chan. Aí ele conversou comigo e falou: ‘olhe eu era muito amigo do seu irmão, assim como os outros também, nós éramos muito amigos, e se você quiser, eu posso completar sua formação, já que hoje em dia tem essa formação institucionalizada lá e endossada pelo Mestre Chan’. Aí eu peguei e fui. Aí passei mais um, acho que treinei um ano pra complementar o que faltava, e ele me formou professor. Então foi assim que eu cheguei a me formar professor de Shaolin do Norte.

¹⁵² Junto com os professores C. G., e outros.

¹⁵³ Nessa hora da fala ele dá um estalo nos dedos.

Após o falecimento de seu irmão, ele relata ter se deparado com dificuldades em continuar sua formação, pois os mestres a quem ele havia seguido até então se encontravam em outros estados. Esse é um problema recorrente enfrentado, sobretudo pelos praticantes das regiões Norte e Nordeste do país, tendo em vista que os mestres de Kung Fu/Wushu, ao migrarem para o Brasil, se instalaram predominantemente nas regiões Sul e Sudeste. No caso dos praticantes do estado do Ceará particularmente, à instabilidade na permanência de professores na local fazia com que aqueles que queriam aprofundar seus treinamentos e buscar novas técnicas tivessem que viajar ao encontro desses mestres em outros estados. Tornava-se essa uma via de aprendizado difícil de ser operacionalizada não apenas pela distância a ser percorrida, mas também pelos custos das viagens, que entre as décadas de 1980 e 1990 eram bastante elevados. Os que não conseguiam viajar tinham que aguardar as visitas do mestre ao estado, que geralmente ocorriam apenas uma vez por ano. Essa se constituía, pois como mais uma problemática no que diz respeito à formação dos professores nesse contexto. E é um dos elementos marcantes que configura o contexto brasileiro dessa difusão, que redimensiona inclusive a maneira como se estabelece a relação mestre-discípulo/professor-aluno, tão importante nessa transmissão. O mestre/professor passa não estar sempre próximo para orientar o aluno, o que dificulta o desenvolvimento de seu processo de aprendizado.

A partir da apresentação desse contexto inicial de contato do professor G. N. com as técnicas corporais do Kung Fu/Wushu, peço que ele me fale sobre as circunstâncias em que conheceu e iniciou a prática especificamente do Tai Chi Chuan:

No Tai Chi Chuan, o que nós aprendíamos dentro da escola era a forma do Mestre Chan, a forma de cento e vinte e oito movimentos¹⁵⁴ [...] Se basear no Tai Chi que nós sabemos, é a forma. Aí o Mestre Nereu Vem pra cá na proposta de apresentar algo relativo à Tai Chi. Aí o meu irmão junto com, o meu irmão ainda tava vivo, o professor C. G., outros, entram, enveredam nessa com o Mestre Nereu. (...) Aí o professor C. G lançou um curso de formação de instrutores [...]. Então, o Tai Chi é o Tai Chi de Pequim, o simplificado, né?¹⁵⁵[...]. Aí eu não consegui completar esse curso com o

¹⁵⁴ Um kati de cento e vinte e oito movimentos dividido em três partes, que é considerada a principal técnica difundida pelo Grão Mestre Chan Kwok Wai do estilo/escola *Yang* de Tai Chi Chuan

¹⁵⁵ Ele se refere às técnicas modernas de Tai Chi Chuan desenvolvidas a partir do início do século XX, impulsionadas, sobretudo pelo desejo do Regime Comunista em propagar essa modalidade e suas propriedades por toda a China. Como tratado no Capítulo 2 deste trabalho era do interesse do Partido Comunista Chinês realizar reformas nas mais diversas manifestações da cultura tradicional daquele país. No que diz respeito ao Kung Fu/Wushu das escolas externas, foi potencializado sua utilização enquanto modalidade esportiva e criadas novas técnicas voltadas para uso em competições em detrimento de seus usos para o combate. No caso das escolas internas como o Tai Chi Chuan, o elemento marcial foi substituído pela ênfase em seus aspectos terapêuticos, e foram criadas técnicas simplificadas para facilitar sua difusão e aprendizado pelos mais diversos públicos. É o que ficou conhecido como *Tai Chi de Pequim*. O curso oferecido pelo professor Cícero Gonçalves é composto por um misto entre a forma

professor C. G.. Eu não tenho nenhum título de instrutor nem pela Wudang¹⁵⁶ de formação, porque eu percebi que os conteúdos em relação à questão teórica, conceitual, das questões filosóficas do Tai Chi, eu já tinha um conhecimento através dos textos e da minha experiência. E o restante chega até nós, de certa forma, através da visualização de vídeos das movimentações em si. Ainda hoje se restringe essa nossa formação apenas às formas, como era com o Mestre Chan. [...] Nós não temos vivência, pelo menos eu, vou falar por mim, vivência nenhuma com mestres oriundos realmente da China, que tiveram uma vivência tradicional dentro das escolas de Tai Chi Chuan. A gente sabe as formas de Wushu moderno, que é o Tai Chi de Pequim, que foram formalizadas pra competição. Então isso é a vivência que nós temos de Tai Chi. O restante, da questão do chi kung, [...], dos trabalhos de energia e tudo mais, foram oriundos da escola de Shaolin do Norte, e dos estudos posteriores através de leituras

Nesse trecho podemos observar algumas das estratégias desenvolvidas pelo professor G. N para complementar seus conhecimentos em torno do Tai Chi Chuan. Como evidenciado anteriormente, a linhagem na qual ele e os outros professores estão inseridos é marcada por uma tradição de transmissão eminentemente prática, voltada para o ensino das técnicas a partir principalmente de seus aspectos marciais. Com relação à compreensão dos aspectos filosóficos que norteiam tais práticas (o Budismo, no caso do Shaolin do Norte, e o Taoísmo no caso do Tai Chi Chuan), o professor relata que os acessou muito mais através da leitura de livros do que na transmissão oral com os professores. No que diz respeito ao aprimoramento sobre a execução das técnicas e seus fundamentos, um recurso complementar que ele mobilizou foi sua visualização através de vídeos, obtidos, sobretudo através da internet. Essas medidas, como já visto inserem novos elementos nesse contexto de apropriação das técnicas corporais, modificando assim a maneira como se estabelece o processo de aprendizagem para além do contato com a figura do mestre/professor. Constituem uma evidência dos percalços que culminam para as dificuldades vivenciadas nos processos formativos dentro dos quais estão inseridos esses professores. Ainda sobre sua trajetória de formação e as motivações que o levaram a aprender Tai Chi Chuan o professor G. N conta que:

Então vislumbrei isso aí como uma forma de continuar me especializando e crescendo dentro da arte marcial, entendeu? E que aí então eu vi isso. Sendo que ao chegar lá não, não era bem assim. Ainda continuava sendo, na minha visão, as formas, assim como sempre foi passado pra gente. Porque ninguém teve essa vivência com esses mestres realmente. [...] Eu sempre tive essa curiosidade de ver isso, e ainda tenho até hoje. De sentir se isso realmente é real, se existe realmente diferenças no que eles fazem e no que nós fazemos em relação ao Tai Chi. Então, a mim o que me levou a buscar o Tai Chi foi isso, eu disse: “pronto, finalmente já que tá havendo esse curso deve ter um

tradicional de cento e vinte e oito movimentos do Grão Mestre Chan Kwok Wai e as técnicas modernas do Tai Chi De Pequim

¹⁵⁶ Associação Wudang de Arte Marcial Chinesa, escola do professor C. G.

conteúdo bem embasado, né? E vai me explicar, e vai me levar, até mesmo por saber que o professor tinha acabado de fazer cursos de Tui-ná com outras pessoas. [...] Tinha enveredado também pelas questões do [...] Reiki. Então eu pensei: “não, então deve ter isso aí.” Eu vou finalmente sentir essas questões, porque o Tai Chi trabalha essencialmente com isso. Tai Chi é exatamente, a transformação do *jing*, do *chi* e do *shen*¹⁵⁷. Então, pronto, então eu vou descobrir isso aí, vou enveredar por isso aí. No meio, a meio caminho, ao perceber que não era isso meio que tava me acontecendo parei. Aí coincidiu do apareceu o Espaço Oriental e a proposta é o Tai Chi, aí eu: “pronto, agora eu vou me aprofundar mais nisso aí”. Então, só que hoje em dia, as minhas concepções de Tai Chi são duas bem distintas, porque [...] agora com o estudo da Educação Física enquanto ciência, as concepções mudam. Existe a concepção ocidental da coisa e a concepção oriental da coisa, do Tai Chi.. Então foi isso que me levou, uma intenção de continuar numa crescente dentro das artes marciais chinesas, na busca dessa questão interna que ficavam muito aquém na minha visão, naquele processo de aprendizado que eu tinha tido.

Ele havia identificado novos mediadores que estão presentes nesse processo formativo tais como livros e vídeos, para além do contato direto com a figura do professor. E, além disso, passa a relacionar suas práticas e suas percepções das artes marciais particularmente com o campo da Educação Física, como mencionado no final da fala. Percebe-se que esta consiste em uma das principais demandas que vai incidir sobre suas perspectivas de operacionalização do conhecimento do Kung Fu/Wushu, e particularmente do Tai Chi Chuan. Essa aproximação dos professores de artes marciais (não apenas de Kung Fu/Wushu, mas de muitas outras modalidades como Karatê e Judô) diz respeito a um movimento realizado pelo Conselho Nacional de Educação Física em parceria com os Conselhos Regionais com o intuito de fiscalizar e regular o exercício profissional de pessoas que trabalhavam com alguma modalidade atividade física, empreendido a partir da década de 1990. Nesse bojo foram incluídos, além dos profissionais de educação física, muitos outros que trabalhavam com diversas modalidades corporais, como professores de dança, os de artes marciais e outros que não tinham formação acadêmica nessa área. O objetivo do órgão era coibir o exercício dessas atividades por profissionais que não possuísem habilitação em Educação Física, e/ou que não estivessem a ele vinculados. Para tanto, no estado do Ceará, o Conselho Regional de Educação Física local reuniu esses profissionais de outras áreas com o intuito de oferecer um curso de formação em assuntos como primeiros socorros,

¹⁵⁷ *Jing* é a energia essencial do ser humano, vinculada àquilo que lhe concede a vida, como no caso dos gametas, masculino e feminino. *Chi* é a energia vital do corpo humano, aquilo que o mantém vivo, que o anima corporalmente. *Shen* é a energia espiritual, veiculada àquilo que está para além da matéria orgânica. O trabalho do Tai Chi Chuan e de outras técnicas corporais taoístas consiste em, através dos exercícios propostos, transformar *jing* em *chi*, e *chi* em *shen*, ou seja, essência em vitalidade, e vitalidade em espiritualidade.

anatomia e fisiologia do corpo humano, entre outros. O objetivo desse curso era alinhar esses outros profissionais para trabalhar com suas atividades (artes marciais, dança etc.), subsidiados e endossados pelos conhecimentos e pelas orientações do ramo da Educação Física.

Mas o que podemos observar de fato é que esta se apresenta como uma iniciativa de um órgão corporativo (que representa a categoria dos educadores físicos) de alinhar outras perspectivas de compreensão e articulação da corporeidade, de acordo com sua lógica particular. É uma iniciativa como esta, que podemos perceber também através do trabalho de Carneiro (2011), ao abordar a relação entre o exercício profissional dos acupunturistas no Brasil e sua relação com os órgãos representantes da categoria médica. O que ela observa é uma tentativa dos Conselhos e dos profissionais da medicina de transformar a prática da acupuntura em mais uma especialidade da medicina, sem atentar para o fato de que ela se constitui a partir de outra lógica ou cosmologia de compreensão da corporeidade e dos processos daí derivados (incluindo relações entre saúde e adoecimento, métodos terapêuticos, e muitos outros elementos). Um movimento similar aconteceu na relação dos professores de artes marciais com os Conselhos (regionais e nacionais) de Educação física. Na eminência de encontrarem-se impossibilitados ou com dificuldades de exercer a prática que haviam desenvolvido até então como profissão, alguns professores de Kung Fu/Wushu de Fortaleza, entre eles os professores C. G e G. N, se inscrevem no curso para obter a habilitação do Conselho Regional de Educação Física do Ceará - CREFI-CE. Esse movimento de aproximação (ou de apropriação) das artes marciais junto à Educação Física também pode ser percebido como uma das consequências dos processos de esportivização que essas técnicas vivenciaram ao longo do século XX. Ao exemplo de modalidades como o Judô e o Tae Kwon Dô, que já gozavam do status de esportes olímpicos¹⁵⁸, uma das principais estratégias de divulgação adotadas não apenas nos contextos ocidentais, mas também na China, por parte do regime Comunista com a criação do Wushu moderno, foi a de sua articulação como uma modalidade esportiva. Como vimos no Capítulo 2, os elementos que remetiam a sua utilização para o combate, como artes de guerra, foram substituídos por outros mais próximos aos de modalidades esportivas convencionais,

¹⁵⁸ Em 1988, nos Jogos Olímpicos de Seul, o Tae Kwon Dô figurou como modalidade de exibição. Em 1993 foi adicionado ao programa olímpico oficial, e no ano de 2000, nos Jogos Olímpicos realizados em Sydney, entrou definitivamente nas competições oficiais. O Judô foi disputado como modalidade olímpica pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, tendo ficado de fora da edição seguinte realizada na Cidade do México, no ano de 1968. Desde os Jogos de Munique, em 1972, vem fazendo parte de maneira ininterrupta da programação oficial das Olimpíadas.

como pontuação, movimentos padronizados, graus de dificuldades nos movimentos, etc.¹⁵⁹.

Através da habilitação junto a esse órgão, o professor G. N conseguiu acessar espaços de trabalho junto a instituições como o Serviço Social do Comércio - SESC e o Serviço Social da Indústria - SESI na cidade de Fortaleza, para desenvolver o ensino do Kung Fu/Wushu junto às mesmas. Para ele, esta foi uma oportunidade que, além de proporcionar abertura de novos campos de trabalho, fez também com que despertasse o interesse em se aproximar do conhecimento do campo da Educação Física. Na eminência de não conseguir acessar outros aspectos com relação ao Tai Chi Chuan para além dos elementos marciais, o professor acaba enveredando por suprir suas lacunas formativas cursando uma faculdade de Educação Física. Apresentada essa perspectiva por ele, peço para que me fale como articula o conhecimento desses dois âmbitos com os quais estabelece contato, de um lado o saber e perspectivas de produção de conhecimento do Kung Fu/Wushu, e do outro o saber acadêmico/científico que se apresenta a partir da Educação Física.

Tudo o que vem da China é metafísico. Então não existe nada com comprovação científica¹⁶⁰ e nem com entendimento científico cartesiano nosso aqui do ocidente sobre as questões que o Tai Chi Trata, certo? Da energia vital, do *shen*, das transformações de sensibilidade, das questões dos caminhos dos meridianos, dessa energia que permeia todo o cosmos, que faz uma transformação interna nas questões taoístas ao ponto de transformar o homem num imortal, e o que é esse homem imortal na concepção taoísta. Isso não existe, né? [...] Isso é a visão oriental da coisa, que é uma questão toda cultural, que não tem nenhum trabalho científico de, de peso, pelo menos até onde eu tenha estudado, inclusive eu to fazendo o meu trabalho de conclusão de curso é em cima disso aí. Aqui no ocidente ele, o Tai Chi, ele é visto como mais uma atividade corporal. Uma atividade física, corporal de baixo impacto, que trabalha questões de exercícios que vão propiciar a saúde e a manutenção [...] da musculatura, das articulações, dos ossos, da força dos membros inferiores, da cognição, da recuperação da cognição, da propriocepção em relação à melhoria de equilíbrio, principalmente em relação às questões das perdas da idade, a questão com os idosos, né? Ele é visto desse jeito. Apenas como um exercício de baixo impacto aeróbico que propicia relaxamento [...] pelas questões de trabalhos de concentração, da

¹⁵⁹ O Wushu moderno participou dos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, como modalidade de exibição. A International Wushu Federation - IWF tenta sua inserção como modalidade oficial para os Jogos Olímpicos de 2020. Essa decisão é aguardada para o ano de 2013, junto com a decisão da sede desses Jogos.

¹⁶⁰ Ver pesquisas científicas sobre o Tai Chi Chuan nos já citados Lee e Johnstone (1997:34). Além dessa fonte outras que apresentam pesquisas científicas que comprovam os benefícios para a saúde adquiridos através da prática do Tai Chi Chuan podem ser encontradas em LIXING, Lao. **Medicina Tradicional Chinesa**. In: JONAS, Wayne B.; LEVIN, Jeffrey S. **Tratado de Medicina Complementar e Alternativa**. Barueri: Editora Manole, 2001 (em citação já elencada nesse capítulo). Também podemos perceber isso no artigo *The efficacy of Tai Chi Chuan, brisk walking, meditation, and reading in reducing mental and emotional stress*. *Journal Psychosom Research*, 1992; 36 (4): 361-370.

respiração profunda [...]. Então a diferença é essa no ocidente, em relação ao que você vê como um educador, como um professor de educação física ocidental vê, e como um mestre chinês oriental, da cultura mesmo, [...]. São diferentes demais, coisas diversas.

A partir dessas duas perspectivas de compreensão das práticas do Tai Chi Chuan das quais nos fala o professor G. N, pergunto como ele se posiciona atualmente em relação a isso. Como pensa essa relação agora que, além de professor de Kung Fu/Wushu, é também um estudante de Educação Física¹⁶¹

Eu to estudando agora as coisas, aí fico meio que triste porque todo mundo que treina Kung Fu, da minha época pelo menos, era sugestionado, auto-sugestionado, sugestão, né? De querer acreditar em todas aquelas questões, né? [...]. “Isso existe realmente cara?” Então, como é que eu me posiciono hoje? Eu entendo os dois lados, eu entendo os dois lados da questão pessoal, né? Há uma mistura, viu, das coisas? Mas eu entendo os dois lados. Na questão pessoal, eu entendo hoje, atualmente, mais do lado ocidental de ver, vamos colocar assim, né? Até mesmo pelos meus estudos. [...] são tudo coisas palpáveis, enquanto a outra não, não são coisas palpáveis, são coisas muito subjetivas, “eu sinto, eu não sinto”, “eu tenho, eu não tenho”, né? Então tô mais para o lado ocidental de ver das coisas, mas compreendo o outro lado ocidental (querendo dizer oriental) [...] Como é que eu trabalho isso com os meus grupos de Tai Chi? Eu tento mostrar o que o Tai Chi é realmente em sua essência, as suas questões conceituais, de onde surgiu, né? Mas não deixo de lado também de tá explicando como realmente aquelas movimentações, aquele trabalho físico está, vai influenciar na, na busca da qualidade de vida, e na busca da saúde pra ele. Mas eu, eu trabalho e tento explicar, pra que até mesmo eles não confundam como é confundido no ocidente Tai Chi como um exercíciuzinho lento de alongamento. Eu falo pra eles, explico... Aí nesse meio caminho eu encontro as duas vertentes de pessoas: aquelas que ainda estão sugestionadas e acreditam naquela questão oriental, e trabalho, e consigo dialogar com elas em relação a isso, porque eu conheço; e as outras também, que não entendem, que não compreendem daquele jeito e entendem de outra maneira e também consigo dialogar com elas. Agora, eu pessoalmente falando, eu tô no momento, cada vez mais tendencioso pra o lado, da questão ocidental da coisa. Até, e por isso que eu disse, que a coisa que eu mais queria, e busco, e trabalho lá com os, os diretores da Federação, pra trazer esses mestres pra cá, que realmente façam isso, me façam ver. Me mostrem como é que é, porque a gente não tem, nós não temos essa vivência, nenhum de nós, você sabe disso, nós não temos essa vivência, né? Virou uma atividade física infelizmente, apenas um esporte, em detrimento do, de toda a questão que é o que apaixonou quem é praticante de Kung Fu e de Tai Chi, pelo menos na minha época. Então, contextualizando hoje em dia as coisas ficam diferentes. Hoje os jovens não tão, não tem mais essa visão, né? Sou da época da série Faixa Preta, da Globo.

Apesar de remeter a uma possível articulação entre a visão tradicional, como ele denomina, e a visão científica ocidental do Tai Chi Chuan, é perceptível na fala do professor G. N. um predomínio da visão endossada pela Educação Física (e da ciência)

¹⁶¹ Na época da realização da entrevista ele ainda era um estudante, mas ao término da dissertação ele já havia se graduado em Educação Física.

sobre a maneira como compreende atualmente suas práticas em torno das artes marciais. Uma particularidade que corroborou para o alinhamento dele a essa perspectiva foi a dificuldade vivenciada em ter contato com outros âmbitos do Kung Fu/ Wushu, especialmente do Tai Chi Chuan, para além dos aspectos marciais. Ele relata que sentia falta de maiores explicações sobre processos como os de circulação da energia pelo corpo, como se estruturam no corpo humano, entre outros elementos. Seu aprendizado de Tai Chi Chuan através de um curso intensivo de formação de instrutores não havia contemplado esses aspectos. O fato é que, como já abordado anteriormente neste trabalho, a perspectiva de aprendizado e de construção do conhecimento a partir das técnicas corporais, ou seja, o desenvolvimento do conhecimento corporal no âmbito do Kung Fu/Wushu se efetiva através da experiência prática. Nos processos de transmissão tradicional deste conhecimento os mestres não apresentam grandes explicações orais ou teóricas sobre o que estão propondo a seus discípulos. Eles atuam como guias, que vão demonstrar alguns aspectos práticos a seus alunos, e que esperam que estes possam desenvolver um conhecimento que surge a partir de sua própria prática. Essa medida, no entanto leva anos de treinamentos para se efetivar, o que não aconteceu, por exemplo, na perspectiva de formação em Tai Chi Chuan a qual o professor teve acesso, realizada sob os moldes de um curso. Na eminência de não acessar esses conhecimentos através dessa via, e devido à dificuldade de contato com mestres chineses que tenha vivenciado esse aprendizado aos moldes tradicionais, ele acaba direcionando o foco de seus estudos para o âmbito da Educação Física. Essa seria uma via através da qual poderia acessar conhecimentos sobre o corpo humano, sua estrutura e funcionamento, que poderiam ser aplicado aos seus treinamentos e a sua prática enquanto professor de Kung Fu/Wushu, e especificamente de Tai Chi Chuan. Sobretudo a partir das inúmeras demandas corporais com as quais teve contato ao se tornar professor do Programa Espaço Oriental.

Em sua fala ele ainda revela uma crítica importante com relação à maneira como a prática das artes marciais vem sendo conduzida largamente no ocidente. Ele observa que com o processo de esportivização pelo qual vêm passando, sobretudo após as reformas implementadas nessas técnicas com a criação do *Wushu Moderno* durante o século XX, muitos dos princípios tradicionais que as norteavam vão se distanciando das atividades práticas. Isso se acentua ainda mais, como relata G. N., também em decorrência das sucessivas gerações de transmissão pelas quais essas técnicas corporais atravessam, e que cada vez mais distanciam os praticantes contemporâneos dos mestres chineses que as introduziram no ocidente, e particularmente no Brasil. Como aponta ele,

difícilmente os alunos conseguem acessar pessoas que tiveram uma vivência tradicional no aprendizado do Kung Fu/Wushu, ou seja, que adquiriram/construíram esse conhecimento após longos anos de treinamento, que se estendiam durante toda a sua trajetória de vida. A fala deste professor revela um risco dos processos contemporâneos de apropriação dessas técnicas, e das vias de *hibridação* cultural nos quais são envolvidas. É como nos mostram Burke (2006) e Canclini (2008), que apontam para o risco da perda, após sucessivas misturas e adequações de sentido, de muitos dos valores fundamentais que norteiam essas práticas. É justamente a eminência de não ter acesso a essa “vivência tradicional”, segundo ele, que o motiva buscar subsídios para sua prática de Kung Fu/Wushu, e também como perspectiva de legitimação em seu campo de trabalho, no saber acadêmico da Educação Física. Essa é uma evidência também da fragmentação do processo formativo dos professores de Kung Fu/Wushu contemporâneos, que na eminência de não conseguir acessar uma “formação total” nessas práticas aos moldes tradicionais chineses, acabam tendo que atravessá-la com elementos oriundos de outras searas do saber, que muitas vezes vão compreender essas práticas através de lógicas de articulação distintas das que lhe dão origem.

O terceiro professor entrevistado, A. W. 37 anos, começou a praticar Kung Fu/Wushu durante a adolescência. Ele conta que um dos principais motivadores que impulsionaram sua vontade de aprender artes marciais foi o fato de que era o único irmão homem entre seis irmãs, com o intuito de dar proteção a elas. Ele conta que saiu de sua cidade no interior do Ceará, e veio para Fortaleza com o sonho de se tornar professor de artes marciais. Após um tempo treinando com um professor clandestino¹⁶² ele conhece o professor C. G., e torna-se seu aluno. Ele aprendeu Shaolin do Norte, e apesar de ainda não ser formado neste estilo, já estava habilitado a ministrar aulas por encontrar-se em uma graduação elevada¹⁶³. Ele teve acesso ao aprendizado no Tai Chi Chuan também através de um curso de formação de instrutores, contudo, suas perspectivas de apropriação e operacionalização deste conhecimento se deram de

¹⁶² Antes da organização das Federações de artes marciais, que se incumbiam da organização e regulação dessas práticas em nível estadual ou nacional, era comum encontrarmos os chamados professores *clandestinos*. Eram pessoas que, em geral, haviam praticado alguma arte marcial sem se formar, e começavam a ministrar aulas sem o aval/conhecimento de seus professores. Em relação ao Kung Fu/Wushu, era comum encontrar professores que ministravam aulas sem sequer ter praticado um estilo tradicional, ou ter tido vínculo com um professor, e que se baseavam, sobretudo naquilo que assistiam nos filmes de artes marciais ou em outras técnicas que haviam treinado. As narrativas para justificar esse aprendizado eram muitas, de que haviam aprendido através de sonho, que conheceram um mestre chinês que lhes passou o conhecimento, e muitas outras histórias.

¹⁶³ Após a conclusão deste trabalho, A. W. havia se formado e obtido o título de professor no estilo Shaolin do Norte.

maneiras distintas das apresentadas pelo professor G. N. Ele conta que o primeiro contato que tivera com o Tai Chi Chuan foi durante uma aula que fez a convite de seu professor. Sobre essa experiência ele relata:

[...] na primeira vez, não gostei porque era muito jovem. Achei muito lento e eu queria uma coisa mais agitada. Aí com o tempo fiz uma aula, e com a aula... Depois que eu senti a aula foi que eu gostei. Que eu senti! Até então eu tinha visto, começado, e não tinha concluído a aula. Quando eu concluí uma aula, aí eu vi que realmente era aquilo ali mesmo. Me senti bem. (...) A primeira aula (..) eu vi o professor fazendo e disse: “não, isso não é pra mim”. [...] Não, não rola não, o meu negócio é mais agitado.

Pergunto ao professor sobre as motivações que o levaram para dedicar mais tempo ao aprendizado do Tai Chi Chuan, e ele conta:

Foi na circunstância de mercado também. Eu tava pesquisando o mercado, eu sempre faço isso. Tava vendo a tendência da melhor idade crescendo, e sem atividade. E nas pesquisas eu vi que uma das atividades mais indicadas seria o Tai Chi. Aí pelo Tai Chi está sempre incorporado no Kung Fu aí eu resolvi aprender o Tai Chi. Até porque eu tinha sido convidado pra ser voluntário num grupo de idosos, e eu tava começando no Tai Chi. Aí eu vi no Tai Chi uma forma de ser voluntário. Aí daí, foi me despertando uma vontade de se especializar com idosos, e o Tai Chi foi uma forma de seguir esse caminho.

Tendo em vista que dar aulas de Kung Fu/Wushu havia se tornado sua profissão e fonte de subsistência, o professor aponta que viu no Tai Chi Chuan a possibilidade de uma via de complementação para seu exercício profissional. O grupo de idosos ao qual se refere em sua fala era oriundo do bairro onde ele residia¹⁶⁴, e o professor vislumbrou nas aulas de Tai Chi Chuan uma possibilidade de intervir junto a sua própria comunidade, tendo em vista que aquelas pessoas não teriam condições de pagar aulas em uma academia.

Ele fala sobre sua experiência no curso de formação de instrutores de Tai Chi Chuan:

Como a gente já era instrutor, a gente fez uma espécie de curso. Mas o meu levou bastante tempo, porque eu fiz a primeira vez dois módulos, parei, aí em seguida fiz o restante. Mas, treino normal, era tipo curso, mas treino normal. [...] no início mesmo, tinha sido colocado o que era o Tai Chi, os fundamentos, pra que é que servia, falando da arte marcial em si, e as formas. Foi estruturado dessa forma. E a gente foi estruturado só a nível de instrutor, e não de professor. Na época o professor tinha feito isso. E aí hoje eu sinto a necessidade de aprender mais [...] conhecendo os fundamentos, conhecendo

¹⁶⁴ O Bairro Santa Filomena, em Fortaleza. As aulas eram ministradas através da ONG Conselho Nova Vida - CONVIDA.

também o Tai Chi como terapia, como terapêutico, voltado pra saúde, vendo o Tai Chi como uma arte marcial. A gente viu esses dois lados.

Ao atingir uma graduação no estilo Shaolin do Norte que o permitisse ministrar aulas, o professor A. W fez dessa sua profissão. Sua dinâmica de trabalho, e o fato de morar distante da academia de seu professor fizeram com que seu aprendizado se estendesse por mais tempo do que estaria previsto inicialmente no curso. Ele teve primeira parte de sua formação através dos dois módulos do curso, e a segunda parte ele acessou através de aulas regulares na turma de Tai Chi Chuan da academia de seu professor. Essa medida fez com que sua formação durasse entre um ano e meio a dois anos. Apesar de estar exposto a um aprendizado em Tai Chi Chuan por um período mais longo e intenso do que o relatado pelo professor G. N, assim como ele, o professor A W também sentiu necessidade de complementar sua formação. Ele também se deparou com a eminência da intervenção do CREFI-CE na tentativa de regulação da prática de professores de artes marciais. No entanto ele não teve acesso ao curso ministrado pelo órgão para tirar a carteira de filiação na capital. Sua estratégia foi a de realizar essa formação em uma cidade vizinha a Fortaleza, Canindé, que estava oferecendo o curso para profissionais do interior do Ceará¹⁶⁵.

A gente sempre que trabalhou com arte marcial, aí veio essa, o CREFI se apropriou de tudo que é atividade física, inclusive da capoeira, então, quem não se adequasse, ou seja, quem não acompanhasse o mercado, ficaria atrás, não poderia exercer o que fazia. Tipo se fosse professor, fosse dar aula não poderia. Porque o objetivo maior do CREFI seria a pessoa que está ministrando a aula ter o conhecimento, pelo menos básico, do corpo, do que tá fazendo. Fazer e mostrar o que tá fazendo. Num ponto de vista é muito... É justo que deveria ser assim. [...] Isso me estimulou a fazer. No caso pra mim foi muito difícil! Eu fiz a cento e vinte quilômetros de Fortaleza, durante um ano. Foi no Canindé. Hoje eu me lembrando, quando eu lembro, eu digo: ‘como eu tive essa coragem?’ Quantas noites eu não levei chuva na moto, né? Quantas vezes eu não vim só, meia noite, onze horas, terminava o curso tarde, e vinha pra trabalhar no outro dia. Ou seja, deixei de fazer aqui, mas quando teve aqui eu não tinha condições. E houve a última turma, foi que eu fui fazer [...]. Foi 2007 pra 2008, por aí. Mas foi muito puxado, foi difícil. E o medo de não conseguir, de não aceitarem. Quem era de Fortaleza não podia. Como meu documento era do interior, aí ficou fácil, porque eu sou do interior, né? Só podia que fosse do interior, Fortaleza tinha fechado as portas. Aí isso me deu assim... Dá uma tapa na cara da gente: ‘vá estudar!’. É isso que esse tipo de coisa dá pra gente. Me estimulou, e eu senti mais necessidade de buscar o conhecimento, que é no caso o que eu to pretendendo fazer agora, faculdade.

Ele fala sobre suas motivações em agregar mais conhecimentos a sua prática enquanto professor de artes marciais. Uma delas e que foi fundamental para o

¹⁶⁵ Tendo em vista que o professor era natural da cidade Senador Pompeu, pôde se inscrever no curso.

direcionamento que iria dar a sua formação foi o contato com o público de interessados pela prática do Tai Chi Chuan, que era composto em sua maioria por pessoas idosas.

Quando eu vi realmente que o Tai Chi e o grupo do... E o idoso seriam as pessoas que eu queria trabalhar, eu comecei a buscar mais focado pro idoso, pra mim conhecer o idoso, as limitações o idoso. Aí eu fui assistir palestras, conversar com pessoas que já trabalhavam com o idoso. Agora, atualmente, tô fazendo esse curso que é o PLANSEQ¹⁶⁶, que é qualidade de vida do idoso, muito focado no idoso, focado nas metodologias usadas pra o idoso, nos cuidados, os cuidados clínicos que deve que ter. E isso me deu assim uma condição melhor de avaliar as pessoas que a gente trabalha, e até rever o que eu já fiz. Que a gente revendo, a gente vê que realmente, quando não tem o conhecimento, a gente comete algumas gafes. A gente fazer um determinado movimento, um movimento que a pessoa em si ela não venha a conseguir, a gente fazer esse movimento sem antes consultar as pessoas das suas limitações, do quê que ela pode, do que ela não pode, o que ela tem, o que ela não tem. Então, a 1 tem que ter um cuidado especial com esse grupo com isso, antes tem que saber realmente o que é que ela pode fazer. Tem que saber o que é que ela tem pra poder associar o que você vai fazer com o que ela tem. E aí vai chegar ao resultado que ele quer. Porque quando a gente não tem o conhecimento, a gente tá com a pessoa aí vai fazer a aula em si, o movimento, o exercício, sem antes ter feito uma anamnese, vamos dizer assim, né? E sem perguntar a pessoa se ela pode, até que ponto ela pode ir. Então, eu venho me atualizando até mesmo por questões de mercado, o mercado vai deixando a gente pra trás, né? E por eu ter o CREFI, me deu direito adquirido a esse curso que é muito bom, e o meu objetivo agora é me capacitar mais. [...] através de quê? [...] Seria na graduação de Educação Física, pra ter conhecimento mesmo do que tá fazendo. Aí o outro seria conhecer mais ainda o idoso, tipo, ver o que é que tem na área, o quê que eu posso fazer pra ter mais propriedade, depois disso, ou paralelo, não sei. Aí o que vem pela frente é o que eu vou tá vendo, mas é uma área que eu to focando.

O curso que fez junto ao CREFI-CE, as experiências que teve ministrando aulas de Tai Chi Chuan e as demandas identificadas junto a seus alunos, além do curso que fez pelo PLANSEQ, motivaram o professor a buscar formação na área da Educação física.¹⁶⁷ Ele incorpora em sua fala e na maneira como compreende sua dinâmica de trabalho inclusive termos e abordagens peculiares a essa área (da Educação Física) como *anamnese*, *avaliação do aluno*, entre outros, e que não compõe o bojo formativo dentro do Kung Fu/Wushu. Pergunto a ele sobre como ele compreende a relação entre esses dois conhecimentos a partir de sua trajetória enquanto praticante e professor de artes marciais. Para essa articulação ele remete à experiência que viveu durante a

¹⁶⁶ O Plano Setorial de Qualificação Profissional – PLANSEQ, um programa do Governo Federal voltado para a educação profissional nas mais diversas áreas. O curso que o professor fez *Qualidade de vida e atividade física para o idoso*, realizado em parceria com o Conselho Regional de Educação Física do Ceará – CREFI – CE, voltado para profissionais e estudantes da área da Educação Física, e com vagas destinadas também para professores de outras áreas que tinha a carteira de filiação no órgão.

¹⁶⁷ Na época da realização da entrevista ele iria realizar o exame de vestibular, e hoje em dia encontra-se cursando a faculdade de Educação Física.

realização do curso do PLANSEQ, em comparação entre os professores de artes marciais e os educadores físicos.

Ele tem o conhecimento acadêmico, mas ele se prende muito aquilo. Então isso é que eu fui perceber. Pra gente, pra quem é professor de arte marcial, pra quem tem a vivência, pra quem já tá no caminho há muito tempo... Apesar que seja desmerecido da forma de falar: 'ah, mas ele não tem o conhecimento científico!'. Mas ele sabe adaptar, ele tem aquela vivência. É verdade o que eles falam, tem que ter os dois. Isso realmente é verdade. Mas eles vão levar muito tempo pra pegar essa forma que o vivenciado tem. Eu acredito que seja quase que o mesmo tempo que a gente leva pra se formar, devido a essa discrepância, de a gente ter a vivência [...] Dos dois se juntando e formar um.

Ainda sobre esse assunto ele ressalta a problemática em torno forma como os educadores físicos compreendem a atuação dos professores de artes marciais (além de outros profissionais que trabalham com modalidades de atividades físicas, mas não são oriundos da área acadêmica). Uma visão que é marcada pelo descrédito, por esses profissionais operacionalizarem suas práticas em torno da corporeidade a partir de outras lógicas que não as do saber acadêmico, da ciência.

Eles comparam assim, é uma comparação meio que cruel. Os professores, alguns professores são só reprodutores, né? [...] O que não é formado, seria o vivenciado. Ele não explica o que faz. Por exemplo, ele vê uma pessoa ali fazendo um alongamento. Ele viu, já decorou aí ele vai e faz com o grupo. Tipo, ele faz e não sabe o que tá fazendo [...]. É tanto que eles me indagaram da respiração do Tai Chi. [...] Como o Tai Chi tem muito essa questão de energia, essas coisas, eu não fui pra esse lado. O professor só perguntou como é que a gente respirava no Tai Chi. Eu disse: 'professor, no Tai Chi a gente respira mais com o diafragma, com a boca fechada'. E então o aluno acadêmico pergunta: 'professor, isso é certo?' Tipo, meio que discordando, porque não conhece também. Pra mim não importa o que ele pensa. E a respiração que o professor mostrou foi totalmente diferente, totalmente ocidental mesmo. E eu disse: 'é professor, a sua respiração é diferente do Tai Chi' No dia que ele foi abordar a respiração, realmente ele não sabe respirar, o professor [...]. O professor em si do curso, fez a respiração que seria correta, encher, soltar¹⁶⁸. Mas a gente vê que o cara não sabe respirar como a gente respira no Tai Chi, que seria o correto, que seria a fetal. Só que como ele tem o conhecimento acadêmico e eu não, não vou discutir: 'a sua respiração é a certa!' Pra ele. Aí depois alguns alunos vieram me perguntar e eu falei: 'no Tai Chi a gente respira dessa forma, sempre expandindo o abdômen, relaxando o diafragma, com a boca fechada...' Dentro do Tai Chi. Porque eles conhecem mais a torácica mesmo. E o professor: 'mas com a boca fechada?!'. 'Sim!'. Ele disse: 'pois eu não conheço'. Fazer o quê, né? Eu digo: 'É professor, se você não conhece...' Por que as respirações que eles fazem é [...] ¹⁶⁹ puxa pelo nariz e solta pela boca, abrindo a boca. Em nenhum momento ele usa a boca fechada. É um pelo outro. E como o cara é mestre, ele é formado em Educação Física e tem mestrado em Fisioterapia. A parte

¹⁶⁸ Nessa hora ele imita a respiração que o professor de Educação Física que ministrava o curso fez, puxando o ar com força pelo nariz e enchendo o tórax, e soltando pela boca também com força.

¹⁶⁹ Mais uma vez imita a respiração que o professor de Educação Física fez, puxando o ar com força pelo nariz e enchendo o tórax, e soltando pela boca também com força.

do curso lá que era clínica, era com ele. A parte clínica, voltada pras doenças, pras limitações. E a parte de Educação física era com o Eraldo, e o Eraldo tá fazendo doutorado em Educação Física. O cara é bom também. E a gente vê que eles têm realmente o conhecimento acadêmico, mas pra reproduzir eles não conseguem. Sabem falar. É diferente da gente que sabe reproduzir, mas não sabe falar. É foda cara, né?! De qualquer forma existe isso. Já o Eraldo ele sabe mais reproduzir, que ele é ex-atleta. Ele reproduz bem, e também já fala. Mas tem um ou outro fala do movimento, daquela coisa, agora ele não consegue, assim, descrever fisicamente. Mas fala de como tem que ser feito. E a gente faz, e aí falta o argumento. E é o que a gente precisa buscar. Que os dois tão errados. E o Eraldo falou bem quando ele disse que os dois são importantes. Aí ele citou um exemplo de um grande mestre, que o mestre ensina há tantos anos, tem um conhecimento nato, o cara nasceu pra aquilo. E de um acadêmico, né? Os dois têm uma importância, e os dois se complementam. Realmente tem que ser isso.

As diferenças nas lógicas de articulação do trabalho em torno da corporeidade aparecem no relato do professor através das perspectivas com as quais ambas as áreas lidam com as técnicas de respiração. Os educadores físicos trabalham a respiração com a ênfase numa perspectiva de melhor “controlá-la”, torná-la mais eficiente, intentando suas aplicações nas mais diversas modalidades esportivas e/ou competitivas. Uma respiração que deve ser exercitada tal qual se exercita cada parte do corpo humano. Já na perspectiva dos exercícios de respiração taoístas, e, por conseguinte do Tai Chi Chuan, o fundamental é que os processos de inspiração e expiração devem ser desenvolvidos com o máximo de espontaneidade, sem esforço nem para puxar, e nem para expelir o ar. Ao invés de “controlar” a respiração, a idéia é que ela aconteça da forma mais natural possível. A chamada *respiração fetal* a qual o professor se refere em sua fala é uma metáfora que diz respeito justamente a esse estado de naturalidade e espontaneidade. A respiração desenvolvida por um feto, e mesmo pela criança em seus primeiros meses de vida se manifesta como a descrição do professor, e ao invés de armazenar o ar no tórax, ele é conduzido até a região do diafragma, proporcionando assim uma maior capacidade respiratória. Ela não é vista como um trabalho acessório aos movimentos corporais, para potencializá-los, mas como um componente fundamental dos mesmos, a respiração constitui-se também de um movimento corporal. Um dos principais potenciais desenvolvidos a partir da execução das técnicas do Tai Chi Chuan é o de conduzir o praticante a um retorno a esse estado de naturalidade na respiração. É uma prática fundamental sem a qual nenhum dos outros movimentos do Tai Chi Chuan pode ser desenvolvido plenamente, e é também o aspecto com o qual os alunos sentem mais dificuldades no início de sua prática.

Apresentadas essas perspectivas iniciais de difusão dos conhecimentos atrelados ao Kung Fu/Wushu, e ao Tai Chi Chuan, e as trajetórias particulares desse aprendizado para os três professores entrevistados podemos levantar alguns pontos que nos levam a compreender quais as vias de articulação desse conhecimento empreendidas por cada um. O professor C. G, o mais velho dos três entrevistados acessou essa prática desde seus primeiros momentos de instalação na cidade de Fortaleza. Teve sua formação atravessada principalmente por quatro professores diferentes, também com perspectivas de ensino distintas. O primeiro, que permeava e alimentava suas aulas pelo imaginário mítico das artes marciais construído através dos filmes, e com o qual o professor C. G se identificava no início de sua prática. O seu segundo professor revelara para ele e seus colegas que o conhecimento em torno do Kung Fu/Wushu nada mais era que fruto de longos e árduos treinamentos. Não havia segredo ou mistério para isso, apenas o esforço do praticante. Com o terceiro professor, que era de origem chinesa, ele revela durante a entrevista que foi um momento em que aprendeu muitas técnicas e katis, contudo não havia muito contato para a explicação de seus fundamentos, e a prática era permeada, sobretudo pelo aprendizado das formas de excussão. A relação que se constituiu com ele foi também uma relação de trabalho, pois foi nesta época que o professor C. G começou a dar suas primeiras aulas e prestar auxílio na academia de seu professor. O quarto professor, ao qual ele continua filiado até hoje apresentava, como ele diz “uma visão totalmente ocidental da coisa”. É um professor não muito afeito a difusão do imaginário mítico das artes marciais, e tenta demonstrar em suas transmissões os aspectos de aplicação prática das técnicas do Kung Fu/Wushu, de demonstrar para que elas servem de fato. Não que ele abandone ou descarte os aspectos filosóficos e metafóricos que tradicionalmente permeiam o Kung Fu/Wushu, mas tenciona que não sejam esses a prevalecer em detrimento do que é prático. O professor C. G relata que a forma como passou a ensinar as artes marciais passou a ser um misto entre todas essas perspectivas com as quais teve acesso em sua formação. E no que diz respeito a forma como ele pensa essa formação atualmente e as estratégias das quais ele se vale para complementá-la é perceptível um alinhamento do professor na busca por um conhecimento oriundo de outras técnicas orientais como o *tui-ná*, o *reiki*, a *auriculoterapia* e o *shiatsu*. Em nenhum momento de sua fala ele remete a uma necessidade de buscar um conhecimento de uma área que não esteja vinculada a essas práticas, como por exemplo, o saber acadêmico e científico da Educação física.

O professor G. N, em meio às dificuldades de acesso ao conhecimento que teve em sua formação em Tai Chi Chuan através de um curso de curta duração, sentiu a necessidade de preencher suas lacunas formativas através do curso superior em Educação Física. Apesar de, como ele relata, ter conhecimento tanto nos aspectos tradicionais das artes marciais, como no saber científico da academia, ele tenciona atualmente um maior alinhamento a esta última perspectiva. A necessidade de legitimação em seu campo de trabalho, possibilidade de expansão desse mesmo campo de atuação e uma melhor articulação em suas demandas particulares enquanto praticante, e das demandas identificadas junto a seus alunos são algumas as contingências práticas que motivaram o professor G. N a privilegiar uma visão endossada pelos saberes da Educação Física em sua experiência recente.

O professor A. W, assim como G. N por motivações profissionais acabou aproximando-se também do campo da Educação Física, principalmente após começar a ministrar aulas de Tai Chi Chuan para um público composto eminentemente por pessoas idosas. Sentiu a necessidade de compreender um pouco mais sobre as demandas apresentadas por essas pessoas com fins de melhor desenvolver uma articulação entre as técnicas do Tai Chi Chuan e as particularidades de saúde de seus alunos. Contudo, o professor ainda esboça resistência em se desvincular totalmente da perspectiva na qual foi formado. Relata as experiências de descrédito com relação a essa possibilidade de conhecimento, apresentadas pelos profissionais da Educação Física, e necessidade de afirmá-la também junto a esse campo. Ele atualmente intenta estabelecer uma via intermediária entre o saber acadêmico, científico, e o conhecimento empírico que adquiriu após anos de prática de Kung Fu/Wushu.

As trajetórias de formação apresentadas pelos três professores e as diferentes maneiras como lidam com suas práticas em torno das técnicas corporais do Kung Fu/Wushu, nos revelam uma particularidade característica dos movimentos contemporâneos de trânsito de práticas e produtos culturais como relatado no capítulo anterior. É como nos fala Canclini (2008) que observa que na contemporaneidade as novas possibilidades de contatos entre culturas fazem com que estruturas e práticas que existem de forma separada se combinam para dar origem a novas estruturas, objetos e práticas. É o que acontece, por exemplo, com os processos de transmissão do conhecimento do Kung Fu/Wushu ao chegar ao ocidente, e particularmente ao Brasil. Os contingentes que se apresentam nos contextos locais tencionam os agentes a compreendê-los e articulá-los de maneira distinta do que, por exemplo, é vivenciado em

seus locais de origem. É como nas perspectivas apresentadas pelos professores, que mesmo tendo efetivado seu aprendizado de artes marciais em um contexto ocidental, já atravessado por inúmeros contingentes, continuam a desenvolver novas perspectivas e estratégias didáticas para sua transmissão a partir das demandas com as quais se deparam em meio as suas trajetórias. Pensando nisso, e particularmente nas situações vivenciadas a partir das experiências do Programa Espaço Oriental, é que trago a evidência nos tópicos que seguem as estratégias de compreensões e articulações desenvolvidas em torno da prática do Tai Chi Chuan junto a esse contexto, na perspectiva de gestores professores e alunos.

4.3 Do Tai Chi Chuan à Sociologia em uma trajetória de/em formação

Trago neste tópico algumas reflexões sobre o meu processo formativo dentro do Tai Chi Chuan. Em minha trajetória enquanto professor de artes marciais, apesar de trabalhar com isso, e eventualmente essa ser uma de minhas fontes de renda, nunca concebi o fato de ensinar estas técnicas como uma profissão no sentido estrito do termo. Como acadêmica e profissionalmente havia enveredado para o campo das Ciências Sociais, e desde o fim de minha graduação sempre desenvolvera trabalhos nessa área, nunca me tornei de fato um professor de artes marciais profissional. Tal medida é uma das particularidades que apresenta alguns elementos para refletir sobre as tensões presentes em meu processo de formação nas artes marciais

Em tal percurso, senti dificuldades em aprofundar alguns conhecimentos sobre o Tai Chi Chuan, principalmente no que diz respeito as suas aplicações terapêuticas, e até mesmo sobre os fundamentos de alguns movimentos que haviam me sido transmitidos. Essa particularidade no aprendizado apresenta-se em decorrência dos fatores elencados nos tópicos anteriores, por ter sido focado, sobretudo na prática dos katis e em suas aplicações marciais, ou seja, na predominância do elemento marcial em detrimento de outros, como já apresentado. Os conteúdos filosóficos do Taoísmo, que permeiam e que são fundamentais para a compreensão das técnicas e de suas estruturas de funcionamento, também foram aspectos que ficaram de fora dessa perspectiva de aprendizagem. Restaram-me, pois algumas lacunas formativas que tentei em preencher de diversas maneiras.

Uma das primeiras estratégias que desenvolvi foi a de tentar acessar alguns desses conhecimentos através da aquisição livros sobre Tai Chi Chuan. Essa é uma perspectiva até então inusitada de aprendizado das artes marciais, tendo em vista que a transmissão desse conhecimento tradicionalmente é caracterizada pela relação pessoa-pessoa (mestre/discípulo; professor/aluno). Mas é também é uma marca característica do processo de apropriação dessas técnicas no contexto ocidental. Na eminência da dificuldade de contato direto com mestres e professores chineses, que tiveram uma vivência tradicional nessas práticas, criou-se junto ao mercado editorial ocidental uma série de publicações tipo “aprenda sozinho” ou “Kung Fu sem mestre”. E foi lançada ao público uma enorme gama de livros e revistas sobre as mais diversas artes marciais com o intuito de demonstrar através do papel aquilo que outrora só um mestre ou professor poderia ensinar. Além das publicações impressas, outro tipo de mídia sobre o tema difundida no ocidente foram as chamadas vídeo-aula. Inicialmente fitas VHS e mais recentemente DVD's, onde eram demonstrados passo a passo movimentos, técnicas e aplicações de diversas artes marciais. Essas perspectivas já nos apresentam um traço particular de como se desenvolvem novas vias de transmissão e apropriação dessas técnicas na experiência ocidental. E não podemos deixar de perceber que as inúmeras instâncias de mediações nessas transmissões inserem novos elementos que re-contextualizam os processos de apropriação. Contudo, como podemos identificar na série de relatos de aprendizagem dessas técnicas aqui expostos, o aprendizado que ocorre a partir da relação professor-aluno / mestre discípulo ainda tem se apresentado como uma característica fundamental a esses processos, independente de seus contextos de implementação. Lembro de uma conversa entre o professor C. G. e seus alunos, que presenciei em sua academia, no intervalo de uma de *Shaolin do Norte*. Ele questionava os alunos sobre o fato de estarem aprendendo *katis* através de vídeos na internet, e intentarem participar de competições apresentando essas técnicas. Contrariado com a atitude de seus alunos ele evocou a importância do aprendizado na relação com o professor:

A arte marcial só existe porque existe a relação entre professor e aluno. Um professor sem alunos vai ensinar para quem? Um não existe sem o outro. Os vídeos, os livros, são apenas complementos. Não substituem a presença do professor. É assim que a arte marcial tem passado à diante.

Devemos perceber que C. G. fala evidentemente a partir da posição que ocupa dentro desse campo de transmissão, a de professor. Ele evoca para essa posição a primazia pela difusão do conhecimento as técnicas do Kung Fu/Wushu, no entanto, reconhece que tal qual essa experiência têm se apresentado no ocidente, especificamente no caso brasileiro, tornou-se corriqueiro que os alunos tenham acesso e procurem outras fontes de informação para além da relação professor-aluno. No caso ao qual se refere, o que acontece não é que o professor não tenha condições ou não detenha o conhecimento para realizar transmissão dessas técnicas, pois os *katis* que os alunos intentavam aprender fazem parte do repertório formativo de sua escola. A motivação real dessa iniciativa é apresentada principalmente por parte dos praticantes mais jovens, não satisfeitos com a velocidade em que acessam esse conhecimento via transmissão do professor, pois para isso teriam que cumprir com as rotinas das graduações ou acessá-los através da realização de cursos. Diferente das perspectivas tradicionais de transmissão, onde esse conhecimento era acessado pelo praticante à longo prazo, geralmente ao longo de toda sua trajetória de vida, os jovens praticantes ocidentais querem aprender sempre mais, e mais rápido. E na eminência desse desejo não ser contemplado pelo sistema de ensino (cujas etapas tem que ser cumpridas através das graduações), recorrem a outras vias de informação, por vezes solapando a autoridade de seu professor. Ao recomendar que a consulta a livros e vídeos apareça como complemento ao que é transmitido pelo professor, C. G. tenta ao, resguardar a posição que ocupa nesse campo, mas também reconhece e assume a inevitabilidade das novas formas que a transmissão desse conhecimento assume em meio à experiência ocidental contemporânea, e que por vezes minam ou precarizam as relações de transmissão pré-estabelecidas

O fato é que para C. G essa era considerada uma transgressão e uma falta de respeito para com o professor. Para coibir essa prática ele instituiu que seus alunos só poderiam participar de competições apresentando *katis* que tivessem aprendido com ele, ou em aulas ou cursos com outros professores. Uma recomendação que fazia para o caso de seus alunos que queriam buscar algum conhecimento complementar sobre as artes marciais seria sua pesquisa em livros. Mas como acessar um conhecimento que é eminentemente corporal e prático através da textualidade e da leitura? Essa foi uma problemática com a qual me deparei na iniciativa de tentar acessar esse conhecimento através da consulta de livros. Comecei a procurar em livrarias de minha cidade (Fortaleza) por publicações do gênero, especialmente sobre o Tai Chi Chuan. Existiam

muitos aspectos sobre os quais tinha interesse em aprender e que não me haviam sido transmitidos nem através da oralidade, nem em seus aspectos práticos nos treinos que desenvolvera até então. Temas como a historiografia das artes marciais chinesas, os contextos de surgimento do Tai Chi Chuan no campo do Kung Fu/Wushu, nomes de alguns movimentos que havia aprendido e que desconhecia até então, estrutura de funcionamento e aplicação de alguns dos mesmos, sobre sua utilização como recursos terapêuticos, perspectivas de compreensão da corporeidade na visão taoísta, entre outros assuntos que despertavam o meu interesse. A primeira dificuldade que me deparei ao iniciar essa empreitada de pesquisa foi com a pouca disponibilidade de títulos no mercado editorial brasileiro. Contudo, consegui adquirir alguns títulos que contemplavam (pelo menos em parte) minhas dúvidas, e me forneceram preciosas informações. Dentre eles destaco os já citados Despeux (1987); Wong (2006); os recentes Shaar (2011) e Acevedo, Cheung e Gutierrez (2011); além de Lee e Johnstone (1997), que me auxiliaram não só no que diz respeito à elucidação de aspectos em torno da prática do Kung Fu/Wushu, como também me forneceram preciosas informações no decorrer desta pesquisa. Contudo, no que dizia respeito aos aspectos práticos do Tai Chi Chuan, das execuções e aplicações dos movimentos uma dificuldade ainda persistia. Alguns desses livros que se propunham também ao ensino de aspectos práticos do Tai Chi Chuan vinham repletos de fotos ilustrando os movimentos e a forma como deviam ser desenvolvidos. Mas uma tensão que resulta desse processo diz respeito a: *como aprender através de fotos, em apenas um plano, técnicas complexas que articulam movimentos de braços, pernas e respirações?* Essa foi/é uma demanda que dificilmente os livros conseguem suprir, pois ainda faz-se necessário a presença de outra figura humana para demonstrar as técnicas de maneira prática. Apresenta-se, pois, como outra tensão peculiar a essa perspectiva de apropriação cultural das técnicas do Kung Fu/Wushu. Sua manifestação através de uma via que não compõe a perspectiva tradicional de transmissão, que se efetiva predominantemente pelo contato com a figura do mestre/professor, e através da experiência concreta da prática vivenciada pelo discípulo/aluno.

Na época que comecei a praticar Tai Chi Chuan¹⁷⁰ despertei o interesse em participar de competições. Como atleta, tive a oportunidade de participar de alguns campeonatos de Kung Fu/Wushu¹⁷¹ em nível nacional e internacional, mas minha real motivação em me inserir nesses eventos não era por conta das disputas, das premiações ou dos títulos. O meu grande interesse em participar das competições se devia ao fato de que elas me proporcionavam uma rara oportunidade de encontrar praticantes e professores de Tai Chi Chuan mais antigos que eu, e que sempre eram muito solícitos em tirar minhas dúvidas relacionadas aos movimentos e eventualmente ensinar algo novo. Além disso, durante alguns desses campeonatos nacionais eram oferecidos cursos de reciclagem¹⁷², que para mim eram mais uma oportunidade de aprender algo mais relacionado ao Tai Chi Chuan. Contudo, as competições não aconteciam com muita frequência, o que fazia com que as oportunidades de aprendizado durante esses eventos acontecessem em períodos muito espaçados. Em meio às dificuldades acesso a essas pessoas, seja nos cursos ou durante as competições, essa acabava se apresentando como mais uma dificuldade para acessar os conhecimentos quais intentava buscar.

Ao começar a ministrar aulas de Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental, além do conhecimento específico sobre suas técnicas e princípios que o estruturam, outras modalidades de conhecimento se fizeram necessárias. Muitas das demandas particulares apresentadas pelos alunos que chegavam as aulas diziam respeito a uma série de doenças e problemáticas de saúde, que passavam a compor a diversidade dos elementos que incidiam sobre a maneira como se apropriavam do Tai Chi Chuan naquele contexto. Os alunos chegavam ao núcleo onde eram realizadas as aulas, permeados por um vocabulário médico sobre a gama de particularidades de saúde que vivenciavam como, hérnia de disco, fibromialgia, reumatismo, artrose, artrite, síndrome

¹⁷⁰ Desde 1998 praticava o estilo Shaolin do Norte, e em decorrência de uma contusão adquirida durante os treinos, fui forçado a interromper a prática no início de 2004. Naquele mesmo ano meu professor me convidou para experimentar uma aula de Tai Chi Chuan, pois afirmara que devido ao baixo impacto dos movimentos, não comprometeria em nada minha lesão, e até me auxiliaria em sua recuperação. Em setembro de 2004 tive minha primeira aula de Tai Chi Chuan, e desde então substituí a prática do Shaolin do Norte por essa modalidade. Como já era seu aluno há muito tempo, meu professor intensificou meu processo formativo para que logo pudesse começar a ministrar aulas. Minhas primeiras turmas de Tai Chi Chuan foram na própria academia de meu professor, onde as aulas aconteciam inicialmente com sua supervisão, e posteriormente me foi atribuída autonomia para conduzi-las ao meu modo.

¹⁷¹ Competia na modalidade *taolou interno/rotinas internas*. A disputa era travada a partir da execução de *katis* de Tai Chi Chuan ou de outros estilos as escolas internas de Kung Fu Wushu. Os árbitros avaliam a execução da performance desenvolvida pelo competidor e atribuem notas, cujas somas dos pontos conferem a colocação do participante.

¹⁷² Principalmente relacionados à arbitragem e a rotinas de competições. Tendo em vista que a modalidade na qual competia era a de *katis*, os cursos me eram muito oportunos, pois os professores sempre aprofundavam elementos e detalhes sobre essas práticas com o intuito de aumentar o conhecimento e a percepção dos árbitros e atletas sobre as mesmas.

do pânico, escoliose, lordose, carcinoma, glaucoma, só para citar alguns. Deparei-me com a eminência de ter que conhecer um pouco mais sobre essas demandas de saúde para desenvolver melhores maneiras de articulação das técnicas do Tai Chi Chuan ao que era experimentado pelos alunos. Eis um desafio que se pôs para um professor de artes marciais, com formação acadêmica em Ciências Sociais, para lidar com conhecimentos ligados às Ciências da Saúde. Como tentativa de conhecer um pouco mais sobre essas demandas tentei estabelecer diálogo com profissionais da área para o esclarecimento de minhas dúvidas. Tive a sorte de contar com valiosas informações fornecidas por minha própria mãe, profissional da área da fisioterapia, e que lidava cotidianamente com algumas dessas doenças, principalmente as de ordem respiratória, cardíacas e motoras¹⁷³. Durante o período em que fui professor do núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte, alguns alunos chagaram inclusive a me pedir orientações médicas sobre as problemáticas vivenciadas e sobre a utilização de medicamentos, mas reconhecendo não ter como atender a essas demandas, prontamente sugeria que procurassem um profissional da área. Essa iniciativa revela uma particularidade vivenciada pelos alunos que, em alguns casos, desconhecem os aspectos constitutivos das demandas corporais que vivenciam. Como no caso do esclarecimento sobre alguma enfermidade pela qual são/estão acometidos, e que o contato precário com os atendimentos médicos não dão conta de elucidar¹⁷⁴.

Além de articular as demandas corporais apresentadas pelos alunos, à figura do professor no contexto do Programa Espaço Oriental eram exigidas outras competências. Por vezes, a relação de prestígio e de confiança, e o vínculo afetivo que se estabelece para com o professor, fazem com que os alunos o busquem, por vezes, para pedir conselhos sobre situações vivenciadas cotidianamente, para um desabafo, ou simplesmente para uma conversa corriqueira. Além disso, devido ao modelo de política pública no qual está inserido o Programa, ao professor cabia também a atribuição de mediar às diversas demandas apresentada pela comunidade onde ocorrem as aulas de

¹⁷³ Durante a análise dos dados da pesquisa e das doenças identificadas através dos relatos dos alunos, contei também com esclarecimentos de uma amiga fisioterapeuta e mestrande em patologia, Débora Carthagènes

¹⁷⁴ Ao falar em “contato precário” não me refiro simplesmente às condições estruturais/materiais do atendimento, sendo ele público ou particular. O que quero ressaltar, pois, é que uma das características que condicionam o atendimento médico quase que em geral, é que a relação médico-paciente não prevê, na maioria dos casos, um trabalho educativo e informativo ao paciente sobre o processo do qual ele é acometido. Como a lógica dos atendimentos, sejam eles públicos ou particulares, é a de atender um maior número de paciente no menor tempo possível, as consultas acabam se tornando momentos quase que exclusivamente para a realização de exames, identificação da patologia e prescrição do tratamento. Tal medida faz com que um trabalho de educação em saúde não componha satisfatoriamente os atendimentos.

Tai Chi Chuan. Entre elas desenvolver articulações com outros equipamentos públicos presentes no entorno do núcleo como escolas, postos de saúde, associações e grupos de moradores; representar o Programa em eventos promovidos pela Prefeitura Municipal e pelas comunidades; mediar inicialmente as relações entre a gestão municipal e as comunidades (e estimular a autonomia das mesmas no estabelecimento dessas relações); elaborar relatórios e planejamentos de aulas, entre outras. Na trajetória por mim vivenciada junto ao Programa, minha formação em Ciências Sociais e as experiências anteriores de trabalho que tive na área da educação popular junto à própria gestão municipal e em ONGs, fortuitamente se misturaram às minhas atribuições enquanto professor de Tai Chi Chuan. Essa, portanto, se apresenta como mais uma perspectiva do desenvolvimento de um *saber híbrido* que se constitui a partir de demandas práticas vivenciadas nos novos contextos. Nesse intento, a prática cultural, no caso o Tai Chi Chuan, é atravessada por uma gama de elementos diferentes daqueles que incidiam em seus contextos anteriores de utilização, e que os mescla a partir dos novos contextos de utilização, desenvolvendo novas produções de sentido e de usos práticos.

Algumas demandas, como as expostas até aqui, foram vivenciadas não apenas por mim, mas por todos os professores que compunham os quadros do Programa Espaço Oriental, com alguns pontos de partida diferenciados. Devemos compreender, portanto, que a formação dos professores de Tai Chi Chuan é composta por uma trama de aspectos que, além de contemplar os elementos do Kung Fu/Wushu é atravessada por uma série de outros conhecimentos que se articulam a partir dos contextos práticos com os quais estão lidando. No meu caso, essa perspectiva e a compreensão da mesma, foi composta pelo meu aprendizado no campo das artes marciais, por elementos de minha formação em Ciências Sociais, de minhas experiências anteriores de trabalho (como professor de Tai Chi Chuan ou como sociólogo), das demandas que me eram apresentadas pelos alunos particularmente, e pela comunidade onde a prática ocorria. A compreensão dessa gama de elementos formativos e a operacionalização prática dos mesmos foi um dos aspectos que procurei contemplar nas entrevistas realizadas com os professores, para perceber de que maneira elas são articulados em suas experiências de ensino do Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental.

CAPÍTULO 5 – A PRÁTICA DO TAI CHI CHUAN NO PROGRAMA ESPAÇO ORIENTAL

O objetivo deste capítulo é analisar, através da experiência de apropriação das técnicas corporais do Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental, uma perspectiva prática onde uma prática/produto cultural de uma sociedade do oriente é vivenciada em meio à experiência ocidental contemporânea. Para tanto, cabe aqui apresentarmos os elementos que incidem sobre esses processos de apropriação, bem como as estratégias desenvolvidas para adequar essas práticas às demandas vivenciadas nesses novos contextos. Cabe aqui analisarmos também em que medida esses processos de apropriação incidem no sentido da reorientação das experiências de vida por parte das pessoas envolvidas nos mesmos.

Inicialmente apresento o contexto de desenvolvimento do Programa Espaço Oriental no âmbito das políticas públicas de esporte e lazer na cidade de Fortaleza, tendo em vista que esse é um elemento relevante que incide nos modos como ele vai ser operacionalizado de maneira prática. Trago também a evidência, uma descrição da localidade onde está instalado o núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte, de cujas experiências parto para as reflexões aqui propostas. O tópico subsequente diz respeito às estratégias didáticas desenvolvidas pelos professores para a proposição das técnicas do Tai Chi Chuan no contexto do Programa Espaço Oriental. Por fim temos os relatos obtidos através das entrevistas com os alunos do Programa, cujas narrativas nos permitem perceber com maior clareza e profundidade quais os contingentes que atuam para as experiências de apropriação por eles desenvolvida, das técnicas corporais do Tai Chi Chuan.

5. 1. O Programa Espaço Oriental no âmbito das políticas públicas de esporte e lazer na cidade de Fortaleza

O Espaço Oriental foi criado no ano de 2006, pela Célula de Esporte e Lazer da Prefeitura de Fortaleza, na gestão da prefeita Luiziane Lins, do Partido dos Trabalhadores - PT. Durante seu primeiro ano de existência, funcionou sob o formato

modesto de um projeto vinculado a Secretaria de Desenvolvimento Econômico¹⁷⁵. A iniciativa começou em apenas uma localidade da cidade, no Parque Rio Branco, localizado no bairro Pio XII. A idéia do projeto era propor a prática do Tai Chi Chuan como modalidade de exercício corporal. O intuito era o de contemplar principalmente idosos e pessoas com a saúde fragilizada, que não se adequassem à prática de atividades corporais convencionais como musculação, corrida, ginástica aeróbica, e modalidades esportivas em geral.

O Espaço Oriental é lançado como parte de uma proposta conceitual da Prefeitura de desenvolver na cidade políticas públicas voltadas para o esporte e lazer em uma perspectiva de participação popular. Além do referido Programa, a gestão apresentava inicialmente mais duas outras iniciativas, o *Programa Academia na Comunidade*, que oferecia aulas de ginástica para a população em praças públicas, e o *Programa Esporte na Comunidade*, voltado para um público que contemplava desde crianças a adultos, oferecendo a prática de diversas modalidades como futebol, capoeira, natação. Até o ingresso dessa gestão, a cidade não contava com uma política pública definida na área de esporte e lazer, apenas fomentando ações isoladas e sem continuidade. Vejamos o que nos diz C. G., 48 anos, professor do primeiro núcleo do Programa Espaço Oriental:

Eu acredito que o grande mérito dessa gestão foi tentar atender a essa demanda de uma forma diferente. Porque antigamente nós não tínhamos Secretaria de Esporte atuante. Aliás, nós nem tínhamos Secretaria de Esporte na capital. Era uma Célula de Esporte e Lazer que era ligada a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, e que essa célula só cuidava de torneio de futebol, arranjando roupa pra o pessoal vestir nas competições, e bola, e aquelas premiações.

Como relata o professor, o que havia eram apenas ações isoladas na cidade, beneficiando uma pequena parcela da população, geralmente atrelada à influência política de alguns vereadores junto a determinados bairros. Essa é uma característica marcante das ações de esporte e lazer que permearam historicamente as gestões públicas no Brasil, que são baseadas como nos mostram Infante e Ramos (1996) em uma “cultura” dos eventos, e da prática que valoriza, sobretudo, o esporte de alto rendimento, a negação do lazer, e é baseada numa política clientelista e de privilégios

¹⁷⁵ Nessa época ainda não havia Secretaria de Esporte e Lazer no município de Fortaleza. As ações nesse âmbito eram promovidas por uma Célula de Esporte e Lazer, vinculada a Secretaria de Desenvolvimento Econômico da cidade.

Através de uma perspectiva oposta a essa, em um conjunto de ações mediado principalmente pela proposição dos três programas supracitados, a gestão municipal de Fortaleza se imbuíu de trabalhar o potencial de integração, mobilização, e participação popular a partir da proposição da prática de atividades físicas e de lazer. Além de intervir no potencial de desenvolvimento humano através dessas práticas, uma das principais contrapartidas da realização das atividades era fomentar sua prática utilizando-se da própria infra-estrutura que as comunidades oferecessem. As aulas são realizadas em praças, parques, quadras e em uma série de outros espaços públicos presentes nos bairros, gerando assim novas perspectivas de utilização para muitos desses equipamentos que se encontravam, por vezes, em situação de abandono. O modelo de abordagem que ali se adotou na elaboração e no desenvolvimento de políticas públicas privilegia, sobretudo, os seguintes aspectos: a implantação de programas que contribuam para a melhoria da qualidade de vida, da cidadania e da saúde da população; participação e gestão comunitária no que diz respeito aos encaminhamentos das atividades propostas; fomento ao desporto não-profissional; interligação das políticas de esporte e lazer a setores como educação, saúde, cultura, meio ambiente e desenvolvimento social. (INFANTE; RAMOS, 1996).

No que diz respeito ao Programa Espaço Oriental em poucos meses de existência, segundo relatos de sua atual coordenadora, a gestão constatou os inúmeros relatos de melhorias na saúde e na qualidade de vida geral da população participante do primeiro núcleo no Parque Rio Branco. Através de visitas de acompanhamento do Programa, a gestão percebeu que os relatos partiam principalmente do público de idosos que passou a freqüentar o Parque para a realização de atividades físicas através da prática do Tai Chi Chuan. Além disso, observou-se também o desenvolvimento de um grande sentimento de pertencimento da população com relação ao local onde a atividade era realizada, tendo em vista que o Parque se encontrava em situação de abandono e esquecimento tanto por parte da população como pelo poder público. A instalação de um núcleo do Espaço Oriental na comunidade fortaleceu inclusive os movimentos empreendidos pela população para que a Prefeitura de Fortaleza realizasse um projeto de requalificação naquele equipamento público¹⁷⁶. Com o êxito da primeira iniciativa do Programa, a Célula de Esporte e Lazer resolve inaugurar mais um núcleo, localizado na

¹⁷⁶ Movimento impulsionado e acompanhado pela comunidade e pelos integrantes do *Movimento Pró-Praque*, um grupo formado por moradores do entorno do Parque Rio Brando com o intuito de preservá-lo e mobilizar a população para uma melhor utilização do equipamento.

Praça Eudoro Correia, no Bairro Aldeota. Nos dois núcleos as aulas ocorriam matinalmente três vezes por semana, em duas seções seguidas, que duravam de 6h30min às 8h30min.

Poucos meses depois do lançamento do segundo núcleo, foi proposto um plano de expansão do Espaço Oriental, transformando o projeto em um programa de política pública da gestão. Foram criados mais seis núcleos, totalizando oito espalhados em diversos bairros pela cidade¹⁷⁷. É nesse período também que, em decorrência do êxito dos programas criados e aumento na solicitação de demandas pela cidade, foi criada a Secretaria de Esporte e Lazer de Fortaleza, órgão autônomo e não mais uma célula vinculada à outra Secretaria. A atual coordenadora do Programa, L. C., afirma de desde que assumiu um cargo tem buscado coletar e registrar depoimentos sobre as experiências vivenciadas pelos alunos a partir da prática do Tai Chi Chuan, através de visitas aos núcleos. Esses relatos a auxiliam a ter uma compreensão sobre o público atendido, e perceber através de que perspectivas a prática do Tai Chi Chuan tem contemplado essas pessoas. A partir de informações obtidas através de pesquisas realizadas pela própria Secretaria, e das narrativas que ouve durante as visitas periódicas que faz aos núcleos, ela descreve algumas de suas impressões sobre os alunos os alunos do Programa Espaço Oriental:

É um público muito variado, muito! São testemunhos que você encontra nos nossos núcleos, nas visitas técnicas que a gente faz [...] de monitoramento. [...] são pessoas que dizem que não sabiam o que era o Espaço Oriental, dizem até que pensavam que era uma religião e tudo mais. E quando eles começaram a freqüentar as aulas eles viram que não era. Viram que na verdade era um benefício para a saúde deles. “Ah, eu deixei minha fisioterapia, vim fazer Tai Chi Chuan e estou maravilhosa”. “Ah, eu tive um AVC (Acidente Vascular Cerebral), o médico disse que eu não ia fazer mais isso... Eu fui fazer Tai Chi Chuan e eu estou muito bem.” [...] Porque você vai nos núcleos, você entrevista uma pessoa que ela tenha... “Poxa, ela era desse jeito, e nesse momento tá assim”. É segurar os testemunhos deles, documentar, para eu ter um respaldo que o Programa Espaço Oriental [...] contribuiu muito para a população que a gente atende, com a saúde. Que um núcleo eu tenho uma criança, em outro eu tenho um idoso com noventa anos de idade, eu tenho uma senhora dona de casa que apanha todo dia, eu tenho um deficiente cadeirante, eu tenho uma pessoa que faz aula de Tai Chi Chuan com um cilindro de oxigênio na mão. Então o público é muito heterogêneo [...] Eles às vezes me agradecem, e eu digo “não!”. “Ah, então eu vou agradecer a prefeita, e eu digo “não, agradeça a você que veio contribuir com a sua saúde!” A gente deu a oportunidade que tá aqui. Você tá usufruindo do seu dinheiro, que você paga os impostos. Mas você mesmo chegou lá e veio contribuir com a sua saúde.

¹⁷⁷ Os novos núcleos eram o dos bairros Meireles, Maraponga, Parquelândia, Papicu, Bairro de Fátima e Mssejana.

Para que esses tipos de demandas fossem contemplados pelos profissionais contratados para trabalhar junto aos programas de esporte e lazer, a supervisão geral da Célula (e posteriormente da Secretaria de Esporte e Lazer) criou um projeto de formação continuada para os mesmos. Eram trabalhados temas como educação popular, mobilização comunitária, inclusão social, cidadania, direitos humanos, acessibilidade, entre outros. A coordenadora do Programa Espaço Oriental conta que um dos intuitos desse processo formativo era o de despertar junto aos professores a consciência de que eles não estariam nas comunidades simplesmente para propor um conjunto de exercícios corporais ou atividades de lazer. O intuito, como revela L. C., era o de: “Orientar os nossos profissionais, que vem com uma bagagem da ginástica pura, e só, de estar trabalhando a cultura corporal dentro dos nossos núcleos”. Com relação aos professores do Espaço Oriental, ela complementa: “Não era só o Tai Chi, era algo mais. Era o trabalho da cultura corporal que ele podia introduzir dentro do núcleo”.

O trabalho relacionado à cultura corporal, segundo ela consiste em desenvolver junto aos participantes dos programas (sejam eles professores ou alunos) uma “crítica superadora”, como ela relata em diversos momentos da entrevista. Um potencial que permitisse com que essas pessoas pensassem suas práticas corporais, como a dos exercícios físicos, por exemplo, para além de uma perspectiva do estético, simplesmente para delinear corpos “bonitos”, ou dos treinamentos exaustivos, para desenvolver corpos habilitados para disputas competitivas nas mais diversas modalidades esportivas. Ou até como um simples atenuante para as dinâmicas exaustivas vivenciadas no mundo do trabalho. Que pudessem pensar essas práticas através da perspectiva da ludicidade, dos exercícios para melhoria na saúde, desenvolvendo-as como atividades de integração entre as pessoas, e como possibilidades de empreender diversos usos sobre os potenciais que a cidade oferece para isso (ou re-significar os mesmos).

Com relação aos professores de Tai Chi Chuan houve uma resistência inicial por em participar desses processos formativos, uma vez que eles alegavam que isso pouco poderia contribuir com a atividade que desenvolviam nas comunidades. A proposta pareceu pouco atrativa, pois boa parte do grupo achava que os temas ali tratados não diziam respeito à prática do Tai Chi Chuan com a qual trabalhavam. Mas o fato é que essa resistência pode ser percebida também como uma dificuldade por parte dos professores em lidar com a perspectiva metodológica e com o formato de execução proposto pela gestão. Apesar do tom popular que se pretendia dar ao processo

formativo, ele era sempre permeado pela linguagem acadêmica ou de gestão pública sobre o tema, âmbitos com os quais os professores de artes marciais eram pouco familiarizados, pois estavam inseridos em outra dinâmica de aprendizagem e de operacionalização do conhecimento das artes marciais¹⁷⁸. Além disso, outra dificuldade vivenciada pelos professores de Tai Chi Chuan foi a de lidar com a estrutura burocrática na qual suas atribuições os inseriam. Para além de ensinar Tai Chi Chuan, teriam que entregar relatórios semanais das aulas¹⁷⁹, administrar um diário de aulas, participar de reuniões avaliativas e de planejamento, além de participar do já referido processo formativo com os profissionais dos outros programas da Secretaria. Essa era uma realidade com a qual não tinham que lidar em suas experiências anteriores de ministrar aulas em academias de artes marciais. É, pois, um elemento que re-significa o papel do professor no processo de transmissão tal qual se desenvolve nesse contexto de apropriação do Tai Chi Chuan. Ele passa ser não apenas a figura encarregada de transmitir as técnicas, mas também tem que operacionalizar a burocracia que permeia sua função enquanto profissional inserido em uma política pública.

Uma demanda identificada inicialmente pela coordenadora do Programa foi referente à relação dos demais professores com professor mais antigo do grupo. Ele representava uma figura de prestígio em meio aos outros, com quem inclusive alguns haviam aprendido Tai Chi Chuan. Nesse sentido, em algumas circunstâncias, o restante do grupo parecia simplesmente segui-lo, sem esboçar divergências ou contrariedades com as posturas tomadas no âmbito institucional. Um exemplo disso foi percebido ao esboçarem conjuntamente resistência em participar dos processos formativos promovidos pela Secretaria. Nesse contexto, é preciso constatar que, além dos laços institucionais que ali se configuram, existem outros que se construíram a partir do campo das artes marciais, das relações prévias entre colegas de treino, entre professor e alunos, que são baseados no respeito a uma hierarquia afetivo-tradicional que é anterior ao estabelecimento das relações de institucionais e de trabalho ali desenvolvidas¹⁸⁰. Esse

¹⁷⁸ Como visto em alguns exemplos do capítulo anterior.

¹⁷⁹ Que posteriormente se converteram em mensais.

¹⁸⁰ Uma das manifestações disso pode ser percebida no acordo firmado para a expansão do Programa a partir de 2007 firmado entre a Prefeitura Municipal de Fortaleza e a Federação de Kung Fu/Wushu, da qual fazem parte os professores. O acordo estabelecia como critério básico definidor para a aceitação dos professores que viriam a trabalhar nos núcleos do Programa Espaço Oriental, o de que eles deveriam ser filiados a esta Federação. Essa medida, que marcou os primeiros anos de existência do Programa, fez com que o grupo de professores contratados fosse um grupo homogêneo, formado por pessoas que já possuíam relações e vínculos anteriores no âmbito das artes marciais, enquanto professores e alunos, colegas de treino em academias, alunos de uma mesma linhagem de mestres, entre outras. Essa conjuntura perdurou até o final do ano de 2011, quando a Secretaria de Esporte e Lazer constatou que a referida Federação não

era um dos fatores que permeou inicialmente a forma como boa parte dos professores operacionalizava as relações com a Secretaria.

Com a mudança na gestão na Secretaria de Esporte e Lazer de Fortaleza¹⁸¹ houve uma interrupção nos processos formativos coletivos desenvolvidos pelo órgão. Nesse contexto, ficou estabelecido que cada Programa trabalharia suas demandas formativas de maneira particular. A estratégia inicial adotada pela coordenadora L. C. para lidar com essas demandas, foi a de propor que o processo formativo do Espaço Oriental ocorresse dentro de suas próprias reuniões mensais de avaliação e planejamento. Essa medida facilitaria uma melhor articulação das demandas vivenciadas pelos professores em suas inserções nas comunidades, e propiciaria um tom particular para a proposição dos temas que deveriam ser abordados. Foi instituído inclusive que em cada reunião, um professor se encarregaria de desenvolver o tema proposto no encontro anterior a partir das situações vivenciadas por ele. Ao propor essa perspectiva, que ressaltava o conhecimento prático vivenciado pelos professores, a coordenadora percebeu que a essência da abordagem participativa e de inclusão que a Secretaria queria propor através do Programa, já estava implícita nas ações realizadas por eles junto às comunidades. E que, no entanto, ela não vinha à tona por não haver encontrado até então vias favoráveis para isso. Como constata L. C.: “Eles começaram a mostrar o que sabiam, e ficavam calados e não diziam com medo de algo, não sei. De uma fala errada, de alguém não gostar, e tudo mais”. A metodologia utilizada pela coordenação era focada em abrir espaço para que eles trouxessem as experiências e estratégias desenvolvidas durante as aulas para propor o aprendizado aos alunos

dispunha mais de um quadro de professores suficiente para atender as demandas crescentes pela abertura de novos núcleos na cidade. Após algumas tentativas sem êxito por parte da Secretaria de incentivar a formação de novos professores pela Federação, eles resolvem realizar uma seleção pública para novos profissionais, abrindo precedente para que pessoas vinculadas a outros grupos pudessem ministrar aulas no Programa. Durante o processo de pesquisa pude participar de reunião de planejamento do Programa no mês de setembro de 2011, onde foi apresentado o primeiro professor contratado nesse novo processo. Foi perceptível o estranhamento por parte do grupo já estabelecido com a contratação do novo profissional. O fato é que ele era aluno de um professor com o qual parte dos professores do Programa não mantinha relações, e isso incidiu para a maneira como o receberam nos primeiros momentos. Contudo, a coordenação deixou claro que sua contratação se devia justamente ao fato de que a Federação não havia atendido as solicitações de encaminhamento de novos professores qualificados, e que o profissional contratado havia demonstrado atender ao perfil necessário para a proposta do Programa, superando inclusive outro candidato membro da Federação. Esses exemplos nos apresentam uma faceta que se manifesta na relação entre professores e Secretaria, onde podemos perceber que para além dos vínculos institucionais firmados, estão presentes outros como os já citados, que também incidem na forma como as relações são estabelecidas e mediadas.

¹⁸¹ No ano de 2009, onde houve a troca não apenas do Secretário de Esporte e Lazer do município, mas de boa parte da equipe administrativa e psico-pedagógica que compunha sua gestão.

Contudo, foi possível identificar, sobretudo durante o contexto de expansão do Programa a partir do ano de 2007, que alguns professores encontravam dificuldades em articular as técnicas do Tai Chi Chuan junto às comunidades nas quais se inseriram. O fato é que, na eminência de ter que suprir as demandas por novos núcleos na cidade, e devido à pequena quantidade de professores com alguma formação em Tai Chi Chuan disponível, a gestão viu-se obrigada a contratar professores de outros estilos de Kung Fu/Wushu¹⁸² para atender as solicitações. O pouco contado desses professores com as técnicas corporais do Tai Chi Chuan fez com que os mesmos desenvolvessem estratégias diversas para atender as demandas do público com o qual iriam trabalhar. Vale ressaltar que durante esse primeiro período de expansão do Programa, havia um forte apelo por parte da gestão no que diz respeito ao quantitativo elevado de alunos nos núcleos. Tendo em vista que esse era um momento de afirmação do Programa Espaço Oriental frente às políticas públicas de esporte e lazer na cidade de Fortaleza, tencionava-se que os professores conseguissem agregar o maior número de alunos possível em suas aulas. Na tentativa de atender aos desígnios da gestão, e em meio ao pouco conhecimento específico sobre Tai Chi Chuan, alguns professores começaram a misturar outras técnicas de atividades corporais em meio as suas aulas. Modalidades como, dança, ginástica aeróbica, eram alternados durante a semana com as técnicas do Tai Chi Chuan. Alguns professores, por serem oriundos do Kung Fu/Wushu Shaolin do Norte, incluíam algumas técnicas deste estilo em suas aulas. Tendo em vista que os movimentos do Shaolin do Norte são caracterizados pela utilização de força e velocidade, os professores que os utilizavam durante as aulas apenas mudavam o ritmo de execução dos movimentos tornando-os mais lentos, para que se assemelhassem um movimento de Tai Chi Chuan. Durante o período que marcou a primeira gestão na coordenação do Programa, muitas dessas iniciativas foram passando meio que despercebidas, pois naquele momento as ações desenvolvidas pelos professores resultavam num quantitativo elevado de alunos por núcleo.

Ao assumir a gestão do Programa Espaço Oriental, L. C. percebeu a situação que se configurara até então, e procurou ver junto aos núcleos como essas ações de misturas de práticas corporais estavam sendo percebidas pelos alunos. Em visitas as comunidades, ela e seu auxiliar técnico puderam visualizar *in loco* as repercussões dessas iniciativas. Tendo em vista que algumas das técnicas alternativas utilizadas pelos

¹⁸² Como professores de Shaolin do Norte com algum (ou pouco) conhecimento em Tai Chi Chuan.

professores para complementar suas aulas apresentavam movimentos fortes e/ou com velocidade, essa medida ia de encontro às demandas corporais vivenciadas por muitos alunos. Seja em decorrência de alguma problemática de saúde, ou por encontrar-se em idade elevada, algumas dinâmicas de aulas apresentadas dificultavam o acompanhamento dos movimentos propostos, por parte dos alunos. Era perceptível a alternância de públicos nos dias em que as técnicas predominantes não eram as de Tai Chi Chuan, e algumas pessoas deixavam de freqüentar os núcleos nos dias de aulas mais “pesadas”. No mês de junho de 2011, em uma das incursões para a pesquisa de campo, tive a oportunidade de participar da reunião mensal de avaliação e planejamento do Programa. Durante a apresentação da pauta da reunião, a coordenadora L. C. relata que havia recebido a reclamação de uma aluna de um dos núcleos afirmando que a professora de Tai Chi Chuan daquela localidade estava ministrando aulas de ginástica localizada. Ainda nesta reunião ela reforçou um encaminhamento que haviam deliberado em momentos anteriores (em reuniões passadas) de que os professores deveriam trabalhar junto aos núcleos somente a prática do Tai Chi Chuan e as técnicas a ele associadas¹⁸³. Ela afirmou que essa era a identidade do Programa, e que qualquer tentativa de inclusão de outras modalidades de atividades corporais durante as aulas seria coibida, e o professor chamado a prestar esclarecimentos.

Outra problemática identificada pela coordenadora L. C. ao assumir seu posto, diz respeito ao engajamento dos professores junto às comunidades. Ela relata que, como proposta basilar do modelo de política pública na qual o Programa está inserido, além de ministrar as aulas de Tai Chi Chuan, os professores devem engajar-se junto às comunidades com o intuito de conhecer e estimular as potencialidades por ela apresentadas, através de uma perspectiva de participação popular. Nesse sentido a prática da atividade corporal, neste caso do Tai Chi Chuan, servira também para agregar e integrar esses potenciais nas localidades. O professor deveria atuar também como um articulador social, como dito anteriormente, neste capítulo. Ela relata que em sua experiência de gestão se deparou com professores que trabalhavam excepcionalmente bem no que diz respeito à proposição das aulas de Tai Chi Chuan, mas que não desenvolviam estratégias de articulação com as comunidades nas quais trabalhavam¹⁸⁴.

¹⁸³ Como por exemplo, exercícios de alongamento, técnicas de respiração e de meditação.

¹⁸⁴ Durante a entrevista, a coordenadora L. C. relatou a circunstância da necessidade do desligamento de profissionais que eram excelentes professores de artes marciais, mas que não trabalhavam na perspectiva do esporte e lazer, fomentando ações de integração e participação popular junto às comunidades. Em outro caso, revela inclusive que já se deparou com uma situação na qual alguns dos professores do

Tal medida evidencia que má formação do professor, ou inabilidade do mesmo em operacionalizar seu conhecimento em um novo contexto de inserção, implica também em repercussões negativas para o núcleo/comunidade no qual está inserido, e que vão de encontro às propostas basilares do Programa. Em tópicos subseqüentes, trato, pois, de analisar com maior ênfase as mediações realizadas pelos professores com relação às demandas identificadas nas aulas do Espaço Oriental.

Apesar de afirmar que a identidade do Programa é baseada no ensino do Tai Chi Chuan em detrimento de outras técnicas corporais, é preciso ressaltar que o contexto em que essa prática ocorre no Espaço Oriental insere elementos significativos que culminam na construção de uma identidade particular para esse processo de apropriação. Como visto nas situações elencadas até agora, podemos perceber que o modelo de política pública que norteia o Programa redimensiona de inúmeras maneiras essa prática. Primeiramente através do estabelecimento de novas atribuições à figura do professor para além do processo de transmissão das técnicas. Em decorrência disso, se estabelecem outros tipos de vínculos entre ele e os alunos, e que passam a incidir também sobre as perspectivas de apropriação por eles desenvolvidas. Analisar esses elementos apresenta-se como caminho fundamental a ser trilhado para compreendermos como se desenvolvem as experiências particulares de apropriação do Tai Chi Chuan desenvolvidas no Programa. E é justamente sobre esses aspectos que trataremos com maior afinco nos tópicos que seguem. Inicialmente apresento uma descrição da localidade onde está situado o núcleo do Anfiteatro Flavio Ponte, onde foi realizada a pesquisa de campo.

5.2. Descrição da localidade onde ocorrem as aulas

O núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte está localizado na Avenida Beira-mar s/n, na Praia do Náutico, bairro Meireles na Cidade de Fortaleza-CE (ver foto 1, anexo III). O local foi construído pensando inicialmente em comportar shows e espetáculos ao ar livre nas imediações do calçadão da praia. Contudo, durante a semana é utilizado

Programa já não mais correspondiam às demandas e à proposta conceitual que o fundamenta, mas que, no entanto, não podia desligá-los das atividades, pois não teria condições de substituí-lo por outro profissional, e não podia deixar as comunidades descobertas em relação ao núcleo. Tal medida evidencia que má formação do profissional implica também em repercussões negativas para o núcleo/comunidade no qual está inserido.

também por pessoas e grupos que praticam atividades físicas na orla. É uma estrutura circular rodeada por arquibancadas de concreto, com aproximadamente três metros de profundidade em relação ao nível do calçadão da praia, o que protege a localidade do barulho do enorme fluxo de carros e pessoas que transitam logo acima. Essa característica particularmente tornou a estrutura por demais adequada para a prática do Tai Chi Chuan, dada a quietude e a pouca ocorrência de ruídos que incidem sobre o local. Sua construção foi feita a partir de uma terraplanagem na faixa de areia da praia, fazendo com que as ondas quebrem em sua parede frontal principalmente em épocas de ressaca do mar, e cuja sonoridade ajuda a embalar a concentração durante a prática dos exercícios (ver fotos no anexo III)

A região da Praia do Náutico é uma área com forte apelo turístico na cidade de Fortaleza. Possui a maior concentração de hotéis e pousadas da cidade, além de uma grande infra-estrutura de bares e restaurantes. É uma das áreas com maior valor imobiliário da cidade e abriga uma grande quantidade de condomínios residenciais de luxo. Cotidianamente durante no início das manhãs e nos fins de tarde, a Praia do Náutico é ocupada por uma enorme quantidade de pessoas que buscam seu calçadão e imediações como o intuito de realizar as mais diversas atividades físicas e práticas esportivas. Os fatores descritos anteriormente corroboram para que a Praia do Náutico e suas imediações sejam um reduto freqüentado em grande medida por fortalezenses das classes média-alta e alta, e por turistas nacionais ou estrangeiros com elevado poder aquisitivo, tendo em vista o auto-custo da hospedagem e dos serviços oferecidos na localidade.

A instalação do núcleo na localidade parecia entrar em contradição com a proposta do modelo de políticas públicas na qual está inserido, que intenta privilegiar a implementação das ações em regiões baixo Índice de Desenvolvimento Humano – IDH. Esse foi inclusive um dos questionamentos que lancei a gestão na época em que recebi o convite para ministrar aulas na localidade. O argumento utilizado inicialmente pela gestão municipal é que a instalação de um núcleo na Praia do Náutico apresentar-se-ia também como uma perspectiva de articular a política pública com o potencial turístico da localidade. Portanto, o núcleo funcionaria para, além de atender as demandas das populações que habitam o seu entorno, como um ponto de atração turística para o local. Como nos mostra a coordenadora do Programa L. C.:

Antes nós só estávamos em lugares com Índice de Desenvolvimento Humano baixo. Mas a gente precisava estar “bem na fita”, precisava ser visto pelo mundo, pelo Brasil, entendeu? Então a Beira-mar é o nosso cartão de visitas, porque dali, quando a gente faz atividades ali na Beira-mar, que é praia, mar, o pessoal caminhando pelo calçadão, pessoas que vem de outros estados, outros países, que vê a atividade do Programa Espaço Oriental, do Tai Chi Chuan. Então ali é um cartão de visitas do Programa. Porque não tem índice de desenvolvimento baixo ali, são pessoas de alto poder aquisitivo, mas são pessoas que abraçaram o Programa como se fosse um benefício para a saúde deles. E eles têm condições financeiras de ter a academia, o personal que quiser. Mas não, eles viram que aquilo dali era benefício de integração, socialização entre eles, entre outras pessoas. Então vingou o núcleo da Beira mar.

No início do ano de 2007 (mais precisamente no mês de março) quando comecei a ministrar aulas no Anfiteatro Flávio Ponte, pude desenvolver outras percepções sobre a localidade e as populações que habitam o seu entorno, para além do que está presente no relato de L. C.. A região da Praia do Náutico é circunvizinhada não somente por grandes edifícios, hotéis e seus ocupantes com elevado poder aquisitivo, mas também por bairros e comunidades como Varjota, Mucuripe e Santa Terezinha, localidades que comportam populações de classe média baixa ou pobre. Contudo os usos que essas populações faziam até então da orla da praia eram distintos dos empreendidos por seus vizinhos das classes mais abastadas. Estes ocupavam o calçadão da praia diariamente para a realização das mais diversas modalidades esportivas e de atividades físicas, como caminhada, corrida, pedaladas, acessórios esportivas com *personal trainers*, entre outras. Já seus vizinhos, desciam à praia apenas nos finais de semana, para tomar um banho de mar, uma cervejinha, e passar algumas horas ao sol na praia que lhes é mais próxima e acessível.

É preciso destacar aqui que Praia do Náutico tem se apresentado, sobretudo na última década e meia como localidade cuja água do mar tornou-se imprópria para o banho em diversos trechos.¹⁸⁵ A grande quantidade de moradias e empreendimentos comerciais em seu entorno, galerias fluviais que desembocam a água que escorre das ruas próximas para o mar, além do mau uso da população que a frequenta, deixando lixo e dejetos na areia e na água do mar, colaboram a degradação da qualidade da água na localidade. A Praia do Náutico passou a ser referência na cidade de uma praia inadequada para o banho. Tanto é, que os moradores com maior poder aquisitivo a frequentam apenas para a prática de suas atividades físicas e esportivas, e quando querem tomar banho de mar deslocam-se para outras praias da cidade como a Praia do

¹⁸⁵ A partir do final da década de 1990.

Futuro, ou praias próximas a Fortaleza, como Jeriquaquara, Canoa Quebrada, entre outras. Já os moradores das comunidades menos abastadas, por não terem como acessar outros espaços praianos, resignam-se a frequentar a praia que lhes é mais próxima e acessível, por mais inadequada para o banho que seja sua água.

Uma das potencialidades desenvolvidas com a instalação de um núcleo do Programa Espaço Oriental no local foi a de re-configurar os usos que as populações, principalmente as menos abastadas, fazem do espaço da orla da Praia do Náutico. Muitas dessas pessoas pouco, ou sequer frequentavam o espaço, ainda mais para a prática de exercícios corporais ou atividades lúdicas. A implementação de uma política pública na localidade, sem custos adicionais para a população¹⁸⁶, agregou inclusive pessoas que não teriam condições financeiras ou orientações para a prática de uma atividade física, ou mesmo de uma modalidade como o Tai Chi Chuan, tendo em vista que o valor cobrado por essa prática em academias de ginástica ou artes marciais é consideravelmente elevado para o poder aquisitivo desta parcela da população¹⁸⁷. O que se observou foi que a iniciativa conseguiu contemplar um escopo maior do que previsto inicialmente, que dizia respeito principalmente ao aproveitamento do potencial turístico da localidade.

Algumas dessas possibilidades de usos e apropriações do espaço serão trazidas a tona a posteriormente a partir do relato das experiências da prática do Tai Chi Chuan no Anfiteatro Flávio Ponte.

5.3. Estratégias de ensino desenvolvidas pelos professores

No Capítulo 4 nos deparamos com as perspectivas iniciais de formação dos professores entrevistados, e neste tópico iremos analisar as estratégias por eles desenvolvidas para o ensino do Tai Chi Chuan no contexto do Programa Espaço Oriental. Tal escolha para o proceder inicial nas análises dessas experiências de apropriação cultural ocorre, principalmente, por ter sido essa a primeira via com a qual tive acesso no que diz respeito aos processos de apropriação do Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental. E que se desenvolveram na época em que nele trabalhei

¹⁸⁶ Tendo em vista que, como uma política pública, ela é custeada pelos impostos pagos primariamente pela população.

¹⁸⁷ Com mensalidades identificadas na cidade de Fortaleza a partir de sessenta reais

enquanto professor dessas técnicas no Programa. Nesse sentido, as experiências com as quais iremos nos deparar a partir deste tópico não dizem respeito apenas aos dados que foram obtidos durante as entrevistas ou somente nos processos de observação participante durante a pesquisa. Os dados coletados através dessas vias somam-se a uma série de relatos, impressões, observações e contatos anteriores com essas pessoas e suas perspectivas diversas de usos e apropriações das técnicas do Tai Chi Chuan.

As demandas vivenciadas a partir do ensino dessas técnicas corporais em minha trajetória como professor de Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental foram o que imediatamente proporcionaram as primeiras reflexões e questionamentos que serviram como base para a proposição dessa pesquisa. Essa análise da trajetória pessoal soma-se às informações e dados coletados durante a pesquisa. A figura do professor neste caso é compreendida, a partir do que nos mostra Mauss (2003), como aquela que além de conhecer as técnicas corporais, que sabe como realizá-las, detém também o conhecimento de como transmiti-las e ensiná-las para outras pessoas, ou seja, conhece uma técnica para ensinar a técnica. Mais especificamente, no caso dos processos com os quais estamos lidamos, ele é também a figura que vai empreender as estratégias de adequação das técnicas corporais às demandas que se apresentam nos novos contextos de sua prática, neste caso o Programa Espaço Oriental. O professor é aquele que conhece um modo estabelecido, legitimado, de operacionalizar as técnicas corporais, e nesse contexto vai ser o mediador dos processos através dos quais elas vão ganhar novas orientações.

Início, pois esta narrativa, com algumas impressões iniciais que tive ao começar a ministrar aulas no referido Programa. Um dos primeiros desafios com os quais me deparei na época em que comecei a ministrar aulas no Anfiteatro Flávio Ponte diz respeito à quantidade de alunos com a qual tinha que lidar. Estava acostumado até então a ministrar aulas em uma academia de artes marciais, e minha turma de alunos chegava, no máximo a um número de oito pessoas. No Programa Espaço Oriental me deparei com a iminência de ensinar Tai Chi Chuan para turmas que variavam entre uma faixa de vinte a quarenta pessoas por aula¹⁸⁸. Tal medida fazia com que a Secretaria de Esportes nos fornecesse um equipamento de som composto por microfone e caixa amplificada para se utilizado durante as aulas para que todos os alunos pudessem ouvir as

¹⁸⁸ Já tendo chegado realizar aulas em praça pública durante eventos da Prefeitura Municipal de Fortaleza, em cima de um palco, para mais de quatrocentas pessoas.

explicações do professor¹⁸⁹. Outro aspecto que me chamou a atenção em princípio foi a variedade na faixa etária dos praticantes. Em minha turma anterior na academia de artes marciais a faixa etária dos alunos variava de quinze a cinquenta anos¹⁹⁰. Nas aulas realizadas no Anfiteatro Flávio Ponte, tendo em vista que se trata de uma política pública, sem custos, e aberta toda a sorte de públicos, cheguei a identificar em uma mesma aula, uma criança de oito anos, e uma senhora de oitenta e um anos de idade. Além dessas diferentes perspectivas, como vimos na análise dos documentos da Secretaria de Esporte e Lazer de Fortaleza, entre os praticantes identificamos uma grande diversidade de demandas corporais, principalmente no que diz respeito a manifestação de diversas enfermidades. Como então propor o ensino de uma mesma técnica do corpo, para demandas corporais tão diversas?

Uma das principais constatações que tive nesse sentido foi que não poderia simplesmente ensinar o Tai Chi Chuan no Programa, tal qual havia aprendido com meu professor em uma academia de artes marciais. Como proceder então? Esse foi um dos pontos que resolvi abordar no roteiro de entrevistas proposto aos professores. Para esse fim, uma das etapas fundamentais na proposição das entrevistas realizadas junto aos professores consistia em tentar identificar as estratégias utilizadas por eles para o ensino das técnicas do Tai Chi Chuan no contexto do Programa Espaço Oriental. Vejamos o que nos relatam as experiências didáticas dos professores entrevistados. O Professor C. G., 48 anos, relata um pouco das iniciativas utilizadas por ele durante as aulas, e das dificuldades que encontrou particularmente para ensinar seqüências de movimentos longas (os *katis*, que aqui ele designa por “formas”):

A forma como eu vejo, realmente é uma forma adaptada, né? Por quê? [...] É uma prática que não tem uma duração. Por exemplo, eu vou começar a treinar agora, e vou começar a aprender muitas técnicas, e são muitas e muitas técnicas, que a gente vai aprendendo indefinidamente, entendeu? É uma coisa que você vai treinar pra vida toda. Só que esse tipo de treinamento, que são as formas que eu chamo, pra ser aplicada num público grande, e na sua maioria idoso, eu já acho que não é muito viável dessa forma. A não ser que você vá ensinar uma forma muito simples e curta, né? Porque na realidade o que eles querem mais? Vamos ver agora a visão do público. [...] Eles querem um professor que mostre os movimentos e eles vão seguindo. Pronto. Isso aí é o suficiente. [...] E que esses movimentos possam ser saudáveis, salutareis para que eles possam ter uma qualidade de vida melhor.

¹⁸⁹ A presença do equipamento de som de grande potência contrasta inclusive com a dinâmica do silêncio ou do pouco barulho, e da quietude tão comum as aulas de Tai Chi Chuan.

¹⁹⁰ Na academia tive alunos na faixa dos cinquenta a sessenta, mas eram minoria, e constituíam-se de praticantes esporádicos, que não faziam parte no núcleo de alunos que realizavam a prática com frequência. E tendo em vista a pouca quantidade de alunos por aula, não era difícil mediar as eventuais diferenças entre as demandas apresentadas.

[...] Então é isso que a gente faz. A gente adapta. A gente não aprofunda o estudo do Tai Chi Chuan. A gente vem sempre no superficial, trabalhando só essa parte de movimentos soltos, básicos, e tentando mostrar pra eles a melhor forma de realizar esses movimentos, mas sem aprofundar, sem colocar as formas. Porque as formas são, geralmente, quando você começa a juntar os movimentos aí fica complicado para o entendimento, e você não vai ter como assessorar cada um, são muitos alunos. Então você tem que fazer uma coisa que seja bom pra todos. Talvez alguns sintam necessidade de algo mais. Esses que tem essa necessidade de algo mais, de aprender algo mais, a gente oferece a oportunidade de treinar na academia e aprofundar os estudos. Mas ali, a gente mantém, pelo menos no meu caso, procuro manter só a parte de alongamento, de aquecimento, e a parte de movimentos básicos, e o de relaxamento, não aprofundando o estudo. E eles mesmos não se interessam em aprofundar. [...] Eles querem tá lá seguindo o professor, fazendo seus movimentos e saindo de lá revitalizados, felizes.

A narrativa acima revela alguns dos aspectos fundamentais com os quais temos nos deparado no decorrer das análises até aqui empreendidas, que diz respeito a maneira como os contingentes locais vão incidir nas formas como o produto/prática cultural, neste caso as técnicas corporais do Tai Chi Chuan, vão ser apropriados. Esse processo de adequação, ou de “adaptação” como fala o professor, é fruto de uma negociação de sentidos que é realizada entre o professor, enquanto detentor do conhecimento e da técnica a ser transmitida, do conhecimento estabelecido sobre elas, da demanda particular do aluno que intenta essa aprendizagem, e da maneira como vai realizá-la. As demandas dos alunos no caso são aspectos fundamentais a serem contemplados e mediados pelos professores tendo em vista o modelo de política pública na qual o Programa está inserido que prima pela inclusão e participação popular. O professor, portanto não poderia optar por uma estratégia didática que contemplasse seqüências longas e complexas, com elevado grau de dificuldade, nas quais apenas poucos alunos se sentiriam confortáveis em praticar. Um dos pontos ressaltados durante sua fala remete ao fato de privilegiar apenas o ensino de movimentos básicos, sem adentrar a prática das seqüências de movimentos longas como no caso dos *katis*, e que, no entanto, isso não impede os alunos de acessarem os benefícios de sua prática, aumentando a coordenação motora, aprendendo a controlar a respiração, obtendo ganho de flexibilidade entre outros.

Tal iniciativa de adequação dos movimentos às necessidades de cada aluno não apresenta necessariamente como um desvirtuamento da proposta dessas técnicas. Temos em vistas que um dos princípios fundamentais da prática do Tai Chi Chuan e das demais técnicas corporais taoístas consiste justamente no potencial de adaptabilidade dos

movimentos às demandas particulares do praticante. A demanda corporal de quem pratica é quem direciona a amplitude dos movimentos, a largura e altura das bases, tornando fundamental apenas o cuidado para que esses movimentos sejam realizados com o mínimo de esforço e o máximo de espontaneidade. Eles não estão ali praticando Tai Chi Chuan com o intuito de utilizá-lo em combate, ou em disputas em competições do gênero, estão buscando os benefícios dessa prática para sua saúde, portando a única demanda corporal com a qual tem que lidar nesse interino é a sua própria.

O professor A. W. 37 anos que ministra aulas atualmente no núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte, revela uma preocupação fundamental com a maneira através da qual ele vai demonstrar as técnicas para seus alunos.

E no caso, quando eu vou aplicar, até mesmo a forma de eu executar, eu executo de acordo com o perfil de quem tá comigo. Porque se eu for executar da forma correta, aquelas bases baixas, aqueles movimentos mais rigorosos, o grupo em si, só em ver já vai se sentir excluído, né? Então eu já faço da forma que ele consegue. Tipo, eu uso de adaptabilidade, sempre adaptando o Tai Chi a pessoa que está fazendo junto comigo. Se ela não tem uma boa mobilidade, se ela não consegue, se ela tem uma limitação articular, a gente vai sempre respeitando esse limite.

Nesse sentido um dos temas que emerge na fala dos professores durante as entrevistas diz respeito às diferenças de como aprenderam essas técnicas corporais, e as diferenças na maneira como intentam transmitir esse conhecimento para seus alunos no Programa Espaço Oriental. O professor C. G, o mais velho dos entrevistados, relata que na época que iniciou seus treinamentos no Kung-Fu/Wushu não havia muito espaço para diálogo ou mediações com seu professor. O estilo que começou a praticar inicialmente foi o Shaolin do Norte, cujas técnicas treinadas estimulam e exigem força, agilidade resistência física ao praticante. Ele fala que seu primeiro professor simplesmente demonstrava as técnicas a ele e aos demais alunos tinham que tentar repetir até acertar. Era uma tentativa de seu professor de se aproximar dos métodos de treinamento tradicionais utilizados pelos chineses, cujo processo de aprender na prática, aprender com os próprios erros e êxitos, é que conduzia ao aprimoramento das técnicas. Os alunos, ao tentar executar os movimentos por vezes erravam, e acabavam se machucando. O próprio processo de se machucar e se recuperar conduzia o praticante a perceber quais caminhos o estavam levando às lesões, e como desenvolver estratégias para evitá-las. Esse processo também se constituía de um componente fundamental do aprendizado. No entanto, essa medida se apresentava como a possibilidade de um

aprendizado em longo prazo, que era iniciado na juventude e teria continuidade por toda sua trajetória de vida daqueles que perseverassem na prática. Tal medida não era plausível, segundo eles, de ser aplicada junto aos alunos do Programa Espaço Oriental. O professor não podia apenas impor o movimento e esperar que os alunos simplesmente o repitam, ou que errem muito antes de aprendê-lo. Os professores reconhecem que as demandas apresentadas pelo público de praticantes do Programa são bem diferentes daquelas que eles apresentavam quando iniciaram sua prática. Ele relata que hoje em dia os alunos perguntam mais, querem tirar dúvidas sobre os movimentos, em que eles poderão beneficiá-los, apresentam suas dificuldades e particularidades que incidem para o aprendizado das técnicas, e esperam que o professor dê conta de articulá-las. C. G. relata: “Hoje em dia se pergunta mais. Os alunos têm o hábito de perguntar e a gente tem também que tá respondendo. Antigamente não, era ‘faz e pronto!’. Então um exemplo mais clássico que tem é esse”. Essa é uma postura diferenciada do que, por exemplo, ele vivenciou em seu processo de formação, onde apenas o professor tinha “voz”, e o aluno simplesmente tinha que seguir suas recomendações. Consiste, pois em mais uma mediação importante que incide na maneira como o Tai Chi Chuan é operacionalizado no Programa Espaço Oriental, e re-configura inclusive o tipo de relação que se estabelece entre professor e aluno. Insere também importância nos elementos transmitidos através da oralidade para além do que é vivenciado corporalmente. A oralidade é também um elemento que compõe a transmissão do conhecimento no campo das artes marciais, mas esse conteúdo só adquire sentido real quando consegue ser vivido corporalmente. Nesse contexto do Programa, onde os alunos apresentam dúvidas e questionamentos frequentes, este elemento da oralidade adquire um destaque maior, sem, contudo sobrepôr à dinâmica da experiência corporal.

Pensando nessas novas relações de aprendizado que se configuram, um dos tópicos abordados durante as entrevistas dizia respeito à caracterização das especificidades do público do Espaço Oriental a partir das percepções dos professores. As demandas apresentadas pelo público, como relatado por eles, constituem-se dos principais elementos que incidem sobre as estratégias desenvolvidas para a articulação das técnicas do Tai Chi Chuan no Espaço Oriental. O professor A. W., que ministra aulas no núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte, caracteriza as demandas de seus alunos.

Esse pessoal é um pessoal que geralmente quer fazer uma atividade [...] e eles procuram uma atividade que venha a se adaptar a eles, ao perfil deles. São pessoas sedentárias, grande parte, que realmente não conhecem nada, não sabem, alguns nunca fizeram, tem outros que já fizeram. Então eles vêm

buscar essa atividade que atende as suas necessidades, no caso as suas limitações, no caso uma atividade de baixo impacto. Já é uma turma assim, que tá... São pessoas aposentadas, são pessoas que já estão com a idade assim um pouco mais avançada, são idosos. Elas, hoje por essa questão de qualidade de vida, a atividade física tá muito em expansão, programas de televisão mostrando o tempo todo, então elas se sentem, assim, na necessidade de também acompanhar esse momento que a gente vive na atualidade.

Um dos pontos identificados na fala do professor remete a disseminação maciça, principalmente através dos meios de comunicação, de uma *cultura do bem-estar*. Esse é um movimento que pode ser caracterizado por uma profusão de apelos em torno de um estilo de vida saudável, que mobiliza a prática de exercícios físicos, consumo de alimentos naturais, utilização de técnicas terapêuticas “alternativas” e menos invasivas com relação às utilizadas pela medicina alopática convencional, além de inúmeras outras iniciativas. Está baseado muito menos na aparência corporal, mas na aquisição e no estímulo de série de sentimentos e sensações como felicidade, prazer e auto-satisfação, que estão vinculadas a como os indivíduos se organizam e experimentam corporalmente o mundo a partir do ideal de uma vida saudável. É uma abordagem que se diferencia, por exemplo, do que poderia chamar de uma *cultura/lógica do fitness*, que privilegia a forma corporal, mediada por uma agregação de fisiculturismo, cirurgias estéticas, cosmética, utilização de fármacos como inibidores de apetite e anabolizantes, suplementação alimentar, entre outros. Como argumenta Bizerril (2011), essa necessidade de “manter-se em forma” torna-se também fonte de uma renovada forma ansiedade em atingir a esse fim, que nunca se dá por satisfeita. É como nos mostra David Le Breton, ao perceber que o corpo: “Ontologicamente distinto do sujeito, torna-se um objeto à disposição sobre o qual agir a fim de melhorá-lo, uma matéria prima na qual se diluí a identidade pessoal, e não mais uma raiz de identidade do homem” (LE BRETON, 2003: 15).

Isolado do indivíduo, o corpo torna-se objeto de investimentos e racionalização. Um exemplo para perceber isso é a utilização da metáfora da *máquina* para referir-se ao corpo humano, equiparando-o ao símbolo maior da inventividade e da cientificidade moderna. A *máquina*, ao contrário dos homens não pode falhar, o corpo por sua vez, está suscetível ao envelhecimento, às doenças etc. Pensar um corpo-máquina cuja mecânica é discernível das outras apenas por suas engrenagens, como dizia Descartes, é conferir-lhe um prestígio do qual ele jamais gozaria se fosse visto apenas como um amontoado de estruturas orgânicas. Portanto, corrigir o corpo, consertá-lo e privá-lo de

qualquer fardo que possa ameaçar sua existência, é livrá-lo da sina de estar sujeito aos infortúnios da organicidade (LE BRETON, 2003).

Por outro lado, Baudrillard (2007) nos mostra que uma das heranças da modernidade consistiu justamente na redescoberta do corpo após séculos de puritanismo ascético nas sociedades ocidentais, e promoveu uma série de investimentos que o transformaram em um novo objeto de salvação, no lugar da alma. O corpo se converte em elemento de *tática* e *ritual social*. Enquanto estrutura simbólica, seu processo de manipulação e modelagem torna-se uma escrita altamente reivindicada. Ele se transforma em um emblema de si e é através dele que o indivíduo passa a ser julgado e classificado (LE BRETON, 2003).

O que devemos ressaltar aqui é que a adesão a alguma das perspectivas citadas anteriormente, seja na busca por uma cultura corporal em torno do *bem-estar* ou mesmo a cultura do *fitnes*, implicam o engajamento a um estilo de vida onde as experiências corporais são o elemento basilar na constituição das experiências e trajetórias de vida. No caso dos praticantes de Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental, observamos predominância na adesão ou a busca por um estilo de vida baseado no *bem estar* desenvolve-se a partir do momento que esses indivíduos se deparam com uma situação limítrofe em suas vidas baseada principalmente que experimentam corporalmente. Como no caso da incidência de alguma doença ou problema relacionada à saúde, que os leva a reorganizar sua vida a partir do que essa demanda lhes imprime corporalmente. A busca do Tai Chi Chuan por essas pessoas consiste, pois, em uma tentativa de desenvolver alguma perspectiva de reorientação nas experiências que vivenciam corporalmente. Esse é um dos principais aspectos que incidem para os processos de apropriação Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental. Resta sabermos em que medida sua prática em um contexto permeado por tantos processos de adaptação e mediação atinge ou não essas expectativas. Este, e os demais elementos identificados que constituem as experiências vivenciadas pelos alunos, são o foco das exposições no item que segue.

5. 4. Experiências práticas dos alunos

Antes de começarmos a falar sobre as perspectivas de apropriações e usos práticos das técnicas corporais do Tai Chi Chuan pelos alunos do Programa Espaço

Oriental, vale a pena remetermos um pouco a alguns temas tratados no Capítulo 2 deste trabalho. O conjunto de técnicas que compõe o Tai Chi Chuan é baseado, como vimos, nos princípios e proposições da tradição do pensamento taoísta. As técnicas do corpo nesse contexto apresentam-se como uma via para proporcionar ao praticante a experiência de um estado contemplativo de serenidade, que faz com que desenvolva uma potencialidade de propricepção, e de percepção não apenas dos movimentos em torno de sua corporeidade, mas dos movimentos do mundo do qual faz parte. Como pudemos ver, este é um princípio fundamental do Taoísmo que está presente inclusive no título de seu texto básico, o I Ching (Livro das Mutações). As mutações nesse caso se constituem das diversas configurações de contingências que o mundo da vida proporciona aos indivíduos. E é justamente nesse sentido, que uma das principais proposições do Taoísmo alude ao desenvolvimento de uma capacidade de adaptabilidade às diversas contingências da vida prática a partir do despertar para um estado de espontaneidade e naturalidade no trato com as coisas mundanas. O Taoísmo compreende que a relação do indivíduo com o mundo é primária e privilegiadamente uma relação estabelecida a partir da corporeidade. As técnicas corporais taoístas, dentre as quais podemos incluir o Tai Chi Chuan, a meditação, e os exercícios de chi kung, portanto, apresentam-se como uma via através da qual os indivíduos podem estimular e potencializar suas percepções corporais e a capacidade de adaptar-se não apenas corporal, mas existencialmente às adversidades do mundo da vida.

Os primeiros dados que apresento sobre os elementos que incidem sobre as vias de apropriação desenvolvidas pelos alunos, dizem respeito às informações obtidas através da análise de documentos da Secretaria de Esporte e Lazer referentes ao núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte. Um aspecto importante identificado entre os praticantes inicialmente através da análise das fichas cadastrais dos alunos, e que posteriormente veio a ser reafirmado durante as entrevistas, diz respeito aos motivadores de sua prática do Tai Chi Chuan no contexto do Programa Espaço Oriental. Um dos principais elementos que motiva a prática dos alunos está relacionado ao sentimento de vinculação com o grupo e o desenvolvimento de laços afetivos e de sociabilidade com outras pessoas que se estabelecem no núcleo. Foi possível identificar que em uma questão de múltipla escolha presente nas referidas fichas cadastrais, que trata sobre as motivações dos alunos em participar do Espaço Oriental¹⁹¹, das 45 pessoas registradas, 35 relataram

¹⁹¹ A Pergunta proposta era: *Porque resolveu fazer as atividades do Espaço Oriental?* As opções a serem assinaladas eram: *Porque eu já faço caminhada na praça; Porque é de graça; Porque quero começar a*

como motivador o fato de ser uma oportunidade de saírem de casa e conhecerem novas pessoas.

Além desse motivador na frequência ao Programa, foi possível identificar que 23 pessoas relataram o interesse na prática por quererem começar a praticar exercícios físicos. Um número de 19 pessoas relata que resolveu realizar a prática por já desenvolver a prática da caminhada no entorno da localidade. A resposta desse item está diretamente relacionada a um dos principais indicadores através dos quais os praticantes relatam ter tomado conhecimento da existência do Programa Espaço Oriental. Como identificado com maior clareza nas entrevistas, a parte dos envolvidos já freqüentava a Praia do Náutico no horário matinal para a realização de caminhadas, e durante a prática dessa atividade visualizaram a existência das aulas de Tai Chi Chuan no Anfiteatro Flávio Ponte. Ainda foi possível perceber que 18 (dezoito) participantes identificaram que começaram a prática devido a indicações do médico ou da família. Um total de 17 (dezessete) pessoas relatou como motivador da prática o fato de ela ser gratuita. Além desses fatores, 5 (cinco) pessoas relataram ter resolvido começar a freqüentar as aulas por curiosidade. A última opção a ser assinalada deixava espaço para que os alunos explicitassem “outra” motivação em freqüentar as aulas do Programa, e foi marcada por 12 (doze) pessoas. Tratava-se de um item dissertativo, e as respostas elencadas remetiam a fatores como sensação de “bem estar” experimentada, melhoria do condicionamento físico, manutenção da saúde e identificação com a abordagem do professor.

Como apresentado na metodologia, a análise do conteúdo das entrevistas, o processo de observações em campo, e das informações e impressões por mim coletadas na época em que fui professor do referido núcleo do Espaço Oriental, me permitiram elencar os principais elementos evocados pelos alunos que incidem para suas experiências de prática do Tai Chi Chuan no Programa. O encadeamento desses aspectos, as posições dos alunos em relação aos mesmos, e a sua análise, apresenta-se organizada no texto a partir dos seguintes eixos: *a experiência corporal (ou de saúde) pregressa vivenciada pelos alunos; a repercussão da prática das técnicas corporais para a reorientação das experiências corporais e de outros âmbitos de suas experiências de vida; a comparação do Tai Chi Chuan com modalidades de atividades*

fazer exercícios físicos; Porque meu médico/minha família mandou; Porque é prazeroso. Eu saio de casa e posso conhecer novas pessoas; Por curiosidade; Outro. Os alunos poderiam marcar mais de uma opção. Das 45 (quarenta e cinco) pessoas registradas, 3 (três) não responderam a essa questão.

físicas já desenvolvidas; vínculos desenvolvidos com o professor, e a potencialidade deste em adequar a proposição do Tai Chi Chuan às diversas demandas apresentadas pelos alunos no Programa Espaço Oriental; os laços de sociabilidade e afetividade que se estabelecem entre alunos.

O primeiro ponto a ser destacado que destaco diz respeito aos problemas de saúde pregressos enfrentados pelos alunos do Programa, e que influenciam na maneira como vão se apropriar das técnicas do corpo em questão. A prática das técnicas para essas pessoas passa a fazer às vezes de exercício terapêutico que auxilia no enfrentamento dessas demandas. Nesse sentido, percurso fundamental e ser descrito nas entrevistas foi o que os ajudasse a reconstituir como se sentiam corporalmente antes de iniciar a prática do Tai Chi Chuan, e como se sentiram depois de algum tempo de prática. Vejamos o relato da experiência de alguns alunos. M. M., funcionária pública aposentada, de 62 anos descobriu as aulas de Tai Chi Chuan no Anfiteatro Flávio Ponte quando ela e a irmã realizavam uma caminhada nas proximidades do local. Ela iniciou a prática na época em que eu era professor na localidade, e o que me chamou a atenção de início foi que ela portava um pequeno balão de oxigênio a seu lado. Na época, ao vê-la parada no calçadão da praia observando a aula, subi as escadarias do anfiteatro, falei sobre a prática que ali se realizava e convidei-a para experimentá-la. Sobre esse momento ela fala:

E a gente ficou naquela, olhando uma pra outra, ‘vamos, ou não vamos? Vamos!’. E a minha irmã com problema no joelho, que por sinal ela até operou, fez uma prótese total, tá bem demais. Aí eu digo: ‘Vamos! Vamos experimentar’. Só que eu tive que explicar para você que eu tinha que fazer alguma coisa que eu pudesse fazer, mas outras talvez eu não pudesse devido as minhas limitações. Aí você falou: ‘não, não tem importância não, o que você puder fazer você faz, o que não puder você se senta’. Tanto prova que eu fico sempre atrás, mas atrás da turma, por conta da arquibancada e por conta da Mariana¹⁹². Aí eu faço o que meu organismo pede.

M. M. conta que é portadora de uma doença chamada *bronquiectazia*. Esta é uma doença que provoca o aumento no tamanho dos brônquios em decorrência da destruição dos componentes elástico e muscular de suas paredes. Traz como conseqüências para o portador uma propensão em acumular secreção nos pulmões, o que faz com que contraia outras doenças respiratórias, como pneumonia, com facilidade. É uma doença irreversível, e o paciente encontra-se na eminência de possuir

¹⁹² Mariana é o apelido carinhoso que ela atribuiu a seu balão de oxigênio.

uma frágil saúde respiratória¹⁹³. Ela contraiu essa doença no ano de 2007 após uma infecção bacteriana em seu pulmão. M. M. é natural de Crateús, uma cidade no interior do Ceará (a 360 km de Fortaleza), e nesse contexto teve que vir de avião às pressas para ser internada na capital, onde passou dez dias em uma Unidade de Tratamento Intensivo – UTI. Em decorrência dessa doença ficou dependente do balão de oxigênio, que tem que transportar para onde for.

M. M. fala que por conta de sua doença, e do fato de ter que andar sempre com um balão de oxigênio portátil, as pessoas costumam vê-la com um olhar de pena. Esse é um tipo de reação nos outros que ela não gosta, e que em alguns momentos lhe incomoda. Sobre esse aspecto ela fala:

Agora também tem um lado assim das pessoas verem a gente por piedade, que não é meu fraco, não gosto que ninguém tenha pena de mim não. Só em eu ser filha de Deus, e meu deu a chance de viver, que eu nasci, eu acho que já é demais. Porque quando a gente vai fazer certas visitas, aí uma senhora olhou assim pra mim: ‘ô coitadinha, ainda tá nesse sofrimento, olha fulano. Mas ela é muito alegre, anda com essa bolsinha e não tem nenhum complexo’. É claro que eu sou ser humano, lá no fundo a gente sente. Aí eu dou a volta por cima. Aí eu disse: ‘não, não vou atrás disso não porque a gente tem que ser maior, pensar maior.’ Mas é assim, entre tapas e beijos.

Ao pedir para M. M. me falar sobre a experiência do seu primeiro dia de aula de Tai Chi Chuan, ela relata:

A primeira aula foi assim, tudo é muito novo, né, pra mim? Então, até eu ficar: ‘eu vou conseguir ou não vou?’ Mas a minha vontade era tamanha, que foi muito bom, sabe? Foi muito confortável pra mim. Eu comecei a me sentir melhor porque eu já comecei trabalhar com a respiração. Tanto prova que quando eu falei pra minha pneumologista, que me acompanha, então eu falava: olha, eu tô com a minha vida muito parada, eu preciso fazer um exercício, uma coisa. Aí ela disse: dona M. M.¹⁹⁴ é muito complicado pra senhora’. Tudo ela é muito rígida: ‘mas a senhora vai ter que ter uma academia especial, um personal trainer só pra senhora’. Aí fugia do meu orçamento, né? Aí eu disse: ‘puxa vida, mas tá ruim!’. E mesmo sem lavar ao conhecimento dela, eu entrei com toda garra no Tai Chi Chuan, e amei, me senti bem, sabe? Aí teve uma hora que: ‘bom, vou me sentar um pouquinho’ Pra também num ceder muito, que era a primeira vez e tudo. E aí até hoje eu acho que eu vejo pessoas que se dizem ser bons, sem menor problema de respiração, pulmão, mais cansada do que eu, sentada lá. Eu digo: ‘olha, eu to resistindo, eu to indo muito bem!’. Então, é legal!

¹⁹³ Agradeço a fisioterapeuta e amiga Deborah Carthagenes pelas preciosas explicações e informações técnicas sobre essas e outras doenças com as quais me deparei na análise dos relatos dos alunos. E também a fisioterapeuta, e minha mãe, Isilda Lopes de Azevedo, com que sempre tirava dúvidas sobre as doenças apresentadas pelos alunos na época em que era professor do Programa Espaço Oriental.

¹⁹⁴ Nas narrativas ela refere-se a si mesma pelo primeiro nome, contudo, nas transcrições utilizei a forma abreviada de seu nome tal qual tenho me valido no corpo do texto.

Após alguns dias de prática M. M. leva ao conhecimento de sua médica o fato de estar praticando Tai Chi Chuan, e ela aprovou a iniciativa. M. M. está praticando Tai Chi Chuan há aproximadamente dois anos e meio, e a percepção que tem construído acerca dessa experiência é bastante positiva.

Eu fico mais elétrica. É assim, um paradoxo. Eu fico mais elétrica no sentido de assim raciocinar melhor, sabe? Mas eu fico mais também numa forma de saber esperar mais, porque eu tudo é pra ontem. Então como eu to trabalhando mais com a mente, e aqueles gestos bem lentos, eu to achando que a vida também tem que ser. Não precisa essas loucuras, essa vida louca que a gente tá, esse corre-corre, esse stress. Então a gente precisa mostrar e aprender que a gente precisa ter um espaço seu, pra pensar, pra raciocinar, tá entendendo? Não nessa “zuada”, nesse barulho. E eu senti que essa mudança foi efeito do Tai Chi

Além do que relatam no que diz respeito a melhorias em sua saúde, devemos destacar que a perspectiva de apropriação do Tai Chi Chuan desenvolvida por M. M. apresenta repercussões também para tomadas de postura em outros âmbitos de sua vida. Ela constata que a prática dos exercícios influencia também no desenvolvimento de um estado de serenidade que se manifesta não apenas durante a execução dos movimentos, mas que se estende para as atividades do seu cotidiano. É interessante perceber que ela descreve esse estado remetendo a uma melhoria em sua capacidade de raciocínio, o que nos apresenta uma perspectiva peculiar de apropriação, tendo em vista que uma das principais recomendações que norteiam a prática dessas técnicas diz respeito a um “silenciar” da mente reacional e a condução a um estado de espontaneidade das tomadas de postura no mundo da vida.

Outro aspecto que passou a experimentar após começar a praticar Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental, diz respeito às mudanças nas imagens que as pessoas passaram a construir dela. Como ela relatou anteriormente, em decorrência de sua saúde, as pessoas costumavam olhar-lhe com um sentimento de pena, piedade e de cuidado, como se ela fosse alguém incapaz. Essa era uma medida que a incomodava, pois ela não se sentia nessa condição. Sua inserção junto ao Programa fez com que as pessoas passassem a vê-la de outra maneira, como ela nos conta a partir da narrativa de duas situações que vivenciou:

[...] na inauguração do Jardim Japonês¹⁹⁵, eu não sei se você tava aqui em Fortaleza. E então o professor A. W. foi convidado pra fazer a apresentação, mas lá não tina turma nem nada, e nós fomos. Aí a Wal: ‘olha M. M. , você

¹⁹⁵ Que também está localizado na Praia do Náutico, e que durante pouco tempo, abrigou um dos núcleos do Programa Espaço Oriental com aulas no período da tarde.

tem que tá presente!'. 'Tá bom, que horas?' Viemos. E um telão enorme. Nós ficamos fazendo nossa apresentação, mesmo no asfalto. E no telão, as pessoas fazendo sua caminhada olhando. E em dado momento, no intervalo, uma pessoa disse: 'quem é M. M.? Quem é M. M.?' Eu digo: 'sou eu!'. Lá atrás. 'Diga'. Tem uma pessoa te chamando ali. Que eu olhei era uma crateuense. Me viu no telão. Aí ela: 'não é a tia M. M., não?...'. Que lá me chamam de tia M. M.. 'Não é a tia Magda, não pode, não pode'. Que olhou no chão tava a Mariana e eu fazendo os meus exercícios. 'Vou já ligar pra madrinha Sonia!'. E ligou pra madrinha dela. 'Madrinha Sonia, advinha quem tá aqui no asfalto, fazendo Tai Chi Chuan? Olha, saindo no telão, eu aqui fazendo caminhada, a tia M. M.!'. Menino, então isso aí, pra mim, é confortável. Pras pessoas que achavam: 'ah, tadinha', sabe?

[...] nós fomos dançar quadrilha em junho. E aí eu fui entrevistada, e tal. A TV Diário veio, e eu dançando aqui com a Mariana e com o professor. E daí todo mundo na televisão. Lá se vai a M. M., ser celebridade. Quando eu tô aqui, até de ônibus uma funcionária das Casas Freitas olhou assim pra mim e disse: 'a senhora saiu na televisão?' Aí eu disse: 'quando?' 'A senhora dançando quadrilha'. Aí disse: 'ah, sim, saí!' 'Eu não disse fulana, essa aqui é minha cliente!' E isso é tão gostoso, porque as pessoas reconhecem a gente. E eu, quem me deu essa oportunidade: o Tai Chi Chuan. [...] Eu acho! Pela maneira que eu sou, assim, a maneira de ver as coisas. Eu gosto! Eu gosto de ver gente!

A prática do Tai Chi Chuan para ela passou a representar uma possibilidade de enfrentamento às condições de precarização que vivenciava não apenas no que diz respeito a sua saúde, mas também com relação ao tipo de imagem corporal que passa a ser construída em torno de si. Um corpo que não se apresenta como nos modelos socialmente idealizado de beleza, saúde ou desempenho físico, é corriqueiramente marginalizado, e as possibilidades de construção de uma sociabilidade a partir do mesmo se encontram sempre em posição de subalternidade, não por alguma incapacidade biológica que apresente para isso, mas pelas restrições sociais com às quais passam a ter que conviver em decorrência desses corpos. M. M. continua a utilizar seu balão de oxigênio dado à irreversibilidade de sua doença. Contudo, a possibilidade de uma reorientação no desenvolvimento de sua imagem corporal por conseguir articular-se corporalmente de maneiras outrora desconhecidas, seja através realização de movimentos que antes não conseguiria desenvolver, ou mesmo pelo reconhecimento que passa a ter de si mesma e pelos outros, apresenta-se, pois como possibilidade de desenvolvimento de uma sociabilidade antes não experimentada.

Além do relato de M. M. sobre como a prática influenciou em aspectos relacionados à auto-estima, outra aluna, E. M, advogada, 45 anos traz em seu relato a perspectiva de como a prática do Tai Chi Chuan ajudou-a a lidar com problemas de depressão com os quais convivia havia anos. O mal estar e a instabilidade emocional

que vivenciava lhe proporcionavam repercussões corporais tais como dores na musculatura e nas articulações, além de uma sensação constante de apatia como revela a partir do relato:

Eu queria dormir, sabe? Só dormir. Eu ficava pensando assim coisas, bobagem, né? Pensando assim ‘meu Deus, por quê?’. Questionava né? ‘Por que eu? Porque eu nunca fiz mal a ninguém, eu não sou ruim, eu sou uma ótima esposa, uma excelente mãe, eu fui uma excelente filha pros meus pais. Por que tá acontecendo tanta desgraça na minha vida?’ Desgraça que eu digo, assim, de doença, doença, doença, de num parar. De chegar um tempo de dizer assim ‘parou!’, entendeu? E eu me questionava sobre isso. Então a depressão tava me levando no fundo do poço, ao ponto de eu ficar chorando, de ficar... Eu nunca pensei graças a Deus em morrer, porque gente que tem depressão a pessoa pensa até em acabar com a vida, né? Eu graças a Deus não cheguei a esse ponto. Mas eu cheguei ao ponto de querer só dormir, de não querer fazer mais nada, de ficar em casa só dormindo. Então a depressão leva a isso, a pessoa só dormir, dormir, dormir, pra não pensar em nada

Um dos acontecimentos marcantes em sua vida e que corroboraram para o abalo emocional vivenciado por E. M. foi o processo de adoecimento de seu esposo, como ela conta:

Eu tenho meu marido doente, essa doença já vem persistindo há cinco anos. É uma coisa em cima da outra, e isso tava me perturbando. Eu não vou nem dizer profissionalmente, porque eu não tô atuando na minha área mais. Mas eu digo assim, psicologicamente. Eu tava muito perturbada, e eu já tava desencadeando pra uma depressão. E o que me tirou essa depressão foi aqui, eu tenho certeza. Não foi remédio... Aliás, eu até tomava, né? Tomava lexotan, tomava remédio, e tudo. E continuava as dores, continuava aquela perturbação na mente. E meu espírito também tava muito abalado. Então foi isso aí. E eu devo a Deus e ao Tai Chi, que eu conheci que eu comecei a melhorar, então a vida pra mim mudou.

Sobre esse último aspecto relatado em sua narrativa, peço para que ela me fale sobre essa relação com a prática do Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental, e em que ela ajudou-lhe a lidar com o processo de depressão que vivenciava.

Ah, porque aí eu conheci outras pessoas, conheci outros costumes... Aí então, nessa amizade, e com os exercícios no qual eu vinha fazendo, eu fui, aos poucos, fui perdendo, né? Fui voltando a sentir o gosto pela vida, até comecei a me arrumar de novo, que eu tinha até relaxado um pouco, porque a depressão causa isso também, né? A pessoa se sente uma ninguém, se sente uma pessoa inútil, uma pessoa que não é operacional, enfim um nada. E isso aí, eu digo sem medo de errar, que esse exercício aqui nas manhãs foi quem me tirou desse fundo do poço.

Sobre as sensações que passou a experimentar a partir da prática do Tai Chi Chuan ela revela:

Ah, eu me sinto bem, eu me sinto um bem estar. Fisicamente eu me sinto com mais vigor. Eu me sinto mais pronta pro dia a dia, que eu não tinha essa empolgação assim pro dia a dia [...] e o exercício me fez voltar a viver novamente. O meu corpo... Eu fiquei mais rígida, falando assim do corpo, eu me senti mais durinha, que eu tava muito flácida. E eu pensei que o Tai Chi não deixasse as pessoas com os músculos... Mas deixa, né Saulo? Os músculos mais durinho. Eu tava muito flácida. Eu agora tô com mais vontade até de viver, e me senti até mais bonita, assim do corpo, sabe?

A partir das experiências relatadas por M. M. e E. M. devemos destacar que os elementos que incidem para a forma como muitos desses alunos se apropriam, e para os sentidos que constroem em torno da prática do Tai Chi Chuan, estão intimamente vinculados aspectos que vivenciam através de suas experiências corporais. Devemos levar em conta para essa análise que um dos fatores importantes para as apropriações do Tai Chi Chuan por essas pessoas remete a maneira como constroem essas experiências a partir de suas *imagens corporais*. O termo aqui empregado refere-se não apenas na maneira como se representa e se projeta o corpo socialmente, mas, sobretudo, em como se constroem as experiências vividas a partir do mesmo (LUPTON, 2000; HELMAN, 2001). Esse conceito de *imagem corporal* fundada na *experiência* nos remete a idéia de um *corpo vivido*, e apresenta-se como elemento fundamental para a percepção dos modos como esses indivíduos constroem para si, e os modelos através dos quais experimentam os processos de saúde e doença, disposições de gênero, envelhecimento, modificações corporais, e suas práticas em torno da corporeidade de maneira geral. Ajuda-nos a compreender os processos que ocorrem sob a pele, ou seja, de natureza, fisiológica e orgânica, e sua relação com os processos que ocorrem para além dela, seus desdobramentos de ordem social. Nesse sentido o *corpo vivido* constitui-se de bem mais do que apenas o corpo imaginado, representado, ou simplesmente o corpo biológico.

A imagem corporal de si vivenciada por esses alunos seja através do que experimentam a partir do corpo, ou da forma como os outros o percebem, é construída por uma perspectiva negativa a partir daquilo que vivenciam em decorrência das problemáticas de saúde com as quais lidam cotidianamente. Podemos remeter às discussões sobre a experiência propostas por Benjamin (1986) e Agamben (2008), como trabalhado anteriormente, para constatarmos que a experiência vivenciada por essas pessoas, mediada por aquilo que experimentam corporalmente, é de grande precariedade e empobrecimento. Essa perspectiva negativa em torno de sua corporeidade é originada, como nos fala Marzano-Parisoli (2004), a partir da projeção de um ideal de corpo ocidental contemporâneo, aquele enxuto, compacto, jovem, livre dos sinais do

tempo, de processos rápidos e resultados imediatos. Nesse sentido, os indivíduos que não conseguem atingir esses modelos acabam vivendo uma situação de diminuição de prestígio social em decorrência, por exemplo, de se encontrarem em uma faixa etária elevada, ou de apresentarem alguma enfermidade que lhes proporcione alguma dificuldade e mal-estar não apenas corporal, biológico, mas também psico-social. E em decorrência disso, modificam a maneira como vivenciam e constroem determinadas experiências em seu cotidiano. Entre essas pessoas encontramos idosos, pessoas com enfermidades que “restringem” suas funções motoras¹⁹⁶, pessoas acima do peso convencionado como normal, entre outros. Ter alguma dessas características associadas a si, acaba se tornando um elemento de distinção social negativo, a qual não se quer estar associado.

Seja pelo constrangimento de alguma “imperfeição” que o corpo venha a apresentar ou por não ser mais tão jovem, a relação que esses indivíduos experimentam a partir dessas características corporais os conduz a uma situação de silenciamento social. A eventual “fragilidade” que carregam passa a representar o símbolo de um atrofiamiento que se inscreve não só na superfície corporal, mas nas relações sociais que deixam de desenvolver a partir desse corpo. Esses processos de privação e exclusão de certas esferas do convívio social produzem no indivíduo um sentimento de vergonha, inadequação, uma angústia socialmente instalada por não sentir-se bem corporalmente. Por outro lado, é perceptível no relato dos alunos, e na própria observação deles e de como agem durante as aulas, que praticar Tai Chi Chuan significa não apenas uma melhoria na saúde do organismo, do fortalecimento e do aumento nas habilidades corporais. Fomenta também a possibilidade de construção de novas perspectivas de experiências no mundo da vida como um todo, por sentirem-se/perceberem-se corporalmente diferentes do que se apresentavam antes da prática. Esse se constitui de outro elemento importante para as perspectivas de apropriação do Tai Chi Chuan desenvolvidas pelos alunos do Programa Espaço Oriental. A repercussão dos benefícios atingidos com a prática para outros âmbitos de suas experiências de vida é algo recorrente nas falas. Sobre esse assunto o aluno M G., empresário, 60 anos nos fala:

Contribui muito na minha vida nesse sentido [...]. Vamos supor, pra enfrentar um problema, eu já enfrento com mais calma porque você passa o dia mais

¹⁹⁶ Como doenças degenerativas tais como artroses, reumatismos, protrusões discais (desgaste nos discos intra-vertebrais), apresentadas, por exemplo, por muitas das pessoas que praticam Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental

light [...]. A respiração [...] uma respiração compassada, tranqüila, ta entendendo? [...] Às vezes você vai enfrentar um problema, e é uma notícia de última hora, a pessoa fica, ou emocionada, ou chateada. E cai o biorritmo da pessoa. E às vezes, a pessoa que exercita mais o Tai Chi Chuan [...] já ajuda nesse sentido, porque você enfrenta a coisa com mais serenidade, tranqüilidade, e passa a ver o mundo de outro jeito, né? No aprofundamento do exercício.

Vejamos também a fala de F. A., administrador aposentado, 60 anos, e que continua a exercer sua profissão através de trabalhos voluntários em sua cidade natal, Anassés¹⁹⁷

Passei a ter mais disposição para o trabalho, para o dia a dia, tenho um pouco mais assim de calma, acalmar um pouco, tenho um pouco mais de paciência para as coisas. Foi muito interessante, uma experiência muito boa.

A psicopedagoga M. R., de 68 anos fala sobre como a prática dos exercícios ajudou-a a lidar com o problema da ausência de seus filhos, que provocaram nela o que ela chama de “síndrome do ninho vazio”

Eu acho que melhora o ânimo, não é? Por exemplo: atualmente que eu tô com a síndrome do ninho vazio. Que os meus filhos já, tem um no Paraná, tem outro na Espanha... Então eu não sinto, me completa muito. Quando eu venho, eu não sinto a ausência. Pro isso. Eu me sinto muito energizada, muito harmonizada.

Sobre essas repercussões das técnicas corporais taoístas, tais quais as do Tai Chi Chuan, e suas relações com os demais âmbitos da existência do praticante, podemos perceber, como nos mostram os estudos de José Bizerril, que elas consistem em:

[...] uma reorientação existencial cujo eixo é uma transformação significativa do esquema corporal e da consciência corporal. [...] Trata-se de aprender a utilizar o corpo de uma maneira característica e de desenvolver um modo específico de se relacionar multissensorialmente com o mundo, o corpo dos outros e o próprio corpo. [...] O corpo do praticante é um índice de seu estado de realização, não meramente por sua aparência, mas por seus recursos e condições (BIZERRIL, 2011: 86)

Como apontado anteriormente, aquilo que se vivencia corporalmente, o relaxamento, o estado de serenidade, passa a ser também um mediador na construção das experiências de vida nos mais diversos âmbitos por parte dessas pessoas. Alguns dos alunos entrevistados relataram que realizavam ou tinham realizado até um período recente, outras modalidades de atividades corporais. A comparação entre o Tai Chi

¹⁹⁷ Distrito de Cascavel, uma cidade do interior do Ceará.

Chuan e as modalidades de atividades/exercícios físicos que haviam desenvolvido até então se constitui de um traço marcante através do qual construíram sua experiência de apropriação no Programa Espaço Oriental. E esse, portanto, foi um elemento que procurei levar em consideração durante suas entrevistas.

O já mencionado F. A. conta que em decorrência de dois carcinomas¹⁹⁸ têm evitado a prática de exercícios corporais que lhe exigem muito esforço.

Tive alguns problemas de saúde. Tive cirurgias pesadas. Tive dois carcinomas, carcinoma renal, carcinoma no pâncreas. Então eu evito esportes mais... Ou exercícios mais fortes. Então eu achei que o Tai Chi se enquadrou exatamente naquilo que eu tava precisando. Fiz a primeira experiência, adorei, gostei muito realmente, e tô muito satisfeito. [...] Eu já tinha inclusive sido recomendado. Os médicos há muito tempo que “oh, faz exercício, faz exercício!”. E eu não me dou muito com exercícios muito pesados. Eu vejo a turma aqui passando correndo, e eu não tenho condição de tá numa correria dessa aí.

Antes de freqüentar as aulas de Tai Chi Chuan ele era praticante de *Pilates* e conta que não se sentia muito bem durante as aulas em decorrência das exigências que lhe eram feitas pela professora. Ao pedir para ele me fazer uma descrição de como ele percebe os exercícios de Tai Chi Chuan, ele traça uma comparação com sua prática anterior

Bom, eu vejo assim como exercícios de alongamento e também de respiração e também um pouco de reflexão. Calhou exatamente no que eu tava querendo, no que eu tava precisando. Principalmente na parte de estiramentos, flexão. Achei muito interessante. É tanto que gente até entrou no Pilates, mas eu achei o Pilates muito puxado, e acabou que juntando as duas coisas, a gente não tava se sentindo muito bem. O Pilates era um pouco estressante assim, aquela coisa de “você tem que fazer, e tal”. Aqui não, você faz de uma forma muito mais leve, muito mais suave.

Pergunto em seguida se continua com a prática do *Pilates*, e ele responde:

Não, a gente abandonou, porque eu tava... Eu sentia como uma atividade estressante. Não sei se era o ritmo da instrutora lá, que ela ficava assim meio cobrando, e tal, e aquela coisa. E no primeiro dia você fazendo a mesma coisa que você vai fazer daqui a cem dias. Aqui não, se você não quer fazer dez vezes o exercício, você faz oito, faz sete, faz seis, não faz nenhuma. Tá entendendo?

¹⁹⁸ Carcinoma é um tumor cancerígeno maligno.

O empresário M. G., 60 anos, compara a prática do Tai Chi Chuan com as outras atividades físicas que desenvolve paralelamente. Essas impressões ficaram evidentes para ele desde seu primeiro dia de aula.

O primeiro dia de aula foi ótimo pra mim porque eu pratiquei alongamento, pratiquei respiração. Nunca pensei de ter tempo assim de parar, porque no *cooper* a gente não para. E pra mim foi muito bom porque eu fiquei mais calmo, mais tranquilo, mais a vontade. Que eu num pensaria que tivesse assim um tempo pra parar e pra me exercitar, e pra ter paciência de praticar. Porque eu gosto de andar, de nadar, uma coisa mais rápida, né? Mas aí graças a Deus deu tudo certo. [...] A prática do exercício no caso do Tai Chi Chuan é bom porque a pessoa fica mais flexível no corpo, fica mais flexível pra apanhar alguma coisa, pra subir, pra andar. Você vai aprender naquela aula, aprender a alongar, pra quando você for andar ou for nadar, você fazer um alongamento mais completo [...]. A gente aprende a se alongar pra praticar outros esportes e pra vida cotidiana.

Ainda sobre comparação com outras atividades corporais, trago à evidência o relato de M. W., professora aposentada, 69 anos. Ela conta que sofre de hérnia de disco¹⁹⁹, o que fazia com que tivesse sempre muito cuidado com seus movimentos corporais, e que sempre agia com cautela ao começar ou experimentar uma nova modalidade de atividade física. Esse foi um dos fatores que incidiu sobre suas primeiras experiências de prática do Tai Chi Chuan.

Primeiro porque eu sou muito tímida. Segundo, porque como eu tenho essas hérnias de disco, eu fico muito com o pé atrás, com medo de mexer errado, usar o, os exercícios erradamente e dar algum problema, não é? E aí o professor sempre, eh, assim: 'Não puder fazer esse não faz. Cuidado e tal' E aí é que eu ficava um pouquinho mais preocupada, depois eu fui me soltando.

Ela conta que durante oito a dez anos havia praticado Yoga, mas que por recomendação médica, começou a praticar Pilates com o intuito de fortalecer a musculatura de sua coluna para protegê-la de eventuais agravos em seus processos de hérnia de disco. Ela fala que após algumas semanas praticando Tai Chi Chuan resolveu abandonar a outra modalidade. Ao pedir para me relatar sobre como ocorreu esse processo ela me fala inicialmente da experiência de suas primeiras aulas de Tai Chi

¹⁹⁹ Uma degeneração nos espaços intra-vertebrais da coluna, que pode ocasionar em um rompimento desse espaço pelo disco intra-vertebral. Este é um processo irreversível com o qual o portador tem que conviver durante toda a sua vida, e pode se desenvolver em três níveis. Em uma *protrusão discal*, que consiste em uma lesão no disco intra-vertebral. Em um nível intermediário, a *hérnia de disco*, que aparece quando parte do disco extravasa a vértebra, e facilmente pode atingir um nervo da coluna, o que proporciona fortes dores ao portador. E em um terceiro e crítico nível que é o estado de *extrusão discal*, que acontece quando o disco extravasa completamente a vértebra, e neste caso a única solução é a intervenção cirúrgica para a substituição do disco intra-vertebral perdido por uma prótese.

Chuan. Nesse contexto, remete a primeira experiência que teve comigo enquanto seu professor:

Eu comecei observando, e sem querer fazer os exercícios, com medo de não acertar, de errar. E aí você me estimulou: ‘Ah, faça, faça o que você puder, dentro do seu limite...’ E aí eu comecei, e vi principalmente a parte de alongamento, que era bem fácil. E aí naquela hora passou na minha cabeça: ‘Eu vou vir alguns dias, ou todos os dias se possível, pra, pra eu fazer uma avaliação’. E na minha primeira e segunda semana foi com muita atenção, com muito cuidado, exatamente com o objetivo de ver o que era que ia melhorar pra mim. O quê que era diferente da yoga e do Pilates? [...]. É tanto que eu optei pelo Tai Chi e deixei o Pilates, porque eu achei que... Não é exatamente igual, claro. Mas o que eu precisava que era alongamento, respiração, cuidar da respiração, então, tudo isso que o Tai Chi trabalha, é exatamente o que a gente... Acho que a gente precisa. E não estou sentindo muita falta do Pilates não, viu?

M. W. fala dos benefícios adquiridos a partir da prática do Tai Chi Chuan:

E eu também acho que eu devo assim a minha saúde atual desde a época que eu estou, deve ter mais de 3 anos, nem sei. Acho que são mais de 3 anos que eu, por exemplo, gripe eu não tenho. A minha *osteopenia*²⁰⁰ melhorou muito, que é claro com os exercícios... A gripe eu acho que é a gente trabalhando a respiração. As minhas tonteiras acabou-se também, e acho que é exatamente equilíbrio. E eu faço uma propaganda imensa, assim, as pessoas que eu encontro e que eu gosto, ou que eu não conheço, eu indico o Tai Chi aqui, que realmente é muito, muito bom. Eu espero que isso aqui a gente tenha sempre essa oportunidade, que nunca, nunca acabem com isso, né?

Para além dos ganhos no de diz respeito a sua saúde, outro elemento que incide de maneira considerável para as experiências de prática do Tai Chi Chuan no contexto do Programa Espaço Oriental, diz respeito aos vínculos estabelecidos com o professor. Tendo em vista que ela iniciou a prática comigo e que é dela que está tratando no relato inicial da entrevista, ela começa a falar dessa experiência referindo-se a mim na terceira pessoa do singular como “o professor Saulo”. Essa se constitui de uma tentativa de atribuir certo distanciamento em sua fala, como se não fosse a mesma pessoa com quem estivesse falando com ela ali naquele momento, e a quem ela se refere em seu relato. Contudo esse distanciamento parece não se realizar plenamente na narrativa.

O professor Saulo, você sempre agiu sempre assim, como um amigo, terapeuta [...] Não era só os exercícios, a gente também... Eu particularmente sempre aproveitei muito, muito mesmo essa parte assim, por causa da compreensão. A gente começava a conversar, e acabava que eu aproveitava de um modo assim positivo o que a gente conversa. A gente aprende muito. É

²⁰⁰ Doença que implica na diminuição da densidade mineral dos ossos entre 10% e 25%. Uma diminuição mais elevada que essa é classificada como osteoporose. Ambas implicam no enfraquecimento dos ossos.

uma troca, mas eu tenho certeza que eu recebi muito mais do que eu dei, né? Do que eu ofereci. E também, eu acho, não sei se é porque eu me apaixonei pelo Tai Chi (fala rindo), eh, eu acho, principalmente pelos professores, porque a gente tem tido muita sorte.

Esse vínculo construído com o professor apresenta-se como um elemento marcante que orienta o processo de apropriação dos alunos tendo em vista os laços de confiança e idéia de prestígio que se constrói em torno dessa figura. Devemos levar em consideração que a maioria das pessoas que atualmente praticam Tai Chi Chuan no Espaço Oriental são aposentados, e alguns chegam a passar muito tempo reclusos em casa. O vínculo com o professor apresenta-se, pois como um dos primeiros laços de sociabilidade desenvolvidos ao começarem a participar do Programa. O professor é geralmente a primeira pessoa com quem estabelecem contato ao chegarem ao grupo. É ele quem, além de ensinar os movimentos, apresenta-se como mediador no estabelecimento da sociabilidade entre o aluno novo e os demais integrantes do grupo. Ele apresenta-se também a figura que está sempre disposta a ouvir o que os alunos têm a dizer sobre esse processo de aprendizagem, e que está sempre tentando desenvolver novas estratégias que potencializam o aprendizado do Tai Chi Chuan.

Um fato a ser destacado diz respeito à permanência desse vínculo enquanto professor que os nove alunos entrevistados que treinaram comigo (e mesmo os outros que não o fizeram) ainda preservam para com a minha pessoa. Esse vínculo também gerou algumas implicações durante desenvolvimento da pesquisa como veremos. Sempre durante minhas idas ao núcleo do Anfiteatro Flávio Ponte, após o meu desligamento da função de professor, seja durante os processos de pesquisa ou mesmo nas visitas informais que fiz em outros momentos, era notável que os alunos continuavam me tratando, e se referindo a mim enquanto professor, “o professor Saulo”. Sempre que retornava ao local continuavam chegando a mim para falar sobre seu processo de aprendizagem no Tai Chi Chuan, para relatar os benefícios, e as eventuais dificuldades com as quais tem se deparado durante a prática, para me pedir orientações sobre os movimentos, para me falar sobre suas vidas e retomar muitos dos assuntos que havíamos iniciado na época em que era seu professor, para me pedir conselhos sobre as mais diversas situações vivenciadas. Um laço que se estabeleceu durante os quase três anos de convivência diária com algumas daquelas pessoas, e que nos fez vivenciar uma experiência de transmissão e aprendizado à longo prazo tal qual a recomendada pelos antigos mestres. Mas que se manifestava também a partir de uma infinidade de novas

apropriações que ali são desenvolvidas, como os que temos destacado até o momento. Esse vínculo também faz com que geralmente se refiram com certa positividade, não apenas com relação à forma como se desenvolvem na prática do Tai Chi Chuan, como também em relação à figura do professor de maneira geral. Essa foi uma posição que tive que tentar constantemente relativizar durante as entrevistas, para não acessar uma imagem por demais idealizada em torno do papel desempenhado pelo professor, e no que diz respeito também a minha pessoa.

Contudo, esse vínculo com os interlocutores me proporcionou vivenciar uma situação particularmente inusitada durante a pesquisa. Ao retornar ao campo em julho de 2011 para realização de entrevistas e observações, resolvi chegar ao núcleo sem comunicar previamente minha visita. Como não planejava nenhuma entrevista para meu primeiro dia e iria apenas realizar observações, não me comuniquei acerca de visita com o professor antecipadamente ²⁰¹. Ao chegar ao local uma surpresa: havia outra profissional estava ministrando aulas no lugar do professor A. W.. Inicialmente pensei que se tratava de alguma programação de férias promovida pela Prefeitura Municipal, que sempre nos meses de julho e janeiro realiza intercâmbios entre os núcleos ²⁰². Mas ao fim da aula pude falar com a professora substituta, J. F., que me explicou que a Secretaria de Esporte e Lazer havia dado duas semanas de recesso aos professores a partir daquela semana. Como ela havia reingressado ao quadro de professores recentemente, acordara com a Secretaria que alternaria as aulas entre seu núcleo e o Anfiteatro Flávio Ponte durante dois dias na semana (terça-feira e quinta-feira). O fato de ter outro profissional no núcleo nessa ocasião acabou proporcionando algumas repercussões para o curso das aulas durante aqueles dias, e por consequência, para as atividades de pesquisa realizadas naquele período. Esse foi inclusive um assunto que repercutiu durante as entrevistas com alunos, e por mais que não fosse um tema elencado previamente no roteiro que propus, passei a ter que lidar com ele também. Esse, pois se constituiu de um assunto recorrente na fala de muitos, e que, portanto

²⁰¹ Sempre que retornava a Fortaleza, seja para coleta de dados para a pesquisa, ou apenas para alguma visita, entrava em contato com o professor do núcleo antecipadamente, avisando de minha chegada, para conversarmos um pouco sobre os últimos acontecimentos do Programa, e para comunicar minha visita.

²⁰² Nos meses de julho e janeiro os programas da Secretaria de Esporte e Lazer do município de Fortaleza entram em uma programação especial intitulada *Fortaleza em Férias*. Geralmente o que ocorre é outros núcleos vão realizar aulas conjuntas no Anfiteatro Flávio Ponte. É uma estratégia adotada pela Prefeitura para, além de promover a interação entre os praticantes de localidades diferentes, para dar visibilidade ao Programa nos meses de férias, tendo em vista que o local das aulas constitui-se de um ponto com forte apelo turístico na cidade.

trago à análise a partir de agora, pois apresenta uma das implicações de meu envolvimento prévio com os interlocutores. Vejamos a que isso levou.

A professora substituta apresentara um modelo de aula consideravelmente diferente da proposta desenvolvida pelo professor regular do núcleo, A. W. Os exercícios eram realizados eminentemente no chão, com muitos movimentos de força e alongamentos, que exigiam consideravelmente uma destreza física elevada por parte dos alunos. O fato é que o grupo que ali realiza a prática do Tai Chi Chuan é composto em sua maioria por pessoas acima dos 50 anos de idade, dos quais a maioria possui algum problema de saúde identificado, como artroses, hérnias de disco, labirintite, reumatismo, entre outros. Foi claramente perceptível para mim o esforço e desconforto com que realizavam os movimentos durante aquelas aulas. Percebia isso através das expressões em seus rostos, das poucas repetições que conseguiam fazer das seqüências propostas, e até mesmo em alguns gemidos de dor após a execução dos exercícios de maior impacto. Eu mesmo pude experimentar uma daquelas aulas, e constatei por mim mesmo a intensidade dos exercícios que propunha, e que exigiam grande esforço e desgaste físico para sua realização. Contudo, em contraste a isso, ao fim da aula o profissional sempre perguntava aos alunos o que eles haviam achado daquele momento, e as resposta que ouvi eram sempre positivas, de aprovação. A impressão que me ficava era que eles não queriam desagradar a professora visitante.

A dinâmica de movimentos até então apresentada àquelas pessoas por seu professor regular, era composta por exercícios de baixo impacto articular e muscular, com poucas séries de movimentos consecutivas e nem muitas repetições. Tal iniciativa possui como intuito principal evitar o desgaste físico durante a aula, e as poucas séries propostas favorecem um aprendizado com melhor qualidade, ao invés de mera repetição mecânica do que propõe o professor. Uma das principais críticas costumava ouvir de alguns alunos na época em que era professor do núcleo, e a qual se referiram também quando retornava lá para as visitas, dizia respeito a esse tipo de dinâmica. Alguns alunos se queixavam que eu ensinava poucos exercícios por aula, e que passava muito tempo praticando as mesmas seqüências. Algumas dessas pessoas queriam sempre aprender novos movimentos, e se queixavam quando eram apresentadas a elas as mesmas seqüências de movimentos consecutivamente. A nova dinâmica de aulas proposta por J. F. havia apresentado, além de novos movimentos, um novo limite de desempenho corporal aos alunos, e alguns intentavam a todo custo atingi-lo, mesmo que com muito pesar.

Um momento especificamente foi crucial para o desenrolar dos acontecimentos naquelas duas semanas. Após o término da aula no primeiro dia de minha incursão em campo naquele mês, a professora substituta cumprimenta os alunos e, após as manifestações positivas acerca de sua aula, comenta com eles que havia acabado de reingressar ao Programa após um período de afastamento. Havia sido recentemente lotado em seu antigo núcleo, e a Secretaria havia lhe incumbido de assumir também um novo núcleo inaugurado do Programa, localizado no Curió (bairro de periferia da cidade de Fortaleza). Após essa fala, propôs aos alunos que, se eles tivessem gostado de fato da aula realizada ali àquela manhã, ela estaria disposta a trocar de núcleo com o Professor A. W.. O argumento apresentado é que o núcleo do bairro Curió era próximo da casa deste professor, e que o da Beira-mar era de mais fácil acesso para ela. Para que essa troca fosse viabilizada, bastava que os alunos telefonassem para a Secretaria de Esportes, falando sobre o interesse em tal mudança.

Percebi a empolgação por parte de poucos alunos, que se encantaram com a novidade dos movimentos apresentados, e um desconforto da grande maioria com a proposta. Após a saída da professora do núcleo alguns alunos vieram falar comigo sobre o ocorrido, e pediram minha opinião sobre o que ali estava se passando. O fato é que mesmo após meu desligamento daquele núcleo e afastamento profissional do Programa Espaço Oriental, ainda preservaram-se os laços da relação professor-aluno com as pessoas daquela localidade, e ainda mais, os laços afetivos que se configuraram ao longo de três anos de convivência diária. Não foi apenas naquele dia que os alunos chegaram a mim para relatar um desconforto com as aulas àquela semana, com a proposta de substituição do professor do núcleo, e com a forma como isso lhes havia sido posto. Ao longo dos dias que se seguiram, sempre ao fim das aulas, algumas pessoas vinham até mim para conversar sobre o acontecido, e para me pedir uma opinião sobre a situação. Esse foi um tema que os alunos trouxeram à tona inclusive durante as entrevistas, principalmente em um tópico onde pedia para me falarem sobre como se configurava sua relação com o professor de Tai Chi Chuan. Neste ponto das entrevistas, alguns alunos realizavam uma comparação entre seu professor efetivo, A. W, e a professora J. F., que veio substituí-lo durante àqueles dias. Vejamos o que nos dizem alguns deles sobre essas abordagens distintas entre os dois professores na proposição do Tai Chi Chuan. A já citada M. W. 60 anos relata suas impressões sobre os tipos de exercícios e o cuidado com sua proposição por parte dos dois professores:

Mas ela chega, e eu fico assim, boba. Ela chega e manda ver desde o primeiro dia. O A. W. tem aquela preocupação. Eu tô falando o A. W. , porque você já faz mais tempo, né? O A. W. tem aquela preocupação ainda hoje, quando ele começa, quando ele vai...: “olhem, só olhem”. É assim, entendeu? Aí todo mundo olha. “Não façam agora, só olhem.”. Porque você vendo, aí você já tem noção, principalmente quando você baixa a cabeça [...] Ela não tem isso não. [...] pode ser falta também de didática, não sei. Ela é assim... Ela chega, aí começa, não importa... Não diz que é novo, o que é, como é.. Aí de repente, tem gente aí, teve uma pessoa aqui, eu não sei quem foi, mais eu ainda vou saber, que não veio depois dois dias doente, com dor. O povo não se preocupa de cuidar, ver o seu limite né? Aí quer fazer como ela. Pense uma moça de trinta e poucos anos, sei lá, ela disse que ta perto de quarenta, ou vai fazer quarenta, muito jovem, e que deve ter a vida inteira praticado aquilo, Então tem uma elasticidade. [...] Ela é ótima, ela sabe, mas pra gente, a gente precisa de uma coisa mais suave, mais tranqüila.

Na fala acima, M. W. evoca um elemento fundamental que incide para o processo de apropriação do Tai Chi Chuan desenvolvido pelos alunos, que reside na potencialidade do professor em adequar a proposição das técnicas às demandas das pessoas com as quais está lidando. Sem essa sensibilidade por parte do professor, o processo de aprendizagem não se efetiva plenamente, e os alunos, ao invés de adquirirem algum benefício com a prática, como relata ela, frustram-se com a eminência do não acompanhamento das aulas. Quando não, sem de lá com dores no corpo, o que os desestimula a continuar. O senhor E. K., 77anos, ressaltava também uma preocupação com a relação entre a abordagem da nova professora e suas implicações para a integração entre as pessoas que ali praticam Tai Chi Chuan. Ele aponta que a iniciativa apresentada pela nova professora gerou um clima de tensão e apreensão entre as pessoas com a eminência da substituição do professor que quem já estavam habituados. Ele receava que a nova dinâmica de aula pudesse culminar inclusive para um afastamento dos alunos que não conseguissem acompanhar o ritmo dos exercícios propostos.

Tem que servir em geral. Aquele serve pra gente... gente especial. Eu, pelo menos não mais ligar aqui quando aparecer. Continuar com ela quebra. Tem uma senhora diz que adoeceu e não apareceu mais. Não pode. Gente novo dá! Aquele tipo, esporte premiativo que faz daquele jeito. Não é aqui área de demonstração de esporte. [...] Ela bom inventar escola de Tai Chi, academia cobrando, vai atrás quem é novo, que possível. [...] Tipo esportiva, aqui não. [...] Esse objetivo nosso é harmonia, é saúde. E maior participante é idoso. Não é sustentável essa aula. Acaba até união de nós. [...] Tem que entender global. Não adianta especialista na melhor. E o objetivo não é só Tai Chi não. Tem mais que criar união, sentido, confiança. Cada um tem que resolver melhorar nosso ambiente. Eu não... Por que fazendo essas coisas é que queria criar melhoramento de nosso ambiente.²⁰³

²⁰³ O aluno E. K. é de origem japonesa, e apesar de ter passado a maior parte de sua vida adulta no Brasil (reside no país há mais de cinquenta anos), ainda apresenta dificuldades com o idioma português, o que

Uma aluna não identificada que ouviu a fala de E. K complementa, durante um dos momentos em que os alunos chegaram a mim para conversar sobre os acontecimentos daquela semana no que diz respeito a possível substituição do professor:

Ela faz muita coisa que a maioria não acompanhou. Essa é a realidade. Como o senhor diz²⁰⁴, não tem discussão. É uma realidade, uma cultura que está aqui, entendeu? São pessoas idosas. Vão perder? Eu acho que tem que dar prioridade às pessoas idosas, e não àquelas mocinhas temporárias, como uma chegou aqui na segunda aula, bem novinha, pra completar a moça não era nem daqui do estado, tava passageira: “ai eu vi aquela professora, foi ótima...”

O modelo proposto pela nova professora parecia ameaçar, não apenas a dinâmica de aulas com a qual estavam habituados, mas também os laços de sociabilidade que ali haviam se estruturado entre os alunos. Em primeiro lugar, no que diz respeito à natureza dos movimentos propostos por ela, que iam de encontro às possibilidades de realização plena tal qual apresentadas pela maioria dos alunos. Essas técnicas impunham a eles um novo limite de desempenho corporal que não se adequava às demandas das pessoas que ali praticam Tai Chi Chuan, em sua maioria de idosos, com algum problema de saúde. Esses dois últimos aspectos constituem-se de elementos que incidem de maneira significativa para o firmamento desse sentimento de vínculo entre os alunos, pois diz respeito a uma identificação de condições compartilhadas pela maioria das pessoas que compõem o grupo. A prática dos novos exercícios apresentados pela professora J. F., muito mais do que proporcionar uma melhoria na saúde e nas condições corporais gerais dos praticantes, gerava neles uma tensão em querer atingir o novo limite proposto. E essa é uma dinâmica que já haviam experimentado em outros âmbitos de sua existência, ao tentar adequar-se aos modelos corporais socialmente hegemônicos, que propões corpos sempre jovens, esbeltos, livres de doenças, e que os frustravam na eminência de não atingi-los dadas às condições que vivenciavam concretamente. A prática daqueles “exercícios pesados”, como alguns designavam, viria apenas reafirmar a dificuldade daquelas pessoas em acessar esses padrões de corporeidade (ou desempenho corporal ideal) socialmente construídos. A prática do Tai Chi Chuan deixaria de ser uma possibilidade de enfrentamento e reorientação dessas

implica em sua articulação com essa língua. Nas transcrições de sua entrevista, procurei preservar as particularidades de sua oralidade.

²⁰⁴ Referindo-se ao colega E. K.

condições, para se tornar fonte de uma angústia reafirmada. Em segundo lugar, essa dinâmica de aulas expôs o grupo também a uma tensão no que diz respeito à ameaça da quebra do vínculo com o professor com quem já estavam habituados, e cujas aulas pareciam contemplar de maneira geral os alunos do núcleo.

Durante as duas semanas em que J. F. ministrou aulas no lugar do professor efetivo do núcleo, consecutivamente vários alunos chegavam a mim, mesmo fora dos momentos de entrevista, para conversar ou pedir-me opinião sobre os acontecimentos durante aquele período. Era como se coubesse a mim, na eminência de ainda me reconhecerem enquanto professor, apresentar uma solução para a problemática que vivenciavam naquele momento. Ressalta também o prestígio e a confiança (e às vezes até uma carência) que depositam de maneira geral na figura do professor não apenas no que se refere ao ensino das técnicas, mas também na orientação de suas tomadas de postura nos mais diversos âmbitos (principalmente no que diz respeito às atividades do núcleo). Tendo em vista minha posição de pesquisador naquele momento, mas sem deixar de lado a lucidez de meu minha posição enquanto praticante/professor de Tai Chi Chuan, meu zelo para com aquelas pessoas e entendimento da proposta conceitual na qual se fundamenta o Programa, falei que eu não poderia intervir diretamente nessa questão, mas recomendei que procurassem conversar com as pessoas envolvidas: os demais alunos, a professora substituta, e o professor efetivo do núcleo. Afirmar que a solução para situação surgiria através do diálogo entre as partes, e que a Secretaria não tomaria nenhuma decisão que fosse de encontro aos interesses da própria comunidade, tendo em vista que uma das diretrizes fundamentais que estruturam as políticas públicas de esporte e lazer propostas pela gestão, encontra fundamento na organização e na participação popular. A cautela com a qual tinha que proceder nessa situação era evidente. O posicionamento que tomasse poderia intervir na condução de minhas atividades de pesquisa, e ao que é ainda mais importante, para encaminhamento das atividades e da rotina do próprio núcleo na comunidade.

Ao retornar à localidade na semana seguinte, o professor A. W. recebeu, abismado, as notícias do que ali se passara durante sua ausência, pois nem sequer tinha conhecimento de uma eventual possibilidade de substituição como cogitado. Os alunos se firmaram convictos na posição de que não queriam a substituição de seu professor, alguns ameaçando inclusive afastar-se do Programa se tal substituição acontecesse. Eis que nos dias seguintes, muitos alunos telefonaram para a Secretaria de Esporte e Lazer,

narrando o acontecido e exigindo a permanência do professor A. W.²⁰⁵. Os alunos do núcleo organizaram inclusive um abaixo assinado para ser entregue na Secretaria com a reivindicação da permanência de seu professor efetivo. Essa perspectiva de integração entre os alunos se apresenta como um elemento importante não apenas para a resolução dos problemas que se apresentam ao núcleo, mas constitui-se também de um importante motivador que incide para as experiências de prática do Tai Chi Chuan que ali se desenvolvem. Os vínculos afetivos e de sociabilidade que se firmam entre as pessoas são um dos temas evocados com frequência pelos alunos ao ressaltarem os motivadores de sua frequência no núcleo.

Sobre esse ponto, a aluna W. L., 68 anos, aposentada, afirma que foi um dos principais elementos a incidir sobre sua procura inicial pelas atividades do Programa. Ela conta que se casou um imigrante japonês e passou parte de sua vida em trânsito entre algumas cidades do Brasil como Belém, Altamira e Fortaleza, além estadias no Japão para acompanhar seus filhos que lá foram estudar. Essas constantes mudanças de domicílio, como relata, fizeram com que ela e o esposo tivessem dificuldades em criar vínculos de sociabilidade nos locais onde se instalavam. Ela conta que descobriu o Programa Espaço Oriental na época em que estava se firmando na cidade de Fortaleza. Foi uma época muito difícil segundo ela, pois além da adaptação ao novo contexto de moradia, tinha que lidar também com a distância de três dos seus filhos que estavam morando fora do país (dois no Japão e um nos Estados Unidos). A escolha de se fixar em Fortaleza se deu pelo fato de que um dos seus filhos já morava na cidade, o que facilitaria instalação. Após a chegada à cidade, ela conta que ainda retornariam ao Japão para passar um período de oito meses, após a venda de um imóvel que tinham lá, retornam ao Brasil. Ao remeter ao período em que chegara a cidade de Fortaleza, ela inclusive se emociona e chora ao lembrar de todas as dificuldades de adaptação que vivera nesse contexto de tantas mudanças. Sobre esse período ela fala que uma das principais dificuldades foi em estabelecer contatos com as pessoas.

O pessoal daqui é muito fechado, tem dificuldade até de responder um bom dia pra gente no elevador, não é? Eu não tinha amigo nenhum, e vivia aqui numa coisa, numa tristeza. Quando as meninas ligavam: “mãe!”. Eu já chorava, ficava parada. “Mãe, você tá me ouvindo?!” Era horrível pra mim. Aí foi quando a Glória²⁰⁶, sempre ela vinha aqui me visitar: “como é que tá? Aqui é tão legal...”. Tá certo, mas faltava aquilo em mim, assim, convivência,

²⁰⁵ Fiquei sabendo desse fato durante a entrevista com a coordenadora do Programa, onde me foi narrado o desenrolar da situação.

²⁰⁶ Outra aluna do Programa Espaço Oriental

né? Porque eu sou uma pessoa assim que gosto de me dar com todo mundo, conversar... Ela disse assim: “olha eu vim aqui porque eu tenho uma novidade pra ti. Olha, eu falando com uma amiga minha, ela me falou que bem aqui perto de ti no Anfiteatro tem uma ginástica”. Ela não sabia nem o que é que era. “E disse que é muito legal, ela assistiu e tudo. Vai lá, quem sabe pra ti vai ser muito bom que é pertinho e tudo.” Aí tá bom, eu já caminhava, a única coisa que eu fazia era caminhada aqui. Aí eu peguei e desci um dia. Aí tava a sua aula e da Conceição²⁰⁷. Aí eu fiquei um pouco olhando, assim, aí eu desci e comecei a fazer com você. [...] Aí foi a partir desse dia que os horizontes abriram pra mim [...] Que eu sou uma pessoa muito comunicativa e fui me dando com as pessoas. Eu sei que pra mim, eu vivia aqui sentada no sofá, fazia as coisas, e ficava aqui. O César²⁰⁸ saía seis e meia pro trabalho, e o E. K.²⁰⁹ tentava me ajudar a ver alguma coisa, ia pro computador também. A nossa diversão era só mesmo caminhar de manhã. [...] Foi quando eu conheci o Tai Chi Chuan, fui me entrosando com as pessoas, e graças a Deus, eu acho que se eu tivesse ficado aqui com a minha mente só aqui, eu tinha entrado numa depressão, que é a coisa mais ruim pra mim.

Ela relata que em sua experiência de vida no Japão pode perceber que é comum a prática de exercícios corporais atreladas as mais diversas atividades do cotidiano das pessoas. Cita por exemplo o que acontece nas estações de trem, onde as pessoas, durante o trabalho, ou enquanto esperam os trens, param para a realização de exercícios de alongamento. Fala que lá as pessoas também cultivam muito o hábito de utilizar bicicletas para todo o tipo de deslocamentos. Era comum a existência de centros comunitários em todos os bairros, oferecendo as mais diversas modalidades de exercícios corporais por um custo insignificante, apenas para a manutenção dos equipamentos utilizados²¹⁰. Ela fala que aqui no Brasil, a possibilidade que encontrou de continuar desenvolvendo suas atividades físicas foi mesmo através do Tai Chi Chuan, e que além dos benefícios corporais, o que a atraiu nessa prática foi também a possibilidade de construção de novos laços de sociabilidade com as pessoas.

O esposo de W. L., o senhor E. K. (já referenciado), ressalta a importância da prática do Tai Chi Chuan nesse contexto como possibilidade para estimular o estabelecimento de vínculos entre as pessoas. Ao chegar ao Brasil uma das primeiras sensações de estranhamento que vivência dizia respeito à perspectiva individualista das pessoas. Todos parecem preocupar-se apenas com si mesmos, e esquecem-se das

²⁰⁷ Uma das primeiras alunas daquele núcleo, e junto com a senhora Marlene Lourinho, uma das responsáveis pela articulação para a instalação do Programa Espaço Oriental na comunidade. Ela fazia parte de um grupo chamado Bem Viver, que era voltado para a prática de atividades físicas pela “melhor idade”, como ela gostava de se referir. O grupo já desenvolvia aulas de ginástica e capoeira no Anfiteatro Flávio Ponte, antes mesmo da instalação do Programa Espaço Oriental.

²⁰⁸ Seu filho.

²⁰⁹ Seu marido, já referenciado no decorrer do capítulo.

²¹⁰ Ela costumava praticar natação e hidroginástica, e conta que era só depositar uma moedinha em uma máquina para liberar o acesso da população as atividades nos centros.

relações com a coletividade. Como exemplo disso ele relata suas experiências no trabalho com a agricultura na região norte logo que chegou ao país.

Sentia, porque o Brasil, assim, o rico, além da área e matéria prima, e clima. E tudo, é bom, grande, um dos maior do mundo, né? Mas porque tem assim muito pobre, e muito assim, contra a sociedade... Eu sentia, né? Aí depois, entendendo o português... Encontrei também no meu trabalho, agricultura, encontrei aquele, o desconfiança, que líder é que é muito corrupto. [...] Aí raízes, já conheci. [...] Por isso que eu to forçando isso, essas coisas. Isso, depende de povo, depende de povo, causas já muito longe, colonização vem aqui, não tem o igualdade, que um domina outro, muito aqui tem isso.

Ele acha que a prática do Tai Chi Chuan no Anfiteatro possui um potencial integrador entre as pessoas. E. K. procura estimular isso entre seus colegas a partir das situações que vivenciam cotidianamente no local, no desenvolvimento de um sentimento de pertencimento com relação ao Anfiteatro enquanto equipamento público, a partir do cuidado coletivo em sua manutenção, da organização das atividades complementares desenvolvidas no núcleo como confraternizações e diálogo com outros espaços da comunidade, e no próprio sentimento de solidariedade e nos vínculos afetivos desenvolvidos entre os praticantes. Ele compara a experiência de seu núcleo com a de outros grupos:

Diferente aqui. [...] diz que tem muitos grupos já enfraqueceu, né? Aqui, não, cada vez melhorando. Então, esperança no nosso grupo. É bom isso. Isso que nosso ambiente, nossa sociedade precisa. Ligação entre outro, tipo comunidade ou sociedade, né? Cria força [...] gente ligar, unir, melhorar a sociedade. Esse que eu sinto e quero ajudar muito. Isso que faltando aqui. Que é muito aqui, falta de segurança, e tem muito egoísmo tinha, mas esse tem que terminar. Tem que melhorar a sociedade, como sentido humano tem que desenvolver mais. [...] raiz é funda, eu sei que é, mas o jeito é fazer o que pode devagar. Fazer cada um criar um pouquinho, é dificuldade isso. Isso já vem de muito tempo. O Brasil precisa disso.

Ele reconhece o sentimento de solidariedade e cooperação desenvolvido entre o grupo, por exemplo, partir do zelo que despertam com relação ao local onde a prática é realizada, na divisão das tarefas e atribuições nas atividades. Durante muito tempo, E. K. chegava bem cedo ao Anfiteatro, antes mesmo de seus colegas, e realizava a limpeza do espaço sozinho. Sempre fora muito zeloso com relação a essa atividade e procurava despertar nos colegas uma responsabilidade coletiva para o cuidado com o núcleo. Ele relata essa mudança de perspectiva com relação à turma:

Melhorou muito no sentido de pessoa, pessoa mais assim isolada, agora o conhecido, faz força, como assim criando união aqui, né? Como hoje de

manhã pessoas já varrendo, e outro ajuda limpando. Já é diferente. E quando precisa alguma despesa, muitos já cooperam. Cada vez cooperando mais. Um ajuda outro... Desenvolvendo muito isso.

Em sua fala ele alude ao fato de que a prática do Tai Chi Chuan contribui para a união entre as pessoas que ali realizam essa atividade. Peço em seguida na entrevista para que ele me fale em que sentido se constroem essas perspectivas de união entre as pessoas.

Porque, através de cada um precisa saúde, né? Manter saúde. Vem aí outro, cruza com amizade assim, então bom esse Tai Chi Chuan. Que através desse, o saúde, pessoa aproveita, aí aproveita com isso a união do povo, né? Esse é bom, bom oportunidade. Se não tivesse assim, pelo menos Tai Chi, assim de pessoa que precisa manter saúde com... animado, aí não não podia fazer. Então esse bom oportunidade para método de criar mais união entre outro e confiança

Um dos aspectos relatados por E. K., e que constitui-se de um elemento comum que atravessa a perspectiva de apropriação do Tai Chi Chuan de todos os alunos, independente da idade, sexo, ou origem, é a utilização dessas técnicas com fins de promoção de sua saúde. Esse é mais um elemento comum aos praticantes, que reforça os laços ali estabelecidos, e que incide para o desenvolvimento de uma sociabilidade em torno dessa busca, comum a todos, por melhorias na saúde. Não apenas em um âmbito biológico, de prevenir ou ajudá-los a lidar com toda a sorte de enfermidades, mas de uma saúde que se manifesta também no desenvolvimento de uma perspectiva de bem estar consigo mesmos e com as pessoas ao seu redor. Esta é inclusive uma recomendação basilar do pensamento taoísta como relatado anteriormente neste trabalho, que concebe que esse “estar bem” com si mesmo é indissociável do “estar bem” com os outros e com o mundo que o cerca de maneira geral.

Mesmo tendo experimentado algumas dificuldades perceptíveis, principalmente em primeiros dias de aulas, seja na execução dos movimentos ou simplesmente para deixar-se relaxar corporalmente para essa execução, é curioso perceber que o que revelam os alunos através de suas narrativas, no entanto, é uma contínua sensação de satisfação com a prática. Por mais que não consigam experimentar os benefícios da prática em suas primeiras aulas (pois isso requer certa dose repetições e persistência) essas manifestações revelam um sentimento e uma grande vontade de engajamento naquilo que percebem que é experimentado pelo restante grupo. Para os que chegam pela primeira vez, um tanto quanto desconfiado, sem saber direito do que se tratam

aqueles movimentos corporais, é imensamente animador e estimulante ouvir os relatos dos colegas que estão ali há mais tempos, e que sempre fazem questão de ressaltar os benefícios aos quais chegaram após algumas semanas. E além dos elementos que permeiam a prática em si do Tai Chi Chuan, encontrar-se de manhã cedo em um local silencioso, embalado apenas por uma suave música de relaxamento tocada ao fundo do ambiente, que se mistura ao canto dos pássaros e com o barulho das ondas do mar quebrando a poucos metros de distância, longe dos ruídos estressantes e da velocidade da cidade que se inscreve ao redor, constitui-se não apenas de um forte apelo para a prática, mas de um importantíssimo elemento se mistura a forma peculiar como ela é realizada no Anfiteatro Flávio Ponte. A vontade desperta, portanto, é sempre a do retorno.

As experiências de apropriação do Tai Chi Chuan trazidas até o momento nos ajudam a compreender a identidade particular que se desenvolve para essa prática no contexto do Programa Espaço Oriental. Os elementos basilares que caracterizam e estruturam os usos ali desenvolvidos para essas técnicas giram em torno da construção/reorientação de uma sociabilidade que se manifesta através da experiência corporal vivenciada pelos praticantes. É como um dos argumentos apresentados no início deste trabalho, que diz respeito às perspectivas de modificação/reorientação nos estilos de vida contemporaneamente a partir do engajamento ou da apropriação de práticas e produtos culturais das sociedades do oriente. No entanto, como também ressaltado no decorrer deste trabalho, não é apenas a prática apropriada (nesse caso o Tai Chi Chuan) que incide para reorientações em seus novos contextos de implementação. Ela mesma, a partir das demandas apresentadas nesses contextos, também passa por modificações para sua adequação. Refletir sobre a prática do Tai Chi Chuan no Programa Espaço Oriental e as estratégias ali desenvolvidas para a apropriação de suas técnicas, nos aponta uma particularidade peculiar não apenas a esse processo, mas a um valor norteador da própria construção da experiência de vida na sociedade contemporânea, que diz respeito à existência de um tipo de sociabilidade que apresenta o corpo como seu emblema máximo para o seu desenvolvimento. No caso dos alunos do Programa Espaço Oriental, a prática do Tai Chi Chuan não os isenta ou exclui dessa lógica. Em meio às contradições e tensões que permeiam esse processo de apropriação cultural, ao apresentar-lhes novas possibilidades de construção/reorientação dessas experiências corporais, proporciona-lhes também um novo repertório de reorientação de sua existência e de suas posturas de postura no mundo da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso analítico traçado até o momento neste trabalho tem nos apresentado características fundamentais dos movimentos de apropriações do oriente no ocidente. Através de sua perspectiva *orientalista*, como nos apontou Said (2010), mostrou-se como estratégia de produção de um discurso colonial de dominação do ocidente sobre tais culturas, construindo representações e legitimando esta empreitada no estabelecimento de sua hegemonia perante as sociedades do oriente. Com Campbell (1997) pudemos perceber como os processos de apropriação de práticas e produtos culturais das sociedades do oriente incidem para a reorientação de inúmeros aspectos nos modos de vida ocidentais, no empreendimento que ele denominou de *orientalização do ocidente*. Contudo, como nos moldes contemporâneos, como os que foram elencados no decorrer deste trabalho, falar dos processos recentes de apropriação do oriente simplesmente como “orientalização”, tal qual nos mostra o autor, deixa de lado uma série de particularidades, que caracterizam esses novos movimentos.

Como vimos, o início do século XX marca uma nova etapa de apropriação de práticas e produtos culturais das sociedades orientais no contexto ocidental. Impulsionados, sobretudo pelas possibilidades de novos fluxos advindos da globalização, que movimentam não apenas pessoas, mas também estilos de vida, gostos, técnicas, tradições e inúmeros outros elementos entre sociedades e culturas diversas, os movimentos recentes de apropriação do oriente são caracterizados principalmente pela fusão destes elementos a diversas instâncias dos modos de vida ocidentais. Muito mais do que um processo de “orientalização do ocidente”, o que temos agora são inúmeras perspectivas de *hibridizações culturais*, que ganham repercussões e se manifestam através de diversos campos de mediações como na literatura, nas religiosidades, na música, no cinema, nas técnicas corporais, e através de inúmeras outras vias.

A análise da experiência vivenciada em campo junto aos participantes do Programa Espaço Oriental nos apresentou uma via prática através da qual pudemos perceber a incidência de contingentes diversos nas apropriações de práticas culturais do oriente através das técnicas corporais do Tai Chi Chuan. A partir da análise do contexto inicial de difusão dessas técnicas no Brasil, e dos itinerários de formação dos professores, pudemos perceber como se estruturaram as perspectivas locais de desenvolvimento desse processo de apropriação. Os novos contextos onde são vivenciadas acrescentam modificações nas representações e nos usos práticos através

dos quais as técnicas são articuladas. Esta se apresenta, pois, como uma característica marcante da forma como essas tradições são operacionalizadas em meio à experiência ocidental contemporânea.

É importante percebermos, como vimos anteriormente, que os processos de apropriação desenvolvidos inicialmente no contexto brasileiro são atravessados não apenas pelo contato com os primeiros mestres chineses que migraram para o país, mas também pelas produções cinematográficas e televisivas de Hollywood sobre o tema das artes marciais. Portanto, as experiências desenvolvidas pelos primeiros praticantes são atravessadas e construídas a partir dessas múltiplas influências. Uma particularidade que emerge justamente a partir desses processos de múltiplas influências em sua estruturação, é que a experiência desenvolvida por esses novos praticantes apresente-lhes uma dificuldade de vivenciar essas práticas em suas integralidade. Eis que a partir daí as lacunas de aprendizado e formação desencadeadas por processo acabam impulsionando-os a complementá-las com outros tipos de saberes e práticas. É nesse contexto, como vimos, que o projeto de hegemonia cultural ocidental mostra mais uma vez suas estratégias de dominação. Como nas experiências elencadas no relato dos professores, que na eminência de legitimar sua inserção no campo profissional, e assegurar sua atuação enquanto professor de artes marciais passam a agregar à sua formação em artes marciais, conhecimentos de outras áreas, como é o caso Educação Física, operacionalizando suas práticas também a partir desse viés.

É interessante constatar que durante as narrativas dos alunos, a alusão a uma categoria “oriente” pouco ou sequer aparece. Suas falas evocam muito mais as condições de vida, principalmente relacionadas à corporeidade, com as quais lidam cotidianamente a partir dos modelos ocidentais. O discurso que utilizam para refletir sobre si ainda é permeado por noções oriundas da Biomedicina (ao articularem narrativas sobre suas problemáticas de saúde); da Educação Física (ao compararem o Tai Chi Chuan com outras modalidades de exercícios corporais). Revelam uma insatisfação com a experiência corporal que vivenciavam até então. Eis que justamente por isso, a via que apresentam para a análise, muito mais do que o que é construído pelo discurso, é evocada a partir do que experimentam corporalmente através contato com a prática do Tai Chi Chuan. Essas manifestações se apresentaram sim, através das narrativas, mas também através de inúmeras outras vias, seja nos processos de observação participante durante a pesquisa, ou nos contatos anteriores que estabeleci com algumas dessas pessoas na época em que fui professor de Tai Chi Chuan do

Programa Espaço Oriental. Mesmo ao se valerem de noções predominantemente ocidentais para descrever tais processos de apropriação, o que é perceptível é que a prática regular do Tai Chi Chuan fomenta reorientação não apenas relacionadas à corporeidade, mas que se estendem para inúmeros outros âmbitos das experiências de vida construídas por esses alunos. Nesse intento, não é preciso que se tornem (ou se convertam) taoístas, por assim dizer, em uma acepção formal, para vivenciarem inúmeros aspectos que permeiam as práticas dessa tradição. Os alunos não participam de um processo de formação tradicional, não realizam estudos sistemáticos através da leitura de seus textos clássicos, nem estão inseridos dentro de uma linhagem de transmissão oral, ou algum outro tipo de engajamento que não seja aquele que experimentam através do corpo, para acessar os princípios que norteiam essas práticas.

Tendo em vista que a produção/aquisição do conhecimento e construção da experiência de vida tal qual nos mostra o Taoísmo (e que norteia as técnicas do Tai Chi Chuan) se manifesta primordialmente através da experiência corporificada e do desenvolvimento de ações práticas muito mais do que através de estudos ou reflexão, essas pessoas encontraram na prática regular do Tai Chi Chuan uma via privilegiada para reorientação não apenas de suas percepções e experiências corporais, mas para a maneira como se engajam no/com o mundo e com si mesmas a partir do corpo. E nesse sentido, a inserção dessa prática no contexto do Programa Espaço Oriental, apresenta, pois, alguns contingentes que são favoráveis e que por isso fomentam essas tomadas de postura. O modelo de política pública no qual está inserido, que instiga a participação e a integração popular a partir de uma prática corporal, parece se adequar perfeitamente às proposições do Taoísmo. O que se propõe através dela é que os participantes, muito mais do que a realização de exercícios corporais, desenvolvam práticas que instiguem melhorias em sua qualidade de vida, na saúde, desenvolvam vínculos de sociabilidade, e um sentimento de integração consigo mesmos e com a comunidade da qual fazem parte.

Mesmo com os inúmeros novos contingentes que incidem sobre as experiências de apropriação do Tai Chi Chuan, é possível constatar que muito mais do que caricaturas ou emulações de um tipo de experiência “exótica” de uma sociedade distante, o que essas pessoas desenvolvem são vias particulares de reorientação de suas próprias experiências de vida a partir desses processos. Nesse intento o que se evidencia não é o discurso ou as representações hegemônicas ocidentais sobre essas práticas, mas a possibilidade de elas penetrarem no âmago dos modos de vida dessas pessoas, fomentando assim transformações substanciais que estão para além do que é possível

perceber simplesmente através da superfície corporal. Essa possibilidade, através da qual as disposições que norteiam essa prática conseguem solapar as representações e discursos que se produzem sobre ela, nos faz pensar inclusive em uma proposição fundamental da tradição taoísta, que recomenda o desenvolvimento de uma potencialidade em seu praticante de saber se adaptar aos diversos imponderáveis que a vida cotidiana possa apresentar. As “mutações” às quais fazem referência a livro clássico o qual buscam inspiração (I Ching/Livro das Mutações) consistem justamente nas diversas configurações que o mundo da vida pode tomar. É possível pensarmos, pois, que a própria tradição taoísta, assim como suas recomendações, apresenta um potencial de adaptabilidade às diversas contingências onde possa vir a ser implementada. E sua chegada ao ocidente, seja através das técnicas corporais de Tai Chi Chuan, de alguma de suas abordagens terapêuticas, ou mesmo na proposição de um tipo de espiritualidade ou conduta ético-moral, apresenta-se como mais uma dessas configurações, que assumem formas particulares e que fomentam exercícios diferenciados para os novos contextos de apropriação.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ACEVEDO, William; CHEUNG, Mei; GUTIÉRREZ, Carlos. **Breve história do Kung Fu – a fascinante história do Kung Fu, desde os monges Shaolin até Bruce Lee. Lenda, mito e realidade das espetaculares artes marciais chinesas.** São Paulo: Editora Madras, 2011

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história - ensaio sobre a destruição da experiência.** In: Infância e história – destruição da experiência e origem da história. elo Horizonte: Editora UFMG, 2008

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. **A nova dimensão esportiva: uma leitura do esporte e do lazer.** In: Lecturas, Educación Física y Deportes, Revista Digital ISSN 1514-3465. Ano 12 - Nº 116, Buenos Aires, 2008. Disponível- no site: <http://www.efdeportes.com/efd116/uma-leitura-do-esporte-e-do-lazer.htm>

APPADURAI, Arjun. **Disjunção e diferença na economia cultural global.** In:FEATHERSTONE, Mike. (Org.). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade.* 3ª ed. Rio de Janeiro:Vozes, 1990.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005

BAUDRILLARD, Jean. **Mass média, sexo e lazeres.** In: Sociedade do Consumo. Lisboa: Edições 70, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza.** In: Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

BIZERRIL, José. **Taoístas: corpos e trajetórias.** Anais da V Reunião dos Antropólogos do MERCOSUL: Florianópolis, 2003

_____. O vínculo etnográfico: intersubjetividade e co-autoria na pesquisa qualitativa. Revista Universitas Ciências da Saúde. V. 02 nº 2, p. 152-163. Brasília, 2004

_____. **Mestres do Tao: tradição experiência e etnografia.** Revista Horizontes Antropológicos. Vol. 11 nº 24. Porto Alegre jul/dez. 2005. Acesso em 01/08/2008. Disponível no site: www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a05v1124.pdf

_____. **O retorno a raiz: uma linhagem taoísta no Brasil.** São Paulo: Attar editorial. 2007.

_____. **Estéticas da existência em fluxo: corporeidade taoísta e mundo contemporâneo.** Ciencias Sociales y Religion/Ciências Sociais e Religião. Ano 12, n. 13, p. 77-101. Porto Alegre, 2011.

CAMARGO JR, Kenneth Rochel de; NOGUEIRA, Maria Inês de. **A orientalização do Ocidente como superfície de emergência de novos paradigmas em saúde.** História Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.841-861, jul.-set. 2007.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** 4ª Edição. São Paulo: EDUSP, 2008.

CARNEIRO, Leila Massiere. **A significação da acupuntura no Brasil – Percalços de uma Ecologia dos Saberes no ensino de saúde e seus reflexos na profissionalização.** 2011. 147 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife 2011.

CAMPBELL, Colin. **A Orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio.** Revista Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 5-22, 1997.

DaMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social.** Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DESPEUX, Catherine. **Tai Chi Chuan: arte marcial da longa vida.** São Paulo: Editora Pensamento, 1981.

DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpus juvenis: o tatame, o jogo e o baile.** São Paulo: Annablume, 2003.

DUMONT, Louis. **O Individualismo – Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.** Rio de Janeiro: Rocco, 1985

FAIRBANK, John King; Goldman, MERLE. **China – uma nova história.** Porto Alegre: Editora LePM, 2008

FERREIRA, Fernando Dandoro Castilho; JUNIOR, Wanderley Marchi; NUNES, Ricardo João Sonoda. **Da sala de cinema à academia: a influência dos filmes de ação na apropriação dos praticantes de kung fu chinês no Brasil.** EFDeportes.com - Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, Nº 151, Diciembre de 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd151/a-influencia-dos-filmes-de-acao-na-apropriacao-de-kung-fu.htm>. Consulta realizada em 23 de abril de 2012.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro. Ed. LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.

GUINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HEELAS, Paul. **A Nova Era no contexto cultural: Pré-moderno, Moderno e Pós-Moderno.** Revista Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1-2, p. 15-32, 1996.

HELMAN, Cecil G. **Cultura saúde e doença**. São Paulo: Editora Artmed, 2001

HENRIQUES, Antônio. **Iniciação ao orientalismo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Era, 2000.

INFANTE, Rosana; RAMOS, Maria Virgilina. **Formação e Reciclagem de Quadros para Atuação – o caso de São José dos Campos – SP**. In: MARCELINO, Nelson Carvalho. **Políticas Públicas Setoriais de Lazer – o papel das prefeituras**. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

JACKSON, Michael. **Conocimiento del cuerpo**. In: CITRO, Silvia (org.). **Cuerpos Plurales – Antropologia de y desde los cuerpos**. Buenos Aires: Editora Biblos, 2010

KEROUAC, Jack. **Os vagabundos iluminados**. Porto Alegre: Editora LePM, 2010.a.

KEROUAC, Jack. **Satori em Paris**. Porto Alegre: Editora LePM, 2010.b.

LAO TSE. **Tao Te Ching**. Tradução Wu Jyh Cherng. Rio de Janeiro: Mauad, 2007

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo – Antropologia e sociedade**. São Paulo: Papirus Editora, 2003.

_____. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006

_____. **Antropologia do corpo e Modernidade**. Petrópolis: Ed. Vozes. 2011.

LEITE, José Roberto Teixeira. **A China no Brasil: influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999.

LIXING, Lao. **Medicina Tradicional Chinesa**. In: JONAS, Wayne B.; LEVIN, Jeffrey S. **Tratado de Medicina Complementar e Alternativa**. Barueri: Editora Manole, 2001.

Loureiro, Rui Manuel. **O manuscrito de Lisboa da “Suma Oriental” de Tomé Pires – contribuição para uma edição crítica**. Lisboa: Instituto Português do Oriente, 1996.

LOURENÇO, Cecília Maria Duarte. **A visão da mulher asiática no século XVI através do olhar de Duarte Barbosa e de Tomé Pires**. Dissertação de Mestrado. Cidade, Universidade Aberta. Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares, 2010.

LUPTON, Deborah. **The social construction of medicine and the body.**In:ALBRECH, Gary L.; FITZPATRIC, Ray; SCRIMSHAL, Susan. The Handbook of Social Studies in Health and Medicine p. 191. London: Sege Publications, 2000.

Luz, Madel Therezinha; Tesser, Charles Dalcanale. **Racionalidades médicas e integralidades.** Revista Ciência e Saúde Coletiva v. 3. n. 1. Rio de Janeiro, 2008.

MARCELINO, Nelson Carvalho. In: MARCELINO, Nelson Carvalho. **Políticas Públicas Setoriais de Lazer – o papel das prefeituras.** Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

MARCUS, George. **Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para uma etnografia sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial.** In: Revista de Antropologia. São Paulo: USP, nº34, pp197 – 221.

MARZANO-PARIZOLI, Maria Michela. **Pensar o corpo.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

MAUSS, Marcel. **As Técnicas do corpo.** In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Editora Cosac Naif, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Ed. Cortez. 2ª ed., 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

PANIKAR, Sardar Kavalam Madhava. **A dominação ocidental na Ásia.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1977

O POVO. Ciência e Saúde. Fortaleza, 30 de março de 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Editora Atlas, 2008

ROSZAK, Theodore. **A Contracultura.** Petrópolis: Editora Vozes, 1972

SAID, Edward. **Orientalismos – o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010

SHAAR, Meir. **O Templo de Shaolin: história, religião e as artes marciais chinesas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

SILVA, Vagner Gonçalves da; REIS, Letícia Vidor; SILVA, José Carlos da. (Org.) **Antropologia e seus espelhos – a Antropologia vista pelos observados.** Anais. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1994

SILVA, Josimey Costa da. **O corpo se entretece no olhar**. In: GALENO, Alex (org). et. al. **Complexidade à flor da pele: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação**. São Paulo: Ed. Cortez, 2003

SIMMEL, Georg **A Metrópole e a Vida Mental**. In: VELHO, Otávio G (org.) **O Fenômeno Urbano**. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1987.

VELHO, Otávio. **A Orientalização do Ocidente: comentários a um texto de Collin Campbell**. Revista Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 5-22, 1997.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982

WEBER, Max. **The religion of China – Confucianism and Taoism**. Illinois: Editora Free Press, 1951

Wong, Kiew Kit. **O livro completo do Tai Chi Chuan**. São Paulo: Editora Pensamento, 2006.

ANEXO I

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ALUNOS

Nome:

Sexo:

Idade:

Profissão:

Endereço/bairro:

Como conheceu o Tai Chi Chuan? Antes de freqüentar o Programa Espaço Oriental você já conhecia o Tai Chi Chuan?

Como ficou sabendo do Programa Espaço Oriental?

Como foi o seu primeiro dia de aula?

Encontrou alguma dificuldade quando começou a praticar o Tai Chi Chuan? Se sim, qual? Essa dificuldade persiste?

Fale um pouco sobre os exercícios propostos nas aulas. Como você se apropriou deles? Como foi o aprendizado?

Percebeu alguma mudança em seu dia à dia depois que começou a praticar o Tai Chi Chuan. Se sim, em que sentido? Que tipo de mudanças?

E com relação ao corpo, sentiu alguma mudança? Se sim, de que tipo?

Há quanto tempo e com que freqüência realiza a prática do Tai Chi Chuan?

Fale um pouco sobre sua relação com o professor.

Fale um pouco sobre a relação com a Secretaria de Esportes. Como é o contato da instituição com os alunos? Como você percebe a interação dela junto às atividades do núcleo?

Pratica ou já praticou outras atividades físicas? Se sim, qual? Com que frequência?

Para você existe alguma diferença entre essa atividade e a prática do Tai Chi Chuan? Se sim, qual?

O que o/a faz continuar a praticar Tai Chi Chuan?

O que você costuma fazer no seu tempo livre?

ANEXO II

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES

1. Nome:
2. Idade:
3. Escolaridade:
4. Há quanto tempo pratica artes marciais?
5. O que o levou a se interessar por artes marciais?
6. Há quanto tempo pratica Tai Chi Chuan?
7. Como começou a prática dessa modalidade?
8. Existe alguma diferença entre a forma como você aprendeu essas técnicas e a forma como ensina a seus alunos? Se sim, quais?
9. Fale um pouco sobre sua relação com seu professor.
10. Fale um pouco de sua experiência como professor do Programa Espaço Oriental com relação aos seguintes tópicos:
 - O público;
 - Local onde a prática ocorre;
 - Sua relação com a Secretaria de Esporte e Lazer/Prefeitura Municipal;
 - Dificuldades vivenciadas;
 - Algum fato que lhe tenha surpreendido na experiência;
11. Como funciona a sua aula? Descreva.

12. É preciso realizar alguma adaptação nos exercícios ou na aula para atender as demandas do público? Se sim, que adaptações você já precisou fazer? Descrever.

13. Além de no Programa Espaço Oriental, você ministra aulas em outros lugares? Se sim, aonde?

14. Existe alguma diferença entre as demandas desses locais e de seus participantes, e as encontradas no Programa Espaço Oriental? Se sim, qual?

15. Além das artes marciais, você pratica ou conhece alguma outra técnica corporal ou terapêutica advinda do oriente?

1. Reiki
2. Yoga
3. Shiatsu
4. Tui-ná
5. Meditação
6. Acupuntura
7. Auriculoterapia
8. Outra. Qual

Como entrou em contato com a(s) referida(s) técnica(s)?

916. Como você pensa a sua formação atualmente?

ANEXO III

FOTOS

Foto 1



Visão geral do Anfiteatro Flávio Ponte.

Foto 2

Aula de Tai Chi Chuan

Foto 3

Aula de Tai Chi Chuan

Foto 4

Massagem coletiva realizada ao final de uma das aulas

Foto 4

Despedida dos alunos ao término de uma aula